

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



**FRAGMENTOS DE MEDICINA MEDIEVAL EM PORTUGAL:  
FREI GIL DE SANTARÉM E O CÓDICE EBORENSE CXXI/2-19**

ANA MARTA SILVA PINTO

Tese de Mestrado orientada pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Manuela Santos Silva,  
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em História  
Medieval

LISBOA  
2016

*Juro por Apolo Médico, por Esculápio, por Higí, por Panaceia e por todos os Deuses e Deusas que acato este juramento e que o procurarei cumprir com todas as minhas forças físicas e intelectuais,*

*Honrarei o professor que me ensinar esta arte como os meus próprios pais; partilharei com ele os alimentos e auxiliá-lo-ei nas suas carências, Estimarei os filhos dele como irmãos e, se quiserem aprender esta arte, ensiná-la-ei sem contrato ou remuneração. A partir de regras, lições e outros processos ensinarei o conhecimento global da medicina, tanto aos meus filhos e aos daquele que me ensina!; como aos alunos abrangidos por contrato e por juramento medico, mas a mais ninguém. A vida que professar será para benefício dos doentes e para o meu próprio bem, nunca para prejuízo deles ou com malévolos propósitos. Mesmo instado, não darei droga mortífera nem a aconselharei; também não darei pessário abortivo às mulheres.*

*Guardarei castidade e santidade na minha vida e na minha profissão. Operarei os que sofrem de cálculos, mas só em condições especiais; porém, permitirei que esta operação seja feita pelos praticantes nos cadáveres, Em todas as casas em que entrar fá-lo-ei apenas para benefício dos doentes, evitando todo o mal voluntário e a corrupção, especialmente a sedução das mulheres, dos homens, das crianças e dos servos,*

*Sobre aquilo que vir ou ouvir respeitante à vida dos doentes, no exercício da minha profissão ou fora dela, e que não convenha que seja divulgado, guardarei silêncio como um segredo religioso,*

*Se eu respeitar este juramento e não o violar serei digno de gozar de reputação entre os homens em todos os tempos; se o transgredir ou violar que me aconteça o contrário (...)*

**Juramento de Hipócrates (Site da Ordem dos Médicos)**

**Índice**

<b>Agradecimentos</b>	<b>5</b>
<b>1 – Introdução</b>	<b>9</b>
<b>2 - Estado da Arte</b>	<b>15</b>
<b>3 - Medicina Medieval</b>	<b>20</b>
3.1 - Desde a Antiguidade...	21
3.2 - ... ao mundo islâmico	24
3.3 - A medicina nos alvares da Idade Média	25
3.4 – Salerno e o seu legado	27
3.5 - As Universidades e uma nova evolução da arte médica	29
3.6 - Paris e Montpellier	31
3.7 - Teoria médica, físicos e doenças	33
3.8 - Cirurgia	37
3.9 - Magia, superstição e ciências de outrora	39
3.10 - Notas sobre algumas figuras determinantes na história da medicina medieval	41
<b>4 - Medicina Medieval em Portugal</b>	<b>47</b>
4.1 - Assistência	50
4.2 - Medicina monástica	52
4.3 - Evolução dos estudos médicos	53
4.4 - Medicina escolástica	55
4.5 - Epidemias e banhos na história da medicina portuguesa	58
4.6 - Águas termais	59
4.7 – Físicos	60
4.8 – Legislação	63
4.9 - D. Duarte	63
<b>5 - Uma breve aproximação histórica à Botica Medieval</b>	<b>66</b>
5.1 - Uso de animais nos compostos medicamentosos	69
5.2 – A botica no Portugal Medieval	69
<b>6 - Frei Gil de Santarém – breve aproximação biográfica</b>	<b>74</b>
6.1 - Físico, nigromante, médico do corpo e da alma – vida e obra de Gil nos alvares da medicina no Portugal Medieval	79
6.2 - Obra médica – tradutor e autor	80
<b>7 - O Códice Eborense CXXI/ 2-19</b>	<b>87</b>
7.1 - Os estudos feitos ao Códice	88
7.2 - O <i>Livro de Naturas</i>	93
7.3 - Análise e discussão	124
7.3.1 - Sinais de morte ou de vida	126
7.3.2 - Doenças, plantas e outros componentes das mezinhas	128
<b>8 - Conclusão</b>	<b>137</b>

<b>9 - Fontes e Bibliografia</b>	<b>140</b>
9.1 – Fontes	140
9.1.1 - Fontes Manuscritas	140
9.1.2 - Fontes Impressas	140
9.2 - Referências Bibliográficas	141
9.3 - Referências Electrónicas	151
9.4 - Sites	157
<b>Anexos</b>	<b>159</b>
Tabela 1. Doenças referidas no <i>Livro de Naturas</i>	160
Tabela 2. Plantas referidas no <i>Livro de Naturas</i>	164
Tabela 3. Outros ingredientes referidos no <i>Livro de Naturas</i>	182
<b>Glossário</b>	<b>188</b>

## Agradecimentos

É chegado o momento de agradecer. Torna-se difícil expor em palavras tudo o que tenho para dizer. O espaço reservado a este momento torna-se insuficiente. Sou uma pessoa muito afortunada pois tenho na minha vida pessoas maravilhosas que a preenchem e tornam cada dia especial. Escrevo estas palavras numa singela forma de reconhecimento por tudo o que me têm dado.

O meu primeiro agradecimento vai para a minha Orientadora, a Professora Manuela Santos Silva. Conquistou o meu respeito e admiração na primeira aula que tive com ela. No decurso da Licenciatura e do Mestrado foram diversas as cadeiras em que a tive como professora e em todas elas o seu profissionalismo, a sua disponibilidade, o seu gosto pela História me impeliam a querer mais. Incentivou cada trabalho na área da saúde que fiz com ela, enriquecendo-me sempre nas minhas buscas, sugerindo temas quando me sentia mais perdida. A ela devo a descoberta do Códice Eboense CXXI/2-19, o motor desta dissertação. Agradeço-lhe o empenho, a confiança e a compreensão pelos meus *timings*, muitas vezes limitados pela minha vida profissional. Pela confiança e pela motivação que em mim incutiu o meu sincero obrigada.

Segue-se a minha família. Aos meus pais, que apesar de cair no cliché, posso orgulhosamente dizer que são os melhores do mundo! Sem eles nada disto seria possível. O apoio que me deram e o orgulho que revelam perante o meu percurso na História fazem tudo valer a pena. São a minha inspiração. O seu amor acompanha-me todos os dias. Não há palavras que agradeçam tudo o que me têm dado. Os valores que me incutiram e a confiança que em mim depositam fizeram-me crescer e transformar-me na pessoa que sou hoje. Sofreram com os meus momentos de desgaste e com a redução drástica da disponibilidade para estar com eles a partir do dia em que iniciei a Licenciatura. Obrigada por serem os pais mais maravilhosos que um filho pode ter.

Ao meu irmão, Tozé, também ele é o melhor irmão do mundo! Apesar de adorar meter-se com o meu estudo de “armaduras e cavalos”, como gosta de lhe chamar, apoia-me sempre e orgulhosamente me chama “lupina”. Sem ti a minha vida não faria sentido!

À minha cunhada Alba que veio enriquecer a família e tornar-se uma das minhas amigas mais queridas. Obrigada por seres o lado intelectual do meu irmão e por estares sempre ao meu lado.

Às tias Irene e Glória que nos adoram como se fossemos filhos e que nos tratam da mesma forma. O vosso papel na minha vida é fundamental! Obrigada por todos os ensinamentos, por todas as vivências, pelos mimos, por todo o carinho e apoio que me dão.

Ao meu primo Marco (e às suas “mulheres”, Sandra, Maria e Matilde) pela amizade e pelo apoio, principalmente nos momentos de crise informática. Longe mas sempre perto!

Agradeço agora aos amigos de História, sem eles este percurso não seria tão rico e gratificante. Foi uma turma especial e que tornou os anos de Licenciatura como alguns dos melhores da minha vida. Embora não percorrêssemos juntos o caminho do Mestrado estiveram sempre lá.

À Tânia, a minha amiga desde o primeiro dia, companheira de muitas aventuras, que partilhou cada vivência como a joia que foi e que me acompanhou sempre em todos os momentos. À Paulinha por tudo o que me ensinou, pela amizade e pelo companheirismo. À Bárbara que com o seu sorriso resplandecente alegrava cada momento e nos contagiava com o seu entusiasmo pelas “Clássicas”. Ao Nelson pelas longas conversas estimulantes no café da biblioteca, pelos momentos de admirável intelectualidade e por me motivar sempre. Ao Nuno, porque faz parte da história da minha história. Ao Gonçalo, pelas gargalhadas que me proporcionou, pelo seu conhecimento inesgotável e porque será sempre uma inspiração. À Olinda que me conquistou, me apoiou e me ouviu. Uma amiga corajosa e lutadora. Ao Miguel, por ser brilhante, por sonhar comigo e partilhar os meus devaneios. Ao Marco, ao Jorge, à Alice, à Madalena, ao Sr. Ernesto, ao Daniel, à Débora, à Crina e à Sara. A todos obrigada pela amizade, pela partilha, pelo conhecimento e por fazerem parte da minha vida.

Agradeço a todos o meus colegas de trabalho, muitos dos quais amigos, da UCAPO, do SMI do Piso 3 (UCIMC-HSM) e em especial à equipa (enfermeiros, médicos e auxiliares) do meu serviço do coração, a UCIMC do HPV, por todo o apoio que me deram, pelas trocas que me facilitaram, pelo entusiasmo com sempre me ouviram, pela motivação nas incontáveis vezes em que falei da tese que deveria estar a fazer... Aos amigos de Lisboa, nos quais muitos destes colegas se inserem, em

particular à Ana Pinto e ao Rodrigo, Carlota e Zé, Ana Costa, Ana Lu e CC, Leila, Ritinha Gonçalves, Marina, Rita Perre, Patrícia Belo, Ana Farias, Filipe Rodrigues, Cris, Pipa, Catarina Marques, Fernando, Sonecas, Rute, obrigada pela amizade incondicional e por tornarem Lisboa na minha casa. Convosco sou uma pessoa melhor.

Aos amigos das danças de salão, obrigada pelos momentos maravilhosos que passamos juntos, a descomprimir, a dançar, a rir e a dar à língua. As terças e quintas passaram a ter uma importância especial.

À Karina, amiga e companheira que tanto me apoiou e acreditou. Por lebares com as minhas “neuras” em casa. Por não me deixares passar fome, por me incentivares a fazer mais um bocadinho ou a descansar sem remorsos. Por aceitares viver no caos ou ajudar a organizá-lo quando a “Ti Lurdes” está muito tempo sem vir. Pelo companheirismo de irmã, obrigada.

Ao meus amigos de Leiria. De sempre e para sempre. Desculpem se não vos descrevo a cada um mas o espaço já escasseia e sei que sabem a importância que têm na minha vida. Sem amigos ela não faria sentido, seria um vazio. Obrigada por tornarem a minha vida tão especial. Desculpem pelos sacrifícios e pelo tempo que deixei de passar convosco porque reduzi as idas a casa para estudar, para ir às aulas, para trabalhar... Cada momento convosco é precioso! Marisa, Tozé, Laura, Luís, Marta Maria, Romeu, Iga, Cátia, Rute, Márcio, Joana, Carlos, Brites, Filipa, Sabrina... Amigos são a família que escolhemos e vocês são parte do que sou hoje. A todos um bem-haja!

Quero ainda agradecer ao Professor André Simões pela disponibilidade para me ajudar a tentar encontrar significados para algumas das palavras da fonte. À Professora Iona McCleery que tão prontamente me disponibilizou o capítulo da sua tese sobre medicina e Frei Gil de Santarém e a cada uma das pessoas que de alguma forma cruzou o meu caminho e contribuiu para a possibilidade da realização desta dissertação.

## Resumo

A presente dissertação procura uma incursão pelo mundo da medicina medieval em Portugal através da análise de uma parte do Códice Eborense CXXI/2-19, um manuscrito do século XV composto por uma série de tratados médicos traduzidos para vernáculo. Através dele procuramos familiarizar-nos com uma amostra das doenças que acometiam o homem medieval, da mesma forma que o *Livro de Naturas*, fonte do nosso estudo, atribuído a Frei Gil de Santarém, físico português e frade dominicano, nos proporciona um conhecimento abrangente sobre a composição de diversas mezinhas medievais.

Palavras-chave: Medicina medieval; Códice Eborense CXXI/2-19; Frei Gil de Santarém; Mezinhas; Doenças.

## Abstract

The present dissertation seeks an incursion into the world of medieval medicine in Portugal through the analysis of part of a fifteenth century manuscript, the *Códice Eborense CXXI/2-19*. The manuscript is composed by a series of medieval medical treatises translated in vernacular and we chose the book *Livro de Naturas* as our source. With the help of this treatise, which is associated to a Portuguese medieval physician and dominican friar, we try to become familiar with samples of diseases the medieval man suffered from, as it provides us great knowledge about the composition of several medieval recipes known as “mezinhas”.

Keywords: Medieval medicine; Códice Eborense CXXI/2-19; Giles of Santarém; Recipes; Diseases.

## 1 – Introdução

A história da medicina e da cirurgia durante a Idade Média tem estado envolta num obscurantismo resultante da ideia errónea de que a sua cientificidade se teria escassamente desenvolvido devido a uma falta de verdadeiro espírito científico.<sup>1</sup> No entanto, o ideal médico medieval representou o alcance de um equilíbrio e harmonia entre as autoridades de Aristóteles e Galeno e as suas contradições, através do hábil uso da *ratio*.<sup>2</sup> A proibição da dissecação, característica da medievalidade e que, para muitos, pode ser vista como um obstáculo ao desenvolvimento científico, visava as violações de sepulturas e o roubo de cadáveres. A dissecação médica não era proibida e era feita com pouca frequência já que o saber livresco detinha a primazia da escolástica medieval, sendo a abertura do corpo forma de confirmar Galeno.<sup>3</sup> A escolástica e os grandes autores da Antiguidade foram fundamentais na história da medicina do Ocidente Medieval.

A história da medicina liga-se à história do corpo na medida em que o médico é responsável pelo tratamento deste, enquanto o padre detém a responsabilidade pelo tratamento da alma. A concepção e o papel do corpo na sociedade varia com a história dos homens e encontra um momento de desvalorização perante a importância da alma, na sociedade medieval. Uma sociedade repartida entre o ascetismo monástico e o ideal cavaleiresco, entre a necessidade de penitência do corpo com vista à purificação da alma, onde a gula e a luxúria reinam entre os pecados mortais e onde o corpo é o testemunho do pecado original, cometido por Adão e Eva. Em contrapartida, com o decorrer da medievalidade há autores que realçam a importância do corpo e a importância do prazer corporal como impulso para o espiritual. O sofrimento físico de Cristo enaltece o corpo e cria o ideal de ressurreição do mesmo. Assim, o corpo cristão medieval é transcorrido num equilíbrio entre rejeição e exaltação, humilhação e veneração.<sup>4</sup>

Com o decurso do tempo, os médicos da alma diferenciam-se dos do corpo e estes últimos tornam-se sábios e profissionais, criam um corpo de mester, praticantes

<sup>1</sup> James J. Walsh, *Medieval Medicine*, Lexington, First Rate Publishers, 2015 p.7.

<sup>2</sup> Luis Garcia Ballester, *Arnau de Vilanova (c.1240- 1311) y la reforma de los estudios médicos en Montpellier (1309): El Hipócrates latino y la introducción del nuevo Galeno*, 1982, <http://www.raco.cat/index.php/Dynamis/article/viewFile/106180/149296>, [consultado a 25 de Outubro de 2014], p.148.

<sup>3</sup> Jacques Le Goff e Nicholas Truong, *Uma História do Corpo na Idade Média*, Lisboa, Teorema, 2003, p.104.

<sup>4</sup> Idem, *ibidem*, pp. 6-9.

de uma ciência vista como um dom de Deus. As descobertas da medicina refugiam-se por detrás dos panos da Antiguidade.<sup>5</sup>

Em território peninsular, remontam aos tempos da Lusitânia, distinta em muito dos conhecimentos e costumes da sede do Império Romano, as práticas sobrenaturais, mágico-religiosas, romarias, uso de amuletos, banhos em águas termais e recurso a certas plantas mágicas ou medicinais no combate às doenças. Com a cristianização da Península Ibérica, adicionam-se os usos de relíquias de santos, colheitas de ervas mágicas ao som dos salmos e milagres praticados por santos por toda a cristandade. O Código Visigótico, que pouco se refere às práticas medicinais, perde para a concentração da medicina nos mosteiros que proliferam pelo mundo da Alta Idade Média. Os monges seguiam os preceitos da religião, cuidavam os enfermos como dever pio e resumiam o sucesso ou insucesso das práticas médicas à vontade divina. Ao invés, Islâmicos e Judeus, cuja presença foi fortemente influenciadora da vida e cultura da Península Ibérica Medieval, guardavam e difundiam a cultura médica herdada da Antiguidade, juntamente com os novos estudos, mais ou menos inovadores a que se dedicavam.<sup>6</sup>

Nos começos da medievalidade portuguesa a medicina encontrava-se nas mãos dos mais instruídos, os clérigos, e compunha-se de uma forte conotação religiosa, muitas vezes maléfica para a sua prática, na medida em que o seu exercício (honorários, familiaridade com determinado tipo de práticas ou os erros que poderiam levar à morte do doente) ia contra as ordens sacras. A Igreja logrou a promulgação de éditos contra a sua prática em concílios como o de Reims, 1131, Latrão, 1139, Montpellier, 1162, Tour, 1163, no qual foi proibida a prática de cirurgia, Paris, 1212, Latrão II, 1215 e Le Mans, 1247.<sup>7</sup> Mas não só pelas mãos dos clérigos a medicina era praticada; a religiosidade envolvia a crença nos Santos e em seu poder estava a cura de todas as doenças, muitas delas associadas aos martírios que os santificaram. Por outro lado, os curandeiros e a sua bagagem, adquirida das tradições antigas, andavam a par com a prática da medicina pelos clérigos. Os conhecimentos médicos eram transmitidos individualmente, antes da institucionalização do ensino médico medieval.<sup>8</sup>

<sup>5</sup> Jacques Le Goff e Nicholas Truong, *op. cit.*, pp. 98, 99.

<sup>6</sup> M. Ferreira de Mira, *História da Medicina Portuguesa*, Lisboa, Edição da Empresa Nacional de Publicidade, 1947, pp.11-14.

<sup>7</sup> Idem, *ibidem*, p.22.

<sup>8</sup> M. Ferreira de Mira, *op. cit.*, pp. 22-23.

As fontes medievais portuguesas caracterizavam o cavaleiro pousado como o cego, o idoso, o velho, o manco e o fraco, dependendo das causas do seu retiro.<sup>9</sup> Os mais variados problemas, para além da velhice eram causados com o variar das estações como as frieiras, os piolhos, as doenças gastrointestinais originadas pela ingestão de fruta verde, entre outros. Na sua maioria as doenças não eram descritas pelos sintomas que as caracterizavam mas pela generalidade da doença em si, tal como os doentes eram referidos como aleijados, entrevados e pobres, na medida em que se encontravam dependentes, resultando na incapacidade de trabalhar.<sup>10</sup>

A não existência de arquivos especificamente dedicados aos documentos relativos à História da Medicina aliada à dispersão deste tipo de documentos, no mundo medieval, pela inexistência de estruturas específicas relativamente ao mundo médico, dificulta o trabalho do investigador. Consideráveis foram os manuscritos e os livros que se preservaram pela sua importância no mundo escolástico, mas a produção feita para além desta, muitas das obras traduzidas ou escritas em vernáculo e dirigidas a um público distinto dos frequentadores das universidades médicas medievais, bem como os contratos feitos entre físicos e clientes, perderam-se no seio das casas privadas. Muitos foram conservados em bibliotecas privadas e poderão ser encontrados numa busca aprofundada.<sup>11</sup>

Os textos de medicina não académicos foram escritos, durante a Idade Média, para aconselhar e divulgar a teoria básica e a praxis médicas, de forma resumida e acessível fora do meio académico, mas com base na teoria científica existente na época. Baseados nos tratados pseudo-hipocráticos, estes textos continham descrições de sinais indicativos de morte e prognósticos muito defendidos pelos grandes mestres desde a Antiguidade, em particular Hipócrates. Mesclam também experiências baseadas na fitoterapia e na zooterapia. Para além disso, muitos são cópias de diversos receituários e de indicações dietéticas estudadas e escritas pelos académicos. Do ponto de vista lexicográfico os textos em romance são fundamentais na percepção da

---

<sup>9</sup> Chancelaria de D. Dinis, liv.3 fl.48v apud Maria José Ferro Tavares “Hospitais, doenças e saúde pública”, *Actas do Congresso Comemorativo do V Centenário da Fundação do Hospital Real do Espírito Santo de Évora*, Évora, Barbosa & Xavier, LDA – Artes Gráficas, 1996, p. 50.

<sup>10</sup> Maria José Ferro Tavares, *op. cit.*, p. 51.

<sup>11</sup> Monica H. Green, *Integrative medicine: incorporating Medicine and Health into the Canon of Medieval European History*, 2009, [https://www.academia.edu/4613995/Monica\\_H.\\_Green\\_Integrative\\_Medicine\\_Incorporating\\_Medicine\\_and\\_Health\\_into\\_the\\_Canon\\_of\\_Medieval\\_European\\_History\\_History\\_Compass\\_7\\_no.\\_4\\_June\\_2009\\_1218-45.pdf](https://www.academia.edu/4613995/Monica_H._Green_Integrative_Medicine_Incorporating_Medicine_and_Health_into_the_Canon_of_Medieval_European_History_History_Compass_7_no._4_June_2009_1218-45.pdf), [consultado a 19 de Agosto de 2016], p. 1226.

formação e evolução da linguagem científica.<sup>12</sup> E é sobre um destes textos que reside o cerne desta investigação.

É na tentativa de compreender o que foi a medicina medieval, procurando nos seus vestígios indícios que nos permitam a reconstituição de uma história que não se limita à história da ciência ou das doenças mas que abrange antes um envolvimento político-cultural, condições socioeconómicas e a história do privado e do trabalho que se fazia fora do mundo Escolástico que encetamos este trabalho. A nossa curiosidade pela história da medicina vai de encontro ao nosso gosto pessoal e à nossa formação de base e poder aliá-la ao período da história que mais nos fascina, o qual se encontra menos estudado neste campo, torna-se um impulsionador de busca de conhecimento. As perguntas surgem automaticamente. Afinal como era praticada a medicina em Portugal na Idade Média? Quem cuidava dos doentes? Onde os tratavam? Como eram feitos os diagnósticos e o que era usado para os seus tratamentos? Quais eram as principais doenças que afectavam o homem medieval e qual o seu prognóstico perante elas? E destas questões muitas outras vão surgindo; entre elas quais os nomes e os livros usados para praticar medicina? Qual o cunho mágico agregado à medicina medieval? Seria esta medicina tão rudimentar e estaria tão longe de um pensamento científico como a conotação da “Idade das trevas” leva a crer? Estas e muitas outras questões acompanham o historiador de medicina medieval e, à medida que este se vai envolvendo nas páginas da história, vai percebendo que muitos outros campos influenciam a sua pesquisa. Não se pode estudar a história da medicina sem olhar para as condições sociais, económicas, políticas e culturais, como já referimos acima. A história da medicina não se limita aos físicos, aos doentes, às doenças, mas também ao corpo, à religião, à história das universidades, às plantas e aos animais, à alimentação, ao clima e às estações do ano, entre tantos outros factores que influenciam o meio do homem medieval e, por conseguinte, os males que o afectam e as práticas combativas desses males. A história das epidemias medievais é vasta e conhecida e não terá lugar preponderante neste estudo. Não por se desvalorizar, mas precisamente por ter um lugar tão importante na história das doenças que não teria espaço justo neste trabalho. Do enquadramento que será feito, muito ficará por dizer.

---

<sup>12</sup> Jesus Pensado Figueiras, *Textos Médicos Extraacadémicos: difusión de pronósticos, recetas, herbarios y tratados de alimentos medievales en romances peninsulares*, 2014, <http://www.cervantesvirtual.com/obra/textos-medicos-extraacademicos--difusion-de-pronosticos-recetarios-herbarios-y-tratados-de-alimentos-medievales-en-romance-peninsular/.pdf>. [consultado a 5 de Agosto de 2016], pp. 43-51.

A história da medicina medieval vai beber diretamente à história da Antiguidade pelo que apenas poderemos abordar pontos fundamentais da mesma. E assim começamos.

Esta dissertação tem como objectivo o estudo de uma parte de um manuscrito existente na Biblioteca Pública de Évora, o Códice Eborense CXXI/2-19, cujo conteúdo se compõe por uma série de tratados médicos traduzidos em vernáculo, e pouco estudado até aqui. Estando fixado o objecto de pesquisa<sup>13</sup> e seleccionado uma parte para trabalhar, começámos por proceder à transcrição do mesmo. Tendo seleccionado o livro associado a Frei Gil de Santarém, conhecido como *Livro de Naturas*, pois é assim que é referenciado no Códice, a fase seguinte compôs-se pela pesquisa bibliográfica assente na temática da Medicina Medieval, de uma forma generalizada, de uma forma mais específica sobre bibliografia relativa a esta temática em Portugal e sobre Frei Gil de Santarém e o supracitado Códice. Ao longo da investigação surgiu a necessidade de consulta de bibliografia sobre plantas, em particular as medicinais, sobre farmácia, e o recurso a diversos dicionários antigos e modernos com vista à compreensão do maior número de termos possível encontrados na fonte.

Através deste estudo, procuramos conhecer um pouco melhor a vida de Frei Gil como físico, já que as abordagens que lhe têm sido feitas são, na sua maioria, dedicadas ao seu percurso como dominicano, não sendo, no entanto, um estudo biográfico já que o nosso foco são as páginas do códice e não o homem que as poderá ter escrito. Para além do objetivo de transcrição, pretendemos com estas páginas perceber quais os principais compostos utilizados para a realização de mezinhas medievais, o que nos poderá dar uma ideia da farmacopeia da época. Também pretendemos fazer um levantamento dos principais problemas de saúde referidos e da forma de abordagem com vista à sua melhoria. Não consideramos que esta fonte detenha a totalidade das doenças medievais mas acreditamos que nos dará uma ideia de uma grande parte dos problemas que afectam uma população generalizada no seu dia a dia e não uma visão limitada de uma determinada classe social. Acreditamos que os problemas referidos se pudessem encontrar na tripartição medieval de *oratores*, *belatores* e *laboratores* e que através destas páginas possamos percorrer um pouco daquilo que seria a prática médica medieval, levantando um pouco do pano que cobre este conhecimento, tão limitado pela escassez de fontes.

---

<sup>13</sup> Vide infra p. 93.

O trabalho estrutura-se em cinco capítulos de dimensões desiguais. O primeiro capítulo resume a contextualização da temática da medicina medieval, de uma forma generalizada, tentando percorrer as suas raízes na Antiguidade e a sua evolução até aos finais da Idade Média, com a devida ênfase para os autores muçulmanos, para o aparecimento das universidades e para a sua diferenciação da cirurgia. O segundo capítulo trata da mesma temática mas em território nacional, procurando perceber a evolução da medicina no nosso país, os grande nomes que contribuíram para o seu desenvolvimento na Idade Média, bem como a legislação relacionada, não esquecendo de enquadrar a prática médica com a temática da Assistência, componente fundamental da sociedade medieval europeia. Salvaguardamos aqui o pouco desenvolvimento dado à Assistência já que esta foi objeto de estudo de trabalhos previamente realizados por nós, cujo conhecimento foi fundamental para a elaboração desta investigação, e visto que a fonte em estudo não se prende com formas de Assistência mas antes com temas do foro da medicina como ciência<sup>14</sup>. O terceiro capítulo surgiu da necessidade de fazer uma abordagem mais específica à história da farmácia, como contextualização para a componente “farmacológica<sup>15</sup>” existente no documento. O quarto capítulo é dedicado a Frei Gil de Santarém e à sua vida já que se torna imprescindível o conhecimento sobre o autor de quem estamos a falar de forma a tentar compreender melhor a fonte que temos em mãos. Por último, o quinto capítulo e o mais desenvolvido, corresponde à análise do *Livro de Naturas*, incluindo nele a sua transcrição, dado que esta constitui um dos principais objetivos deste trabalho, o de dar a conhecer o Códice Eborense CXXI/2-19 como testemunho da medicina medieval portuguesa. Por último, decidimos remeter para anexo as tabelas elaboradas com vista a uma análise facilitada do conteúdo do *Livro de Naturas* e que nos permitem uma abordagem prática aos diversos constituintes das mezinhas e aos problemas a que estas se referem. Da mesma forma, optámos pela realização de um glossário que possa ajudar um leitor menos familiarizado com a temática médica ou com expressões medievais menos conhecidas.

---

<sup>14</sup> A palavra ciência é aqui aplicada não como a vemos hoje mas como ciência do mundo medieval.

<sup>15</sup> Optamos por este termo já que as mezinhas encontradas na fonte podem ser vista como uma forma de farmacologia medieval, independentemente da cientificidade que à luz da atualidade se lhes pode conferir.

## 2 - Estado da Arte

A tentativa de reconstrução dos percursos da história da medicina na medievalidade portuguesa torna-se um desafio. Basta folhearmos os livros de História da Medicina em Portugal para percebemos a pouca importância dada a esta época da História por aqueles que são, na sua maioria, médicos que se dedicam ao ensino da história da sua ciência. Facto que se percebe já que, maioritariamente, a formação destes autores se resume à área médica e a temática é vista, não na vertente do historiador, mas de uma forma tecnicista e ligada à medicina como ciência exata e não desprovida de um preconceito relativo a uma errada ideia de “atraso” medieval no que à ciência diz respeito. É certo que os grandes avanços na Medicina foram feitos a partir do século XVI, evidenciando-se uma notória evolução médica e científica nos séculos XIX e XX, condicionando um maior interesse pelo estudo da história médica a partir daqui, já para não referirmos o diferencial existente entre as fontes históricas disponíveis para o estudo da medicina pré renascentista. No entanto, e como vamos poder apreender no decurso dos próximos capítulos, a Idade Média não constituiu um período de estagnação para a área médica e há muito por fazer, na tentativa de reconstrução da sua história.

Ao enveredarmos pela área da Medicina Medieval num projeto de investigação, começamos por procurar a bibliografia geral sobre o tema. Numa perspectiva europeia, já conhecidos são os trabalhos dirigidos por Jacques LeGoff no livro *As doenças têm história*, ou a importante contribuição de Danielle Jacquart com os seus trabalhos sobre história da medicina. O interesse dos historiadores anglo-saxónicos, francófonos, italianos, norte-americanos, brasileiros, espanhóis e mesmo israelitas, pela história da medicina medieval é muito mais evidente do que o português. Para além dos autores acima referidos, queremos destacar os trabalhos sobre Arnau de Vilanova, em Espanha, por Luís Garcia Ballester ou os importantes contributos das historiadoras americanas, Nancy Siraisi ou Faith Wallis, cuja abordagem optámos por seguir como linha condutora para a nossa fundamentação teórica no contexto da Medicina Medieval. Não só pela forma cativante como abordam a temática, através de uma visão evolutiva, desde a história da Antiguidade, passando pela história da medicina árabe e judaica, à história do cristianismo e do Ocidente Europeu medievais, enquadrando as diferentes vertentes da história, social,

económica, política e cultural e o seu impacto na medicina, como também pela facilidade de acesso que tivemos a duas das suas obras.

No contexto da historiografia britânica, o nosso destaque vai para Iona McCleery autora dedicada à história da medicina, em particular em Portugal e a Frei Gil de Santarém, cuja personalidade constituiu temática para a sua tese de doutoramento *The Life and Legend of Giles of Santarém, Dominican Friar and Physician (d.1265): A Perspective on Medieval Portugal*, e cujo contributo se tornou fundamental para a realização deste trabalho de investigação.

Não podemos deixar de frisar o grande número de trabalhos levados a cabo pela historiadora brasileira Dulce Oliveira Amarante dos Santos, quer através das suas pesquisas diretas quer através dos trabalhos que tem orientado na área da medicina medieval.

Ora, estudar a história da medicina na Idade Média insere-se no estudo da história social de um determinado país e reflete-se na necessidade de tentar compreender determinadas mentalidades e culturas envolventes, nas mais diferentes áreas. É imprescindível a compreensão da sociedade medieval, da sua cultura e das políticas que caracterizavam cada país e as suas relações com os restantes países do Ocidente Medieval ou países sob domínio islâmico. Da mesma forma que para entendermos a história da medicina precisamos compreender a história das doenças e a sua evolução, precisamos considerar as condições climáticas, habitacionais, alimentares, os hábitos de higiene, a condição social dos envolvidos, as questões socioeconómicas, as principais ocupações de uma população, as guerras e epidemias que frequentemente assolavam o homem medieval, e precisamos estudar a história da cultura, o ambiente dos letrados e a evolução da ciência e das artes, bem como a história da escolástica e das universidades. É importante que o historiador de medicina medieval permaneça enquadrado nos diversos contextos e que não prenda o seu olhar exclusivamente na Medicina, correndo o risco de que a sua reconstrução lhe resulte incompleta. Torna-se, assim, pertinente a consulta de bibliografia que remeta a estas diversas áreas.

No campo da história da Medicina Medieval em Portugal, já referimos acima que, e comparando com a realidade historiográfica de outros países, escasseiam os trabalhos existentes. É imprescindível que o historiador interessado por esta área consulte a obra de Maximiano Lemos que apesar de remontar aos finais do século XIX e começos do século XX, de ter condicionantes resultantes do pensamento

historiográfico da época, bem como dos juízos de valor, muitas vezes notórios, feitos pelo autor, especificamente quando se refere à fonte em estudo para a realização do nosso trabalho, está feita de uma forma aprofundada, recuando aos tempos da Península Ibérica Pré Reconquista Cristã e resulta como a obra de História da Medicina em Portugal que mais conteúdo tem sobre a medievalidade. No seu seguimento, anos mais tarde, outros autores médicos como M. Ferreira da Mira, procuraram a realização de uma História da Medicina que pouco veio acrescentar, no que à medievalidade se reporta, ao legado de Maximiano Lemos. Mesmo a mais recente obra de Manuel Valente Alves, de 2014, pouco espaço ocupa no que a esta época respeita.

Não podemos esquecer os variados trabalhos levados a cabo pelos historiadores portugueses, em particular sobre a história da assistência e sobre a pobreza, cuja história está diretamente ligada à da medicina medieval. O trabalho sobre a Origem e Formação das Misericórdias, por Fernando da Silva Correia, que embora seja dos princípios do século XX, constituiu uma obra muito completa sobre a temática. Os trabalhos de Isabel Guimarães Sá, Laurinda Abreu, Iria Gonçalves, Manuel Sílvio Conde, Saúl António Gomes, Ana Maria Rodrigues, abordando temáticas relativas à medicina medieval em diferentes trabalhos sobre higiene, saúde, corpo, doença, saúde feminina, alimentação, assistência, hospitais, gafarias, físicos e cirurgões ou mesmo sobre personalidades portuguesas com particular ligação ou interesse pela área médica, como El Rei D. Duarte ou o Papa João XXI, contribuem para o acervo português sobre a área em questão. Da mesma forma, A. H. De Oliveira Marques n' *A Sociedade medieval portuguesa* ou José Mattoso na *História da vida privada em Portugal – na Idade Média* que dirigiu, dedicam capítulos à história da medicina medieval. É por isso necessária uma pesquisa abrangente e uma leitura diversificada na procura de referências que nos ajudem na reconstrução da mesma história.

Queremos aqui ressaltar que o nosso interesse pela história da medicina medieval remonta aos nossos tempos da Licenciatura e os trabalhos que temos vindo a realizar desde aí têm sido nesta área e resultaram fundamentais para a aquisição de conhecimentos que nos possibilitaram a realização deste trabalho de investigação. É por este motivo que muita da bibliografia consultada para estes trabalhos, embora não tenha sido utilizada diretamente na redação deste texto, motivo pelo qual não é citada em notas de rodapé, seja por nós indicada nas referências bibliográficas já que,

embora indiretamente, nos surge como indispensável na temática da Medicina Medieval em Portugal.

Voltando aos autores portugueses, com trabalhos mais específicos sobre medicina medieval, é notório o interesse pela temática relativa a Pedro Hispano e ao *Tesouro dos Pobres*, com particular destaque para a obra *Latim Medieval* de Maria Helena da Rocha Pereira, onde este livro médico está transcrito e que nos foi crucial como apoio à interpretação de alguns significados da nossa fonte. Fundamental consideramos também a recente tese de André Filipe Oliveira da Silva, Mestre pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sobre *Físicos e cirurgiões medievais portugueses. Contextos socioculturais, práticas e transmissão de conhecimentos (1192-1340)*, e que demonstra um interesse mais específico que até agora nos parecia pouco frequente, no nosso país.

É curioso perceber, ao longo da pesquisa bibliográfica, que a grande maioria de trabalhos recentes sobre Medicina Medieval em Portugal tem sido levada a cabo por historiadores estrangeiros, especialmente por brasileiros e ingleses, como Dulce Oliveira Amarante dos Santos e Iona McCleery, com particular interesse na obra de Pedro Hispano, e que os historiadores portugueses se têm limitado a escrever artigos dispersos sobre a temática enquanto que escasseiam investigações mais profundas sobre uma área, a nosso ver, pouco explorada e tão rica.

Tendo este trabalho de investigação como fonte uma obra de Frei Gil de Santarém, temos aqui de mencionar os pertinentes trabalhos de Armando Norte, André de Oliveira Leitão ou Mário Farelo sobre Letrados e Cultura Letrada em Portugal, que decerto se tornam necessários para a compreensão da importância das universidades na sociedade medieval e da sua relação com os homens da Igreja. Compreende-se também a pertinência de uma pesquisa acerca dos trabalhos biográficos existentes sobre este dominicano que, embora numa vertente direcionada essencialmente para a sua vida religiosa, e não totalmente isentos do cunho lendário que envolve a vida de Frei Gil, nos permitem enquadrar os escritos em estudo na história da vida deste médico medieval.

No que se refere ao Códice Eborense CXXI/2-19 a nossa primeira preocupação prendeu-se com a procura de estudos feitos sobre o mesmo. É fundamental a referência aos dois capítulos de Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva Santos e L. N. Ferraz de Oliveira, nas Actas do Congresso Comemorativo do V Centenário da Fundação do Hospital Real do Espírito Santo de Évora, em 1996, nos

quais se propõem transcrever e editar o Códice, o que comprovámos não se ter concretizado. Para além destes trabalhos há menções nos trabalhos de Iona McCleery, na já falada História da Medicina de Maximiano Lemos e em alguns artigos sobre a vida de Frei Gil de Santarém, no entanto, sem se verificar uma atenção exclusiva e atenta. Chamamos a atenção para o artigo de Mário Martins, S.J., *O Códice Eborense CXXI/2-19 como repositório da linguagem médica do séc. XV*, que se dedica a uma breve introdução ao Códice e remete para a importância de um estudo mais aprofundado para a história da linguística, sobre a linguagem médica contida no mesmo. Aproveitamos para sublinhar a importância do estudo proposto e que nos teria sido muito útil para uma melhor compreensão das páginas estudadas.

Por último, dadas a características da nossa fonte, repleta de termos médicos medievais, muitos em linguagem pouco científica, de termos relativos à farmacopeia medieval, em especial à botânica, tornou-se imprescindível a consulta de bibliografia específica sobre esta temática, em particular sobre plantas medicinais e o recurso aos mais variados dicionários de português, latim, francês, espanhol, galego, italiano, dicionários médicos e glossários medievais.

### 3 - Medicina Medieval

A medicina medieval do Ocidente Europeu teve as suas raízes nos escritos legados pela Antiguidade, nas traduções e transcrições de Hipócrates e Galeno, numa época em que se desvaneciam a aprendizagem e a literatura mas, pelo contrário, se via florescer esta escrita de matéria médica.<sup>16</sup> A vasta herança da época precedente propagou-se das mais distintas formas. Muitos foram os escritos e a experiência acumulada pelos gregos, uma parte deles traduzida para o latim, em Alexandria, enquanto outros se perderam no decurso da transmissão cultural. A teoria médica, disponível em latim, constituía uma pequena parte do grande corpo teórico grego, no entanto, a literatura da prática médica latina teve um crescimento exponencial e um contributo diversificado para o seu seguimento medieval. Em Alexandria, a medicina, em grego, era estudada como a filosofia, eram lidos os cânones de Hipócrates e Galeno, da mesma forma que em Ravena, o mesmo método foi adoptado, anos mais tarde, em latim.<sup>17</sup>

No mundo medieval, a realeza, os nobres e o alto clero empregavam físicos e cirurgiões para os seus cuidados, que tratavam não só das suas doenças, como cuidavam das suas dietas, aconselhavam de forma primitiva e eram consultados em diversos assuntos, nomeadamente nos ligados à astrologia, já que esta ciência andava a par com a prática médica. As cidades, as fundações piedosas, os próprios mosteiros empregavam físicos para que lhes prestassem os seus serviços. Os hospitais medievais, integrados nas fundações piedosas e fundados como obra de misericórdia, não se destinavam ao internamento de doentes, apesar de muitos terem camas específicas para o efeito e de muitos integrarem físicos no seu corpo de trabalhadores.<sup>18</sup>

A presença muçulmana e judaica na Europa, em especial na Península Ibérica até meados do século XV, contribuiu para o enriquecimento da medicina medieval aportando a cultura médica árabe e judaica. O contacto entre as três culturas possibilitou a difusão de conhecimentos da antiga Grécia, adquiridos pelos árabes, melhorados e passados quer a judeus, quer a cristãos, que, por sua vez, carregavam

<sup>16</sup> Faith Wallis, ed., *Medieval Medicine – A Reader*, Toronto, University of Toronto Press, 2010, p. I.

<sup>17</sup> Vide Idem, *ibidem*, p. 3.

<sup>18</sup> Nanci G. Siraisi, *Medieval & Early Renaissance Medicine- An introduction to Knowledge and Practice*, Chicago, The University of Chicago, 1990, pp.36-39.

consigo uma cultura médica e um legado próprios.<sup>19</sup> Desta forma, a medicina da Europa medieval era composta por uma mescla de saberes herdados da Antiguidade, tradições orientais, árabes, judaicas e cristãs adicionados às práticas populares e ao cunho mágico-pagão trazido pelos variados povos povoadores da Europa pré medieval.

### 3.1 - Desde a Antiguidade...

Diz-se, entre os gregos, que o fundador da arte da medicina terá sido Apolo e que Asclépios, seu filho, lhe foi associado pela sua fama e pelo seu trabalho. Contudo, tendo morrido Asclépios, fulminado por um raio, a arte da cura foi proibida, morrendo com o seu fundador e permanecendo escondida durante quase quinhentos anos, até aos tempos de Artaxerxes, rei da Pérsia. Neste tempo, terá nascido Hipócrates, na Ilha de Cós, filho de Asclépios, e que restaurou a dita arte para a luz.<sup>20</sup>

Para os gregos, a saúde, *sanitas*, consistia na integridade do corpo e na harmonia entre as naturezas quentes e húmidas do sangue, enquanto que a doença, *morbus*, incluía todas as aflições corporais que poderiam conduzir à morte, *mors*. Todas as doenças tinham origem nos quatro humores: sangue, bílis amarela, bílis negra e fleuma, quando um destes aumentava em relação aos outros verificava-se um desequilíbrio causador de doença. Cada um destes humores estaria ligado a um dos quatro elementos: ar – sangue, fogo – bílis amarela, terra – bílis negra, água – fleuma.<sup>21</sup>

Os tratados médicos constituem alguns dos mais antigos exemplos da escrita científica grega, sendo que se atribuem cerca de sessenta tratados a Hipócrates, datados de finais do século V, princípios do IV a.C. Estes tratados demonstram a capacidade dos autores hipocráticos para observarem e descreverem os sinais e o curso individual da doença, em cada doente. Já recorriam ao uso de ervas ou de cirurgias como formas de tratamento, no entanto, dedicavam-se maioritariamente ao restabelecimento do equilíbrio através das dietas e davam particular importância ao prognóstico. O racionalismo estava na base desta medicina, não deixando de existir

<sup>19</sup> Nanci G. Siraisi, *op. cit.*, p.29.

<sup>20</sup> Isidoro de Sevilha, *Etimologias*, apud, Faith Wallis, *op. cit.*, p. 6.

<sup>21</sup> Faith Wallis, *op. cit.*, p.7.

uma componente folclórica que cunhava um legado mágico aos tratados médicos.<sup>22</sup> Desde cedo que a medicina e a filosofia interagiam na história da ciência grega e a influência dos filósofos gregos na área médica contribuiu para o seu enriquecimento. Aristóteles, por exemplo, contribuiu, entre outras ideias, com a sua teoria física ligada aos quatro elementos, que se refletiu, mais tarde, nos trabalhos de Galeno. Os primeiros trabalhos de anatomia devem-se a Díocles e aos helénicos de Alexandria, Herófilo e Erasístrato, tendo estes descoberto a ligação entre o cérebro e o sistema nervoso e sido pioneiros na disseção de cadáveres humanos. Dioscórides, foi autor de um trabalho extenso sobre farmacopeia, *De Materia medica*. A diversidade e contraditoriedade das várias aproximações helénicas à medicina resultaram na emergência de três correntes médicas distintas: racionalistas ou dogmatistas, empiristas e os metodistas.<sup>23</sup>

Nos seus textos sobre prognósticos, Hipócrates refere a importância da capacidade do médico em prever o desfecho da doença de uma forma que lhe confira uma espécie de clarividência de modo a garantir respeito por parte do doente. As tradições hipocrática e galénica enfatizam a relação entre sinais clínicos e possíveis consequências.<sup>24</sup> Este legado poderá estar na base dos fólhos dedicados aos sinais mortais, escritos por Frei Gil de Santarém e que analisaremos mais à frente.<sup>25</sup>

É com Galeno que a medicina grega atinge o seu auge, e este, apesar de prosseguir com as suas disseções em animais ao invés de humanos, deixou um contributo para o conhecimento anatómico que foi seguido durante muitos séculos. Deixou escritos que compilam a herança da medicina grega nos mais variados campos: anatomia, filosofia, patologia, sintomatologia, higiene e terapia. Galeno não se identificou com nenhuma das correntes existentes mas recorreu a uma harmonia entre racionalistas e empiristas. Tornou-se no pilar de ensino das escolas de medicina do Império Romano e dos letrados medievais, já que a Antiguidade Tardia assistiu à tradução das obras gregas para o latim de forma a que os estudos médicos se pudessem propagar pelo Ocidente Europeu. Os autores da Antiguidade eram soberanos nas matérias médicas e poucos eram os inovadores na nova era que se afirmava.<sup>26</sup>

<sup>22</sup> Nancy G. Siraisi, *op. cit.*, pp.1, 2.

<sup>23</sup> Idem, *ibidem*, p. 3.

<sup>24</sup> Faith Wallis, *op. cit.*, p. 43.

<sup>25</sup> Vide infra p. 126.

<sup>26</sup> Cf. Nancy G. Siraisi, *op. cit.*, pp. 4-7.

“As coisas necessárias” ao bom funcionamento do corpo humano foram estabelecidas por Galeno e eram compostas por:

- os quatro elementos componentes do universo
- as compleições
- os quatro humores
- as partes sólidas do corpo humano
- as operações ou funções das partes sólidas
- a propagação da espécie (órgãos genitais)
- a manutenção da vida (cérebro, coração e fígado)
- a qualidade da vida (olhos, nariz, orelhas, mãos)
- as faculdades que contribuem para as grandes funções biológicas (crescimento, locomoção, formação e nutrição)

A estas, Joanício, veio acrescentar a sétima coisa natural, a *pneuma* ou espírito, o espírito animal do cérebro, o vital do coração e o natural do fígado, que correspondem à tripartição da alma, de origem platónica e aristotélica.<sup>27</sup> As paixões da alma, presentes no imaginário medieval e significando aquilo que hoje atribuímos como emoções, eram consideradas movimentos psicossomáticos afectivos, desencadeadas no plano espiritual ou emotivo, tinham efeitos sobre o plano corporal, comandadas pelo coração. Podiam ser positivas, como a alegria, ou negativas, como a ansiedade, tristeza, medo e cólera.<sup>28</sup>

Roma foi estimulada pela arquitetura e literatura gregas e os romanos dependiam dos próprios médicos gregos, sendo que Galeno e Alexandre de Trales representam dois prestigiados médicos distintos em Roma. Desde os tempos da Magna Grécia que a cultura grega se fazia sentir na região que passaria a ser o berço do Império Romano e que expandiria a sua cultura e, por conseguinte dos gregos, pela Europa Romana e, mais tarde, Cristã.<sup>29</sup>

As bases da medicina prendem-se com o que o mundo grego e islâmico deixaram, apesar das condicionantes com que o Ocidente cristão as recebeu. Os factores socioculturais mutáveis ao longo do tempo agiram perante este legado médico condicionando a evolução da medicina até aos nossos dias.

<sup>27</sup> Vide Dulce Amarante Santos, *Saúde e dietética na medicina preventiva medieval: o regimento de saúde de Pedro Hispano (século XII)*, 2010, <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v17n2/04.pdf>, [consultado a 21 de Outubro de 2013], p. 337.

<sup>28</sup> Vide Dulce Amarante Santos, *op. cit.*, p. 340.

<sup>29</sup> Cf. James J. Walsh, *op. cit.*, p. 4-6.

### 3.2 - ... ao mundo islâmico

A proximidade geográfica do mundo islâmico com a Grécia possibilitou-lhe o acesso à antiga cultura grega e aos seus escritos, especialmente nos campos da filosofia e medicina, o que ajudou a que se tornassem líderes intelectuais da Europa.<sup>30</sup> A assimilação da medicina grega, somada à farmacopeia oriental e aos avanços da própria medicina, bem como o contacto com diversos povos, proporcionaram o ambiente para o florescimento dos grandes médicos islâmicos, em particular a partir do século XI e com destaque na figura de Avicena.<sup>31</sup>

No desenvolvimento da medicina medieval, o mundo islâmico, particularmente as cidades do Al-Andalus, desempenharam uma papel fundamental. Após as conquistas árabes e a sua expansão do Médio Oriente ao Ocidente Cristão, instalou-se na Europa Medieval uma maior proximidade e consequente influência islâmica aportando os conhecimentos assimilados da filosofia e ciência gregas e do próprio contexto intelectual islâmico. A eles devemos a tradução de uma grande parte da literatura médica da Antiguidade. Pelo século IX d.C., já os físicos muçulmanos usavam este material e enriqueciam-no com o seu conhecimento e com as suas experiências, acrescentando observações à patologia e terapia conhecidas e recomendando tratamentos, adicionando plantas de origem oriental ou ibérica. Foram autores de uma grande enciclopédia e muitos deles associaram a “física”<sup>32</sup> e a filosofia. Na área da medicina destacamos nomes como: Rhazes, Ali Abbas, Avicena, Abulcasis, Averroes.<sup>33</sup>

A importância dos autores islâmicos repercutiu-se por toda a história da medicina medieval. Avicena, autor do *Cânone*, teve um lugar de destaque já que este foi o livro médico mais lido no decurso da medievalidade.<sup>34</sup>

<sup>30</sup> James J. Walsh, *op. cit.*, p.5.

<sup>31</sup> Enrique Montero Cartelle, *De la Antigüedad a la Edad Media: Medicina, Magia y Astrologia latinas*, 2000, [http://publica.webs.ull.es/upload/REV%20CEMYR/08-2000/02%20\(Enrique%20Montero%20Cartelle\).pdf](http://publica.webs.ull.es/upload/REV%20CEMYR/08-2000/02%20(Enrique%20Montero%20Cartelle).pdf), [consultado a 23 de Agosto de 2016], p. 56.

<sup>32</sup> Física como ciência dos físicos medievais.

<sup>33</sup> Nanci G. Siraisi, *op. cit.*, pp. 10-12.

<sup>34</sup> James J. Walsh, *op. cit.*, pp. 28, 29.

### 3.3 - A medicina nos alvares da Idade Média

Nos seus começos, do VI ao IX séculos, a medicina medieval foi caracterizada essencialmente pelas contribuições daqueles que tinham contacto com antigos autores gregos. Faziam-se sentir ainda as tradições e a cultura da medicina popular que, muitas vezes, ofuscava o seu aspecto científico, inicialmente confinado aos mosteiros. A Regra de S. Bento marcou a história da medicina medieval com as suas regras sobre cuidados aos doentes e construções de enfermarias como dever cristão. Os beneditinos já se dedicavam à natureza das ervas e às suas propriedades curativas, focando-se na premissa de que tudo é criado por Deus e é ele quem detém o poder de devolver a saúde e restaurar a vida.<sup>35</sup>

Com o fim do Império Romano do Ocidente, após a queda de Rómulo Augusto e os inícios dos reinos bárbaros e a formação da Europa Medieval surgem mudanças políticas, económicas, sociais e culturais que vão transformar este Ocidente, catapultando-o para os começos da Idade Média e que vão também fazer sentir a sua influência na história da medicina. Num Ocidente Cristão onde o trabalho e existência dos médicos laicos, particularmente fora de Itália, está pouco estudado, desenvolvem-se os grandes mosteiros com os seus *scriptoria* e as escolas a eles associadas. A medicina medieval vê aqui o seu início, da mesma forma que assiste ao continuar do legado da medicina da Antiguidade. Os mosteiros investiam em textos e livros médicos, contendo nos seus acervos as obras da Antiguidade, preservando a teoria médica e associando-a, no possível, à aprendizagem cristã e tornando o conhecimento médico parte integrante das características um clérigo letrado.<sup>36</sup>

Os monges e o clero secular tinham um acesso facilitado à literatura médica existente na Europa Medieval, já que era nos mosteiros e nos espólios da Igreja que se encontravam as cópias das grandes obras dos autores antigos. Apesar das ordens monásticas, com as suas regras, não estarem muito voltadas para a prática médica extra muros, foram alguns os físicos medievais que lá se originaram. Mais comum era, no entanto, vê-los pertencentes ao clero secular.<sup>37</sup>

Nos começos da Alta Idade Média muitos foram os nomes que deram um contributo inestimável para o desenvolvimento da cultura medieval. Santo Agostinho,

<sup>35</sup> Vide James J. Walsh, *op. cit.*, pp. 10-12.

<sup>36</sup> Vide Faith Wallis, *op. cit.*, pp.73,74.

<sup>37</sup> Cf. Nanci G. Siraisi, *op. cit.*, pp. 24, 25.

Boécio, Cassiodoro, com o *Vivarium*, Gregório Magno, Gregório de Tours, Isidoro de Sevilha, São Tomás de Aquino, Beda, o Venerável, Paulo Diácono e Alcuíno de York, estes homens conseguiram integrar a herança pagã numa cultura cristã, compilaram os saberes profanos da Antiguidade, disponibilizando-os para o enriquecimento da cultura medieval. Este conhecimento foi então estimado pelas principais personalidades da cultura medievla, os bispos e os monges. É o monaquismo que cria as condições para a sua conservação, uma vez que as regras cenobíticas dão um papel primordial à escrita e à leitura.<sup>38</sup>

Como testemunho, o *Lorscher Arzneibuch* é um volume de manuscritos compilados no mosteiro alemão de Lorsch, cerca de 800 d.C., cujo conteúdo se compõe maioritariamente por conselhos dietéticos e receitas de medicamentos cuja introdução começa por uma defesa à intervenção médica. Defende a importância de um médico em evitar as doenças através de regimes dietéticos adequados mas não da cura através da medicação, já que a verdadeira cura vem de Deus. A medicina tem de ser enquadrada num contexto cristão, para não correr o risco de se aproximar do irracional e da magia. Os médicos são usados por Deus e por Cristo como forma de realização de curas divinas.<sup>39</sup>

A religião Cristã cresceu nos tempos de Galeno pelo que as suas história não podiam deixar de se cruzar. A forma como a Cristandade via a doença e a cura eram diferentes dos tempos predecessores e essa visão permaneceu durante a Idade Média, apesar dos diferentes modos em que era expressada. O sofrimento era visto como uma consequência do pecado e o pecador tinha de o sofrer de uma forma paciente, da mesma maneira em que o sofrido deveria ser aliviado, ajudado, através da caridade cristã. Visto que Deus era o deus da natureza, tornava a doença natural e divina. Como regra, os físicos medievais acreditavam na natureza e no seu curso. Os tratamentos baseavam-se prioritariamente nas orações e, complementarmente, em remédios naturais, que também eram divinos já que tudo era criado por Deus e era ele quem imputava as características curativas às plantas. Desta forma, foi numa espécie de reconciliação condicional que a cristianização se relacionou com a racionalidade da medicina greco-romana, de forma a que a prática da medicina era privilegiada, como forma de prática de caridade, sobre a medicina teórica que poderia ser uma potencial ameaça à teoria divina das causas e das curas. O principal inimigo “antigo”

<sup>38</sup> Michel Banniard, *Génesis Cultural da Europa - séculos V-VIII*, Lisboa, Terramar, 1989, pp. 6-8.

<sup>39</sup> Vide Faith Wallis, *op. cit.*, p. 84.

do Cristianismo, no que se referia à medicina, era o deus Asclépios que acabou por ser suplantado pelo Santo cristão. A cura constituía uma forma irrevogável da supremacia da fé cristã e os milagres de santos, em vida ou em morte, através das relíquias, tornaram-se na sua expressão.<sup>40</sup> Na era de Diocleciano deu-se o martírio de Cosme e Damião, padroeiros da medicina, que foram equiparados, por S. Isidoro de Sevilha, a Hipócrates e a Galeno como grandes sábios desta arte. Os textos sobre o seu martírio eram lidos à cabeceira do doente, que se poderia identificar com o sofrimento dos mártires, aprender com a sua paciência e aguardar pela sua intervenção milagrosa.<sup>41</sup> A leitura de textos ou poemas ou orações, sobre santos milagreiros, era uma prática comum na tentativa da arte do curar do cristão medieval. Muito próxima da semelhança para com as práticas mágicas, mas aceitável perante o cariz religioso que lhe estava inerente. Também este método curativo era praticado por Frei Gil de Santarém, como poderemos ver mais adiante.<sup>42</sup>

Como temos visto, o imaginário cristão atribuiu um significado diferente à doença. Muitas vezes sendo vista como um castigo ou uma provação, de forma a purificar a alma com vista à sua salvação, o homem medieval é acometido por doenças e estas devem ser vistas como um desafio e um sofrimento a suportar como ato de contrição. A cura está nas mãos de Deus e Cristo é visto, por Santo Agostinho, como o primeiro dos físicos. Mais do que a salvação do corpo, importa a saúde, a salvação da alma. Não impede, no entanto, que se recorra ao saber científico, aos tratamentos farmacológicos e dietéticos na procura do restabelecimento salutar do corpo afectado. Os monges são instigados pela Regra Beneditina a exercer esta profissão, a cuidar dos doentes, não recorrendo, contudo, aos físicos seculares, já existentes na altura. Prepara-se o caminho para o desenvolvimento da medicina monástica.<sup>43</sup>

### 3.4 – Salerno e o seu legado

Fundada no século IX e atingindo o seu máximo desenvolvimento no final do século XII, a escola médica de Salerno revolucionou a educação medieval e os seus

<sup>40</sup> Vide Faith Wallis, *op. cit.*, p. 47.

<sup>41</sup> Vide Idem, *ibidem*, p. 63.

<sup>42</sup> Vide infra pp. 99, 118.

<sup>43</sup> Nanci G. Siraisi, *op. cit.*, pp. 8, 9.

interesses científicos. A educação médica era rigorosa, quatro anos de medicina eram seguidos de um ano de prática com um físico e um ano extra de estudo de anatomia para prática cirúrgica. Havia já uma preocupação de regulamentar a prática médica tendo sido criadas leis, pelo Imperador Frederico II, que exigiam os estudos na escola médica, por parte dos que desejassem exercer estas funções. Existia ainda, em Salerno um hospital, controlado por Beneditinos. O mais conhecido professor Salernitano foi Constantino Africano que levou para esta escola muitos livros escritos e traduzidos em árabe. Dos vários autores estudados nesta escola destacam-se como exemplo Hipócrates, Galeno, Avicena ou Mesué. Os estudos em Salerno seguiam vários compêndios médicos conhecidos como *Articella*, tendo sido criado um código de saúde da escola, o *Regimen Sanitatis Salernitanum*, para informação popular, através da compilação das indicações de vários dos professores da escola, e dedicado ao rei dos ingleses. A Escola de Salerno diferenciou-se na área da cirurgia, ensinou o melhor que pôde a ciência médica e enfatizou a sua arte, reconhecendo a importância da personalidade do físico e a sua influência nos doentes, para além da importância dos conhecimentos.<sup>44</sup>

A grande volta no que concerne à medicina teórica dá-se, então, com o emergir da escola salernitana e com as suas três grandes linhas de inovação cultural: a primeira, a tradução para o latim, principalmente do árabe, de textos expondo teorias médicas; a segunda, a formação de uma escola de ensino de medicina baseada na análise de textos e na solução lógica de pontos duvidosos e contraditórios, e acompanhada por demonstrações anatómicas; e a terceira, o ímpeto para tornar a prática médica numa forma mais sistemática e racional.<sup>45</sup>

Das inovações de escola médica destacamos a *Articella*, uma coleção de textos médicos gregos e árabes, reunida em Salerno, e que se tornou no livro fundamental das escolas médicas medievais no século XIII. Inicialmente era composta por 5 textos: o *Isagoge*<sup>46</sup> de Joanício, os *Aforismos*<sup>47</sup> e *Prognósticos*<sup>48</sup> de Hipócrates, as

<sup>44</sup> James J. Walsh, *op. cit.*, pp.15-23.

<sup>45</sup> Vide Faith Wallis, *op. cit.*, p. 129.

<sup>46</sup> Pequeno compêndio que fornecia uma divisão e definição da medicina galénica.

<sup>47</sup> Um coleção de definições resumidas que encapsulavam a sabedoria da arte médica.

<sup>48</sup> Indicava ao físico como reconhecer a doença aguda nas suas fases de passado, presente e futuro, e como tratá-la.

*Urinas*<sup>49</sup> do médico Bizantino Teófilo Protospatário e os *Pulsos*<sup>50</sup> de Filareto. Mais tarde foi-lhe adicionado o *Tegni*<sup>51</sup> de Galeno.<sup>52</sup>

Por último, ainda no contexto da escola salernitana não poderíamos deixar de referir a *Trotula*. Nome dado ao mais importante tratado medieval sobre a saúde feminina e o seu cuidado ou, por outras palavras, ginecologia. Escrito por mais de um autor, a mais conhecida, escritora do segundo destes tratados, foi Trota, autora que acabou por amadrinhar o nome associado, *Trotula* ou “pequena Trota”. Até aqui os textos sobre ginecologia eram baseados em textos Metodistas ou nalgumas fontes hipocráticas e pouco havia sido escrito por Galeno nesta área. Contudo, ele considerava as mulheres como mais frias e húmidas do que os homens, no que respeitava à teoria dos humores.<sup>53</sup>

### 3.5 - As Universidades e uma nova evolução da arte médica

As artes liberais, *Trivium* (gramática, retórica e dialética) e *Quadrivium* (geometria, aritmética, astronomia e música) constituíam a base dos estudos filosóficos e a fundamentação da escolástica medieval. A Europa medieval assiste a uma nova era de transformação com a criação das primeiras universidades. Nasce a medicina escolástica que se propagará pela Europa Medieval. A medicina ganha um lugar das universidades. Aos corpos textuais de Salerno juntam-se as grandes sínteses médicas do mundo arábico-islâmico e os estudantes aprendem os textos de Galeno, a sua medicina racional, que defende que apenas o médico pode identificar a causa da doença e segura e eficazmente tratá-la. É nas universidades que a medicina se depara com outras ciências classificadas, na época, como baseadas no conhecimento racional, e que se propõem a enriquecer a eficácia da sua prática, como a astrologia e a alquimia, que não são, contudo, por todos reconhecidas como plausíveis, práticas ou lícitas.<sup>54</sup>

<sup>49</sup> Categorizava as urinas de acordo com a cor, consistência, sedimento e odor e as suas relações com as alterações nas distintas partes do corpo.

<sup>50</sup> Definia as funções do pulso e descrevia-o de acordo com a sua dimensão, tipo, consistência e batimento.

<sup>51</sup> Um sumário do próprio Galeno do seu sistema médico.

<sup>52</sup> Cornelius O’Boyle, “Articella”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 51, 52.

<sup>53</sup> Vide Faith Wallis, *op. cit.*, p.185.

<sup>54</sup> Vide Faith Wallis, *op. cit.*, p. 129.

A ênfase salernitana na medicina teórica preparou o caminho para o ensino da medicina nas universidades. A medicina passaria a ser associada à ciência. No entanto, o seu ensino não estaria ainda exclusivo às universidades já que ela continuava a ser ensinada de uma forma mais informal, entre mestre e aprendiz até à altura em que apenas os médicos frequentadores da medicina universitária seriam reconhecidos e legalmente aceites.<sup>55</sup>

No século XIII, os praticantes de medicina começaram a organizar-se em guildas, pela Europa. Os médicos, os barbeiros-cirurgiões, que mais tarde se separaram em guildas diferentes, a dos barbeiros e a dos cirurgiões, os últimos já dotados das suas capacidades distintas, começam a organizar-se nas universidades e a garantir a necessidade de um diploma e um exame para o exercício da medicina, ao mesmo tempo que eram julgados e sancionados os que a praticavam sem a devida licença. Contudo, nos finais do século XIII, na Europa, diversas eram as formas de se obter um certificado, através dos estudos universitários, a mais prestigiada, da pertença a uma guilda de médicos ou de cirurgiões ou ainda da obtenção de uma licença dada por uma autoridade pública, resultando numa heterogeneidade variável dependendo da lei de cada reino. Verificava-se uma hierarquia onde os graduados ocupavam o primeiro lugar e os barbeiros-cirurgiões e boticários os últimos. Os conhecimentos de latim, a literacia, eram fundamentais para a aquisição das competências necessárias, para a possibilidade de estudo da arte médica. A medicina torna-se numa profissão lucrativa, a par com “as Leis”, promotora de estatuto, mas não garantindo a riqueza e mantendo-se ligada à prática da caridade cristã.<sup>56</sup>

As universidades começaram então por ser pequenas escolas organizadas em *Studium generale*, onde os estudos básicos eram sucedidos por estudos mais aprofundados nas áreas de leis, teologia ou medicina com vista à aquisição de um “grau”, um certificado de licença para ensinar. Em Paris, a primeira faculdade foi a de Artes enquanto que em Bolonha foi a de Leis. A medicina entrou nas universidades como uma aprendizagem profissional análoga a Leis mas trazendo consigo o estudo das Artes. O método de ensino nas universidades medievais consistia na chamada escolástica que se baseava no axioma de que a verdade é descoberta através da razão. Na medicina escolástica Galeno e os seus ensinamentos representavam um papel fundamental. Desde meados do século XII que os seus livros se integravam na

<sup>55</sup> Vide Faith Wallis, *op. cit.*, p. 191.

<sup>56</sup> Cf. Nanci G. Siraisi, *op. cit.*, pp.18-23.

*Articella*, e eram leitura obrigatória nas universidades dos séculos XIII e XIV. Galeno defendia a importância de três métodos na essência da medicina: análise ou dedução, síntese ou indução e definição. Os temas de matérias consistiam em: doentes, saudáveis, o que estava entre os dois estados de saúde e doença, o corpo (anatomia e fisiologia), os sinais dispostos pelo corpo (semiótica médica) e as coisas que causam saúde ou doença (higiene e patologia). Também determinava a forma da prática médica através da medicina preventiva com vista à manutenção da saúde (*regimen*) e a medicina terapêutica de forma a restaurar a saúde (dieta, drogas, cirurgia). Apesar desta teoria ter uma base no *Isagoge* de Joanicío, foi Galeno a autoridade transformadora da teoria médica e da sua reforma curricular. Não esquecendo, no entanto, que a escolástica se prendia com a ciência, primando a filosofia e autoridade aristotélica no que concerne às ciências da vida, fundador do currículo de artes.<sup>57</sup> Desde o século XII que a medicina medieval se divide em teoria e prática e que a teoria, racional, oferece certeza. Na impossibilidade de visualizar o interior do corpo, ao médico não lhe restava senão apoiar-se na razão para indagar o problema. Auxiliando a razão estavam os dois principais sinais para o estabelecimento do diagnóstico: as urinas e o pulso.<sup>58</sup>

As aulas eram dadas por um *magister actu regens* a quem cabia o papel de ensinar, baseado num texto, *legere*, presidir a debates sobre o tema e resolver as questões ou dúvidas que dele surgiam, portanto a *lectio* e a *disputacio* eram as bases do ensino escolástico medieval.<sup>59</sup>

### 3.6 - Paris e Montpellier

A universidade de Paris, nos finais do século XII, fornecia estudos numa vertente mais filosófica. Alexander Nequam (1157-1217) referia a incorporação da *Articella* como livro de filosofia natural ou física nos estudos desta Universidade. Os textos incluíam a leitura obrigatória de Joanicío, os *Aforismos* e *Prognóstico* de Hipócrates, o *Tegni* e *Pantegni* de Galeno, o último traduzido por Constantino Africano, *Dietas Particulares* e *Dietas Universais* de Isaac, o *Livro de Urinas* de

<sup>57</sup> Vide Faith Wallis, *op. cit.*, pp.191,192.

<sup>58</sup> Danielle Jacquart, “A medicina medieval posta à prova”, *As doenças têm história*, Lisboa, 2ª ed., Terramar, 1997, p.79.

<sup>59</sup> Vide Luis Garcia Ballester, *op. cit.*, p.128.

Isaac, o *Viaticum* de Constantino, o *Livro de Urinas* de Teófilo, o *Livro dos Pulsos* de Filareto, textos de Dioscórides e Macer que discutiam a natureza das ervas, bem como, os livros de Alexandre de Trales. Só mais tarde, cerca de 1251, parece que a faculdade de medicina foi separada da filosofia.<sup>60</sup> Acreditamos que esta possa ter sido a base de estudos que Frei Gil de Santarém tenha recebido quando foi estudar para esta Universidade.

Depois de Salerno e, com a difusão das universidades surgem outros grandes centros de estudos médicos. Montpellier, no sul de França, famosa já no século XI, tornada numa estância de saúde, fornecia um número considerável de doentes para a aprendizagem prática e atraía estudantes de toda a Europa. Dos mais importantes professores a ensinar em Montpellier destacam-se: o português, Valesco de Taranta e Arnau de Vilanova, cujos aforismos foram frequentemente usados nos séculos que lhe seguiram.<sup>61</sup> Em meados do século XII, a escola médica de Montpellier estava já estabelecida, tendo o seu apogeu no século XIII. É-lhe característica uma segunda tradução dos trabalhos de Galeno, “Novo Galeno”, combinado com os textos do *Cânone* de Avicena, mais avançados nos conhecimentos médicos, estimulando e desenvolvendo o pensamento médico. Também em Bolonha, outra das primeiras universidades medievais, se desenvolve a importância dos estudos médicos.<sup>62</sup>

As guerras italianas contemporâneas de Valesco de Taranta destruíram as universidades italianas bem como a escola de Montpellier, outrora suplantadora de Salerno e Bolonha, que entrara já no seu período decadente. Na escola de Paris, ainda em esplendor, o ensino da Cirurgia teria sido abolido mais cedo do que na rival Montpellier, cuja proibição se deu após o regresso do Papado a Roma. As universidades italianas mais próximas de Roma mantiveram o ensinamento da Cirurgia.<sup>63</sup>

No campo feminino, também as mulheres letradas puderam escrever e praticar a arte médica. As mais conhecidas foram Trota e a Abadessa Hildegarda de Bingen. No entanto, com a expansão dos estudos universitários, o acesso à educação mais avançada foi-lhes vedado. Estas praticantes representavam uma minoria, mas é possível que se tenham mantido na prática de uma forma mais discreta e

<sup>60</sup> Cf. Faith Wallis, *op. cit.*, pp. 193,194.

<sup>61</sup> James J. Walsh, *op. cit.*, pp. 23-27.

<sup>62</sup> Vide Faith Wallis, *op. cit.*, pp.195-198.

<sup>63</sup> M. Ferreira de Mira, *op.cit.*, pp. 54-56.

intermitente.<sup>64</sup> Em Itália, em particular, foi-lhes dada a oportunidade de estudar, escrever e ensinar esta arte. Em Paris e, por influência, em Inglaterra, possivelmente devida à história de Heloísa e Abelardo, as mulheres não tiveram a liberdade desta oportunidade.<sup>65</sup>

### 3.7 - Teoria médica, físicos e doenças

A medicina desenvolveu-se a par com o desenvolvimento das universidades pela Europa. Multiplicaram-se as escolas que providenciavam conhecimentos em latim e, através disso, difundiram-se as obras da Antiguidade. A formação médica implicava o enriquecimento intelectual em conjunto com um processo de prática e aquisição de competências médicas através de uma aprendizagem prática. As obras latinas, a literatura médica circulavam fora das universidades, começando, como já vimos, nos *scriptoria* monásticos, passando pelas casas dos letrados e nobres que podiam pagar pelos manuscritos. Mais tarde estes manuscritos começam a ser traduzidos para línguas vernáculas e outros escritos médicos são feitos nestas línguas. Poemas e tratados médicos, receituários, textos, proliferam pelo Ocidente Medieval, como adaptação para novos termos vernáculos de palavras latinas ou árabes não existentes nessas línguas. Foi no século XV que se deu a disseminação dos escritos médicos em vernáculo.<sup>66</sup>

Desde a Antiguidade que a fisiologia e a anatomia se complementavam no estudo da medicina, ainda que durante muito tempo se confundisse a retórica com a realidade. A teoria fisiológica procurava explicar as doenças e as prescrições de tratamento e baseava-se no *complexio* ou temperamento de acordo com equilíbrio das qualidades corporais: quente, frio, molhado e seco. O físico seria detentor dos conhecimentos internos do corpo humano e capaz de identificar as zonas afectadas pela doença e era nos seus estudos universitários que fazia esta aprendizagem. Os conhecimentos de anatomofisiologia permitiam-lhe a compreensão dos textos médicos. Até às realizações de autópsias legais em meios académicos, os conhecimentos baseavam-se nas questões da filosofia natural, havendo uma vertente aristotélica forte nas hipóteses, concorrente da filosofia galénica, mais desenvolvida.

<sup>64</sup> Nanci G. Siraisi, *op. cit.*, p.27.

<sup>65</sup> Vide James J. Walsh, *op. cit.*, p.53-57.

<sup>66</sup> Cf. Nanci G. Siraisi, *op. cit.*, pp.48-55.

A medicina medieval desenvolveu vários tratados pseudogalénicos e evoluiu nos estudos anatomo-fisiológicos em trabalhos como os de Joanício, *Isagoge*, ou o *Cânone* de Avicena, desenvolvendo-se com o diferenciar da cirurgia e com os seus estudos. As disseções de cadáveres oficiais parecem ter começado pelos finais do século XIII, inicialmente como autópsias com fins legais. Até finais do séculos XV, as disseções eram pouco frequentes e foram de alguma forma afectadas pelas recriminações culturais e eclesiásticas, através de leis que pretendiam restringir abusos relativos às práticas de enterros e ao culto das relíquias, da mesma forma que eram condicionadas pelas condições climáticas e o seu efeito na decomposição dos cadáveres. Eram usadas sobretudo para confirmar/fundamentar tratados e não como fonte de investigação. No entanto, durante os séculos da medicina medieval foram diferentes e mesclados os autores seguidos, com ou sem pesquisa anatómica adicional, e que levaram a que se prolongassem conceitos erróneos sobre o corpo humano e a sua fisiologia.<sup>67</sup>

A tríade galénica: “corpo”, “sinais” e causas”, constituía os pilares base do currículo médico definido para enquadrar a teoria e a prática da medicina medieval, após o século XIII, ao contrário dos textos antigos que se baseavam na descrição da doença e na sua cura, os tratados escolásticos evoluem para uma conexão lógica da relação entre sintomas, causas e tratamentos e passa a estar capacitado para compor argumentos para a forma de atuação das drogas.<sup>68</sup> A filosofia galénica acreditava que o corpo estava constantemente a produzir sangue através da comida, este era armazenado nas veias e distribuído pelos vários órgãos do corpo, consoante as necessidades. Quando a sua produção excedia a demanda verificava-se um desequilíbrio perigoso que corrompia os humores e causava febres, daí a necessidade da realização de sangrias, prática muito comum na medicina medieval.<sup>69</sup>

Muitos dos legados médicos da Antiguidade permaneceram na prática até ao século XIX, dos quais destacamos a teoria dos humores e a prática das sangrias como forma de equilíbrio dos mesmos. Nos estudos médicos não faltavam os conhecimentos sobre os constituintes básicos do corpo humano, os sinais mortais ou as virtudes cardeais, que compunham “as coisas naturais”, que juntamente com “as não naturais” ou “as contranaturais” categorizavam os textos médicos. Joanício

<sup>67</sup> Cf. Nanci G. Siraisi, *op. cit.*, pp.78-97.

<sup>68</sup> Cf. Faith Wallis, *op. cit.*, p. 255.

<sup>69</sup> Vide Idem, *ibidem*, p.281.

declarava as não naturais como sendo uma mescla de condições fisiológicas, psicológicas e ambientais condicionadoras da saúde, enquanto que as contra naturais se constituíam por todo o tipo de condições patológicas.<sup>70</sup>

A teoria médica assentava no facto do corpo humano existir num estado de saúde, doença ou num estado neutro entre as duas. Os desvios da saúde seriam considerados por malformações congénitas, desvios da *complexio* (a maioria das doenças) ou trauma, que, a partir do século XIII, passou a ser uma área mais específica da cirurgia. Para garantir a saúde, o físico deveria atuar de forma a equilibrar a dieta, descanso, exercício, condições ambientais e psicológicas do doente, adaptando-se a cada caso. Desde cedo que a dieta e a saúde se cruzaram e que uma influenciou a outra, da mesma forma que a medicina islâmica relacionou a astrologia com a saúde e com os seus desequilíbrios. Quando falhava a capacidade de manutenção da saúde, os físicos tinham de agir sobre a doença, vista como uma alteração da *complexio*, um desequilíbrio entre os humores e os temperamentos da pessoa. Vários eram os factores que podiam causar esta alteração; o próprio ar poderia ser considerado infectado, pútrido e justificativo para as epidemias que assolavam frequentemente a vida do homem medieval.<sup>71</sup>

No que concerne aos diagnósticos, a medicina medieval baseava-se na medicina narrativa, aquilo que o doente tinha para contar ao físico. Este fazia ainda uma observação objectiva do doente (palpação, pulso, cor, temperatura), bem como uma análise ao aspecto e cheiro das excreções (fezes e urina), mas também às características do sangue. As doenças, ou os sinais que as identificavam, compunham uma grande parte dos textos médicos e vinham, maioritariamente, descritas da Antiguidade. Podiam ser identificadas consoante a sua característica/temperatura, periodicidade (febres quartãs, terçãs, efémeras, etc.) e órgãos afectados.<sup>72</sup> As observações da cor da urina contribuíam para o diagnóstico de doenças de estômago, fígado, dores de cabeça ou estados febris.<sup>73</sup>

Dadas as dificuldades de diagnóstico e tratamento sentidas pela medicina medieval, o prognóstico detinha um papel fundamental no trabalho médico e na relação com os seus doentes. Daqui a importância em reconhecer os sinais indicadores de morte ou os sinais indicadores de recuperação. Não sendo totalmente adeptos de

<sup>70</sup> Nanci G. Siraisi, *op. cit.*, pp.100,101.

<sup>71</sup> Vide Idem, *ibidem*, pp.115-123.

<sup>72</sup> Vide Idem, *ibidem*, pp.123-133.

<sup>73</sup> Maria José Ferro Tavares, *op. cit.*, p. 57.

prognósticos falseados, baseados em falsas esperanças, sendo realistas quanto ao sucesso do tratamento ou ao insucesso, os físicos tinham de ser capazes de garantir a sua reputação e clientela, demonstrar as suas capacidades, mas evitando casos não tratáveis ou encaminhá-los para a ajuda espiritual, aquando da sua única opção. O prognóstico das doenças dependia não só do tipo de doença como também de outros factores externos como o clima, as estações do ano, os horóscopos e a ligação planetária, os próprios dias da doença e sua interpretação, que podiam ser considerados auspiciosos ou não auspiciosos, o que implicava que os físicos possuísem conhecimentos e capacidades baseados na medicina astrológica.<sup>74</sup>

Das mais conhecidas doenças que atormentaram o homem medieval, a Peste Negra e a Lepra são as mais destacadas. Outras afecções eram frequentes e o cancro era já um problema na temática médica da medievalidade. No entanto, o termo “cancro” era usado para a descrição de várias doenças compostas por tumefacções ou apostemas duros, que se espalhavam rapidamente, com ramificações negras como as patas dos caranguejos e que produziam úlceras corrosivas. Os cancros eram já considerados como uma doença maligna e insidiosa.<sup>75</sup>

No que concerne aos tratamentos, a medicina medieval assentava em três tipos fundamentais: dieta, medicação e cirurgia, sendo que nestas últimas as mais frequentes formas seriam a sangria e a cauterização. A cauterização era levada a cabo através da aplicação de objetos aquecidos ou substâncias cáusticas na pele, de forma a conduzir os bons ou os maus humores para determinadas partes do corpo. A sangria, o tratamento mais conhecido, menos doloroso do que a cauterização, assentava na crença de que os humores transtornados, parte deles constituintes do sangue, deveriam ser removidos através da drenagem do mesmo, por vasos específicos, de acordo com o humor alterado. Apesar desta prática frequente, era tido o cuidado da sua contra-indicação em crianças pequenas, grávidas, idosos e doentes que estivessem demasiado fracos. A medicação utilizada pelos físicos era baseada, essencialmente, em plantas, muitas delas doméstica e utilizadas na culinária, mas, na sua maioria, vindas de receituários da antiga Grécia. As receitas médicas constituíam uma grande parte dos escritos médicos medievais e a botânica médica constituiu uma parte fundamental da ciência médica islâmica e da sua influência na medicina do Ocidente Medieval. As variadas fontes existentes, nas mais distintas línguas, do grego ao árabe,

<sup>74</sup> Vide Nanci G. Siraisi, *op. cit.*, pp. 133-136.

<sup>75</sup> Faith Wallis, *op. cit.*, pp. 337-344.

passando pelo latim e pelos vernáculos puderam conduzir a erros ou à criação de uma múltipla nomenclatura para a mesma planta. Outros dos ingredientes usados eram o vinho, laxantes e eméticos que ajudavam a expurgar os maus humores, quer de forma tópica, em feridas, ou através da sua ingestão. A maioria dos ingredientes constituintes da terapêutica medieval provinha das plantas, outros tinham origem animal ou mineral.<sup>76</sup>

A medicina do século XII vê nascer um novo tipo de literatura médica onde passam a ter lugar escritos relativos à farmácia e à cirurgia. A literatura farmacêutica divide-se em dois géneros: trabalhos que lidam com a matéria e trabalhos sobre a composição de medicamentos com um diferente número de ingredientes, os *antoditaria*. De entre eles destacamos o *Antodotarium Nicolai*, de Nicolau da Salerno, considerado a bíblia medieval da prática farmacêutica.<sup>77</sup>

A Peste Negra veio trazer uma nova abordagem da medicina medieval. No contexto devastador os físicos viram-se impotentes no combate à epidemia que rapidamente devastou a Europa. Com ela surgiu um novo tipo de literatura médica, os tratados sobre a Peste que forneciam tentativas de explicações causais e recomendações preventivas e de tratamento.<sup>78</sup>

### 3.8 - Cirurgia

Ao mundo medieval devemos muito dos conhecimentos cirúrgicos que conhecemos hoje. Por exemplo, Bruno de Longoburgo já discutia o encerramento de feridas por primeira e segunda intenção. Os cirurgiões medievais tratavam fracturas dos ossos cranianos, insistindo na necessidade de intervencionar fracturas afundadas e hemorragias do nariz, boca e ouvidos eram já consideradas um mau sinal. Tinham já ideias definidas acerca das condições da operação, como a temperatura ambiente, a limpeza absoluta, a lavagem das mãos antes da intervenção, tendo já os cirurgiões italianos alguma noção da importância da assepsia. Era esperado que os cirurgiões evitassem o consumo de bebidas alcoólicas, sobretudo na véspera de uma cirurgia, para não comprometer o seu desempenho. Os primeiros passos na anestesia parecem ter sido deles, com o uso de algumas plantas como a mandrágora ou uma combinação

<sup>76</sup> Nanci G. Siraisi, *op. cit.*, pp.136-148.

<sup>77</sup> Vide Faith Wallis, *op. cit.*, p. 174.

<sup>78</sup> Cf. Idem, *ibidem*, p. 422.

com ópio visando a insensibilidade à dor, ou a administração anestésica por inalação, introduzida pelo francês Guy de Chauliac. Deste último destaca-se o seu interesse pelo tratamento das hérnias, o emprego da extensão ou de vendas endurecidas para o tratamento de fracturas. Nos finais da Idade Média já o mercúrio era também utilizado para o tratamento de algumas lesões. Vários foram os inventos e descobertas cirúrgicos levados a cabo pelos cirurgiões medievais, muitos dos quais, com o tempo foram atribuídos a personalidades posteriores.<sup>79</sup>

Henri de Mondeville, por exemplo, foi um progressista no âmbito da medicina medieval. Esforçou-se por elevar a cirurgia ao nível de importância da medicina, baseava os seus discursos na autoridade dos escritores da Antiguidade, mas acreditava que a medicina e a cirurgia se encontravam em constante avanço.<sup>80</sup>

O conhecimento de recolocar ossos fraturados ou deslocados, ligar membros, suturar ou sangrar fazia parte das características do cirurgião medieval e, inicialmente, encontrava-se separado da medicina e dos físicos medievais. Os cirurgiões eram detentores de técnicas e ferramentas<sup>81</sup> especializadas desde a Antiguidade, sendo, no entanto, uma ocupação manual, à parte do físico mas dependente deste, e com os seus manuscritos próprios, desenvolvidos maioritariamente a partir do século XI, tendo os livros árabes como maior fonte de informação, destacando-se os trabalhos de Rhazes, Albucasis, Ali Abbas e Avicena. O tratamento de feridas e úlceras através da aplicação de determinados unguentos, pós, emplastos ou substâncias corrosivas, bem como a identificação das características da ferida, diferenciando a coloração do seu pús, como branco ou fétido e infectado, indicativo de possível gangrena, faziam parte das competências do cirurgião. Várias eram as recomendações dadas por este para a recuperação do doente, incluindo cuidados relativos à dieta. Dentro das limitações dos seus conhecimento eram usadas esponjas embebidas em poções, na tentativa de aliviar a dor durante uma intervenção cirúrgica, que não seriam satisfatoriamente eficazes, já que nas imagens aparecem, muitas vezes, os doentes, restringidos com imobilizações.<sup>82</sup>

Apesar de muitos cirurgiões medievais serem letrados, como Guy de Chauliac ou Henri de Mondeville, muitos havia que aprendiam a arte com a prática e outros

<sup>79</sup> Vide James J. Walsh, *op. cit.*, pp. 32-46.

<sup>80</sup> Faith Wallis, *op. cit.*, p.220.

<sup>81</sup> Facas, navalhas, lancetas, ferros de cauterização, pinças, sondas, agulhas, cânulas e instrumentos de trepanação.

<sup>82</sup> Nanci G. Siraisi, *op. cit.*, pp.153-186.

empiristas que a praticavam, como os barbeiros, e se especializavam em determinadas práticas cirúrgicas, o que lhes trazia uma posição menos prestigiada e originava diferentes queixas pelos seus pares e uma rivalidade acentuada com os físicos. A separação entre a medicina e a cirurgia parece ter sido menos evidente em Itália e mais acentuada no Norte da Europa. Com o decorrer dos últimos séculos medievais os cirurgiões ganharam o seu lugar nas universidades, afastaram-se dos seus antepassados barbeiros e aproximaram-se da medicina. Sem dúvida, que o clima feudal e belicoso, em especial as Cruzadas, que caracteriza a sociedade medieval proporcionou uma rica forma de aprendizagem e aplicação de práticas cirúrgicas. Tal como o físico, o cirurgião tinha um lugar nos exércitos e nas casas nobres e reais e, para além dos saberes legados dos antigos, também a sua prática diária foi enriquecedora e estimulou o desenvolvimento da cirurgia, a nível de conhecimentos, técnicas e instrumentos que os especializaram em características únicas.<sup>83</sup> Algumas das doenças inicialmente tratadas como médicas foram abordadas de uma forma cirúrgica, pelos Árabes, como o caso das pedras nos rins e bexiga.<sup>84</sup>

### 3.9 - Magia, superstição e ciências de outrora

Já vimos que o físico medieval trabalhava baseado na ciência e se regia pelos ensinamentos antigos, Galeno em particular que condenava as práticas ligadas às curas religiosas. No entanto, a magia estava presente neste ambiente e as curas populares estavam impregnadas pela sua influência. Barbeiros, curandeiros, bruxas, feiticeiros eram personagens medievais a quem o povo recorria em horas de aflição. No campo da magia há que distinguir três áreas: a magia demoníaca, em que a ajuda é conseguida através da intervenção do diabo, de uma bruxaria ou malefício; a magia religiosa ligada a procedimentos religiosos e a magia natural que se prende com as forças ocultas dos elementos naturais, particularmente as astrológicas. Na medicina popular, os amuletos eram frequentes e a magia diabólica encontrava-se presente nos recursos de combate aos males sofridos. A medicina escolástica veio-se opor a esta medicina popular não se encontrando, contudo, isenta da influência da componente mágica que também herdava de outras culturas como a árabe, em particular no que

<sup>83</sup> Cf. Nanci G. Siraisi, *op. cit.*, pp.153-186.

<sup>84</sup> Cf. Faith Wallis, *op. cit.*, p. 306.

tocava aos amuletos. No entanto, na literatura médica esta componente de tratamentos mágicos prende-se com áreas específicas das doenças, como as doenças mentais, muito associadas a possessões demoníacas ou a origens divinas, ou em áreas de ginecologia.<sup>85</sup>

As superstições integravam o imaginário medieval e também nas curas elas estavam presentes. A magia e as suas possibilidades incutiam a sua influência nos tratamentos e era frequente associarem-se determinados males a causas mágicas, como o mau olhar. A crença de que a cor do produto utilizado deveria estar relacionada com o humor desequilibrado (vermelho para o sangue, por exemplo), o recurso a talismãs, a pedras de bezoar ou âmbar, o corno do mítico unicórnio, substituído pelo de animais de grande porte como o rinoceronte ou a unha da pata traseira de um alce, são exemplos das reminiscências mágicas nas curas medievais.<sup>86</sup>

O alquimista, no seu laboratório, tentava replicar os processos da natureza de uma forma controlada e a sua atração na área médica foi particularmente usada nas boticas, em compostos com substâncias minerais. As experiências eram usadas com vista ao progresso da medicina.<sup>87</sup>

Na hierarquia médica da sociedade medieval, o topo era ocupado pelos físicos, abaixo deles estavam os cirurgiões seguidos pelos barbeiros-cirurgiões, especialistas itinerantes como dentistas e oculistas, empiristas, parteiras, clérigos praticantes de caridade e, por fim, a família e os vizinhos. Todos eles poderiam administrar alguns tipos de medicamentos, alguns estavam aptos à realização de práticas cirúrgicas, mas apenas os físicos podiam diagnosticar a causa da doença e prescrever tratamentos.<sup>88</sup> Os médicos instruídos lutaram para que a prática médica fosse segura e efetiva, no entanto, contra eles tiveram um forte opositor, o corpo eclesiástico, com regras e leis seculares que garantiam que as ações médicas iam de encontro aos preceitos da Igreja.<sup>89</sup> Com o estatuto social médico em ascensão a Igreja sentiu necessidade de tomar uma posição em relação a uma profissão cada vez mais laicizada o que resultou

<sup>85</sup> Enrique Montero Cartelle, *op. cit.*, pp. 61-67.

<sup>86</sup> Etelvina Fernández González, *Magia y medicina en el mundo medieval a través de las imágenes*, 2000, [http://publica.webs.ull.es/upload/REV%20CEMYR/08-2000/03%20\(Etelvina%20Fernández%20González\).pdf](http://publica.webs.ull.es/upload/REV%20CEMYR/08-2000/03%20(Etelvina%20Fernández%20González).pdf), [consultado a 22 de Agosto de 2016], pp. 97-98.

<sup>87</sup> Faith Wallis, *op. cit.*, p. 317, 326.

<sup>88</sup> Vide Idem, *ibidem*, p.361.

<sup>89</sup> Vide Idem, *ibidem*, p.335.

na proibição, no II Concílio de Latrão, da prática médica pelo clero regular, sendo possível certas dispensas quando solicitadas.<sup>90</sup>

O físico, apesar do seu prestígio, não podia tomar o doente por garantido. O seu acompanhamento à cabeceira do doente era fundamental e a prática da uroscopia garantia-lhe a confiança por parte dos que o contratavam.<sup>91</sup> As prescrições médicas, baseadas nas obras da Antiguidade e do mundo islâmico não deixavam de ser adaptadas ao público que o físico atendia. Quando se tratava de doentes de estratos sociais inferiores, o físico tinha de adaptar as receitas para o recurso de ingredientes que o doente tivesse disponível no seu ambiente ou armazenadas por boticários acessíveis.<sup>92</sup>

### **3.10 - Notas sobre algumas figuras determinantes na história da medicina medieval**

**Ablucasis, Albucasis ou Al-Zahrawi (séculos X-XI)** – foi um físico, boticário e cirurgião e autor da primeira descrição de hemofilia e de uma posição (de Walcher) usada em obstetrícia. Foi autor de vários tratados, entre eles um compêndio que escreveu durante quarenta anos, composto por trinta livros, abordando princípios gerais da medicina, doenças, sintomas, tratamentos e farmacologia. O trigésimo dos seus livros, dedicado à cirurgia, continha ilustrações de instrumentos cirúrgicos e foi uma influência importante no Ocidente Europeu. Alguns destes livros foram traduzidos e difundidos separadamente.<sup>93</sup>

**Arnau de Vilanova (século XIII)** – estudou em 1260 em Montpellier e mudou-se de Valência para Barcelona como físico pessoal do rei e dos seus sucessores, em 1281. Para além de físico, desempenhou funções como conselheiro político e espiritual. Distinguiu-se como professor com muitos escritos médicos na Escola de Montpellier e prestou serviços aos Papas Bonifácio VIII, Bento XI e Clemente V. Escreveu muito

<sup>90</sup> Faith Wallis, *op. cit.*, p.363.

<sup>91</sup> Vide Idem, *ibidem*, p.393.

<sup>92</sup> Zohar Amar, Efraim Lev, *Practice versus Theory – Medieval Materia Medica according to the Cairo Genizah*, 2007, <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2518780/pdf>, [consultado a 22 de Agosto de 2016], p. 508.

<sup>93</sup> Cristina Álvarez Millán, “Al-Zahrawi”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 526-528.

sobre temas religiosos, imbuído pelo espírito da caridade cristã. Fez traduções do árabe para o latim, incluído *De viribus cordis* de Avicena e *De rigore* de Galeno. Da sua autoria, destacam-se *De intentione medicorum*, onde explora os limites entre o conhecimento médico e o filosófico, e o *Speculum medicine*. Os seus escritos refletem o desenvolvimento de uma nova corrente nas escolas médicas, com uma nova visão dos trabalhos de Galeno, o “novo Galeno”.<sup>94</sup> Esta corrente não se limitava a um incremento do número de obras de Galeno utilizadas em Montpellier, mas também implicava o seu estudo e comentários às mesmas.<sup>95</sup>

**Averróis ou Ibn Rushd (século XII)** – nasceu em Córdoba, onde estudou medicina, distinguiu-se também como filósofo, biólogo e astrónomo. Sob a influência do Aristotelismo, distinguiu-se nos comentários aos tratados de Galeno e Avicena. Foi autor de tratados relativos a diversos temas e de uma manual importante, *Kitabal-Kulliyatfilal-Tibb* ou em Latim, *Colliget (Livro das generalidades da medicina)*, que apresentava as bases teóricas da medicina que um físico devia saber. O seu tratado sobre anatomia foi inovador e muda o objecto de estudo para um ser passivo, separando pela primeira vez a anatomia da fisiologia.<sup>96</sup>

**Avicena ou Ibn Sina (séculos X-XI)** – foi o maior filósofo, cientista e autor médico da Idade Média. De origem Persa, interessado pela arte médica desde pequeno, tendo-se auto-instruído em variadas áreas e tendo trocado correspondência instrutiva com um grande académico, al-Biruni. Apenas com vinte anos já tinha adquirido uma grande reputação como físico. Foi-lhe atribuída a autoria de aproximadamente quatrocentos e cinquenta obras, quarenta das quais sobre medicina, sendo as mais conhecidas: *Kitab al-Shifa (O Livro da Cura)* e *al-Qanun fi'l-tibb (O Cânone da Medicina)*. O seu *Cânone* baseia-se nos trabalhos de Galeno, preservando a divisão de toda a matéria nos quatro elementos e nos quatro humores mas ultrapassa o existente até à data, ao incluir todo o conhecimento médico e farmacológico na “*Arte da Cura*”, lidando com os princípios gerais da medicina, drogas simples, doenças de partes específicas do corpo e medicamentos. Entre outras ideias, o *Cânone* reconhecia o

<sup>94</sup> Fernando Salmón, “Arnau de Vilanova”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 51, 52.

<sup>95</sup> Luis Garcia Ballester, *op. cit.*, p. 127.

<sup>96</sup> Miquel Forcada, “Ibn Rushd”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 253-256.

carácter contagioso da tuberculose, a importância da dieta, a influência do clima e do ambiente na saúde e os benefícios da anestesia na cirurgia. Aconselhava também os cirurgiões a tratarem o cancro na sua fase inicial, garantindo a remoção total de tecido doente e uma experimentação primária em animais. Os seus trabalhos chegaram ao Ocidente durante o século XII e rapidamente as suas ideias foram assimiladas pelo pensamento europeu e o *Cânone* continuou a influenciar a teoria e prática médicas até ao século XVII. Como autoridade médica, Avicena apenas pode ser igualado a Hipócrates e a Galeno.<sup>97</sup>

**Beda, o Venerável (séculos VII-VIII)** – escreveu sobre as curas e milagres de João de Beverley. Dedicou um capítulo de *Sobre a contagem do tempo* aos efeitos naturais dos ciclos lunares nos fluidos, desde as marés aos humores dos organismos vivos.<sup>98</sup>

**Constantino Africano (século XI)** – O primeiro dos grandes tradutores das obras médicas árabes para o latim, tendo passado por Salerno e pelo Monte Cassino, de origem africana, terá traduzido cerca de duas dezenas de textos. Foi fundamental na criação de uma nova terminologia médica e farmacêutica, introduzindo vários termos árabes no latim e muitos conceitos filosóficos e nosológicos como categorias formais de doenças. Os seus trabalhos tiveram uma maior influência durante o século XIII, começando a perder importância em meados deste, com o aparecimento do *Cânone* de Avicena.<sup>99</sup>

**Dioscórides (Século I)** – Foi um médico grego que trabalhou como botânico para os romanos, tendo viajado muito, o que lhe permitiu estudar variadas plantas e as suas propriedades, bem como muitos princípios químicos. Em *De Materia Medica* expôs estes estudos, tendo esta sido a obra farmacológica de referência até ao século XV.<sup>100</sup>

**Galeno (século II)** – Nascido em Pérgamo, onde iniciou os seus estudos de medicina, aos 17 anos, e tendo ido posteriormente para Alexandria terminá-los. A sua grande

<sup>97</sup> Jacob Primley, “Ibn Sina”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 256-259.

<sup>98</sup> Vide Faith Wallis, *op. cit.*, p. 60.

<sup>99</sup> Monica H. Green “Constantine the African”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp.145-147.

<sup>100</sup> Andrea A. Barquero, *Plantas Sanadoras: pasado, presente y futuro*, 2007, <http://www.quimicaviva.qb.fcen.uba.ar/v6n2/barquero.pdf>, [consultado a 22 de Agosto de 2016], p. 56.

obra abrange todos os tópicos médicos, da fisiologia e anatomia à ética e terminologia médicas. Concebia o corpo humano de acordo com o sistema hipocrático e baseado na sua teoria dos quatro humores, derivados dos quatro elementos e associados a quatro qualidades (quente e húmido, húmido e frio, frio e seco, seco e quente) e considerando o cérebro (sistema nervoso), o coração (sistema arterial) e o fígado (sistema venoso) como os órgãos principais. A sua experiência passou pela prática médica com gladiadores e pela disseção de muitos corpos. A sua influência estendeu-se do mundo islâmico ao Ocidente Medieval e os seus tratados foram estudados e traduzidos até ao século XVI.<sup>101</sup>

**Gerardo de Cremona (séculos XII-XIII)** – originário da cultura latina, é em Toledo que aprende o árabe e aí se dedica à tradução de diversas obras, não só de medicina como também de outras ciências, para o latim, destacando-se o *Almagesto* de Ptolomeu, *De caelo et mundo* de Aristóteles e o *Cânone* de Avicena. Considerado como o autor mais representativo da chamada escola de Toledo foi o primeiro tradutor de Avicena.<sup>102</sup>

**Gregório de Tours (século VI)** – descreveu a praga de Marselha. Hagiógrafo, escreveu “A vida e os milagres de São Martinho”. Neste tipo de literatura os físicos seculares eram imbuidos de poderes de santos.<sup>103</sup>

**Guy de Chauliac (séculos XIII-XIV)** – o mais famoso cirurgião medieval, nascido no sul de França e tendo estudado em Montpellier e Bolonha, foi físico de três papas, Clemente VI, Inocente VI e Urbano V, em Avignon, tendo distribuído o seu tempo entre esta cidade e Lyon. O seu trabalho mais conhecido foi *Inventarium sive collectorium in parte chirurgicali medicinae*, uma enciclopédia de conhecimento cirúrgico citando várias fontes de autores antigos e contemporâneos e que se tornou o cerne da cirurgia medieval e moderna.<sup>104</sup>

---

<sup>101</sup> Cf. Alain Touwaide, “Galen”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp.179-182.

<sup>102</sup> Enrique Montero Cartelle, *op. cit.*, pp. 58,59.

<sup>103</sup> Vide Faith Wallis, *op. cit.*, p. 55.

<sup>104</sup> Geneviève Dumas, “Guy de Chauliac”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 213, 214.

**Henri de Mondeville (séculos XIII-XIV)** – Estudou medicina e cirurgia em Paris e Montpellier, foi cirurgião, professor e autor, tendo sido físico régio e cirurgião do exército na corte de Filipe o Belo e dos seus sucessores. Ensinou medicina e cirurgia em Montpellier, tendo usado um guia ilustrado, composto por catorze ilustrações (*Anathomia*) para ajudar os alunos a compreender o interior do corpo humano nas aulas de anatomia, e, mais tarde, em Paris com o mesmo método mas com imagens em tamanho real. Foi ainda autor de um manual inacabado, de prática e arte de cirurgia, *Chirurgia*, em latim e francês. Apesar de ter utilizado os trabalhos da Antiguidade, Mondeville preocupou-se mais com a prática e com a capacidade de evoluir e criar as suas próprias ideias através dela. Defendeu a cirurgia como uma arte manual mas elevada a um nível científico e com lugar no ensino universitário.<sup>105</sup>

**Hipócrates (séculos V-IV a.C.)** – Nascido em Cós, numa família de asclepiades, praticou medicina de uma forma pragmática, tendo uma atenção especial nas condições de vida dos seus doentes, nos processos fisiológicos e patológicos incluindo os diagnósticos e os prognósticos, na dieta, na terapia farmacológica e na relação entre doentes e físicos. É considerado o pai da medicina científica e o precursor da medicina laicizada ao invés de hereditária. O seu juramento estabelecia as condições da relação de aprendizagem entre aprendiz e mentor. Os tratados com o seu nome não deverão ter sido escritos por ele mas, baseados na sua filosofia e na sua escola, pelos seus seguidores. A medicina hipocrática foi libertada dos seus componentes pagãos e foi absorvida pela fé cristã. Os seus escritos foram traduzidos para o árabe e, posteriormente, para o latim, conquistando o seu lugar no mundo da medicina medieval.<sup>106</sup>

**Joanício ou Hunayn Ibn Ishaq (século IX)** - nascido em Hira, ficou conhecido como um grande tradutor dos tratados médicos gregos, principalmente de Galeno, para o siríaco e árabe. Escreveu ainda sete tratados médicos da sua autoria, os mais conhecidos são *al-Masa'il fi'l-Tibb*, conhecido no mundo latino como *Isagoge*

<sup>105</sup> Brenda Gardenour, “Henri de Mondeville”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp.217, 218.

<sup>106</sup> Alain Touwaide, “Hippocrates”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 224-226.

*Iohanitii ad Tegni Galeni*, um sumário das ideias-chaves de Galeno sob forma de perguntas e respostas e *al-‘Ashar Maqalat fi’l-‘Ayn (Dez questões sobre o olho)*.<sup>107</sup>

**Maimónides (séculos XII-XIII)**- autor judaico-arábico nascido em Córdoba, distinguiu-se em várias áreas, entre elas a medicina. São-lhe associados pelo menos dez tratados em árabe, uns sobre doenças específicas como a asma ou as hemorroidas, outros considerando a dieta, a higiene e a farmacologia. Das suas preocupações destacam-se a indicação para o recurso a medidas preventivas, de forma a preservar a saúde, escritas no seu *Regimen sanitatis*. Os seus maiores trabalhos remontaram aos comentários sobre as grandes obras da Antiguidade, em específico de Galeno e Hipócrates.<sup>108</sup>

**Rhazes ou Al-Razi (séculos IX-X)**- nascido na Pérsia, em Rayy, terá dado os primeiros passos na alquimia, tendo-se voltado, mais tarde, para a medicina. Caracterizado por um pensamento livre, o seu modelo foi Galeno com quem partilhava a visão de ser um físico do corpo através da medicina e um físico da alma através da filosofia. De entre os seus vários escritos podem destacar-se o *Tratado sobre Varíola e Sarampo*, uma autobiografia intitulada de *O livro da vida filosófica* ou uma vasta enciclopédia, *al-Jami’ al-Kabir*, à qual se dedicou durante quinze anos.<sup>109</sup>

**S. Isidoro de Sevilha (séculos VI-VII)** - O seu trabalho mais conhecido foram as *Etimologias*, onde contém uma seção dedicada à medicina e baseada nos aforismos hipocráticos e galénicos. Foi responsável pela transmissão de um considerável conhecimento secular de uma forma ajustada aos leitores cristãos.<sup>110</sup>

<sup>107</sup> Gregg De Young, “Hunayn Ibn Ishaq”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 232 -234.

<sup>108</sup> Vide Mauro Zonta, “Maimonides”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 322-325.

<sup>109</sup> Thérèse-Anne Druart, “Al-Razi”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 434-436.

<sup>110</sup> Vide Faith Wallis, *op. cit.*, p. 5.

#### 4 - Medicina Medieval em Portugal

A Idade Média e a sua medicina são indissociáveis do Cristianismo que, nos seus primórdios, ao mesmo tempo que se instalava e propagava pela Europa medieval, imbuía a sociedade de uma moral mais propícia ao desenvolvimento da medicina por um foco menos terreno e, assim, a moral médica foi aperfeiçoada pela base da moral cristã. Esta ciência começou por ser concebida pelo empirismo, uma medicina demoníaca e supersticiosa, onde o homem primitivo buscava já a resposta às doenças e epidemias deparando-se apenas com o mistério.<sup>111</sup> “O Pavor criou a medicina primitiva, e a ignorância dos factos positivos originou a mais simples terapêutica.”<sup>112</sup> Os cultos surgem da necessidade e da procura por respostas e quando surge a ideia de Alma, surge com ela, a medicina animista, confluindo para o aparecimento da medicina mágica e sacerdotal com base na observação da natureza e do organismo.<sup>113</sup> A medicina é um fruto da sua época e, por isso mesmo, a doença como castigo divino, independentemente da religião que a enquadra, dá lugar a uma medicina teúrgica. Passa por ser considerada como um área da Filosofia com Hipócrates, a uma parte da Física, originando os físicos medievais.<sup>114</sup>

Galeno via o organismo como uma obra divina, com a alma a torná-lo vivo. O Cristianismo transformou a humanidade social, moral e cientificamente. Com ele nasce a medicina monástica. Foram os monges quem se dedicou a conservar a tradição, os conhecimentos dos manuscritos greco-latinos. Foi também às religiões proibitivas da dissecação de cadáveres, Cristã e Islâmica, que se deveu um atraso na anatomia, embora esta não fosse totalmente inexistente.<sup>115</sup> A assistência hospitalar nasce ligada aos mosteiros e ao ideal religioso da caridade cristã. A idade média foi tudo menos desprovida de trabalhos e avanços (por mais limitados que possam parecer aos olhos da atualidade ou dos historiadores de medicina dos séculos XIX e XX) na área médica.

Os cultos de médicos santificados, como S. Cosme e S. Damião, patronos da Medicina, são indicativos da ligação desta ciência à Igreja e da indissociabilidade das

---

<sup>111</sup> Luís de Pina, *A igreja na História da Medicina Portuguesa*, sep. do *Arquivo Histórico de Portugal*, II Volume, Lisboa, [s.n.], 1936, pp. 7-9.

<sup>112</sup> Vide Idem, *ibidem*, p. 9.

<sup>113</sup> Vide Idem, *ibidem*, p.9.

<sup>114</sup> Vide Idem, *ibidem*, pp.10-11.

<sup>115</sup> Vide Idem, *ibidem*, pp. 14-15.

duas. À medicina monástica segue-se a escolástica. A medicina medieval permaneceu ligada à filosofia e aos problemas explicativos da vida e da alma.<sup>116</sup>

A influência de Santo Agostinho, que considera Deus como ser perfeito e absoluto e da moral daí resultante, a caridade, e o amor a Deus e ao próximo, vai ser a doutrina condutora de toda a moral social medieval. Das correntes filosóficas cristãs e gregas vai beber a teoria da medicina medieval. Por fim, a junção das ordens mendicantes à prática da medicina escolástica constitui outro dos marcos da Igreja na medicina do mundo medievo.<sup>117</sup>

A fundação das Universidades, com um pendor eclesiástico, demonstra outra da importância da Igreja no progresso da medicina medieval. Em Portugal, vários foram os esforços feitos pelos eclesiásticos que impulsionaram o desenvolvimento da Medicina como ciência.

A medicina monástica, cujo ensino era praticado no interior dos mosteiros, por monges médicos, era uma medicina não devidamente regulamentada, praticada sob o ideal caridoso da religião, em instituições de caridade ou no domicílio, com o auxílio de familiares e vizinhos. A doença representava o castigo divino pelos pecados cometidos, individualmente ou em comunidade, como no caso das epidemias, e a prática de cuidar dos aflitos abarcava orações, exorcismos, peregrinações, bem como outras práticas religiosas. A cientificidade médica estava longe do seu desenvolvimento e as *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha, escritas na Espanha Visigótica do século VII d.C. e onde as doenças são identificadas por nome com uma etimologia algo fantástica, tinham uma grande influência no conhecimento da época. Com o surgir das novas cidades, das decadentes *urbes* antigas, surge um novo impulso económico e, com o desenvolvimento de trocas comerciais, as cidades da Idade Média são um progresso que se vai repercutir no desenvolvimento científico.<sup>118</sup> Anteriormente, os mosteiros eram grandes favorecedores dos estudos de graus superiores quer pela variedade de saberes cultivada pelos eclesiásticos, quer pelas grandes bibliotecas que possuíam.<sup>119</sup>

A medicina medieval pode ser distinguida em duas fases, a primeira correspondente à Alta Idade Média, a da medicina monástica, praticada até ao século

<sup>116</sup> Cf. Idem *ibidem* pp. 18-19.

<sup>117</sup> Vide Idem, *ibidem*, pp. 20-21.

<sup>118</sup> Manuel Valente Alves, *História da Medicina em Portugal – Origens, ligações e contextos*, Porto, Porto Editora, 2014, pp. 42-43.

<sup>119</sup> Manuel Valente Alves, *op. cit.*, p.56.

XII, e a segunda fase, integrada na Baixa Idade Média, a da medicina escolástica, do século XII ao século XV.<sup>120</sup>

Foi na Idade Média que se deu o desenvolvimento do ensino, com o alvor das Universidades, e da Assistência. Legados destes tempos que permanecem até aos nossos dias e que são fundamentais na História da Medicina Portuguesa. A sociedade medieval encontrava uma importante influência nas normas e princípios religiosos, estando os homens mais virados para a alma, para Deus, do que para as coisas da natureza. Esta perspectiva do homem, tê-lo-á limitado no interesse pelo desenvolvimento científico, condicionando as suas atitudes numa base de aceitação da autoridade dos textos antigos.<sup>121</sup> Deus castigava o homem pelos seus pecados e a doença era vista como um castigo divino, não sendo este facto impeditivo da procura pela cura. O Homem tende a procurar o seu bem estar e a lutar pela sua sobrevivência.

Os médicos medievais guiavam-se pelo conceito aristotélico de causa final, não necessitando de procurar as circunstâncias causadoras dos fenómenos. Ao invés de experimentadores, eram pensadores. Apoiavam-se nas teorias dos humores e dos temperamentos, nas descrições pouco minuciosas das enfermidades, não procurando uma causa material ou uma forma de diagnóstico positiva. Para além das influências da Antiguidade, a componente mágico-religiosa foi fundamental no mundo da medicina medieval.<sup>122</sup>

No rol de doenças e afeições do homem medieval torna-se difícil, nos dias de hoje, listá-las de forma segura, destacando-se, no entanto, problemas de origem traumática e doenças infecto-contagiosas. As epidemias frequentes deste período distavam dos conhecimentos da Antiguidade e traziam novas dúvidas cujas respostas não se encontrava no passado. As doenças eram normalmente descritas pelos principais sintomas que as caracterizavam, muitas vezes comuns a diferentes patologias e era no tratamento que se centrava a descrição médica e não no estudo da sua possível origem. Esta atitude dificulta a atual tentativa de diagnóstico, dada a escassez de elementos na história da doença.<sup>123</sup>

No mundo da medicina medieval, vários eram os atores. O barbeiro foi uma figura fulcral, que vendia unguentos, arrancava dentes, aplicava ventosas e clisteres,

<sup>120</sup>Manuel Valente Alves, *op. cit.*, p.42.

<sup>121</sup>Miller Guerra, *A Medicina em Portugal na Idade Média*, sep. da *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*, I Volume, Lisboa, Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1996, p. 620.

<sup>122</sup>Vide Idem, *ibidem*, pp. 620-623.

<sup>123</sup>Vide Idem, *ibidem*, p. 624.

fazia sangrias e pequenas cirurgias, mantendo a sua posição até finais do século XVIII. Era o médico que prescrevia a sangria, após escolher a hora, o dia e a veia a utilizar. As veias variavam de acordo com a doença, sendo que as mais usadas eram as do sangradouro (mediana basílica ou mediana cefálica no braço), tornozelo ou pé.<sup>124</sup>

Nos finais da Idade Média o médico licenciado subira bastante na posição social, enquanto que a dos barbeiros e cirurgiões era muito baixa.<sup>125</sup>

#### 4.1 - Assistência

Num trabalho sobre medicina medieval não poderíamos deixar de referir a relação próxima existente entre pobreza e doença e entre as mesmas com a Assistência, um ato de piedade, uma forma de vida característica do homem medieval. É complexa a relatividade inerente aos estados de pobreza e de doença. A sua intensidade varia consoante a origem do mal, a qualidade e condição da pessoa. Socialmente a intensidade do mal é variante de acordo com a forma accidental ou generalizada da miséria ou da doença, o nome dos que são afectados, o nível económico do ambiente e a importância da ação de caridade. A caridade, a assistência ao pobre ou ao doente vai refletir-se numa rede de relações socioeconómicas com uma base religiosa e moral de acordo com os ideias morais, filosóficos e religiosos aceites pela sociedade medieval.<sup>126</sup>

É nos começos do Cristianismo que a história da Assistência Cristã se liga à história das Obras de Misericórdia, sendo a prática da caridade já anterior a Cristo, mas exaltada, por este, como um ideal a seguir.<sup>127</sup> Mas afinal, quem eram os assistidos pelas instituições de assistência medieval? Crianças enjeitadas, pobres, pobres envergonhados, muitas vezes idosos tornados merceeiras/merceeiros por um patrono que lhes garantia subsistência, em troca de missas e orações a favor da sua alma,

<sup>124</sup> Miller Guerra, *op. cit.*, p. 633.

<sup>125</sup> Vide Idem, *ibidem*, p. 635.

<sup>126</sup> Michel Mollat, *Pauvres et Assistés au Moyen Age* (pp. 12-30), Sep. de *A pobreza e a Assistência aos pobres na Península Ibérica durante a Idade Média, Actas das 1.ª Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, Lisboa 25-30 de Setembro de 1972*, Lisboa, [s.n.], 1973, p. 13.

<sup>127</sup> Fernando da Silva Correia, *Origem e Formação da Misericórdias Portuguesas*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999, p. 142.

donzelas pobres, doentes, peregrinos e mendigos, cativos e os gafos que tendem a desaparecer com o desaparecimento da doença, nos começos da modernidade.<sup>128</sup>

A Europa medieval viveu séculos de devastação, de guerras entre povos, de calamidades como a lepra, as pestes, a fome generalizada e impulsionadora de crimes atrozes, de medos e credices que levaram ao assassinio de leprosos, judeus e muçulmanos, tidos como causadores de desgraças.<sup>129</sup> Anos negros e difíceis para uma população que lutava pela sobrevivência, numa sociedade desigual, sem capacidade de resposta às doenças, que eram vistas como castigo divino. É neste ambiente que surge a necessidade de uma resposta, inicialmente por parte da Igreja, para ajudar os pobres e necessitados. A caridade cristã desenvolve-se no seio de uma sociedade profundamente religiosa e regida pelos ideais do cristianismo.

O facto de, nesta época, os nomes hospício, hospital, albergue, albergaria e asilo, consistirem em sinónimos de casas de assistência a pobres e peregrinos, leva à difícil distinção entre hospitais e albergarias. Se alguns não recebiam doentes, outros teriam indicação para o fazer e, certamente, todos só deveriam receber pobres miseráveis a quem a sorte ditava a necessidade de ajuda pelos mais poderosos. Tudo dependeria das condições impostas pelo fundador piedoso.<sup>130</sup> Os reis e senhores medievais foram os fundadores de muitas das instituições de assistência, não só em Portugal mas por toda a Europa. As suas relações familiares, por todo o continente Europeu, poderiam contribuir para a sugestão dessas construções. Reis e rainhas superintendiam algumas das instituições, outras eram deixadas a cargo dos magistrados municipais, ou em pessoas de confiança.<sup>131</sup> Ora, os hospitais medievais refletiam este ideal caritativo e respeito pelas duas vertentes do Homem, o corpo e a alma. As infra estruturas e matérias como a casa, a roupa, e consumíveis prendiam-se com o corpo dos assistidos, enquanto as missas e os sacramentos prestados pelo clero se prendiam com o cuidado da alma e com a esfera da Igreja, havendo uma capela, por norma, associada ao hospital.<sup>132</sup>

O impacto das Cruzadas em território nacional não se repercutiu significativamente na medicina. Não foram muitos os portugueses que se ausentaram

<sup>128</sup> Isabel dos Guimarães Sá, *Igreja e Assistência em Portugal no século XV, 1995*, <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3380/1/igreja.pdf>, [consultado a 7 de Abril de 2014], pp. 202-221.

<sup>129</sup> Vide Fernando da Silva Correia, *op. cit.*, pp. 168, 169.

<sup>130</sup> Vide Idem, *ibidem*, pp. 182, 183.

<sup>131</sup> Vide Idem, *ibidem*, pp. 298-299.

<sup>132</sup> Isabel dos Guimarães Sá, *op. cit.*, pp. 227.

para o Oriente na luta contra os Sarracenos, antes conduziram a sua luta pela fé no espaço peninsular, com a ajuda de muitos dos europeus que rumavam à Terra Santa. Ainda assim, este importante episódio da História da Idade Média teve repercussões na medicina medieval europeia, na medida em que as alterações causadas na sociedade feudal, através da concessão de inúmeras imunidades, contribuiu para um aumento de homens livres, com acesso aos estudos médicos; verificou-se um franco aumento das crenças supersticiosas bem como um crescimento do número de hospitais, advindo de uma tentativa de imitação do mundo oriental e de um incremento de casos de lepra, que se generalizou ao Ocidente; as Cruzadas causaram a manifestação de muitas doenças, ao mesmo tempo que desenvolveram o comércio e permitiram a chegada de novas mercadorias e medicamentos vindos do Oriente. Em Portugal, as manifestações terão sido mais leves, na medida em que a medicina se manteve confinada aos mosteiros, até ao alvor das Universidades. A lepra foi sem dúvida um flagelo que afectou o nosso país e as peregrinações religiosas, com Santiago de Compostela tão perto deste reino, instigaram a criação de estabelecimentos de assistência a pobres e peregrinos.<sup>133</sup>

#### 4.2 - Medicina monástica

Não se pode falar de Idade Média sem falar de religião, mais propriamente de Cristianismo e, com ele, surgem as regras monásticas e os primeiros mosteiros. Coube aos monges, nos seus *scriptoria*, copiar os conhecimentos herdados da Antiguidade. Não surpreende, portanto, que as suas bibliotecas possuíssem livros de Medicina no seu acervo. Dada a sua instrução e organização interna, bem como a disciplina a que estavam sujeitos, procuravam-se os religiosos mais hábeis em medicina, nos conventos.

A concepção de Cristo como o médico supremo, lega aos seus representantes a continuidade do seu trabalho também nesta área. A assistência aos fracos e aos enfermos como serviço prestado ao próprio Cristo encontra-se na Regra de S. Bento: “*Antes de tudo e acima de tudo deve tratar-se dos enfermos de modo que se lhes sirva*

---

<sup>133</sup> Maximiano Lemos, *História da Medicina em Portugal – Doutrinas e Instituições*, Volume I, Lisboa, Publicações Dom Quixote / Ordem dos Médicos, 1991, pp.41-46.

*como verdadeiramente ao Cristo*” RB, cap. XXXVI, 1<sup>134</sup>. As regras e os capítulos continham indicações específicas para o cuidado aos enfermos. A *domus infirmorum* era o espaço reservado para os afectados pela doença e monges (enfermeiro, despenseiro) com o dever de assistir os monges doentes, muitas vezes, como no caso dos crúzios coimbrões, estes monges eram assistidos por conversos. O horto ou jardim é mais um dos espaços presentes na arquitetura monacal, onde não só alimentos como também ervas medicinais eram cultivadas e usadas. Os beneditinos distinguiram-se precocemente nesta área. A botânica e as ervas medicinais cultivadas nos espaços monásticos encontram, nos dias de hoje, estudos científicos no âmbito da Farmacologia e da Medicina contemporâneas. Os hábitos de higiene com abluções frequentes, a alimentação, apesar de frugal, e com jejuns constantes presentes na Regra, denotam a preocupação com a saúde espiritual e física dos monges. Há referências a dietas especiais para os monges doentes, com a permissão de ingestão de carne e a abstenção ao jejum dos monges cuja saúde se encontrava tão fraca que não o podiam suportar. O estado de doença (confinado à cama) dispensava os monges do cumprimento da regra, segundo o *Costumeiro do Pombeiro*. É referida a frequência de sangrias periódicas quer por motivos médicos, quer para diminuição do desejo sexual ou profilacticamente para manutenção de saúde, sendo por vezes utilizado como escape da dureza diária da regra do quotidiano. Dentro das práticas médicas levadas a cabo pelos monges na enfermaria encontram-se também práticas curativas mágico-religiosas como orações, bênçãos e o recurso a relíquias com fins curativos. Os monges médicos ou enfermeiros mediavam as suas ações entre o plano da medicina corporal e o da espiritual, ou salvação da alma.<sup>135</sup>

### 4.3 - Evolução dos estudos médicos

Desde os primórdios do reino de Portugal que os monarcas se preocupam com a saúde e com os prestadores de cuidados dentro da área. D. Sancho I envia clérigos a Paris que, posteriormente, leccionaram em Santa Cruz de Coimbra. D. Dinis funda a primeira Universidade, em solo nacional, abrindo as portas à escolástica e à

<sup>134</sup> Joana Lencart, *O Costumeiro de Pombeiro – Uma comunidade Beneditina no século XIII*, Lisboa, Editorial Estampa, 1997, p.124.

<sup>135</sup> Dulce Amarante dos Santos, *Aproximações à medicina monástica em Portugal na Idade Média*, 2012, <http://www.scielo.br/pdf/his/v31n1/a04v31n1.pdf>, [consultado a 21 de Outubro de 2013], p.47-64.

diferenciação da Medicina para fora dos mosteiros. Sob proteção régia, é ao Infante D. Henrique que se deve a instalação de uma sala própria, nas Escolas Gerais, destinada à Medicina. Na regência de D. Duarte verificou-se a pretensão da criação de uma nova Universidade, em Coimbra, que não se concluiu. D. Manuel confere, nos seus estatutos, dias de cátedras à Medicina, sendo esta ensinada de acordo com os métodos de ensino teórico, baseado nos livros antigos, característico da Idade Média. A Dinastia de Avis traz consigo o alvor dos hospitais modernos quando cria o Hospital Real de Todos os Santos. As Misericórdias nascidas, na mesma altura, marcam um ponto de viragem na Assistência e na História da Medicina, quer em Portugal, quer no Mundo.<sup>136</sup>

D. João III decidiu transladar a Universidade, mais uma vez, de Lisboa para Coimbra, decisão que muito descontentamento gerou nos doutores de Medicina. O monarca reuniu um conjunto de professores estrangeiros cujo trabalho sucumbiu às dificuldades político-sociais da época, não sem deixar um contributo para a futura Restauração. Na Medicina, a criação da cadeira de Anatomia, em Coimbra, em 1556, para o espanhol Afonso Rodrigues de Guevara foi uma novidade importante, sendo também criada uma cadeira, da mesma temática, no Hospital Real de Todos os Santos e que ditou o interregno daquela cadeira, durante seis séculos, na Universidade de Coimbra. No entanto, foi lá fora, no Além Mar, que se deu a grande participação dos portugueses na revolução do renascimento, na evolução da ciência.<sup>137</sup>

Desde 1082, sob o bispado de D. Paterno, que, em Coimbra se investiu na criação de um espaço com vista à instrução dos moços de bons costumes, nas letras sagradas, regidos pela Regra de Santo Agostinho. Foram ministrados saberes na área das artes e ciências e muitos dos cónegos acabaram por ir procurar, no estrangeiro, maiores conhecimentos, com o apoio de D. Sancho I.<sup>138</sup> Já anteriormente, havia eclesiásticos que combinavam os conhecimentos médicos com os religiosos, tal como D. Pedro Amarello, médico do Conde D. Henrique e de D. Afonso Henriques.<sup>139</sup> Foi no reinado de D. Sancho I que a primeira aula pública de medicina foi dada, após instrução do Prior do Mosteiro, valido do rei, D. Gonçalo Dias, de que um deste

<sup>136</sup> A. Celestino da Costa, *O ensino da medicina atravez os oito séculos da história portuguesa*, sep. da *Imprensa Médica*, Ano VI. N.º 11, [s.l., s.n.], 1940, pp.1-5.

<sup>137</sup> Vide Idem, *ibidem*, pp. 5-8.

<sup>138</sup> Maximiano Lemos, *op. cit.*, p. 18.

<sup>139</sup> Maximiano Lemos Júnior, *A Medicina em Portugal até aos fins do século XVIII (Tentativa Histórica) – Dissertação Inaugural apresentada e defendida perante a Escola Médico-Cirúrgica do Porto*, Porto, Imprensa Comercial, 1881. Exemplar microfilmado, p.6.

cónegos estudantes em Paris, D. Mendo Dias, cursasse medicina para a ler no Mosteiro de Santa Cruz, dando início à primeira aula de medicina no país. Criou-se, ao mesmo tempo, um hospital para o seu estudo prático, junto ao Mosteiro.<sup>140</sup> Era nos mosteiros que a medicina, a par das outras ciências, era estudada.

Os passos crescentes da Medicina no Ocidente Europeu foram mais rápidos. Já em começos do século XII, sob a influência de Árabes e Judeus, se organizava a Escola de Medicina de Montpellier. Seguiram-se-lhe Paris e Salamanca, mais tardiamente, mas com uma grande importância na área cursada. Muitas eram as dificuldades causadas pelas viagens, bem como a vontade crescente de aprender, e contribuíram para que os eclesiásticos pedissem ao papa a criação de um Estudo Geral em Lisboa, que veio a ser promovido por D. Dinis. Esta decisão do monarca foi de encontro aos desejos dos prelados, abades e reitores e as despesas ficaram a cargo das rendas dos mosteiros e igrejas.<sup>141</sup>

#### 4.4 - Medicina escolástica

Na Idade Média o exercício de estudos implicava maioritariamente a necessidade de viagens e o latim era rei no mundo da erudição. As obras da Antiguidade eram estudadas num ensino comum por todo o Ocidente, onde os principais saberes eram a Teologia, o Direito Civil, o Direito Canónico, a Medicina e as Artes. O estudante medieval rumava em busca do melhor ensino e dos melhores mestres e, era frequente para os séculos XII-XIII que o seu ensino passasse por escolas como Reims, Salerno, Chartres, Laon, Paris ou Toledo, dependendo das especificidades pretendidas.<sup>142</sup> O desenvolvimento das Universidades nos séculos seguintes, permitiu um maior acesso aos estudos, sem necessidade de tantas viagens, apesar de não conseguir garantir um ensino tão prestigiado, pois umas tornaram-se detentoras de maior fama. Também os estudantes portugueses<sup>143</sup> sentiram a necessidade de frequentar as ofertas estrangeiras, oportunidade só ao alcance dos mais

<sup>140</sup> Maximiano Lemos Júnior, *op. cit.*, p.7.

<sup>141</sup> Maximiano Lemos, *op. cit.*, p. 20-24.

<sup>142</sup> Mário Sérgio Farelo, *Os Estudante e Mestres Portugueses nas Escolas de Paris durante o período medievo (sécs. XII-XIV): Elementos de História Cultural, Eclesiástica e económica para o seu estudo*, 2002, [http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4424/3/LS\\_S2\\_13-14\\_MarioSFarelo.pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4424/3/LS_S2_13-14_MarioSFarelo.pdf), [consultado a 25 de Outubro de 2014], pp. 161-163.

<sup>143</sup> Influenciados desde cedo por Cluny ou por Thomas Becket.

ricos e nobres de entre eles, já que o ensino português não adquirira o estatuto do espanhol, francês ou italiano.<sup>144</sup>

As primeiras escolas em território nacional foram integradas em mosteiros, cujos ensinamentos, mais direcionados para a oração, com base na regra beneditina, se foram desenvolvendo ao ponto de sentirem a influência das escolas estrangeiras. Os estudos gerais portugueses ficavam muito aquém dos ministrados pela Europa e os monges sentiam a necessidade de aumentar conhecimentos que posteriormente traziam para o seu país. As escolas francesas, muito evoluídas, atraíam os nossos estudantes medievais, descontentes com a pouca oferta nacional e, em Paris, encontravam o acervo que procuravam. Nesta universidade, protetora da ortodoxia cristã, convergiam as diversas doutrinas, políticas e sociais da época, sendo fonte enriquecedora dos mais diversos estudos.<sup>145</sup> No século XIII, Pedro Hispano e Frei Gil de Santarém ilustram a importância de clérigos seculares e regulares portugueses, em frequência na universidade de Paris, ao mesmo tempo que os franciscanos e dominicanos eram obrigados a enviar estudantes para o *Studium* que as suas ordens tinham em Paris. De notar, os benefícios dados a estes viandantes estudantis que gozavam de determinadas isenções fiscais e privilégios.<sup>146</sup>

O final das Cruzadas trouxe uma alteração social resultante do aumento do número de homens livres (independentemente da sua condição social, o cruzado deixava de estar sob a jurisdição do seu senhor, passando a responder à Igreja) e do desenvolvimento do gosto pelas artes e de um progresso direto das ciências, crescendo o número de médicos não pertencentes a ordens monásticas. As escolas foram, assim, aparecendo de uma forma espontânea<sup>147</sup>. Já vimos, em capítulo anterior, a importância da fundação das escolas Italianas, em Salerno e no Monte Cassino prosseguidas pela fundação das universidades por toda a Europa. Universidades havia cuja formação e jurisdição se devia a príncipes, outras eram comunais, outras, como Bolonha, democráticas e ainda as eclesiásticas. Na Península Ibérica a primeira a ser fundada foi a de Palência, por Afonso VIII de Leão, sendo seguida pela de Salamanca, às ordens de Afonso X, o Sábio. Em Portugal, uma carta de 1288 surge como o primeiro documento referente à fundação desta instituição, sendo que a Bula

<sup>144</sup> Cf. Mário Sérgio Farelo, *op. cit.*, p. 163.

<sup>145</sup> Idem, *ibidem*, pp.164-166.

<sup>146</sup> Vide Idem, *ibidem*, pp.173-174.

<sup>147</sup> M. Ferreira de Mira, *op. cit.*, pp.35-36.

pontifícia de 1290 traz a confirmação da sua existência após a criação de um acordo entre os prelados e o rei.<sup>148</sup>

Até 1493 a Universidade facultava apenas uma cadeira de medicina. Inicialmente, o estudante que pretendesse licenciar-se, teria de frequentar a aula de medicina por tempo indeterminado, de acordo com a decisão dos lentes e estaria habilitado a exercer funções assim que terminasse os estudos. Após D. João I passou a ser definido um tempo de quatro anos de frequência das aulas, em que cada aula durava oito meses. Após o reinado de D. Fernando as universidades facultavam graus de bacharel, após três anos de frequência de aulas, e de doutor. A reforma manuelina implicou o aumento de cinco anos de estudos de Medicina, após ter o grau de bacharel em Artes, para se obter o bacharelato de Medicina. Para a Licenciatura, D. Manuel ditava a necessidade de teses e argumentos, em pontos retirados de Galeno e Avicena, e uma lição breve e um rápido argumento para garantir a graduação como doutor.<sup>149</sup> Maximiano Lemos realça o carácter redutor de uma única cadeira para a formação dos médicos medievais, bem como um ambiente de fraca cultura e pouca preparação dos alunos. Parece-nos que, apesar de compreendermos a sua visão, os primórdios das faculdades de Medicina seriam suficientes para os conhecimentos e objectivos da época. Sem dúvida que os monges trariam consigo uma formação e uma cultura adicional e o conhecimento de muitas das obras da Antiguidade. cremos que, tal como hoje, uma grande parte da aprendizagem se fazia com a prática, ainda que não de uma forma curricular mas, acima de tudo, queremos relembrar que mesmo com a laicização dos estudos e, por conseguinte, da Medicina, seriam os filhos de pessoas com posses aqueles que cursavam nas universidades. Homens que apesar de criados em ambientes de guerra e armas, teriam acesso a algum nível cultural, ao contrário de uma maioria populacional totalmente desprovida de cultura alheia aos sermões e credos religiosos. Não nos parece que seja adequado um julgamento sobre a eficácia da preparação médica medieval, aos olhos da medicina do século XIX.

Não há a separação exata entre a Universidade e a Igreja, na medida em que a primeira foi autorizada pelo papa. Também aqui se tem de enquadrar o crescimento do mundo universitário à luz da importância da Igreja no mundo medieval. Era o bispo de Lisboa quem conferia o grau de licenciado e o aluguer das residências de

---

<sup>148</sup> M. Ferreira de Mira, *op. cit.*, pp.36-40.

<sup>149</sup> Maximiano Lemos, *op. cit.*, p.69-71.

estudantes, bem como as imunidades conferidas a pessoas e bens relacionados com os estudantes teriam uma relação à Igreja.<sup>150</sup>

#### 4.5 - Epidemias e banhos na história da medicina portuguesa

O mundo medieval foi constantemente assolado por epidemias que, dada a incapacidade de diferenciação, eram todas designadas como Pestes. Em comum teriam a característica de doença infecto-contagiosa e uma elevada taxa de mortalidade. A Peste terá dado ao mundo medieval uma nova forma de morte, brutal e súbita, a impotência perante esta fazia com que a doença fosse sinónimo de morte. A Peste negra vem realçar a impotência da medicina, incapaz de reprimir o flagelo que vitimou cerca de um terço da população europeia e introduzir a população médica numa crise profunda e de concorrência com as profissões de barbeiro e de cirurgião.<sup>151</sup>

Por S. Miguel de Setembro<sup>152</sup> de 1348 relata-se a entrada da Peste,<sup>153</sup> em Portugal. Rapidamente se espalhou pelo reino e os seus principais sintomas incluíam tumores (bubões) nas axilas e virilhas, algias intensas, febres, delírio (resultante da febre), hemorragias e manchas negras na pele e mucosas.<sup>154</sup> Vários foram os surtos de epidemias descritos como Peste, no decurso da época medieval portuguesa, um dos quais foi relatado cerca de 1415 e terá vitimado a Rainha D. Filipa de Lencastre e outro, cerca de 1438, colhendo a vida a D. Duarte.<sup>155</sup> Discutíveis são os sintomas e etiologia das doenças, muitas das quais foram declaradas como epidemias diferentes da Peste, por Maximiano Lemos e outros. Ainda assim, parece-nos difícil diagnosticar as doenças com tão poucos dados, não desfazendo ou desacreditando a formação destes médicos historiadores. Optamos, ainda assim, por considerar a causa de morte de D. Duarte como vítima de Peste, até porque sai do âmbito do nosso estudo a realização de uma análise exaustiva à temática da dita doença.

<sup>150</sup> Maximiano Lemos, *op. cit.*, pp.77-76.

<sup>151</sup> Jacques Le Goff, Nicholas Truong, *op. cit.*, pp. 90-92.

<sup>152</sup> Dia 29 de Setembro.

<sup>153</sup> Surto da epidemia, conhecida por Peste Negra no mundo medieval, cuja data de reconhecimento no nosso país terá sido esta.

<sup>154</sup> Maximiano Lemos, *op. cit.*, pp. 117-119.

<sup>155</sup> Idem, *ibidem*, pp. 120-123.

“O regimento proveitoso contra a pestellença” foi uma obra medieval, traduzida entre os finais do Século XIV e começos do XV, para Português, por Frei Luís de Rás e que descreve a Peste de uma forma organizada e semelhante à atual, sequenciando prognósticos, causas e remédios.<sup>156</sup> Termina com a designação dos sintomas característicos da Peste, falta de apetite, sonolência, preguiça, calafrios e febre.<sup>157</sup> Sintomas que hoje sabemos serem comuns a muitas doenças, até porque a maioria pode ser causada pela febre (reação do organismo a um agente agressor que vem desequilibrar a homeostasia do organismo).

Outras foram as doenças que se verificaram na história da medicina medieval portuguesa, como a Lepra e algumas não descritas nos tratados da Antiguidade, como a Coqueluche, o Escorbuto e a Sífilis.<sup>158</sup>

#### 4.6 - Águas termais

O mundo mágico-religioso estava ligado ao mundo da medicina medieval. O desconhecimento e as crenças existentes levavam a que, mesmo os cursados em medicina, recorressem a determinadas curas compostas por ervas e outras substâncias de cariz supersticioso. Era comum o recurso a relíquias de santos, imagens, orações, óleos santos, cujo poder sobrenatural lhes era atribuído. Também a água, de suma importância na prevenção e tratamento de doenças até aos nossos dias, possuía esta conotação sobrenatural. As prescrições de banhos e águas termais faziam parte das práticas dos médicos medievos. Apesar do seu passado glorioso no mundo Antigo e Árabe, os “balneários” perderam o seu protagonismo e tornaram-se proibidos devido à cristianização e às crenças morais que o caracterizavam.<sup>159</sup> As águas termais continuaram, no entanto, a ser utilizadas como prescrições para males como a Lepra ou para o tratamento das dores da perna esquerda, causadas pelas lesões da queda de D. Afonso Henriques a quem os físicos prescreveram banhos nas águas de Lafões.<sup>160</sup> Encontrarão o seu protagonismo, novamente, aquando da fundação do Hospital das Caldas da Rainha, no século XV, pela Rainha D. Leonor. A importância dos banhos das Caldas da Rainha remonta ao século XIII, onde a sua fama se encontrava já

<sup>156</sup> Miller Guerra, *op. cit.*, p.628.

<sup>157</sup> Vide Maximiano Lemos, *op. cit.*, p.92.

<sup>158</sup> Cf. M. Ferreira de Mira, *op. cit.*, pp. 64-65.

<sup>159</sup> Maximiano Lemos, *op. cit.*, pp. 55-56.

<sup>160</sup> Vide Idem, *ibidem*, pp. 56-57.

documentada, sendo frequentados por enfermos, provavelmente leprosos, organizando-se possivelmente uma funcionalidade do espaço de banhos termais que culmina com a fundação dos banhos, já no século XV, pela Rainha Dona Leonor.<sup>161</sup>

As águas seriam ainda recomendadas de acordo com as características que lhes eram atribuídas. Assim, em Setúbal, no Castelo de São Filipe havia um poço com águas diuréticas; em Loulé, as águas seriam ricas em ferro; em Tavira, fonte de cloretos e sulfatos. A utilização das termas estaria sujeita a condições e, em determinadas terras, os foros e costumes indicavam as condicionantes, como divisão de dias de semana, para homens e mulheres, e preços a cobrar.<sup>162</sup> A partir do século XIV os banhos foram recuperando a sua popularidade, não voltando a adquirir a importância de outrora, seriam utilizados por muitos populares, entre eles os judeus.<sup>163</sup> Séculos mais tarde verificar-se-á um fenómeno semelhante na Europa de Leste, quando a ocupação otomana faz renascer a popularidade dos banhos públicos.

#### 4.7 – Físicos

Com o alvorecer das universidades na Europa, distinguiu-se o licenciado, aquele que estudou Medicina nestas instituições. Esta afasta-se da esfera do monasticismo, para ser entregue a leigos que se diferenciaram numa área cujo campo se mantinha ainda indefinido, entre a ciência e a arte. Emergia a Medicina, com um forte legado da Antiguidade, enriquecido com a componente árabe e judaica, que se desenvolvia a par com o mundo medieval ocidental. Com a instituição do curso de Medicina nas universidades, procurava-se controlar os inúmeros prestadores de cuidados de saúde medievais, insurgia-se a necessidade da apresentação de uma licença para esta prática, separavam-se competências, distinguia-se o físico, no topo de uma hierarquia onde o cirurgião, ou o barbeiro-cirurgião que lhe antecederam, ministravam os tratamentos “sujos” que o primeiro prescrevia. Será no Portugal de quatrocentos que estas profissões verão surgir uma maior diferenciação, que evoluirá no século seguinte com regimentos específicos, sob supervisão régia, bem como a

<sup>161</sup> Saúl António Gomes, *As cidade têm uma história: Caldas da Rainha das origens ao século XVIII*, Caldas da Rainha, Coleção P.H. – Estudos e Documentos, Gráfica da Ponte, 1994, pp. 21- 30.

<sup>162</sup> Vide Maximiano Lemos, *op. cit.*, p. 59.

<sup>163</sup> Maximiano Lemos, *op. cit.*, pp. 115-116.

necessidade de examinação, por parte do físico-mor do reino, para certificar a sua prática neste.<sup>164</sup>

As fontes atestam a importância dos físicos, na corte dos monarcas portugueses. As Chancelarias testemunham as ações tomadas pelos monarcas no que aos físicos respeita, por exemplo a Chancelaria de D. Afonso IV dá conta de exames a vários físicos, com detalhes sobre o processo.<sup>165</sup>

O exercício da Medicina ou da Cirurgia por pessoas cujo conhecimento para tal não possuíam, levou a que D. João I determinasse, em 1430, a examinação por parte do seu físico, mestre Martinho, a qualquer homem ou mulher, cristão, mouro ou judeu, cuja prática da mesma ciência pretendesse fazer. Só na posse de uma carta assinada e com selo real estariam os físicos aptos para exercer, caso contrário corriam o risco de prisão e confiscação de bens. Mais tarde, D. João II, em 1476, decreta o regimento do físico-mor onde atesta as mesmas decisões do seu antepassado. Em 1448, D. Afonso V atesta as mesmas disposições para o regimento do cirurgião-mor. Este exame atestava a legalidade do exercício da profissão, independentemente da frequência de um curso universitário.<sup>166</sup>

A presença de médicos judeus na corte dos reis portugueses não constituía uma novidade para o reinado de D. João I, mas torna-se também ela um ponto de confronto com a clerezia. O monarca teria uma política própria, relativamente aos judeus, que iria contra a legislação do direito canónico,<sup>167</sup> na medida em que, a presença de médicos judeus no reino, favorecia o não cumprimento das regras definidas no IV Concílio de Latrão, a regra da não autoridade e da não convivência. Com os dois poderes a lutarem pela jurisdição dos assuntos relativos a esta minoria, com o reconhecimento geral de judeus como má gente e sujeitos a legislação específica, seriam, no entanto, concedidas isenções e doações aos que prestavam

<sup>164</sup> Vide Iria Gonçalves, “Físicos e Cirurgiões quatrocentistas – As cartas de exame”, *Do Tempo e da História*, vol. I, 1965, pp. 69-112 [reed. in *Imagens do mundo medieval*, Lisboa, Livros Horizonte, 1988, pp. 9-52.]

<sup>165</sup> Vide *Chancelarias Portuguesas, D. Afonso IV*, Volume I (1325-1336), Lisboa Instituto Nacional de Investigação Científica da Universidade Nova de Lisboa, 1990, Doc. 311, pp. 228-330 e também *Chancelarias Portuguesas, D. Afonso IV*, Volume II (1336-1340), 1ª ed., Lisboa Instituto nacional de investigação Científica da universidade Nova de Lisboa, 1992, Doc. 91 (fl.24 vº) e Doc. 92., pp. 170-171, Doc. 113 p. 209, Doc. 121. pp. 215, 216, Doc. 147, pp. 246-247, Doc. 223 (fl.45), p. 341, Doc. 135., p.233.

<sup>166</sup> M. Ferreira de Mira, *op. cit.*, pp. 50-51.

<sup>167</sup> Vide Margarida Garcez Ventura, *Igreja e poder no séc. XV – Dinastia de Avis e Liberdades Eclesiásticas (1383-1450)*, Lisboa, Edições Colibri, 1997, p. 471.

serviços ao monarca.<sup>168</sup> Estes homens seriam indispensáveis ao serviço do rei, detentores de um conhecimento que enriquecia o reino, distintos na área da medicina e da cirurgia, ainda que em número inferior aos cristãos executores da arte, pelo seu ofício e conhecimento, e adquiriam um lugar junto ao monarca, fazendo parte da sua casa, logo do seu espaço mais íntimo. Apesar da sua presença, a autoridade máxima recaía sobre um cristão, estando o cargo de examinador do reino nas mãos deste e sendo ele o topo da hierarquia médica do Portugal medievo.<sup>169</sup>

No que concerne aos médicos judeus, apesar de estes estarem mais ligados ao exercício da medicina islâmica, isentando-a de superstições grosseiras, o facto é que também eles acreditavam na Astrologia.<sup>170</sup> Os Judeus da Península Ibérica foram transportadores de conhecimento médico. Muitos contribuíram para o seu desenvolvimento.<sup>171</sup> Aos Judeus e aos seus conhecimentos se deve um estudo/prática mais avançados e menos influenciados pelas superstições a que os monges estavam sujeitos, mas não totalmente isentos destas.<sup>172</sup>

Quando nos embrenhamos pelo mundo distante da medicina medieval portuguesa não podemos deixar de fazer uma breve referência aos nomes que mais marcaram esta história, Pedro Hispano, Frei Gil de Santarém e Valesco de Taranta. Sendo que Frei Gil será devidamente tratado por nós, num capítulo seguinte, dado que é o autor da fonte em estudo.

Pedro Julião, filho do médico Julião Rebelo, nasceu em Lisboa cerca de 1216-1218, tendo estudado medicina em Paris, tornou-se Papa em 1276. Foi autor de um livro sobre lógica bem com, do *Thesaurus pauperum*<sup>173</sup> e de Comentários sobre livros de Isaac.<sup>174</sup> A obra de Pedro Hispano reflete a influência da Medicina Islâmica, com os nomes de Avicena e Galeno a predominar.<sup>175</sup> Também esta medicina se encontrava envolta pelo carácter teológico que Maximiano Lemos lhe caracteriza.

Frei Gil estudou medicina em Santa Cruz, com notável aproveitamento. Seguiu para Paris, passando por Toledo, onde terá praticado as chamadas “ciências ocultas”. De regresso à terra natal, terá alucinado com o Diabo pelo que tomou o

<sup>168</sup>Vide idem, *ibidem*, p. 473.

<sup>169</sup>Vide idem, *ibidem*, p. 488.

<sup>170</sup>M. Ferreira de Mira, *História da Medicina Portuguesa*, Lisboa, Edição da Empresa Nacional de Publicidade, 1947, p. 52.

<sup>171</sup>Maximiano Lemos Júnior, *op. cit.*, p.32.

<sup>172</sup>Cf. Maximiano Lemos Júnior, *op. cit.*, p.34.

<sup>173</sup>A sua obra mais conhecida onde cita principalmente Galeno, Dioscórides, Isaac e Avicena.

<sup>174</sup>Vide M. Ferreira de Mira, *op. cit.*, pp.26-27.

<sup>175</sup>Vide Maximiano Lemos Júnior, *op. cit.*, p.15.

hábito e entregou-se à vida do virtuoso Cristo, através da Medicina, como forma de socorro às enfermidades do corpo e da alma.<sup>176</sup> É inseparável o carácter teológico do médico, no que a Frei Gil diz respeito. As suas curas estão muitas vezes imbuídas de um carácter milagroso.

Valesco de Taranta terá vivido entre os finais do século XIV e princípios do século XV, de nacionalidade portuguesa, terá estudado Artes Liberais em Lisboa onde poderá ter iniciado o exercício da medicina. Estudou, posteriormente, em Montpellier onde leccionou também uma cadeira. Autor do *Tratado das Epidemias*, 1401, e de um tratado de medicina, *Philonium pharmaceuticum et chirurgicum*, em 1418, escreveu ainda um livro de cirurgia.<sup>177</sup>

#### 4.8 – Legislação

As chancelarias régias demonstram a importância desta temática na política régia, no entanto, o seu estudo não entra no âmbito da nossa pesquisa, pelo que apenas fazemos uma breve referência.

No que concerne a legislação específica sobre esta área, sabemos que a cirurgia foi nove vezes proibida em Concílios entre 1131 e 1298.<sup>178</sup> Nicolau IV, em 1290, emite uma bula que confirma a criação do Estudo Geral em Lisboa, com cinco cadeiras - Leis, Canónicas, Medicina, Gramática e Lógica.<sup>179</sup> Um documento de 1323 confirma que os mestres de Medicina recebiam 200 libras (pagamento inferior aos de Leis e de Cânones).<sup>180</sup> No Reinado de D. João I era frequente o exercício de medicina por praticantes não habilitados o que levou ao estabelecimento de uma lei obrigando a um exame prévio à prática de medicina, pelo Mestre Martinho, físico do rei.<sup>181</sup>

#### 4.9 - D. Duarte

Quer sobre a forma de assistência quer na legislação, os reis e rainhas de Portugal mantiveram um papel ativo no campo da medicina. A História da medicina

<sup>176</sup>Maximiano Lemos Júnior, *op. cit.*, p.8-9.

<sup>177</sup>Maximiano Lemos, *op. cit.*, pp. 84-8.

<sup>178</sup>Maximiano Lemos Júnior, *op. cit.*, p.16.

<sup>179</sup>Vide Idem, *ibidem*, p. 22.

<sup>180</sup>Vide Idem, *ibidem*, p.23.

<sup>181</sup>Vide Idem, *ibidem*, p.27.

medieval passa por eles. No entanto, quando estudamos a História da Medicina Medieval em Portugal, não podemos deixar de referir o segundo monarca da Dinastia de Avis, D. Duarte, já que este demonstrou um interesse pela área médica que nos legou através dos seus escritos. Várias eram as áreas do binómio saúde/doença que preocupavam o monarca. Destacamos os dois males que mais o tocaram: a depressão e a Peste.

A sua obra, *Leal Conselheiro*, é, por exemplo, prova da importância que a higiene possuía na época.<sup>182</sup>

Fruto de uma educação religiosa e letrada, detentor de uma diversificada biblioteca, não terá frequentado a universidade, não sendo doutor, seria, sem dúvida, um personagem interessado em diversas áreas, preocupado em compilar literatura e em deixar escrita a história da família. Foi o primeiro rei a contratar um historiador, Fernão Lopes, incumbindo-o da escrita oficial da história do reino e criando o cargo de cronista-mor do reino.<sup>183</sup> Foi também ele autor, e dele conhecemos o *Leal Conselheiro*, obra que está no cerne deste estudo, um livro de montaria, o *Livro da Enseñança de bem Cavalgar Toda a Sela*, e uma compilação de textos e cartas conhecido como *Livro dos Conselhos d'el Rei D. Duarte ou Livro da Cartuxa*. A sua preocupação para com os registos foi um marco do seu reinado.

Na obra o *Leal Conselheiro*, o capítulo em que fala sobre a sua depressão, escrito pelo menos vinte anos posteriores ao decorrer desta, já tendo D. João I falecido, “*El-Rei, meu senhor e padre cumprido de muitas virtudes, cuja alma Deus haja*”<sup>184</sup>, relata a sua luta diária durante a fase aguda da doença. Refere ter passado três anos doente, diferenciando fases do seu padecimento, assumindo não ser caso único, expressando-nos a baixa autoestima e a desvalorização pessoal característica de pessoas deprimidas. Não encontra remédio suficiente no conselho dos físicos, confessores ou amigos. Vendo a doença como um castigo, uma tentação do inimigo, agarra-se à sua fé e ignora as recomendações para que bebesse vinho forte, procurasse conforto e prazer com as mulheres e reduzisse o trabalho. Procurou não expor a muitos o seu problema, reservando-se e isolando-se e buscando na fé e perseverança a luta diária e a procura de um sentido para a vida.

<sup>182</sup>Vide Idem, *ibidem*, p.35.

<sup>183</sup>Cf. Luís Miguel Duarte, *D. Duarte – Requiem por um rei triste*, Rio de Mouro, Temas e Debates, 2007, pp. 17, 297, 298.

<sup>184</sup>D. Duarte, *Leal Conselheiro*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998, p. 101.

Importa ainda referir a importância da Peste na vida e no reinado de D. Duarte. Esta grassava no país e levou-lhe a mãe e muitos conhecidos. Não admira, portanto, que, comum a toda a população, também o monarca sentisse medo perante esta ameaça, contra a qual a medicina medieval não tinha capacidade de resposta. O próprio D. Duarte mostra-nos o seu receio. A sua preocupação com o tema está presente nos seus escritos, nas cartas trocadas com conhecedores e nas mezinhas recomendadas para o caso. Apesar da existência de mais do que uma possibilidade para a sua prematura morte, assume-se a “terrível pestilência” como a sua causadora.

## 5 - Uma breve aproximação histórica à Botica Medieval

Nos tempos que remontam à pré história e à Antiguidade Pré Clássica e Clássica, os poderes curativos das plantas eram-lhes atribuídos por determinados deuses e o seu uso, uma prática recorrente da medicina praticada com um cunho mágico, perdurou, nas sociedades, até aos nossos dias. Não é pouco frequente a associação de terapêuticas baseadas em plantas com superstições e magias, ainda que elas hoje se situem, maioritariamente, no campo da medicina tradicional, a medicina científica não está totalmente isenta desta influência. O uso do sene continua a ser uma prática recorrente em meio hospitalar e estima-se que cerca de 119 das drogas em uso são originárias de plantas (a atropina, a vincristina, a L-dopa, a título de exemplo<sup>185</sup>).

O homem pré-histórico, há cerca de 60 000 anos, descobriu o uso de plantas medicinais, provavelmente de forma acidental, através do seu consumo, percebendo que umas eram venenosas, enquanto outras atuavam no alívio da dor ou como purgante. A observação do seu efeito em animais poderá ter sido outra forma de assimilação, uma espécie de investigação empírica e que os colocou no começo daquilo que se viria a tornar uma ciência.<sup>186</sup>

Desde cedo que o homem descobriu o poder das plantas na arte da cura. Já no Código de Hamurabi, são referidos nomes como ópio ou o meimendo e os egípcios usavam na sua prática médica plantas como o sene, o rícino, as sementes de linhaça, o zimbro e o funcho. A civilização egípcia e as civilizações orientais, nomeadamente a chinesa e a hindu, incluíam o estudo das plantas medicinais na sua cultura, mas foi a cultura helénica que mais influiu no uso das mesmas na composição da terapêutica medieval. Galeno revela muitas das plantas usadas, no entanto, foi Dioscórides (século I), com *De Materia medica*, quem escreveu o primeiro grande tratado farmacológico. Aqui são descritos cerca de 600 produtos de origem vegetal, mineral e animal e as suas indicações em uso médico. Não descartando a influência mágica dada a determinados produtos na Idade Média, como o alho, o visco, a arruda ou a mandrágora, com o esforço dos monges monacais, o cultivo de ervas medicinais tendeu a afastar-se das crenças mágico-supersticiosas e a aproximar-se do reminiscente da cultura greco-romana e de uma vertente mais científica. Esta

<sup>185</sup> Vide Andrea A. Barquero, *op. cit.*, pp. 59-60.

<sup>186</sup> Idem, *ibidem*, p. 55.

farmacopeia medieval foi enriquecida com o conhecimento trazido pelos árabes e incorporado por influências dos povos orientais adquiridas com as rotas comerciais por estes efectuadas.<sup>187</sup> Nos tempos greco-romanos já as plantas eram usadas na terapêutica e já Hipócrates classificava os medicamentos como purgantes, narcóticos e febrífugos, dependendo da sua composição.<sup>188</sup>

O termo farmácia é usado para designar a arte de preparar, conservar e disponibilizar os medicamentos, mas identifica também uma determinada profissão. Farmácia vem do grego *Pharmakis*, a deusa da mitologia grega, também chamada de Hécate, que detinha o saber curativo das plantas.<sup>189</sup> Desde os tempos mais remotos que o homem procura combater a doença recorrendo ao uso de diferentes ervas. Os compostos minerais, animais e, principalmente os vegetais, foram combinados ao longo dos anos de forma a trona-los como uma defesa contra a doença. A farmacologia evoluiu até à ciência atual e ao incrível avanço de terapêuticas disponíveis no mundo da medicina contemporânea.

Com origem no termo grego *pharmakón*, inicialmente com uma conotação mágica que é perdida após Hipócrates, o fármaco consistia numa substância introduzida no organismo com vista à modificação do seu estado<sup>190</sup>, não tendo sempre efeito benéfico, algo que ainda hoje podemos presenciar pelas existências dos chamados efeitos secundários. Tal como na Antiguidade ou na Idade Média, a ciência farmacêutica continua a evoluir com base na experimentação de novas substâncias e na descoberta dos seus efeitos benéficos ou nefastos. No *Corpus Hippocraticum* já os medicamentos eram divididos em purgantes (eméticos, diuréticos e laxantes) e não purgantes, consoante a sua ação no organismo, atuando de forma a modificar, no mesmo, “tudo o que tem mais força”, através da eliminação violenta, suave ou de uma digestão paulatina da matéria pecante, tendo a capacidade de arrefecer, secar, humedecer, contrair ou relaxar o organismo. Desta forma, a cura medicamentosa

<sup>187</sup> A. Proença da Cunha, *Aspectos históricos sobre plantas medicinais, seus constituintes activos e fitoterapia*, [s.d.], [http://www.ppmac.org/sites/default/files/aspectos\\_historicos.pdf](http://www.ppmac.org/sites/default/files/aspectos_historicos.pdf), [consultado a 30 de Agosto de 2016], pp. 1-2.

<sup>188</sup> Andrea A. Barquero, *op. cit.*, p. 56.

<sup>189</sup> Bruna Alexandre Gonçalves André, *O arsenal farmacêutico da Antiguidade Clássica e da Idade Média*. Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Ciências Farmacêuticas, Porto, 2013. Publicado eletronicamente em <http://bdigital.ufp.pt/handle/10284/4161>, no formato PDF, [consultado a 10 de Março de 2015], p. 1.

<sup>190</sup> Mirko G. Gmerk apud Bruna Alexandre Gonçalves André, *op. cit.*, p. 19.

resultava num auxílio exterior e técnico ao esforço sanador da *physis*, conhecido apenas pelos médicos.<sup>191</sup>

Com Galeno, através de uma visão mais racional e sistemática, refletiu-se a necessidade de classificar os medicamentos em: atuantes sobre uma qualidade elementar, sobre várias qualidades elementares e os dotados de uma atuação específica. Na própria aplicação do medicamento vários eram os fatores a ter em conta: a personalidade do doente, a sua idade, raça, e clima.<sup>192</sup>

Para além da importância de Dioscórides e Galeno, Avicena marcou a diferença também no campo da farmacologia, introduzindo muitas plantas de origem indiana, tibetana e chinesa. No campo da farmácia foi o introdutor, por exemplo, de pílulas douradas e prateadas ou da cura de glucose através da introdução do açúcar de frutos. Aperfeiçoou a destilação e criou o óleo de rosas para a pele e cabelo. Ao mundo árabe deve-se ainda o desenvolvimento de técnicas como a destilação, cristalização, sublimação e filtração e a introdução de novas formas farmacêuticas como xaropes, elixires, conservas, confeções, julepos e eletuários, utilizando mel e açúcar nas suas composições. Preocuparam-se ainda com o armazenamento adequado dos medicamentos e de um local específico para a prática farmacêutica, tendo sido os predecessores da farmácia hospitalar. A farmácia árabe vai refletir-se na medieval e aqui surge um espaço físico com porta para o mercado. Dá-se a separação entre medicina e farmácia, surgem as farmacopeias e evolui-se para a profissão de farmacêutico, ou boticário, como agente de saúde pública.<sup>193</sup>

Durante a medievalidade a farmacopeia alimentou-se da biologia vegetal e animal, numa continuidade da tradição suméria, egípcia, grega e romana, com Dioscórides como ator principal com *De Materia Medica*. Inicialmente o cultivo e cuidados das plantas deu-se nos hortos monásticos, proliferando os *Hortus Sanitatis*, uma classificação das plantas e das suas propriedades que serviam de guia aos monges para o tratamento de doenças.<sup>194</sup>

Outro dos importantes legados da farmácia medieval foram os antidotários medievais, textos escritos durante a Idade Média e que se compunham de receitas medicamentosas e formas de as executar, com a sua base em ingredientes de origem animal, vegetal e mineral, instruindo sobre que medicamento usar em cada

<sup>191</sup> Bruna Alexandre Gonçalves André, *op. cit.*, p.20.

<sup>192</sup> Idem, *ibidem*, p.26.

<sup>193</sup> Idem, *ibidem*, pp. 41-45.

<sup>194</sup> Etelvina Fernández González, *op. cit.*, pp. 90-92.

enfermidade, permitindo aos físicos a execução do medicamento sem necessidade de recurso a um boticário.<sup>195</sup>

### 5.1 - Uso de animais nos compostos medicamentosos

O uso de animais na composição de remédios e mezinhas data da Antiguidade, dos tempos de Hipócrates nos quais o leite de vaca, os ovos de galinha, os chifres de mamíferos ou as esponjas marinhas eram já referidos, e estima-se que cerca de 10% dos compostos referidos por Dioscórides em *De Materia Medica* seriam de origem animal. Outras fontes, de origem judaica e neo-aramaica, fazem alusões a este tipo de ingredientes e também os árabes aqui vão beber e enriquecer o seu conhecimento. A literatura medieval árabe faz referência a muitos dos ingredientes animais que vamos ver descritos nas receitas de Frei Gil de Santarém. O leite, queijo, mel, escorpiões, cobras, cera, ovos, caranguejos, rinocerontes, cães, pombos, ratos, tartarugas, coelhos, são alguns dos animais ou seus derivados que se encontram descritos nas mais diversas fontes árabes. Umhas substâncias eram mais comuns e facilmente acessíveis, outras mais raras, sazonais ou exóticas, oriundas do estrangeiro e conseguidas através das rotas comerciais. Alguns destes animais, como as sanguessugas ou os pombos, estavam dotados de uma conotação mágica sendo menos bem vistos no mundo das ciências medievais e nem sempre mencionados em fontes.<sup>196</sup> Importa destacar o contributo das muitas viagens do homem medieval e os contactos com as mais variadas culturas que enriqueceram este uso de compostos animais.<sup>197</sup>

### 5.2 – A botica no Portugal Medievo

Os primeiros boticários em Portugal terão surgido no século XIII, com antecessores que faziam a constituição e comércio dos medicamentos e sob a

<sup>195</sup> Mireille Ausécache, *Manuscrits d'antidotaire médiévaux : quelques exemples du fonds latin de la Bibliothèque nationale de France*, 2007, <https://medievales.revues.org/2283.pdf>, [consultado a 22 de Agosto de 2016], pp. 55-57.

<sup>196</sup> Quando nos referimos ao mundo científico da Idade Média ou ciências medievais referimo-nos à forma como a ciência era vista na época, ao seu enquadramento histórico e cultural e não ao que consideramos ciência nos nossos dias.

<sup>197</sup> Efraim Lev, *Healing with animals in the Levant from the 10<sup>th</sup> to the 18<sup>th</sup> century*, 2006, <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1402264/.pdf>, [consultado a 1 de Setembro de 2016], pp. 5,7.

influência árabe na Península, já que as farmácias eram conhecidas no mundo árabe, desde o século VIII. No seio da cultura árabe distinguem-se dois tipos de profissionais de farmácia, o *attar* e o *sayadilah*. O primeiro, que terá dominado no al-Andalus, teria uma preparação técnica inferior, voltado mais para o seu comércio do que a sua preparação e os *attarin* terão sido continuados no mundo da Cristandade pelos especieiros.<sup>198</sup>

Na Idade Média a maioria das especiarias encontrou lugar na composição dos medicamentos. O açúcar com grande destaque, pois tornava ingerível as substâncias utilizadas na composição dos mesmos. No mundo dos especieiros os judeus tinham particular destaque e, num seu subgrupo, sobressaem os teriagueiros. Os medicamentos produzidos no mundo medieval, como já vimos, eram caracterizados pela manipulação de substâncias de origem vegetal, mineral e animal, por receita médica, para consumo local personalizado. Os boticários, proprietários das boticas, apareceram, então, depois dos especieiros. Apesar do seu crescimento, para os finais da Idade Média, a sua escassez para suprir as necessidades da época implicou a vinda de um mestre Ananias e de outros Boticários de Ceuta, em meados do século XV, como atesta a “Carta de privilégios” dos boticários de D. Afonso V, a 22 de Abril de 1449.<sup>199</sup>

Numa fase inicial da medicina portuguesa, eram os físicos quem produzia os remédios necessários aos tratamentos. Desconhece-se a data em que se deu a separação entre a Medicina e a Farmacêutica. Nos mosteiros os monges cultivavam as suas hortas medicinais e faziam os medicamentos de que necessitavam para tratar os enfermos. Nos começos da medicina, o físico compunha também as mezinhas que administrava, mas com o evoluir da profissão e com a alteração da prática para prescritor, mais do que executor da maioria dos cuidados, também na área da botica se verificou uma distinção que levou à formação de uma nova profissão, o Boticário. São referidos já numa carta de D. João I, em 1392, sem grandes pormenores para além de clarificar a isenção de examinação. Com D. Duarte, em 1436, chegamos fontes que atestam a inexistência de legislativas régias específicas para o exercício da farmácia mas, em 1450, verifica-se que o poder local, os municípios, exerciam uma certa tutela sobre os boticários, a quem cobravam rendas, e que, mesmo após a

<sup>198</sup> José Pedro Sousa Dias, *A Farmácia em Portugal – uma introdução à sua história, 1338-1938*, Lisboa, Associação Nacional das Farmácias, 1994, p. 9.

<sup>199</sup> Cf. Idem, *ibidem*, pp. 9- 14.

criação de leis por parte do rei acerca dos exames a que estariam sujeitos estes trabalhadores, mantiveram uma certa dependência do poder municipal.<sup>200</sup> Maximiano Lemos transcreve, na sua obra, uma carta de 26 de Agosto de 1497, sobre um regimento dado aos boticários pelo município de Lisboa, que demonstra já uma grande preocupação em regrar com exclusividade a prática dos boticários.<sup>201</sup> Certo é que entre a obrigatoriedade de posse de determinadas obras médicas sobre farmácia, estabelecem as medidas que cada um deveria ter na sua botica, o que nos confere uma ideia de quais as principais medidas usadas na época para realizar mezinhas. Estavam ainda obrigados a supervisão de determinados físicos (nomeados na carta) antes de terminarem o remédio, sem poderem fazer alterações às receitas daqueles. Indica já a necessidade de armazenamento de mezinhas em determinadas condições, apontando um antepassado de data de validade visto que tinham de apontar “as ydades aas mezinhas”.<sup>202</sup> Estariam impedidos de fazerem ou fornecerem mezinhas sem receita médica e obrigados ao registo da mezinha e do prescritor e do receptor num livro específico.

As necessidades crescentes destes trabalhadores no reino conferiu-lhes determinados estatutos e privilégios, bem como isenções, muitas vezes iguais às gozadas pelos físicos. Em contrapartida estavam os boticários sujeitos a inspeções por parte dos físicos do reino. A existência de médicos, cirurgiões e boticários que frequentemente entravam na esfera de trabalho alheia fez com que este intrometimento fosse proibido por lei, numa carta de Abril de 1461, na qual, pela primeira vez é definida a forma de fiscalização dos mesmos.<sup>203</sup>

Os principais livros usados pelos farmacêuticos portugueses e que deveriam constar nas suas boticas eram: uma pandeta, de Mateus Silvático, um mesué, a primeira parte do livro do médico árabe Mesué, um Nicolau (*Antidotarium*) do médico bizantino Nicolau Myrepsos, um servidor de Serapião (*Liber servitoris*), de Serapião, e um quinto de Avicena (o quinto livro do *Canône*).<sup>204</sup>

A preocupação régia com os vários atores no campo da farmacologia medieval, muitos dos quais deixavam muito a desejar à cientificidade da época, levou à criação de legislação específica como por exemplo no que se refere aos

<sup>200</sup> Maximiano Lemos, *op. cit.*, pp. 95-96.

<sup>201</sup> Idem, *ibidem*, pp. 96-97.

<sup>202</sup> Idem, *ibidem*, p. 97.

<sup>203</sup> Idem, *ibidem*, p. 98.

<sup>204</sup> M. Ferreira de Mira, *op. cit.*, pp. 58-59.

teriagueiros.<sup>205</sup> Dentro das várias receitas medievais, a triaga ou triaga, remédio muito usado e que aparece nas nossas fontes, seria uma espécie de panaceia medieval, com a mais variada constituição e muito sujeita a fraudes. Verifica-se uma lei de D. Afonso V na qual impede os teriagueiros de a venderem sem ser examinada por físico cristão.<sup>206</sup>

---

<sup>205</sup> Homens que preparavam e vendiam triagas (panaceia contra todas as doenças, muito utilizada contra venenos).

<sup>206</sup> Miller Guerra, *op. cit.*, p. 629.

*“Alguns lhe chamei já o nosso Doutor Fausto; e é com efeito. Não lhe falta senão o seu Goethe. – Nós precisamos de quem nos cante as admiráveis lutas – ora cómicas, ora tremendas, do nosso Frei Gil de Santarém com o Diabo. (...) é necessário que apareça como protagonista de uma grande ação pintado em corpo inteiro, na primeira luz, em toda a luz do quadro.”*

*Almeida Garrett, Viagens na Minha Terra (1846)*

## 6 - Frei Gil de Santarém – breve aproximação biográfica

*“Todavia, guiados por uma razão clara, tentemos reconstruir a vida d’aquelle medico alucinado”*<sup>207</sup>

Dada a complexidade inerente a um estudo biográfico de Frei Gil de Santarém, não pretendemos, com este capítulo, aprofundar e desenvolver essa área da História. Importa-nos enquadrar a vida deste homem, para melhor compreendermos o seu desempenho como médico. Dedicar-nos-emos mais aos aspectos da sua existência que se prendem com o estudo e prática médicos, não descurando na totalidade aquilo que constituiu a sua vida e as influências que trouxeram para a formação do “nosso” médico medieval.

Envolto num contexto de mudanças socioculturais peninsulares dos séculos XII e XIII, Frei Gil, contemporâneo de Santo António de Lisboa e de Pedro Hispano, constitui também ele uma figura emblemática da nossa história. Representado pela ambiguidade religiosa entre o bem e o mal, tentado pelo Diabo, orientado pela Virgem Maria, manteve-se no limiar entre a ortodoxia e a heresia. Sinaliza a mudança da espiritualidade de uma península detentora de um cristianismo visigótico-bizantino, de cariz mediterrânico, oriental e andaluz, para um cariz europeu regido pelo Papado Romano, onde imperavam a vida cenobítica urbana, a aproximação às populações rurais e urbanas, característica da Baixa Idade Média.<sup>208</sup> Ora, como vamos ver, a lenda egideana transporta consigo um problema de fontes. Esta é baseada nas descrições da vida do Santo, referentes a transcendentos pactos com o demónio e salvação pela mão de Deus ou da Virgem Maria, o que torna difícil a realização de um trabalho histórico, fundamentado e científico, quando as fundações disponíveis se prendem com milagres e superstições. Não nos cabe, no entanto, pretender que este trabalho constitua uma biografia do autor da nossa fonte. Pretendemos sim, conhecer um pouco melhor este homem que de tanto misticismo está envolto, bem como de um legado científico que lhe é inegável. As obras hagiográficas ou biográficas existentes desde a sua época, começando com a *Vitae Fratrum*, de Gerard Franchet, passando pela obra do Século XIII atribuída a Frei Pedro Paes, por André de Resende

<sup>207</sup> Maximiano Lemos Júnior, *op. cit.*, p.8.

<sup>208</sup> Jorge Custódio, “S. Frei Gil de Santarém, da Ordem dos Pregadores: Uma personalidade entre a Lenda, a Hagiografia e a História”, *S. Frei Gil de Santarém e a sua época*, Coordenação de Jorge Custódio, Santarém, Câmara Municipal de Santarém, 1997, p.20.

e pelos historiadores mais recentes, envolvem a possibilidade de invenções por parte dos frades que se dedicaram as escrevê-las. Apesar de toda a questionabilidade que envolve os trabalhos relativos a Frei Gil, desde a medievalidade, uns mais ou menos críticos, procurando a exatidão da cronologia dos acontecimentos, todos representam contributos consideráveis para a construção de revisão da biografia e personalidade deste homem.<sup>209</sup> Afinal, como afirmou Maximiano Lemos, é na vida de Frei Gil de Santarém que podemos encontrar evidenciado o carácter sobrenatural e maravilhoso da medicina portuguesa medieval.<sup>210</sup>

A lenda de Frei Gil de Santarém foi transmitida por diversos autores quinhentistas, o primeiro deles, Frei Baltazar de São João, e baseada numa *Vita* que terá sido escrita por um companheiro de Gil, Prior do Convento de Santarém, chamado Frei Pedro Pais<sup>211</sup> e que, resumidamente trata o seguinte: Frei Gil terá nascido em Vouzela, filho de membros da alta nobreza, D. Rodrigo Pereira e D. Teresa de Atouguia. Embora nobres, humildes e pios, são descritos na lenda como ferverosamente caridosos. Foram pais de Gil já numa fase adiantada da vida e a quem, cedo, mandaram instruir nas letras. Ainda adolescente ter-se-á dedicado às Artes Liberais. Detentor de uma personalidade ponderada, reflexivo, devoto, tal como os pais, humilde e pio, era acarinhado pelos que o rodeavam. Estudou em Coimbra, seguindo para Paris, patrocinado pelo pai e pelo monarca, Sancho I. Foi no caminho que decidiu passar por Toledo, para averiguar uma possível caverna, onde eram ensinadas as ciências da necromancia e onde foi tentado pelo *Diabo*. Nessa escola imperava a obrigatoriedade de permanência por sete anos. Findos estes, Gil ruma a Paris onde se torna doutor em Medicina, ciência à qual se dedica profundamente, adquirindo fama e reconhecimento. No caminho de regresso ao reino natal, cerca de Palência, foi acometido por febres quartãs. Nesta cidade dirigiu-se a um mosteiro Dominicano em construção, onde se instruiu nos conhecimentos respeitante à ordem monástica. Foi aos 26 anos, no ano de 1225<sup>212</sup> que ingressou na Ordem dos Pregadores, vencendo os seus demónios e limpando as suas manchas de heresia. Em Palência, exerce da sua arte de curar de enfermos, ao mesmo tempo que se dedica à vida monástica. De regresso a Portugal, dedica-se às letras. Foi escolhido para Prior

<sup>209</sup> Jorge Custódio, *op. cit.*, pp.21-24.

<sup>210</sup> Maximiano Lemos, *op. cit.*, pp. 31-32.

<sup>211</sup> Aires A. Nascimento, “Tradução e introdução” in *Vida de S. Fr. Gil de Santarém por Frei Baltazar de São João*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989, p.5.

<sup>212</sup> A obra apresenta um erro de pelo menos um século quanto a esta data. Apesar de Frei Baltazar de S. João referir 1335, pelo tradutor, em nota de rodapé, é referido 1225.

Provincial, visitando todos os mosteiros e mantendo um comportamento devoto e cumpridor da regra. Passou por Barcelona, Maiorca, foi a Roma pedir a bênção papal para se dirigir a África, mas esta foi-lhe negada. Regressou a Santarém. Viveu uma luta lendária entre o bem e o mal; adorado por muitos, difamado por outros, sempre persistente na sua fé logrou o estatuto de Santo milagreiro, fazedor de muitos deste milagres ainda em vida, sempre com o apoio de Deus e da Virgem. Adoeceu com uma febre, em Santarém, aos setenta anos, onde morreu em 1264, perpetuando milagres *post mortem*.<sup>213</sup>

Gil de Santarém, no estudo prosopográfico levado a cabo por Armando Norte é-nos descrito como tendo sido Cónego das sés da Guarda e de Braga, possivelmente Cónego e tesoureiro da sé de Coimbra, Prior da igreja de Santa Iria de Santarém e de Coruche, Frade da Ordem dos Pregadores do Convento de São Domingos de Santarém, Frade da Ordem dos Pregadores do Convento de São Domingos de Palência, Provincial da ordem dos Pregadores de Hispânia, Físico régio. Este autor caracteriza-o como nascido em Vouzela, filho de Rui ou Rodrigo Pires de Valadares e de Teresa Gil; Irmão de Paio Rodrigues, João Rodrigues e Simão Rodrigues e identificado conjecturalmente com Gil de Leiria, também ele físico régio, e com um Gil Julião. Frei Gil foi físico régio de Afonso II e Sancho II de Portugal. Obteve os graus de Doutor e Mestre e cursou Artes Liberais, Medicina e Teologia. Estudou em Santa Cruz de Coimbra e no Estudo Geral de Paris, tendo igualmente leccionado neste último.<sup>214</sup>

O ano de nascimento de Frei Gil não é certo. Aponta-se para 1190, mas há quem o refira mais velho propondo os anos de 1180, 1184, 1185 ou até mesmo, 1155, morrendo a 14 de Maio de 1264 ou 1265. A sua ascendência também constitui uma problemática. Há referências a um Rui Pais de Valadares, uma Maria Gil, a um Dom Rodrigo que não é referido como Valadares nem relacionado com uma Teresa ou Maria Gil. A fluência de Frei Gil com o árabe levanta questões quanto à possibilidade de uma origem moçárabe. O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra desempenhou um

<sup>213</sup> Frei Baltazar de São João, *Vida de S. Fr. Gil de Santarém por Frei Baltazar de São João*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989, pp. 20-110.

<sup>214</sup> Armando Norte, *Letrados e cultura letrada em Portugal (séculos XII-XIII)*, Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de Doutor em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013. Publicado eletronicamente em [https://www.academia.edu/4543044/Letrados\\_e\\_cultura\\_letrada\\_em\\_Portugal\\_séculos\\_XII-XIII\\_Scholars\\_and\\_literate\\_culture\\_in\\_Portugal\\_12th-13th\\_centuries\\_.pdf](https://www.academia.edu/4543044/Letrados_e_cultura_letrada_em_Portugal_séculos_XII-XIII_Scholars_and_literate_culture_in_Portugal_12th-13th_centuries_.pdf), no formato PDF, [consultado a 1 de Junho de 2016], pp.102-105.

papel fundamental na integração dos cristãos moçárabes nas novas correntes do cristianismo romano e foi aqui que Frei Gil iniciou a sua formação, aprendendo letras, línguas, escrituras e medicina. Este Mosteiro encetara, nos finais do século XII, uma escola de tradutores árabes, onde se reuniam livros dos grandes autores, não só de medicina mas também das outras áreas. A medicina árabe absorvera legados da medicina grega, como já vimos em capítulos anteriores,<sup>215</sup> com várias traduções médicas construindo doutrinas, receituários, terapêuticas e práticas cirúrgicas características, através da fusão da experiências com aspectos ocultos do hermetismo, gnosticismo e experiências religiosas orientais. Estas influências, às quais o nosso autor esteve exposto, iniciaram-no no mundo das artes mágico-alquímicas e conferiram-lhe conhecimentos que viria a aplicar no seu desempenho médico. Foi ainda no reinado de Sancho I que partiu para Paris, regressando médico, no reinado de Afonso II, durante o qual também a ordem dos Dominicanos iniciava a sua expansão. Terá voltado mais tarde a Paris, para aperfeiçoar os seus conhecimentos de Física e Medicina e estudar Teologia e tornar-se médico do corpo e da alma.<sup>216</sup>

Voltando à polémica que envolve a data de nascimento de Gil e os seus progenitores, parece que o *Nobiliário* do Conde D. Pedro e o *Livro das Antigas Linhagens* o referem como filho de D. Maria Gil e não de Tereja Gil.<sup>217</sup> Da mesma forma, parece haver confusão entre outros “Gil” contemporâneos deste. Um Beato Gil de Assis, D. Gil, filho natural de D. Sancho, D. Gil ou Egídeo, Bispo de Viseu, Frei João Gil, médico de Filipe II de França, que terá ensinado Medicina em Paris e Montpellier e que pode ser fonte de confusão com feitos que são atribuídos ao nosso Gil de Valadares; João Gil, autor dum poema sobre urinas e outro sobre pulsos, médico ateniense do século XII, João Gil, de Burgos, autor do Livro *ad Mágica*, Beato Gil, Bispo de Tiro e capelão de S. Luís, Frei Gil de Orléans, pregador de S. Luís e de Filipe de Hardi, e Frei Gil de Leiria.<sup>218</sup>

Apesar da dificuldade em asseverar a veracidade de alguns aspectos da vida de Frei Gil, muitos dos quais poderão ter sido invenções tardias conspícuas à sua lenda, é provável que este tenha estudado nas Escolas de Coimbra, cuja ligação tem registo no *Livro das Calendas*, como cónego ou tesoureiro da Sé. Os hagiógrafos atribuem a Frei

<sup>215</sup> Vide supra p. 24.

<sup>216</sup> Jorge Custódio, *op. cit.*, pp.28-35.

<sup>217</sup> João de Oliveira, O.P., *Frei Gil de Portugal, Médico, Teólogo e Taumaturgo (Subsídios para a nossa História Medieval)*, Braga, Livraria Editora Pax, Lda, 1991, p. 21.

<sup>218</sup> João de Oliveira, O.P., *op. cit.*, pp. 28-28.

Gil coneias em Braga e na Guarda e priorados em Santarém e Coruche.<sup>219</sup> No que respeita aos supostos sete anos passados por Gil, em Toledo, verifica-se um silêncio no que concerne à *Vitae Fratrum*. Da mesma forma, os autores negam a possibilidade do Frade ter passado sete anos sem contacto com a família ou com as coneias ou priorados com as quais tinha responsabilidades. Por outro lado, negam a impossibilidade da existência de um escola de magia numa altura em que o Arcebispo de Toledo era Rodrigo Ximenes.<sup>220</sup>

No Século XIII, Santarém constituía uma *urbe* integrada por vários núcleos, herdados da época islâmica, composta pela alcáçova, a vila e os arrabaldes de Seserigo (Ribeira) e Alfange. Era a segunda cidade do reino e, apesar de não ser merecedora do título por não ser sede de bispado, a sua importância era indiscutível. Rapidamente o espaço intramuros se tornou escasso e o crescimento para fora das muralha se deveu, maioritariamente, às instituições religiosas e de assistência que procuravam difundir as suas mensagens pela população. Foi em 1217 que, através de Frei Soeiro Gomes, entraram em Portugal os primeiros Dominicanos. Instalaram o seu primeiro convento em Alenquer transferindo-o depois para Santarém. A ordem dos pregadores virava-se para a pregação apostólica e conversão pacífica dos maometanos, população abundante por terras peninsulares e, neste caso, por Santarém.<sup>221</sup> Os contactos de Frei Gil com esta Ordem devem ter sido feitos, inicialmente, em Paris, quando cursava na Universidade. Aqui estuda teologia e presta assistência aos doentes. Em 1229 regressa a Portugal e em 1233 terá sucedido a Fr. Soeiro Gomes, como primeiro Provincial da Ordem dos Dominicanos em Espanha, cargo que, após uma interrupção, terá definitivamente deixado em 1261.<sup>222</sup>

Os irmão Dominicanos amavam-se e dedicavam-se numa total e despojada entrega. O convento dominicano constituía uma espécie de oásis místico de paz divina no meio de um mundo sobressaltado na atenção aos clangores bélicos. Dedicavam-se à contemplação dos mistérios de Deus e da Natureza, viviam voluntariamente na extrema pobreza, pedindo esmola diariamente, para proverem o seu sustento e o dos pobres que auxiliavam. Mantinham a alegria estampada na face, construía de forma singela, espalhando alegria espiritual, consolo, conselhos e cuidando das almas

<sup>219</sup> Vide Aires A. Nascimento, *op. cit.*, pp.9-10.

<sup>220</sup> Idem, *ibidem*, p.11.

<sup>221</sup> Maria Ângela Beirante, “Santarém no Tempo de S. Frei Gil”, *S. Frei Gil de Santarém e a sua época*. Coordenação de Jorge Custódio, Santarém, Câmara Municipal de Santarém, 1997, p.11-13.

<sup>222</sup> Aires A. Nascimento, *op. cit.*, pp.14-17.

feridas. Tudo era de todos e nada de cada um. Toda a roupa era de lá e asseada. A sua alimentação era baseada no Evangelho; não armazenavam, jejuavam uma grande parte do ano, não comiam carne, salvo por prescrição médica. Viviam no silêncio e embebiavam a alma com a oração e cânticos divinos. Dormiam e estudavam em pequenos compartimentos abertos, sendo o estudo grave, exigente e disciplinado.<sup>223</sup>

No que concerne à conversão de Gil, a sua hagiografia distingue dois temas; o resgate do pacto com o diabo e o paralelo apostólico da conversão. As reprovações augustinianas relativas ao pacto demoníaco identificam o estatuto médico com determinadas superstições, remédios, amuletos, práticas astrológicas e os próprios médicos, que por constituírem possível fonte de contacto entre o homem e o demónio deveriam ser evitadas. Se estes factos se ligam ao primeiro dos temas da conversão, o segundo é paralelo à história de Saulo, futuro apóstolo S. Paulo que, da mesma forma, ganham consciência dos erros e tentações do passado para se renovarem num novo caminho espiritual.<sup>224</sup>

### **6.1 - Físico, nigromante, médico do corpo e da alma – vida e obra de Gil nos alvares da medicina no Portugal Medieval**

Frei Gil, notável muito falado, revestido de uma forte conotação hagiográfica, mas pouco científica, cujas primeiras biografias surgem, a partir do século XVI, traz-nos um desafio na tentativa de realizar um trabalho baseado em factos científicos. Bebendo dos diversos trabalhos realizados sobre ele, procuramos enquadrar este homem medieval, na forma mais científica que nos é possível, tendo necessariamente de nos manter ligados à lenda, dadas as condicionantes que lhe estão associadas.

A *Vitae Fratrum Ordinis Praedicatorum*, escrita entre 1255-1260 pelo francês Gerard Frachet, o primeiro dos cronistas e hagiógrafos da Ordem dos Dominicanos, constitui o mais antigo relato hagiográfico da vida de Gil de Valadares. É neste relato que Gil é chamado de *medicus*, enquanto que outros lhe conferem o grau de doutor em Medicina, em cerca de 1220, o que parece ser difícil dado que esta Universidade, apesar de detentora do curso de Medicina, não lhe poderia conferir, ainda, o grau de doutor. Por volta de 1230 torna-se leitor do convento de Santarém, sendo provável

<sup>223</sup> João de Oliveira, O.P., *op. cit.*, pp. 70-77.

<sup>224</sup> Jorge Custódio, *op. cit.*, p.37.

que tenha mantido conjuntamente a sua prática médica, como forma de se manter próximo da população, na aplicação da *caritas* e de pregação.<sup>225</sup> A sua ocupação como físico régio não pode ser comprovada. Poderá haver uma confusão com um Mestre Gil de Leiria no que concerne a esta temática. Da mesma forma, as vastas obrigações que o “Escalabitano” teria para com a Ordem dos Pregadores não lhe deixariam grande disponibilidade para a ocupação de um cargo que necessitaria de uma presença a tempo inteiro<sup>226</sup>, pondo o físico régio no seio da Casa do Rei ou da Rainha. Ainda assim, crendo na importância da figura de Frei Gil, na época, bem como na sua distinção como médico, não seria de admirar que este possa, em alguns momentos, ter estado presente no aconselhamento médico do monarca.

A importância de Toledo como um dos maiores centros médicos da Andaluzia traduz-se na possibilidade de Gil aperfeiçoar o seu desempenho como tradutor de árabe e latim, através da convivência espiritual com a cultura islâmica e mediterrânica que, na altura, constituíam uma importante fonte de conhecimentos médicos. Frei Gil seria, assim, detentor de um legado islâmico, cujas raízes continham Filosofia, Alquimia e Astrologia, enriquecido pela herança do catolicismo e da conotação espiritual que conferia à Medicina, permitindo a sobrevivência da prática médica numa época em que esta, os seus saberes e praticantes eram contestados pela Igreja, tornando-o num símbolo da Medicina na sua época. Ora, a sua obra médica é um reflexo das características e da temática da cultura médica na época em que viveu. O seu receituário tem as bases do herbanário mediterrânico, onde o azeite, o vinagre, o mel as águas, as sangrias, as purgas e o conhecimento das urinas estão vigentes.<sup>227</sup>

## 6.2 - Obra médica – tradutor e autor

Iona McCleery refere um documento da National Library of Medicine nos Estados Unidos que faz referência a uma compilação do Dominicano Frei Gil de

<sup>225</sup> Vide André Filipe Oliveira da Silva, *Físicos e cirurgiões medievais portugueses. Contextos socioculturais, práticas e transmissão de conhecimentos (1192-1340)*. Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Medievais à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2015. Publicado eletronicamente em [https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub\\_geral.pub\\_view?pi\\_pub\\_base\\_id=35640](https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=35640), no formato PDF, [consultado a 1 de Junho de 2016], pp.57-59.

<sup>226</sup> Idem, *ibidem*, p.60.

<sup>227</sup> Margarida Abranches, Hugo Gomes da Silva, *Frei Gil de Santarém – Perfil de um Médico e Teólogo Medieval*, Actas da Reunião Internacional de História da Medicina, Lisboa, Gráfica Rodrigues & Santos, Lda., 2001, pp. 181-182.

Santarém, no Século XIII.<sup>228</sup> Encontramos ainda, neste documento, a referência a Frei Gil como Mestre na área médica, santo milagreiro ou necromante. Nascido de uma família nobre de Coimbra, Gil terá estudado em Paris e terá ensinado e entrado para a Ordem dos Dominicanos, nesta cidade, c. 1225. Frei Gil é descrito como um homem devoto e dedicado aos outros. Regressado a Portugal c. 1230 tornou-se prior da ordem, viajando pela península e tendo escrito os seus trabalhos médicos, provavelmente mais tarde, em Santarém. Terá compilado a dita obra “remédios para várias doenças” e terá traduzido do árabe para o latim várias obras médicas dos séculos IX e X d.C.. Terá ainda escrito dois pequenos trabalhos sobre sinais de prognóstico e receitas que se encontram no Códice que estudamos.<sup>229</sup> A lenda respeitante a Frei Gil, que o refere como pactuante com o Diabo, com quem se terá encontrado em Toledo, a caminho de Paris, cujo pacto de sete anos o terá ajudado a cursar medicina e a tornar-se um grande médico, para depois, mais tarde, de regresso ao seu país, em Palência, tendo visto frades dominicanos na construção de um convento, terá ficado impressionado e decidido entrar na ordem, desfazendo-se do seu pacto com a ajuda da Virgem Maria, tem, no referido documento da National Library, a prova de que o seu culto remonta à anterioridade dos séculos XVII e XVIII, durante os quais terá sido escrita a sua vida, o seu oficial reconhecimento pelo Papa e Beatificação.<sup>230</sup> Toledo era vista na Idade Média como centro de magia negra, muito provavelmente devido aos problemas inter-reinos característicos do mundo medieval, já que esta cidade constituía um local de tradução de diversas obras árabes.<sup>231</sup>

A vida de Frei Gil, como médico, terá sido bastante conhecida e o seu trabalho, *Liber de secretis in medicina* terá sido impresso várias vezes durante os séculos XV e XVI, na Europa, sobrevivendo em quatro manuscritos: França (Paris), Sevilha (Espanha), Cracóvia (Polónia) e Vaticano.<sup>232</sup> A importância de Frei Gil na transmissão dos conhecimentos médicos árabes, no Ocidente Medieval, foi

<sup>228</sup> Iona McCleery, *Saintly Physician, Diabolical Doctor, Medieval Saint: Exploring the Reputation of Gil de Santarém in Medieval and Renaissance Portugal*, 2005, publicado eletronicamente em [http://www.jstor.org/stable/41105240?&seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/41105240?&seq=1#page_scan_tab_contents), no formato PDF, [consultado a 10 de Maio de 2016], p. 112.

<sup>229</sup> Vide Idem, *ibidem*, p.114.

<sup>230</sup> Vide Idem, *ibidem*, p. 115.

<sup>231</sup> Idem, *ibidem*, p. 116.

<sup>232</sup> Iona McCleery, “The medical works of Giles of Santarém”, *The Life and Legend of Giles of Santarém, Dominican Friar and Physician (d.1265): A Perspective on Medieval Portugal*, PhD Thesis, University of Saint Andrews, 2000, p. 257.

considerada pelos que estudaram os seus trabalhos.<sup>233</sup> Iona McCleery dedica-se a três das obras atribuídas ao Dominicano: uma compilação de anedotas e receitas baseadas nos trabalhos de Ibn Masawaih e Rhazes, que compõem o trabalho referido acima; uma obra em italiano que sobrevive nos Estados Unidos da América, *Rimedi di diverse malatie* e, por último, a obra a cujo estudo nos dedicamos *Livro de naturas e de Synaees dos enffermo*, que constituem maioritariamente coleções de receitas médicas.<sup>234</sup>

A obra de Gil de Santarém, *De secretis*, poderá ter influenciado nomes da medicina medieval como Arnau de Vilanova ou Pedro Hispano.<sup>235</sup> Em dois dos supracitados manuscritos, este trabalho de Frei Gil insere-se num tipo de obra frequente no mundo medieval, os “livros dos segredos”<sup>236</sup>, os quais não só eram compostos por matéria astrológica e alquímica, como também continham uma importante componente médica. Os segredos medievais não denotavam a conotação que lhes damos nos nossos dias. Estes livros, continham os segredos dos antigos, continham conhecimentos e receitas médicas, alguns abordando temáticas relativas à saúde das mulheres e sexualidades, que não deveriam estar ao acesso de todos. Os livros abordavam temáticas externas à medicina, mas que a influenciavam, como o tempo, as estações do ano, as condições de habitação, alimentação, sonhos, eliminação/purgação, sono, exercício e emoções.<sup>237</sup> Este livro, uma tradução de Rhazes, terá influenciado Frei Gil na sua obra, propondo, Iona,<sup>238</sup> a possibilidade de um certo paralelismo entre ambos os médicos (um da corte de Bagdad e o outro com contacto com a corte de Afonso III de Portugal). Não só na transmissão de conhecimentos antigos, de farmacopeia bem como o conhecimento advindo da própria experiência de Rhazes, deverão ter sido fonte para o estudo e trabalho de Gil. As traduções de Frei Gil de Santarém, do *De secretis*, muito envoltas em polémica por diversos historiadores<sup>239</sup>, não deixam de dar um amostra da sua familiaridade para com os textos árabes e da influência das plantas e minerais recomendadas pelos

<sup>233</sup> Referência a este no estudo de Adel Sidarius, *Arabismos e traduções árabes em meios luso-moçárabes*, 2005, <http://www.uco.es/investiga/grupos/hum380/collectanea/sites/default/files/12.pdf> [consultado em 24 de Outubro de 2014].

<sup>234</sup> Iona McCleery, life and legend of Giles, Chapter 8, p. 258.

<sup>235</sup> Iona McCleery, life and legend of Giles, Chapter 8, p. 262.

<sup>236</sup> Sendo, provavelmente, o *Secretum secretorum* de Pseudo-Aristotle o mais conhecido.

<sup>237</sup> Iona McCleery, life and legend of Giles, Chapter 8, p. 263-265.

<sup>238</sup> Vide idem, *ibidem*, p.266.

<sup>239</sup> Vide Iona McCleery, “The medical works of Giles of Santarém”, *The Life and Legend of Giles of Santarém, Dominican Friar and Physician (d.1265):A Perspective on Medieval Portugal*, PhD Thesis, University of Saint Andrews, 2000, p. 270.

mesmos. As traduções árabes de Frei Gil são pouco reconhecidas pelos historiadores portugueses, apesar de tradição de que um Mestre Gil (Frei Gil?) terá escrito o *De secretis* em Santa Cruz, em 1218. Vários são, no entanto, os indícios de que as traduções árabes de Frei Gil tenham ocorrido mais tarde, num contexto mais propício, em Santarém. Iona conclui que é inegável a importância de Frei Gil na transmissão da cultura da medicina árabe no Ocidente Europeu e que, se não se desse o caso da omissão do seu nome ao longo das diversas transcrições, Gil seria um nome mais conhecido na História da Medicina.<sup>240</sup>

O livro *De rimeddi*, apresenta uma introdução fielmente descritiva de Frei Gil e da sua vida e obra. Contém uma lista de receitas, muito semelhante ao *Thesaurus Pauperum* de Pedro Hispano, apesar de não apresentar nenhum fundamento baseado nos conhecimentos dos grandes mestres da Antiguidade. O livro apresenta alguma semelhanças com o *Livro de Naturas*, não sendo a mesma obra, partilham em comum a tradição por simples receitas recorrentes de ervas.<sup>241</sup>

Em 1212, na juventude de Gil, o Concílio de Paris proclama-se contra a prática da Medicina pelos monges e, três anos mais tarde, o segundo Concílio de Latrão faz o mesmo. Apesar disto, Gil continua a sua prática, provavelmente dada a falta de médicos existente na época. Apesar de não ter sido o primeiro português a estudar Medicina no estrangeiro, parece ter sido o primeiro médico português a escrevê-la! Nasceu e estudou antes de Pedro Hispano, pelo que os seus escritos terão antecedido ao *Thesaurus Pauperum*, não estando desatualizados relativamente à frequência no curso de Medicina em Paris pelos dois médicos, visto que a clivagem temporal entre ambos não é significativa para uma evolução no ensino médico.<sup>242</sup>

A medicina vingava no mundo da escolástica, presa entre a ciência da Antiguidade e o mundo da superstição, dos curandeiros e feiticeiros que imbuíam a terapêutica com os seus legados. Se os frades praticavam a arte médica, maioritariamente imbuídos por um espírito caritativo assente na cura divina, nas orações, mezinhas, relíquias, água benta e invocação de santos, desconhecedores ou desvalorizando a ciência e a causa das doenças, aceitando-a como castigo de Deus,

<sup>240</sup> Idem, *ibidem*, pp. 272-275.

<sup>241</sup> Idem, *ibidem*, pp. 283-286.

<sup>242</sup> João de Oliveira, O.P., *op. cit.*, pp. 108,112.

Frei Gil mune-se de estudos e aborda esta prática de uma forma mais científica do que os seus semelhantes. O seu uso das plantas medicinais marcava um certo progresso.<sup>243</sup>

A influência de Galeno na medicina de Frei Gil, e mesmo de Pedro Hispano, é inegável. A ele foram buscar o bom e o mau, facto compreensível dadas as limitações da época. O método racional e especulativo herdado deste mestre, detém lacunas de observação e experimentação. A impossibilidade da dissecação de cadáveres humanos baseia o seu conhecimentos nos cadáveres de animais. As mudanças periódicas da natureza, a influência do sol e da lua, fundamentavam teorias de crise e dias críticos. No campo da terapêutica Galeno defendia que cada órgão exerce uma atração específica sobre um determinado medicamento pela relação entre o medicamento e órgão.<sup>244</sup>

A relação entre Cristo e Galeno terá sido complexa para Frei Gil, que considerava o primeiro como superior, num período em que medicina e religião andavam ligadas paralelamente e, para um homem cuja formação médica se interligava com a religiosa. Os santos milagreiros fazem, ainda hoje, parte importante do mundo da fé e da doença. Na Idade Média, esta crença seria ainda mais comum e a história dos santos e dos seus milagres, segundo McCleery, não devidamente estudada, documenta uma importante prática medieval no combate à doença.<sup>245</sup>

A reflexão sobre práticas médicas medievais, milagrosas ou não, pode levar a uma ideia sobre os diferentes papéis sociais na área da medicina, entre o homem e a mulher. Não nos interessando para o nosso estudo a discussão sobre a relação, ou não, dos milagres com a medicina, a verdade é que eles eram uma prática corrente e não podemos fazer um trabalho sobre a obra de um médico que também foi monge e santificado (em 1748) sem a eles nos referirmos. Aliás, como veremos ao estudarmos a nossa fonte específica, na obra médica de Frei Gil está claramente visível a componente religiosa ligada à prática médica.<sup>246</sup>

Os paradigmas instituídos pelos historiadores para Inglaterra, França e Itália, no campo da Medicina, não se enquadram para Portugal que, só com uma

<sup>243</sup> Vide Idem, *ibidem*, p. 109.

<sup>244</sup> Idem, *ibidem*, pp. 121-123.

<sup>245</sup> Iona McCleery, *Christ more powerful than Galen?: The relationship between medicine and miracles*, 2014, publicado eletronicamente em [https://books.google.pt/books?id=aVjDBwAAQBAJ&pg=PA127&dq=Iona+McCleery&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CB4Q6AEwAGoVChMI\\_vXj8u-cyQIVx9MaCh3C4geY#v=onepage&q=Iona%20McCleery&f=false](https://books.google.pt/books?id=aVjDBwAAQBAJ&pg=PA127&dq=Iona+McCleery&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CB4Q6AEwAGoVChMI_vXj8u-cyQIVx9MaCh3C4geY#v=onepage&q=Iona%20McCleery&f=false), no formato PDF, [consultado a 24 de Outubro de 2014], pp. 1-2.

<sup>246</sup> Vide infra p. 134.

Universidade, sem a existência de uma guilda de físicos e com uma grande população de médicos judeus (grande parte expulsa do reino no século XV), não deixou um legado considerável de fontes médicas para estudo.<sup>247</sup>

Nos relatos milagrosos de Frei Gil os seus usuários foram 45 homens e 21 mulheres, dos quais 22 eram crianças ou jovens. As mulheres promoveram mais o seu culto na medida em que tiveram mais acesso ao túmulo do santo, ainda que tenham sido menos contempladas pelos seus milagres. As principais causas curadas pelos seus milagres foram na maioria feridas e doenças, 11 casos de feridas traumáticas, 7 casos de fertilidade ou problemas de parto e 4 casos de possessão. Em 33 destes casos encontra-se referência a praticantes de medicina, tratamentos médico-cirúrgicos e diagnósticos médicos como fístulas ou hérnias.<sup>248</sup> As leituras dos milagres sugerem que Frei Gil seria especialista em orelhas, nariz e garganta<sup>249</sup>, ou seja, problemas de otorrinolaringologia. O seu culto estaria envolto em tentativas de práticas médicas mais próximas da medicina como ciência do que da magia. Maioritariamente, os aflitos eram tratados por médicos e a ação do santo, normalmente em sonhos, continha uma prática médica. Os seus milagres e o papel dos Dominicanos de Santarém, indissociáveis da importância da fé e do poder de Cristo, estavam ligados à prática médica. A associação da religião e dos milagres no tratamento, garantia uma conotação religiosa à medicina, num contexto cultural religiosamente imbuído, conferindo uma inspiração divina aos praticantes e garantindo uma maior crença por parte do povo.<sup>250</sup>

Frei Gil e os seus semelhantes lograram a elevação da medicina a um plano divino, de forma a que, enquadrada pela escolástica medieval das universidades europeias, se conduziu à sua viabilidade e aprofundamento.<sup>251</sup>

Para finalizar esta abordagem à vida e obra de Frei Gil se Santarém, não podemos deixar de referir um problema levantado por, André Filipe Oliveira da Silva, no seu trabalho sobre Físicos e Cirurgiões medievais, onde aborda o manuscrito que

---

<sup>247</sup> Iona McCleery, *Christ more powerful than Galen?: The relationship between medicine and miracles*, 2014, publicado eletronicamente em [https://books.google.pt/books?id=aVjDBwAAQBAJ&pg=PA127&dq=Iona+McCleery&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CB4Q6AEwAGoVChMI\\_vXj8u-cyQIVx9MaCh3C4geY#v=onepage&q=Iona%20McCleery&f=false](https://books.google.pt/books?id=aVjDBwAAQBAJ&pg=PA127&dq=Iona+McCleery&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CB4Q6AEwAGoVChMI_vXj8u-cyQIVx9MaCh3C4geY#v=onepage&q=Iona%20McCleery&f=false), no formato PDF, [consultado a 24 de Outubro de 2014], p. 11.

<sup>248</sup> Idem, *ibidem*, p.15.

<sup>249</sup> Idem, *ibidem*, p. 16.

<sup>250</sup> Idem, *ibidem*, p. 19-25.

<sup>251</sup> Jorge Custódio, *op. cit.*, p.48.

temos em estudo como uma possível prova da veracidade ou não veracidade do exercício de Frei Gil como físico<sup>252</sup>. Explora a forma rudimentar do manuscrito, aproximando-o mais de um Gil tradutor do que de um praticante médico. Da mesma forma, atribui-o como um compêndio reunido por frades mendicantes, mas pouco provavelmente por Frei Gil, o primeiro da Ordem em Portugal, e um homem a quem se atribui a frequência da Universidade de Paris. Assemelha ainda o manuscrito a tantos outros correntes na época. Não nos parecem, de todo, descabidas estas assunções, ao mesmo tempo que a nossa investigação não nos permite refutá-lo na certa. Resta-nos dar a nossa sugestão subsequente à nossa investigação. Que o manuscrito é antigo e não identificamos na certa o seu tradutor/criador, é uma certeza. Nos fólhos em estudo, o seu começo, com a frase: “pello qual obraua o muy noble fissyco ffrey gill da ordem dos pregadores”, indica-nos que ele usaria estes conhecimentos mas não nos garante que terá sido o seu autor. Ainda assim parece-nos possível que sim. Não admira que seja semelhante a tantos outros correntes naqueles dias. Não admira a forte influência árabe, pagã ou mesmo “popularucha” ao invés da cientificidade parisiense que o colega André Oliveira da Silva parece esperar. Não podemos saber ao certo quando o terá escrito, caso tenha sido este o caso. Gil, ao que tudo indica, terá iniciado os seus estudos nesta área ainda antes de se dirigir a Paris. Poderá ter escrito esta obra anteriormente. Também já percebemos que a Medicina da época, mesmo a ensinada nas Universidades, em muito deixava a desejar no que respeita à cientificidade da atualidade. As observações do dia a dia, bem como uma miscelânea entre ingredientes que nos possam parecer absurdos hoje seriam usados, na altura, pelos mais diversos praticantes da ciência médica, pelo que não seria de estranhar que um homem, mesmo letrado em Paris, tenha sido autor deste tratado, especialmente um com tamanha bagagem de conhecimentos árabes, cristãos e, a aceitar a história de nigromancia, mágicos/ místicos.

---

<sup>252</sup> André Filipe Oliveira da Silva, *op. cit.*, pp.60-61.

## 7 - O Códice Eborense CXXI/ 2-19

O código visigótico, vigente no Ocidente Medieval até cerca do final do século XI não mereceria grande consideração pelos executores de medicina. Apenas refere a impossibilidade de um físico sangrar uma mulher ou filha de um nobre sem a presença de um parente ou criado e que, aquando do seu chamamento, deveria de imediato, após a observação, concordar o pagamento, que não poderia ser cobrado em caso de morte do doente. O código define ainda o preço da aprendizagem de discípulos bem como o preço pela cura das cataratas e a sanção, em caso de morte do paciente durante o procedimento (o físico seria entregue à família lesada que poderia fazer o que lhe aprouvesse e se deixasse um servo inutilizado teria de fornecer outro ao seu senhor). Não há provas de que a lei visigótica tenha sido aplicada na medicina portuguesa, no entanto, a sua importância na história europeia é fundamental. Certo é que os clérigos medievais gozavam de muitas isenções e privilégios bem como os físicos, quer enquanto parte do clero quer como leigos universitários.<sup>253</sup>

No que respeita às doenças, a palavra *chaga* era usada de uma forma generalizada em relação a diferentes tipos de ferimentos, localizados nos membros, cabeça, nariz e cara. A *gangrena* aparece nomeada frequentemente. Os *apostemas* poderiam ser feridas infectadas ou tumores cujo tratamento visava a sua abertura e expulsão do pús sem necessidade de recorrer à cauterização. O *cancer*, as doenças mamárias e outras doenças da mulher eram muitas vezes referenciados. Os tumores eram muitas vezes designados como *figos*. As doenças dos olhos ou da boca, eram outras afecções comuns, bem como as doenças reumáticas. O paludismo poderia ser frequente tendo em conta as zonas pantanosas que caracterizavam muitas das terras medievais. As doenças respiratórias e sazonais como as constipações, muitas vezes designadas por *catarro*<sup>254</sup>, os problemas cardíacos e gastrointestinais constituíam também problemas frequentes. O termo *praga* teria um uso variado e de difícil definição, da mesma forma que *febres* e *trama* poderiam designar a peste. Comuns seriam também as mais distintas formas de hemorragia e as mais variadas febres.<sup>255</sup> As doenças venéreas como a sífilis, a sarna, o fogo de Santo Antão ou erisipela

<sup>253</sup> Maximiano Lemos, *op. cit.*, pp. 38-39.

<sup>254</sup> Terminologia ainda usada nos nossos dias na linguagem comum.

<sup>255</sup> Que sabemos hoje ser, na sua maioria, um sintoma e não uma doença, apesar de o seu nome poder ser aplicado na definição de doença em alguns casos, i.e. febre amarela, febre quartã, febre Q, entre outros.

gangrenosa, a raiva e a lepra eram outros dos males que frequentemente atormentavam o homem medieval.<sup>256</sup> Muitos destes termos encontram-se empregues nos fólhos que estudámos e são variadas as mezinhas referidas no *Livro de Naturas*, com vista ao alívio ou combate destes males do corpo.

## 7.1 - Os estudos feitos ao Códice

Após o enquadramento teórico que nos permitiu adquirir uma visão mais aproximada do mundo da medicina medieval e do seu contributo para o nosso país, e para uma tentativa de reconstrução da história desta parte da medicina portuguesa tão pouco conhecida e tão envolta num véu negro que lhe confere um cariz que a encaixa na famosa expressão “Idade das Trevas”, vamos dedicar-nos ao estudo daquele que foi o elemento motivador deste trabalho, um Códice do século XV, em português vernáculo, contendo uma compilação de variados tratados médicos, existente na Biblioteca Pública de Évora e cuja identificação dá pelo nome de Códice CXXI/ 2-19.

Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva Santos e L. N. Ferraz de Oliveira, nas *Actas do Congresso Comemorativo do V Centenário da Fundação do Hospital Real do Espírito Santo de Évora*, apresentaram dois artigos sobre o Códice CXXI/ 2-19, deixando clara a existência de um projeto com vista à sua publicação. No entanto, após a nossa pesquisa, não encontramos indícios de que esta tenha sido efectuada, facto que acabámos por confirmar com a investigadora em questão. É, então, com base nos seus trabalhos que prosseguimos à seguinte descrição do códice em estudo: apresenta uma capa em pergaminho de 22,5x31cm contendo quatro fólhos de guarda, não numerados, seguidos pelos dezanove cadernos manuscritos em papel, com 21x30cm e com marca de água registada por Briquet (nº 11163) e identificada como marca de papel feito em Nantes, em 1490.<sup>257</sup> A delimitação da mancha manuscrita mede cerca de 15,5x22cm, com um número de linhas oscilante entre os 28 e os 30, por fólho. O códice encontra-se escrito em português, a negro e com iniciais floreadas, verificando-se que está truncado ao começar no fólho número XII e cujo primeiro

<sup>256</sup> Maria José Ferro Tavares, *op. cit.*, pp.49-64.

<sup>257</sup> Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva Santos, L.N. Ferraz de Oliveira, “Um testemunho do conhecimento teórico e prático da medicina portuguesa quatrocentista”, *Actas do Congresso Comemorativo do V Centenário da Fundação do Hospital Real do Espírito Santo de Évora*, Évora, Barbosa & Xavier, LDA – Artes Gráficas, 1996, p.65.

capítulo identificado regista o número XIII. É de registar a falta de outros fólhos noutros cadernos<sup>258</sup> e é encerrado por outro fólho de guarda colado à contra capa.

Não sendo objectivo do presente estudo estudar a totalidade do códice, optamos por uma descrição resumida, baseada no artigo supracitado. O códice, dada a marca de água registada, deverá ter sido escrito no final do século XV e comporta uma diversa cronologia em acervo, na área da medicina. São identificados onze<sup>259</sup> livros diferentes, alguns dos quais atribuídos a Galeno, séc. II-III d.C. (livro de anatomia), a Constantino (provavelmente Constantino Africano cuja obra foi fundamental no mundo da medicina medieval e a Frei Gil de Santarém<sup>260</sup>, livro sobre o qual recai a nossa investigação. Os livros são divididos da seguinte forma: Livro I (fl. 12 a 21v), Livro II (fl. 61 a 63), Livro III (fl. 63 a 69v), Livro IV (fl. 69v a 104), Livro V (fl. 104 a 141v), Livro VI (fl. 141 a 166)<sup>261</sup>, Livro VII (fl. 166 a 182v), Livro VIII (fl. 182v a 189v), Livro IX (192 a 211v), Livro X (fl. 220 a 228v), Livro XI (fl. 230 a 237).

Apesar da indiscutível impossibilidade de o Códice ter sido escrito nos começos do século XV, ou antes, comprovada pela marca de água, parece-nos inegável de que o seu conteúdo é um reflexo da cultura médica medieval em Portugal, o que o torna numa rica fonte para o estudo da medicina nesta época. O Códice representa, provavelmente, o manuscrito mais antigo, escrito em português<sup>262</sup>, sobre a área da medicina medieval e, por conseguinte, transporta consigo o legado da cultura medieval e da medicina medieval.

Já vimos, em capítulos anteriores, que a medicina medieval seguia o legado da Antiguidade e que, neste campo, poucos eram os passos inovadores a serem desenvolvidos. Ainda assim, estes escritos demonstram que o homem medieval não viviam envolto por trevas e desconhecimentos e que a medicina procurava alguma cientificidade no meio das limitações em que se vivia. O manuscrito reflete o mundo

<sup>258</sup> Para uma descrição mais pormenorizada vide Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva Santos, L.N. Ferraz de Oliveira, *op. cit.*, pp. 65-73.

<sup>259</sup> Optámos por utilizar a divisão e nomenclatura escolhida por estes autores visto não se enquadrar no âmbito do nosso trabalho um estudo exaustivo da totalidade do códice.

<sup>260</sup> Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva Santos, L.N. Ferraz de Oliveira, *op. cit.*, p. 66-72.

<sup>261</sup> Este livro constitui o nosso objecto de estudo.

<sup>262</sup> Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva Santos, L.N. Ferraz de Oliveira, “Códice CXXI/ 2-19 da Biblioteca Pública de Évora. Ensaio de análise nos contextos cultural e científico-médico do seu tempo”, *Actas do Congresso Comemorativo do V Centenário da Fundação do Hospital Real do Espírito Santo de Évora*, Évora, Barbosa & Xavier, LDA – Artes Gráficas, 1996, pp. 75-76.

da medicina medieval na Europa, mas transporta também a importância de culturas co-habitantes neste espaço como a judaica e a árabe.

O século XV e o advento da modernidade transportam a mudança e a evolução que sucederam ao longo dos séculos no mundo científico. A invenção da imprensa por Gutenberg, em 1450, marcará a diferença na propagação do conhecimento. Em Leiria, produzia-se papel desde os começos desse séculos, mas as primeiras obras impressas surgirão já nos seus finais.<sup>263</sup> O Humanismo e o Renascimento trarão a revolução ao mundo científico e a medicina vai encontrar o seu ponto de viragem na época que se seguirá. Leonardo Da Vinci revisará a Anatomia com os seus desenhos anatómicos, os incontestáveis autores da Antiguidade passarão a ser contestados e as suas obras queimadas.<sup>264</sup> Mas esta revolução na área médica, este enriquecimento de conhecimentos retira a importância daqueles que os antecederam? Apaga os estudos e os esforços feitos pelos homens da Antiguidade e da Medievalidade que dentro das limitações dos seus conhecimentos, dos seus recursos, do seu imaginário e do seu contexto político-cultural procuraram incansavelmente a resposta para os males do corpo e da alma?

Maximiano Lemos refere-se a este códice como um manuscrito incompleto, detentor de tratados médicos, dos quais alguns teriam sido redigidos em Portugal, no século XIII. Declara-o como uma compilação desorganizada de variadas temáticas médicas e sem qualquer valor para além da ilustração das tendências da medicina no Portugal medievo<sup>265</sup>. A nós, pelo contrário, são estas tendências que nos aguçam o sentido histórico, na medida em que, mesmo incompleto, desorganizado e sem grandes inovações, o manuscrito é um testemunho da época e um contributo fundamental para o estudo da história social e para uma possibilidade de aproximação às práticas médicas medievais. Dá-nos uma ideia de quais os principais problemas que afectavam aquelas gentes, ou que os faziam recorrer à procura de alguém mais diferenciado na área da saúde, demonstram-nos uma importante parte da fauna e da flora do nosso país, dos hábitos alimentares, de costumes religiosos e da existência de alguma componente mágica na prática médica. De entre outros costumes nas práticas médicas medievais destacam-se a crença na Astrologia, muitas vezes associada às sangrias e à uroscopia, já referida anteriormente. As sangrias, como já vimos, foram

<sup>263</sup> Idem, *ibidem*, p. 76.

<sup>264</sup> Idem, *ibidem*, p. 78.

<sup>265</sup> Maximiano Lemos, *op. cit.*, p. 37.

fundamentais no decurso da medicina medieval, quer de forma curativa, quer de forma profilática.

O Códice Eborense CXXI/2-19 é descrito meticulosamente no catálogo da Biblioteca Pública de Évora em 1871. No entanto, só em 1891, Gabriel Pereira transcreve partes significativas do mesmo numa coleção de documentos para a história de Évora e, mais tarde, em 1899, Maximiano Lemos faz-lhe referência<sup>266</sup>, dando-lhe a pouca importância que já referimos. É o documento mais antigo em língua vernácula, contudo, os livros que nos cabem em estudo, referem que foi “tirado” do latim para o “românico”, sugerindo que terá sido escrito em latim pelo autor.<sup>267</sup> O que faz sentido, tendo em conta que no período referente à vida e obra de Gil de Santarém, no nosso reino, os documentos eram escritos em latim e, sendo o manuscrito em questão datado do século XV, época na qual o vernáculo já vigorava, a transcrição dos trabalhos de Frei Gil tenha sido feita do latim para o vernáculo.

Ferreira de Mira faz referência ao Códice em estudo, na sua *História da Medicina Portuguesa*, como uma demonstração da forma como S. Frei Gil exercia a prática médica: “*As muitas receitas curiosas que nele se encontram testemunham o atraso e a ingenuidade científica dos médicos da época.*”<sup>268</sup>

O Códice Eborense está manuscrito em letra da segunda metade de quatrocentos, em caracteres góticos e iniciais floreadas, com traduções erradas do latim, o que torna alguma da informação incompreensível. É composto por uma série de tratados médicos que variam consoante o seu valor científico. É dividido por Mário Martins, S.J. nos seguintes livros: Livro dos Ungentos (fls. 12-21 v.), um livro de anatomia de Galeno (fls. 61-63), O livro dos Quatro Mestres (fls. 63-69 v.), Dois livros de Rogério de Palermo (fls. 69 v.-104) e de Constantino Africano (fls. 104 - 140v.), importantes autores da Escola de Salerno. Um livro de naturas pelo qual obrava Frei Gil de Santarém (fls. 141v. – 166) e que o autor não identifica como tendo sido escrito pelo dominicano, pois crê que caso contrário estaria identificada de forma gloriosa a sua autoria. O Livro de Sabedoria das Pragas (fls. 166-179), umas páginas sobre sangrias (fls. 179-180), o Capítulo dos mestrais (...) (fls. 181 v.- 182 v.), um livro das sangrias composto por dois mestres de Salerno (fls. 182 v. -189 v.),

<sup>266</sup> Vide Iona McCleery, “The medical works of Giles of Santarém”, *The Life and Legend of Giles of Santarém, Dominican Friar and Physician (d.1265): A Perspective on Medieval Portugal*, PhD Thesis, University of Saint Andrews, 2000, p. 275.

<sup>267</sup> Idem, *ibidem*, pp. 276, 277.

<sup>268</sup> M. Ferreira de Mira, *op. cit.*, pp.25-26.

um “Tratadinho” sobre urinas (fls. 192-203), um Tratado de Urinas, de Arnau de Vilanova e de Pero Pina (fls. 203-204), um livro sobre preceitos dos mestres sabedores (fls. 220-225), um tratado sobre o conto da lua (fls. 225-228) e um tratado sobre purgas (fls. 230 até ao final).<sup>269</sup> Podemos verificar que esta divisão resulta em XV livros e é um pouco diferente da divisão referida por Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva Santos e L. N. Ferraz de Oliveira, e pela qual optámos já que nos parece que estes dois autores, que se propuseram mesmo a editar o Códice, fizeram um estudo mais aprofundado do mesmo. Voltamos a salvaguardar a nossa opção de seguir esta divisão, não invalidando qualquer uma das outras assumidas por outros autores que referem o Códice, e não estando em posição de propor uma divisão nossa, já que não estudámos a totalidade do documento de forma aprofundada.

As palavras que compõem o Códice, encontram-se na sua maioria traduzidas do latim mas, encontram-se vestígios do castelhano que poderão indicar o recurso a algumas fontes nesta língua. Alguns vocábulos são apresentados em diversas variantes e são apresentados determinados nomes de objetos de uso medieval, como armas ou objetos caseiros e variados termos médicos. Identificam-se também palavras de origem árabe e uma amálgama de vocábulos de origem popular com termos de origem erudita.<sup>270</sup>

Sobre as páginas que constituem o *Livro de Naturas*, Iona McCleery refere não se poder identificar este livro de Frei Gil como uma cópia de partes do *De secretis*, apesar de haver historiadores portugueses que o assumem.<sup>271</sup> Verificam-se algumas semelhanças, mas o contrário não seria de esperar, tendo em conta o contexto de aprendizagem e de obra de Frei Gil,

A importância do “olho” e das suas maleitas está patente no livro de Frei Gil, à semelhança da obra de Pedro Hispano. Esta tendência, partilhada com a cultura médica árabe, perde-se na Europa Cristã onde a oftalmologia teve uma importância menor.<sup>272</sup>

<sup>269</sup> Mário Martins, S.J., “O Códice Eboresense CXXI/2-19 como repositório da linguagem médica do séc. XV”, *Boletim de Filologia*, Tomo XIX, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1960, pp. 95-99.

<sup>270</sup> Idem, *ibidem*, pp. 99-101.

<sup>271</sup> Vide Iona McCleery, “The medical works of Giles of Santarém”, *The Life and Legend of Giles of Santarém, Dominican Friar and Physician (d.1265): A Perspective on Medieval Portugal*, PhD Thesis, University of Saint Andrews, 2000, p. 282.

<sup>272</sup> Idem, *ibidem*, p. 280.

## 7.2 - O Livro de Naturas

O percurso da nossa pesquisa iniciou-se com uma proposta da Professora Manuela Santos Silva, acerca de um códice existente na Biblioteca Pública de Évora, com tratados médicos em vernáculo, que estaria pouco estudado e que lhe foi indicado pelo Doutor Mário Farelo, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Com o desafio aceite, começámos por rumar a Évora para conhecer o Códice, familiarizar-nos com a letra e conhecer as características do suporte. Dada a sua grande dimensão, 350 fólios escritos, com um total de 374 imagens digitalizadas, contando com capa, contra capa e folhas em branco, tornou-se necessária a seleção de apenas uma parte, como amostra do nosso estudo. Decidimo-nos pelos fólios atribuídos a Frei Gil de Santarém, cujo primeiro contacto nos cativou pela riqueza de ingredientes e doenças apresentados nas suas mezinhas e pelo facto de estar ligado a uma personalidade importante da medievalidade portuguesa, cujo contributo no mundo médico foi pouco estudado.

O passo seguinte na nossa investigação consistiu na transcrição dos fólios que nos propusemos a estudar, recorrendo para isso às Normas de Transcrição Paleográfica Escolar do Professor Eduardo Borges Nunes, vigentes na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Transcrevemos o texto seguidamente, assinalando cada mudança de linha e assinalando cada mudança de página, tendo recorrido ao uso do hífen para cada mudança, em corte de palavras. Respeitámos os parágrafos, de acordo com o documento original. Fomos fieis à ortografia original e aos respectivos sinais diacríticos, bem como à pontuação, grafia e disposição de letras numerais. Resolvemos as abreviaturas na sua forma extensa, no entanto, optámos por não assinalar as letras abreviadas, nem sobrescrever na resolução as sobrescritas, dada a extensão do texto. As abreviaturas de nasal foram resolvidas em n ou m, enquanto que nos ditongos recorremos ao uso do til. No caso de palavras como “hua” ou “nehua” elegemos colocar o til sobre a letra “a”, dada a impossibilidade de o colocar na letra “u”, pelas limitações do teclado do computador. Na separação das palavras, modernizámos através da utilização do hífen nas enclíticas e em certas proclíticas e do apóstrofo nas elisões e crases.

f.141v *Aquy sse começa || l<sup>2</sup> huum liuro de naturas pello qual obraua l<sup>3</sup> o muy noble fissyco ffrey gill da ordem dos pregadores l<sup>4</sup> o qual liuro ffoy tirado de latim em rromamçio pera ss-l<sup>5</sup> aberem muytos o que em elle Jazia // pera tirror a neuoa l<sup>6</sup> dos olhos pera o pruido toma duas partes de leite de cab- l<sup>7</sup> ras E a terça de leborom<sup>273</sup> E alcoffora os olhos // pera ty- l<sup>8</sup> rar a neuoa dos olhos toma o ffel do leborom E ho l<sup>9</sup> ffel d' aguea E o ffel do galo E mestura todo cum // l<sup>10</sup> mell escumado E alcofora os olhos esto prouou Jp- l<sup>11</sup> ocras<sup>274</sup> // pera tolher a leepa coze as çimas<sup>275</sup> E as ma- l<sup>12</sup> luas em agoa e laua os olhos // pera os olhos lagri- l<sup>13</sup> mossos tomo ho çumo do treuo E mestura-o com*

f.142 *mel escumado E poi-no nos olhos // pera tirar a ne- l<sup>2</sup> uoa dos olhos tomo o çumo d'arruda E o çumo da çi-l<sup>3</sup> ridonia E o açefer cacotre<sup>276</sup> E alcoffora os olhos// pera l<sup>4</sup> esto toma o mel escumado E mestura-o com ffell l<sup>5</sup> de cabras e alcoffora os olhos // pera o Inchaço do l<sup>6</sup> olho toma a ffarinha das lintilhas E a ffarinha l<sup>7</sup> d'orjo E mestura-o com o çumo dos poros E com uy- l<sup>8</sup> nho branco E poim-lho // pera tirar a neuoa do olho to- l<sup>9</sup> ma o çumo d'arruda E o çumo da losna E o çumo do l<sup>10</sup> ffuncho E o çumo do orjauaão E o çumo dos gomos l<sup>11</sup> das ssyluas E o leite da molher que ouuer filho l<sup>12</sup> barom tanto de huum como do outro / E mestura to- l<sup>13</sup> do com mell E alcoffora os olhos com elle // pera l<sup>14</sup> os olhos sangoentos E lagrimossos toma a rruda l<sup>15</sup> sseca E faze della poo E mestura-o com mell E poy- l<sup>16</sup> -no em nos olhos E ssararas // pera esto toma o ç- l<sup>17</sup> umo da arruda E mestura-o com ssementes do lirio l<sup>18</sup> branco // E poim-lho // pera os olhos ssangoentos toma l<sup>19</sup> o çumo da çeradonja E poim-lha // pera tirar a mazella l<sup>20</sup> do olho toma o çumo d'arruda E o ffell do cabrom<sup>277</sup> l<sup>21</sup> E poim-lho // pera os olhos ssangoentos pissa ho orja- l<sup>22</sup> uaão E poim-lho //*

<sup>273</sup> Parece-nos que se refere ao heléboro.

<sup>274</sup> Hipócrates.

<sup>275</sup> Não encontramos nenhuma planta com este nome, acreditamos que se refira à parte superior de uma planta, em baixo refere o silvão macho, vide infra fólho 151 linha 6 , mas não podemos garantir que se refira exclusivamente a esta.

<sup>276</sup> Consideramos a possibilidade de que se refira a sucotrino (*aloe succotrinum* vide Maria Helena da Rocha Pereira, *Latim Medieval*, Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, pp. 232,233) de uma cidade na Índia, Succotra.

<sup>277</sup> Possibilidade de se remeter a cambrón ou alcachofra *rhannus catharticos L. e rubus fruticosos L.* Vide Miguel Asín Palácios, *Glosario de Voces Romances Registradas por un Botánico Anónimo Hispano-Musulmán (siglos XI-XII)*, Madrid- Granada, Imprenta de la viuda de Estanislau Maestre, 1943, pp. 51,52. No entanto e dado que remete para o fel, também se pode referir ao macho da cabra, animal.

l<sup>23</sup> Aquy sse começam os ssynaees dos l<sup>24</sup> enffermos quaes ssom mortaes l<sup>25</sup> E quaes ssom uйдаes pellos quaes l<sup>26</sup> obraua o muy noble ffisyco ffrey gill em nos l<sup>27</sup> enffermos scilicet em esta que mostra em este liuro //

f.142v Se o enffermo ouuer dor em no rrosto / E ouuer // l<sup>2</sup> ynchado E teuer a mão saestra ssobre os peitos l<sup>3</sup> E tocar os narizes ameude demonstra maao ssy- l<sup>4</sup> nal que a cabo de xb. dias morrera //

l<sup>5</sup> Se o enffermo ouuer dor em na cabeça he que a- l<sup>6</sup> ja E que aja perdido o ssyso E catalhem anbos os l<sup>7</sup> gyolhos E sse os tiuer jn<c>hados E duros que nom l<sup>8</sup> aja ssabor d'ir a canpo he ssynal mortall que a l<sup>9</sup> cabo . ix dias morera //

l<sup>10</sup> Se o enffermo ouuer as uentaas da guargan- l<sup>11</sup> ta estendidas E ssobre as uentaas estendidas l<sup>12</sup> teuer berbulhas alguã branca E cobicar vjn- l<sup>13</sup> ho quente he ssynall mortall que a cabo de dez l<sup>14</sup> dias morrera //

l<sup>15</sup> Se o emffermo ouuer door em nos estantinhos<sup>278</sup> l<sup>16</sup> cata-lhe a orelha destra E sse tem burbulhas bra- l<sup>17</sup> nquas alguuãs E sse ouuer a ourina espessa l<sup>18</sup> he ssynall mortal que a xxj dias morrera //

l<sup>19</sup> Se o emffermo ouuer os olhos couos e a boca a- l<sup>20</sup> berta quando dormjr sse o ssoe auer por cust- l<sup>21</sup> ume nom he maoo ssynal E se o nom ssoe pra l<sup>22</sup> custume auer he maoo ssynal mortall //

l<sup>23</sup> Se o emffermo chorar do olho ssestro he ssy- l<sup>24</sup> nal mortall a cabo de tres dias morrera //

l<sup>25</sup> Se ho emffermo nom poder dormir E torna// l<sup>26</sup> o rosto contra a porta he boom ssynall //

l<sup>27</sup> Se o emffermo ouuer ffebre aguda cata-lhe antre

f. 143 os dedos sse tem burbulhas negras pergunta- l<sup>2</sup> - o sse a ssabor de sse banhar em agoa quente l<sup>3</sup> E sse esto ouuer este he ssynhal mortal que l<sup>4</sup> a tres dias morrera //

l<sup>5</sup> Se o emffermo ouuer ffebre e ouuer door em ho l<sup>6</sup> uentre cata-lhe a ssola do pee destro sse tem buste- l<sup>7</sup> la de cor amarela chaã E perguta-o sse a ssab- l<sup>8</sup> or d'algũ cosa E sse lhe hi achares este ssy- l<sup>9</sup> nall que nom aja ssabor de ny mjgalha este ssy- l<sup>10</sup> nall he mortall que a cabo de xxij dias morrera //

l<sup>11</sup> Se o emffermo teuer esprem jnchado cata-lhe as l<sup>12</sup> unhas das mãos dos poligares sse as tem l<sup>13</sup> negras E cata-lhe a ffronte sse a tem uermelha l<sup>14</sup> ou sse da espirros he ssynal mortall que a cabo l<sup>15</sup> de quatro dias morera //

<sup>278</sup> Não conseguimos encontrar o significado desta expressão.

l<sup>16</sup> Se o emffermo ouuer dor em no ffigado cata-lh- l<sup>17</sup> e a guarganta sse tem quatro burbulhas de l<sup>18</sup> huã color huã cabo da outra / E que nom aja ssa- l<sup>19</sup> bor de mjar E que na ourina anda ssangue pre- l<sup>20</sup> gunta-o sse ha pruydo no dedo polegar do pee de- l<sup>21</sup> stro he ssynal mortall que a cabo de xij dias mo- l<sup>22</sup> rrera //

l<sup>23</sup> Se o emffermo teuer a cabo do embigo tres burbu- l<sup>24</sup> lhas a parte destra ou a ssestra E que ssejam ta- l<sup>25</sup> manhas como eruanços E que huã a cabo da l<sup>26</sup> outra E huã for branca E outra ue<r>melha E ou- l<sup>27</sup> tra cardea este ssynal he mortall que aquelle l<sup>28</sup> dia morrera //

l<sup>29</sup> Se o emffermo teuer door em no uentre cata-lhe

f. 143v a ssobrançelha sse tem hi huã burbulha tam grande co- l<sup>2</sup> mo huã auelam E sseja dita cor he ssynhal mor- l<sup>3</sup> tal que a cabo de quatro dias morrera //

l<sup>4</sup> Se o emffermo ssaluar o mestre E teuer anbas l<sup>5</sup> as mãos ssob a cabeça E encuruar as pernas esc- l<sup>6</sup> apara // Item

l<sup>7</sup> Se o emffermo alçar anbos os goelhos con- l<sup>8</sup> tra a cabeça creas que este he boom ssynall //

l<sup>9</sup> Se o emffermo Jdropigo nom ouuer ssede E cobiçar l<sup>10</sup> mell E uynho he ssynal mortal que a cabo de oy- l<sup>11</sup> to dias morrera //

l<sup>12</sup> Esta he a mezinha pera a quemadura toma l<sup>13</sup> a chantagem pissada E poim-lha E toma a laam l<sup>14</sup> molhada no ujnagre E poim-lha //

l<sup>15</sup> Esta he a mezinha pera estancar o ssangue l<sup>16</sup> da chagua toma ho esterco das cabras E po- l<sup>17</sup> i-lho mesturado com ujnagre //

l<sup>18</sup> Esta he a mezinha pera tolher a ssarna fforte l<sup>19</sup> que ssemelha leura toma o çumo d'arruda E o- l<sup>20</sup> lio rrossado E mestura-o com aluaiade E hunta ha l<sup>21</sup> ssarna //

l<sup>22</sup> Esta mezinha he pera tinha ffaze rrer<sup>279</sup> a cabe- l<sup>23</sup> ça E esffregua mujto com ffolhas de ffigue- l<sup>24</sup> ira E com ujnagre ata que ssaya ssangue l<sup>25</sup> E toma o ouryço quacheiro E quema-o E faze l<sup>26</sup> delle poo E mestura-o com pez derretido E poym- l<sup>27</sup> – lho //

f.144 Esta he a mezinha pera a dor do estamago tom- l<sup>2</sup> a a murta E o poeJo E o ouregaã E a neueda E er- l<sup>3</sup> ua pimeiteira E o ssarpom E a rraiz da junça l<sup>4</sup> E alabaça E a bataflua<sup>280</sup> E alcarouuia E comjn- l<sup>5</sup> hos E pimenta E gingiuer E

<sup>279</sup> Rapar.

<sup>280</sup> Batafalua, segundo Filipe Themudo Barata, *Glossário do comércio medieval*, *Glossário do Comércio Medieval*, [s.d.], [http://old.www.cidehus.uevora.pt/textos/fontesul/fsul\\_glossario.pdf](http://old.www.cidehus.uevora.pt/textos/fontesul/fsul_glossario.pdf), [consultado a 13 de Fevereiro de 2015], p. 4.

abretocuta<sup>281</sup> me- |<sup>6</sup> sturado todo com uynho mujto cozido E poi-nas |<sup>7</sup> na boca do estamago E bibe o uynho E assy po- |<sup>8</sup> des guareçer //

|<sup>9</sup> Esta mezinha he pera as bustelas toma ho |<sup>10</sup> azeite E ffaze-o fferuer E deita-lhe do aluaiade E |<sup>11</sup> ferua a tanto que torne negro E hunta-as //

|<sup>12</sup> Esta he a mezinha pera tolher a ssede toma ho |<sup>13</sup> çumo das çarralhas E mestura-o com açúcar E |<sup>14</sup> bibe-o cada manhaa //

|<sup>15</sup> Esta he a mezinha pera quem treme as mãos u- |<sup>16</sup> sse a comer o meollo da lebor E do coelho E seja coz- |<sup>17</sup> ydo //

|<sup>18</sup> Esta he a mezinha pera quem toam as orelh- |<sup>19</sup> as toma o çumo da ortiga morta E aqueintas he |<sup>20</sup> deita-lhe tres gotas //

|<sup>21</sup> Pera a door da cabeça as rrossas cozidas E po- |<sup>22</sup> ynas na cabeça //

|<sup>23</sup> Esta he a mezinha pera apostema toma as |<sup>24</sup> ffolhas do alecrym E arriquiriça E coze todo com a- |<sup>25</sup> goa E bibe-o //

|<sup>26</sup> Esta he a mezinha pera tirror o estrepe do pee ssem |<sup>27</sup> fferro toma a erua lobereira E poim-lha passada |<sup>28</sup> // E sarara//

f.144v Esta he a mezinha pera ffazer deitar a colora E |<sup>2</sup> a freima pela guarganta toma huã rommaã |<sup>3</sup> gostal E outra doçar E pissa-as E mestura o çumo |<sup>4</sup> com açúcar rruyuo de ongria E bibe-o //

|<sup>5</sup> Esta he a mezinha pera door de cabeça toma |<sup>6</sup> os grãos trigos E coze-os em azeite E poi-nos |<sup>7</sup> na cabeça//

|<sup>8</sup> Esta mezinha he pera a door do dente E pera |<sup>9</sup> alfforna<sup>282</sup> toma o çumo do orJauaão E laua-os com |<sup>10</sup> elle tres uezes no dia E sarara //

|<sup>11</sup> Esta he a mezinha pera empigem toma os |<sup>12</sup> colhoes d'abrotea E alinpa-os E coze-os com mel |<sup>13</sup> E poi-lhos //

|<sup>14</sup> Pera esto o poo da pedra emxuffre mestura- |<sup>15</sup> do com ssabom E poim-lho //

|<sup>16</sup> E pera esto toma a rrezina de pinho E mestu- |<sup>17</sup> ra-o com uynagre E poim-lha //

|<sup>18</sup> Esta he a mezinha pera o cançer matar // |<sup>19</sup> toma o cangreJo E tira-lhe a casca E quey- |<sup>20</sup> ma-o E ffazee pos E deita-lho //

|<sup>21</sup> Esta he a mezinha pera a door dos peitos to- |<sup>22</sup> ma o çumo d'arruda E o çumo do marroyo aluar |<sup>23</sup> E o çumo do aypo E o çumo do Jssope E toma tan- |<sup>24</sup> to mell como todo E coze-o em huã panela no- |<sup>25</sup> ua E coze-o com boom uynho E bebe-o a manha E |<sup>26</sup> a noute //

<sup>281</sup> Não conseguimos encontrar significado para este termo.

<sup>282</sup> Não conseguimos encontrar significado para esta doença.

f.145 *Pera os olhos que am pruydo toma duas partes <sup>12</sup> de leite de cabras E a terça de ffel de [[bre]] lebres <sup>13</sup> E hunta os olhos //*

<sup>14</sup> *Esta he a mezinha pera a sseyda<sup>283</sup> ffaze-o ssangrar <sup>15</sup> danbolos braços E da-lhe a beber o çumo da uen- <sup>16</sup> çiuenca<sup>284</sup> com acucar ou com triaga //*

<sup>17</sup> *E pera esto toma alforua E a linhaça galega <sup>18</sup> E coze todo E poim-lho quente //*

<sup>19</sup> *Pera esto toma um ouuo cruu E tira-lhe ha <sup>10</sup> crara E deita dentro do ssal E do poo da galha E <sup>11</sup> do poo do ençenço E ffazes todo fferuer com do poo <sup>12</sup> do esterco da galinha E poi-lho quente //*

<sup>13</sup> *E pera esto poim-lhe os comjnhos mudos E a ped- <sup>14</sup> ra tutia muda E mestura todo com unto ssem <sup>15</sup> ssal E poi-lho //*

<sup>16</sup> *Pera esto toma a linhaça galega E poi-na na <sup>17</sup> ssertaãe no ffogo E poi-lha //*

<sup>18</sup> *E pera esto toma o çumo do coentro E mestura- <sup>19</sup> - o com o esterco do cam E poim-lho //*

<sup>20</sup> *Pera esto toma o esterco das cabras E mestu- <sup>21</sup> ra-o com borras d'azeite E coze todo // E poy-lho //*

<sup>22</sup> *E pera esto toma o meollo do pam leuedo com <sup>23</sup> leyte de uaquas E com çumo do aipo E poy-lho //*

<sup>24</sup> *Pera esto toma a ceguda E o aipo E pissa-o com <sup>25</sup> uynho E poim-lho //*

f.145v *Pera esto toma vij dentes d'alho pissados E m- <sup>2</sup> estura-os com xv graoos de pimenta muda E p- <sup>3</sup> oy-lho //*

<sup>4</sup> *Esta he a mezinha pera tirar o lixo da chaga <sup>5</sup> toma os comynhos mudos E mestura com <sup>6</sup> gema d'ovo E com ffarinha d'orJo E poi-lho //*

<sup>7</sup> *Esta he a mezinha pera dormjr toma as rro- <sup>8</sup> sas E as papoulas brancas ou ssementes delas <sup>9</sup> E toma a ssemente do alfforffe<sup>285</sup> E pissa todo E po- <sup>10</sup> i-lho na ffronte E dormyra //*

<sup>11</sup> *Pera tirar a espinha toma o uermem de ssoa terra <sup>12</sup> E poi-lho pissado //*

<sup>13</sup> *Esta he a mezinha pera as lonbrigas to- <sup>14</sup> ma o corno do çeruo E torra-o E beba-o com ag-<sup>15</sup> uaa //*

<sup>16</sup> *Esta he a mezinha pera a dor da cabeça to- <sup>17</sup> ma o limo do rryo E a murta E coze todo com uynagre E poim-lho //*

<sup>283</sup> Não encontramos significado para esta doença.

<sup>284</sup> Não encontramos significado para este termo.

<sup>285</sup> Poderá ser o mesmo que alforfião que é um termo aplicado a algumas euforbiáceas como a *Euphorbia segetalis* e *E. Charácias*, Vide Artur Bivar, *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*, I Parte II Volume, Porto, Edições Ouro, 1948, p. 146.

l<sup>18</sup> Esta he a mezinha pera estancar o ssangue l<sup>19</sup> espriue estes nomes com esse ssangue al- l<sup>20</sup> ffabeta sinal d'eça //

l<sup>21</sup> Pera ssaberes a uerdade per ssonho do hom- l<sup>22</sup> em ou de molher toma huã rraam E enuu- l<sup>23</sup> luj-a em huum trapo uerde E poi-lha ssobre os pe- l<sup>24</sup> itos quando dormjr dizendo tres uezes raa liga. raa liga. raa . liga. //

l<sup>25</sup> Esta he a mezinha pera a maleita bibe tres

fl.146 gotas de leite de molher que aJa ffilho barom //

l<sup>2</sup> Esta he a mezinha pera o cangro toma as ortig- l<sup>3</sup> as pissadas com ssal E com mell E poi-lhas //

l<sup>4</sup> Pera esto poi-lhe a manteiga com mel // Item pera esto l<sup>5</sup> poi-lhe a neuada pissada //

l<sup>6</sup> Esta he a mezinha pera o cangro toma orpimen- l<sup>7</sup> ta E branchete<sup>286</sup> E pimenta E uynagre E ffaze todo l<sup>8</sup> fferuer em na ssertãe E poim-lho //

l<sup>9</sup> Pera dor dos dentes toma o alho pissado E l<sup>10</sup> poim-lho // Item pera esto toma a pimenta muda E l<sup>11</sup> mestura com mell E poim-lho // Item pera esto toma l<sup>12</sup> a pimenta com azedo<sup>287</sup> E poi-lho //

l<sup>13</sup> Esta he a mezinha pera a dor das pernas tom- l<sup>14</sup> a o meollo E hunto do gato E o çumo da ortiga l<sup>15</sup> asnull E coze todo ata que torne negro Jngu- l<sup>16</sup> ento E huntas com ao ssol ou ao ffogo //

l<sup>17</sup> Pera esto toma ho engo uerde E ssadoraga<sup>288</sup> l<sup>18</sup> uerde pissado todo E unta-te E ssararas //

l<sup>19</sup> Esta he a mezinha pera o ssangue p- l<sup>20</sup> ella guarganta toma tres onças de çum- l<sup>21</sup> o de bertonyca E tres onças de leite de cabras l<sup>22</sup> E bibe-o //

l<sup>23</sup> Item pera o cançer ou pera o ffigo toma a rraiz dos l<sup>24</sup> cobonbros montessynhos E mestura-o com l<sup>25</sup> ouryna de menyno E laua-o cada dia E deita- l<sup>26</sup> - lhe //

fl.146v do poo do uerde dos escudos //

l<sup>2</sup> Esta he a mezinha pera o lobinho da cabeça l<sup>3</sup> sse ffor aberto deita-lhe do uerde e do poo da ga- l<sup>3</sup> lha E do poo do rrosalgar mesturado com mel l<sup>4</sup> E outrossy pera o que naçe nas espadoas //

<sup>286</sup> Não conseguimos identificar este termo.

<sup>287</sup> Parece-nos que se deve referir a fermento.

<sup>288</sup> Não conseguimos identificar este termo.

l<sup>5</sup> Esta he a mezinha pera o lobinho que sse l<sup>6</sup> ffaz na guarganta toma a ffarynha das  
l<sup>7</sup> ffauas E coze-a com mell E poim-lha per noue dias l<sup>8</sup> E abrilo-a E des que ffor  
aberto poim-lhe a cham - l<sup>9</sup> tagem pissada E poo do aypo //

l<sup>10</sup> Esta he a mezinha pera o homem Inchado //. l<sup>11</sup> toma as maluas que am as rrossas  
uerme- l<sup>12</sup> lhas E coze-as com manteiga E banha-te no caldo . b. dias E desyncharas  
//

l<sup>13</sup> Esta he a mezinha pera quem esta danado l<sup>14</sup> d'eruas toma ho çumo dos  
cobonbros // l<sup>15</sup> montessynhos E mestura-o com mell E beba -l<sup>16</sup> -os E guareçera //

l<sup>17</sup> Esta he a mezinha per a dor da rrossa<sup>289</sup> tom- l<sup>18</sup> a o çumo do aipo E o çumo da  
erua mou -l<sup>19</sup> ra E mestura-o com azeite E com craras d'o- l<sup>20</sup> uos E hunta-te // E  
pera esto toma ho unto ue- l<sup>21</sup> lho E pez uirgem E pedra emxuffre E ffulugem l<sup>22</sup> E cal  
uyua E mestura todo E hunta-te ameu- l<sup>23</sup> de //

l<sup>24</sup> Esta he a mezinha pera os azargunchos to- l<sup>25</sup> ma o ssabom E a cal E orpimenta E  
mestura

fl.147 todo com manteiga de uaquas E hunta-te //

l<sup>2</sup> Esta he a mezinha pera o ffigado escalffado<sup>290</sup> to- l<sup>3</sup> ma o çumo da chantagem E o  
çumo da erua l<sup>4</sup> moura E o çumo da ortiga morta E o çumo l<sup>5</sup> da nouela E o çumo do  
pinheiro E deita-os em l<sup>6</sup> huã escudela E toma dous panos de linho E l<sup>7</sup> molha-os hy  
E poim-lhe logo huum E tanto que l<sup>8</sup> ffor sseco poi-lho outro E toma os eruanços l<sup>9</sup>  
negros E non bebas al E ssararas //

l<sup>10</sup> Esta he a mezinha pera quem nom pode // l<sup>11</sup> ssair a canpo toma o çumo da rraiz  
do lyrio l<sup>12</sup> E da espadana com leite de cabras E bibe-o // l<sup>13</sup> E ssararas //

l<sup>14</sup> Esta he a mezinha pera matar a ffistolla l<sup>15</sup> deita-lhe do poo do esterco das ponbas  
E me- l<sup>16</sup> stura-o com mell E poi-lho // Item pera esto dey- l<sup>17</sup> ta-lhe o çumo da  
leitarea tres vezes no dia // l<sup>18</sup> Item pera esto deita-lhe o esterco das cabras // l<sup>19</sup>  
mesturado com mell // Item pera esto o çumo da l<sup>20</sup> {da} taasna E deita-lho E  
poi.lhe a erua pissa- l<sup>21</sup> da // Item deita-lhe o poo da cabeça do cam //

l<sup>22</sup> Esta he a mezinha pera a dor da uyrilhas l<sup>23</sup> toma as boldroegas E pissas E poi-  
lhas nas l<sup>24</sup> uyrilhas E ssararas //

l<sup>25</sup> Esta he a mezinha pera a dor d'apostema E pera l<sup>26</sup> a dor das orrelhas toma o  
çumo do caprifo - l<sup>27</sup> lyo //

<sup>289</sup> Não conseguimos encontrar significado para este termo/doença.

<sup>290</sup> Consideramos a possibilidade de se referir opilação de *frigida causa*, doença referida no *Tesouro dos Pobres*, vide Maria Helena da Rocha Pereira, *op. cit.*, p. 208.

fl.147v *Com mell E o çumo da papoula E poim-lho Item dey-<sup>12</sup> ta-lhe o çumo da talasna E poim-lhe a erua pissa-<sup>13</sup> da Item pera esto deita-lhe o çumo da losna tizado<sup>14</sup> Item pera esto deita-lhe o çumo da chantagem m-<sup>15</sup> ayor Item pera esto toma o çumo d'arruda E aque-<sup>16</sup> nta-o em casca de rromaã E deita-lhe mestura-<sup>17</sup> do com olio rrossado Item pera esto toma o çumo<sup>18</sup> do yssope E deita-o ssobre as brassas E põee<sup>19</sup> a orelha de çima Item pera esto deita-lhe o çumo<sup>10</sup> dos poros E mestura-o com ffel de cabras // <sup>11</sup> Item pera esto deita-lhe o çumo do oregaão com <sup>12</sup> leite Item pera esto deita-lhe o çumo da menta <sup>13</sup> com mell Item pera esto deita-lhe alabaça tiba <sup>14</sup> Item pera esto deita-lhe o poo da azuruya negra <sup>15</sup> com mell E com uynagre // Item pera esto deita-<sup>16</sup> lhe o çumo das ffolhas do pessegueiro // Item de - <sup>17</sup> ita-lhe o çumo do orJauaão com ssaal de enxun- <sup>18</sup> da d'anssar tibo Item pera esto coze a losna em <sup>19</sup> agoa E apara a orelha sobre la panela // Item <sup>20</sup> sse rruge deita-lhe o çumo da losna com ffel <sup>21</sup> de boy // Item pera esto deita-lhe o çumo da enxun- <sup>22</sup> da da anssar com çumo da chantagem com <sup>23</sup> çumo d'olio<sup>291</sup> // Item pera esto deita-lhe o poo do en- <sup>24</sup> censso com uynho branco tibo E perderas a <sup>25</sup> dor // <sup>26</sup> Esta he a mezinha pera a dor dos lonbos <sup>27</sup> ou das rres toma a erua que dizem bene- <sup>28</sup> dita //*

fl.148 *E a rraiz do aipo E a rraiz do espargo E a rraiz<sup>2</sup> do pereixill E coze todo com uynho branco E <sup>3</sup> bibe-o E nom ponhas nem tossas // <sup>4</sup> Esta he a mezinha {he a mezinha} pera o bra - <sup>5</sup> çço Inchado sangrileixado<sup>292</sup> toma as ffolhas <sup>6</sup> da arruda E coze-as com azeite E poim-lhas no <sup>7</sup> braço com lãa E sse ffor Inchado das pernas <sup>8</sup> fазze-o misturar id est mezinhar do outro em <sup>9</sup> aquella E beba triaga dermourea<sup>293</sup> E sse a <sup>10</sup> nom ouuer tome {tome} o çumo do ssaram - <sup>11</sup> ago E aguya belha E cozea em agoa E beb- <sup>12</sup> a //*

<sup>13</sup> *Esta he a mezinha pera o braço<sup>294</sup> toma o çu- <sup>14</sup> mo do ouregaão com uynagre E com mel <sup>15</sup> E bibe-o //*

<sup>291</sup> Poderá ser “Ólio” como nome de um género de aracnídeos araneídeos segundo Artur Bivar, *op. cit.*, I Parte II Volume, p. 570.

<sup>292</sup> Não encontramos significado para este termo mas parece-nos indicador de sangue (poderá ser uma coleção hemática, hematoma, dentro do braço).

<sup>293</sup> Não encontramos significado para este termo mas parece-nos que pode remeter para um determinado tipo de triaga.

<sup>294</sup> Parece-nos possível que tenha havido um erro ortográfico e que esta mezinha se destine ao baço e não ao braço já que os membros superiores estão contemplados consoante alguns problemas particulares e nenhuma das mezinhas se refere ao baço, órgão de importância na anatomia medieval e referido, por exemplo, nos tratados de Pedro Hispano.

l<sup>16</sup> Esta he a mezinha pera o ffigo poim-lhe o l<sup>17</sup> orJauaaõ muyto ameude // Item poim-lhe ho l<sup>18</sup> barbasco engremo pissado com argem uyuo l<sup>19</sup> enxufre cecrino ou amarello com unto de por- l<sup>20</sup> co E com limaduras de chunbo E como ffor l<sup>21</sup> morendo poi-lhe o alauaiade mesturado com // l<sup>22</sup> olio rrossado //

l<sup>23</sup> Item pera esto poim-lhe o leite da ffigueira E mest- l<sup>24</sup> ura-o com sal mudo E com gema d'ouo E l<sup>25</sup> com azeite quente E se ffor fforado po- l<sup>26</sup> y-lhe o fformento // Item pera esto toma a cebola

fl.148v pissada E mestura com boras de Vinho E com çumo l<sup>2</sup> da arruda E com poo de pentafilo E com poo d'est- l<sup>3</sup> orlogue<sup>295</sup> //

l<sup>4</sup> Esta he a mezinha pera os colhoes Inchados l<sup>5</sup> toma a ffarinha das ffauas E o meollo dos l<sup>6</sup> caroços dos pêssegos E os ffigos passados l<sup>7</sup> brancos E comjnhos mudos E o çumo das l<sup>8</sup> ffolhas do ssalgueiro E ffaze todo feruer E l<sup>9</sup> poi-lho quente //

l<sup>10</sup> Item pera esto poi-lhe a rraiz da Junça cozida com l<sup>11</sup> çumo das ffolhas do ssalgueiro //

l<sup>12</sup> Item pera esto as maluas babossas E as ffolhas l<sup>13</sup> dos poros E o meimendro E coze todo em l<sup>14</sup> agoa E poim-lho //

l<sup>15</sup> Item pera esto toma a ffarinha das lintilhas l<sup>16</sup> E mestura-a com cumo dos porros E com l<sup>17</sup> çumo do aipo E com çumo do espargo e com l<sup>18</sup> mel E poi-lho //

l<sup>19</sup> Item pera esto toma o poo do azeuer E poim-lho // l<sup>20</sup> Pera esto toma o çumo do aipo E o çumo l<sup>21</sup> das amendoas amargossas E o çumo l<sup>22</sup> do engo E o poo do ençenço E o poo do enxu- l<sup>23</sup> ffre E poim-lho //

l<sup>24</sup> Esta he a mezinha pera ffazer a uoz crara to- l<sup>25</sup> ma o çumo dos poros E coze-o com mell //

fl.149 E bibe-o a meude E a noute //

l<sup>2</sup> Item pera esto toma o yssope E ffigos passados l<sup>3</sup> brancos E coze-os em agoa E bibe-a E ssararras

l<sup>4</sup> Esta he a mezinha pera matar a carne maa l<sup>5</sup> ou os uermes toma o çumo das couues E l<sup>6</sup> mestura-o com ssal e com cal E poi-lho E sa-l<sup>7</sup> rara //

l<sup>8</sup> Item pera a dor do uentre toma as palhas E co- l<sup>9</sup> ze-as com uynagre E com ornos<sup>296</sup> trigos // l<sup>10</sup> E poim-lho três uezes no dia E ssarara //

<sup>295</sup> Parece-nos que possa referir-se à resina da planta *styrax officinale* conhecida por estoraque. Vide Artur Bivar, *op. cit.*, I Parte I Volume p. 1390.

<sup>296</sup> Não conseguimos encontrar o significado deste termo.

l<sup>11</sup> Esta he a mezinha pera tolher o ffastio to- l<sup>12</sup> mas as rraizes do ffuncho e a rraiz do piryx- l<sup>13</sup> ill E os eruauços negros E coze todo E be- l<sup>14</sup> ba o caldo em geJuum //

l<sup>15</sup> Esta he a mezinha pera o rrostto toma o çu- l<sup>16</sup> mo do cardo mollar E o çumo da chantagem l<sup>17</sup> E o çumo do ffuncho E o çumo d'arruda E o çu- l<sup>18</sup> mo da lossna E o çumo do orjuão E os çu- l<sup>19</sup> mos das ffolhas das syluas E o leite da l<sup>20</sup> molher que ouuer ffilho barom E aguoia l<sup>21</sup> rrossada E maçam de uaca E aluaiade E o çu- l<sup>22</sup> mo dos couçelos E o çumo das ffauas ou- l<sup>23</sup> tunyçadas E mestura todo juntamente E po- l<sup>24</sup> inho no rrostto com huã pena ameude //

l<sup>25</sup> Esta mezinha he pera Juntar a carne toma

fl.149v O cardo doçe E pissa-o E poim-lho ameude //

l<sup>2</sup> Pera o meollo da cabeça toma asturme g- l<sup>3</sup> rossas de ssoa terra E torraa-os E mestura l<sup>4</sup> o{o} poo com azeite de lorbaga ou de ssabuge- l<sup>5</sup> iro E poim-lho E creçera o meollo //

l<sup>6</sup> Esta he a mezinha pera o esprem jchado l<sup>7</sup> como desynchara toma as rraizes das uy- l<sup>8</sup> olas E pissas com uynagre E poim-lhas E by- l<sup>9</sup> be do çumo dellas //

l<sup>10</sup> Item pera esto toma o yssope E pissa-o com ffy- l<sup>11</sup> gos passados E com uydro E poim-lho //

l<sup>12</sup> Item pera esto toma o poeJo E pissa-o com ssal l<sup>13</sup> E poi-lho E beba o çumo //

l<sup>14</sup> Item pera esto toma a cortiça do ffreixo do meo l<sup>15</sup> E cozeo tanto no uynho que mygoe o terço l<sup>16</sup> E beba-o cada dia em jajuum //

l<sup>17</sup> Item pera esto toma a erua basteeira E beba ho l<sup>18</sup> çumo em jajuum //

l<sup>19</sup> Item pera esto toma o çumo do ssarpom E bibe-o l<sup>20</sup> com uynagre //

l<sup>21</sup> Item pera esto toma a rraiz d'alabaça E cozia l<sup>22</sup> em uynagre E poim-lha //

l<sup>23</sup> Item pera esto toma auençica<sup>297</sup> E queima E reçy- l<sup>24</sup> be o ffumo pella guarganta //

fl.150 Item pera esto toma as couues E pissas com l<sup>2</sup> ssall E poi-lhas com uynagre //

l<sup>3</sup> Item pera esto toma albarda<sup>298</sup> galega E pissa-a l<sup>4</sup> com amendoas E bibe-o com çumo E com uy- l<sup>5</sup> nho //

l<sup>6</sup> Item pera esto toma o çumo do meimendro E mest- l<sup>7</sup> ura-o com limo do rio E poi-lho //

l<sup>8</sup> Item pera esto toma o çumo da rraiz da ortiga l<sup>9</sup> morta E bibe-o com uynagre//

<sup>297</sup> Poderá ser avenca ou *capilaria*, uma planta da família das polipodiáceas, *adiantum capillus-veneris*. Vide Artur Bivar, *op. cit.*, I Parte I Volume p. 393.

<sup>298</sup> Não conseguimos identificar este termo.

l<sup>10</sup> Item pera esto toma as limaduras do ouro ou l<sup>11</sup> prata E cozi-as com mel E come-as em JeJum l<sup>12</sup> E nom coma sal ata que passe a terça do dia //

l<sup>13</sup> Esta he a mezinha pera quem no pode re - l<sup>14</sup> ter o que come toma a ssemente do ffuncho l<sup>15</sup> E bibe-a com aguoá //

l<sup>16</sup> Esta he a mezinha pera estancar o sangue l<sup>17</sup> que deita pela guarganta toma o çumo l<sup>18</sup> da bertonycá E leite de cabras //

l<sup>19</sup> Esta he a mezinha pera ffazer purgar a l<sup>20</sup> colora pela guarganta toma boom uynagre l<sup>21</sup> E o çumo da alosna E coze-a tanto que myn- l<sup>22</sup> goe o terço E coa-o bem E bibe-o em JeJum //

l<sup>23</sup> Esta he a mezinha pera tirar a espinha do l<sup>24</sup> pee ssem fferro toma o uermem negro dos

fl.150 v. monturos E pissa-os E poim-lhos //

l<sup>2</sup> Item esta he a mezinha pera matar as lonbrigas l<sup>3</sup> tomo o corno do ceruo E ffaze delle poo E by- l<sup>4</sup> beo com aguoá //

l<sup>5</sup> Pera amadurantar a leuaçom toma a sse- l<sup>6</sup> mente do liryó E coze-a em leite de cabras l<sup>7</sup> E poim-lho //

l<sup>8</sup> Esta he a mezinha pera o cangro E pera hu- l<sup>9</sup> çera toma o esterco das cabras E a ffarinha l<sup>10</sup> Jobina E coze todo em boom uynho uelho E p- l<sup>11</sup> oim-lho //

l<sup>12</sup> Esta he a mezinha pera a corrença toma l<sup>13</sup> huum ouo E tira-lhe a crara E enche-o de py- l<sup>14</sup> menta muyda E assa-o a tanto ata que ar- l<sup>15</sup> çá E comy-o //

l<sup>16</sup> Esta he a mezinha pera a menaçom ou per l<sup>17</sup> a molher que pare E tem dor de uentre l<sup>18</sup> toma dous ouos E deita-lhe a crara ffora l<sup>19</sup> E com hum paaó arreentem a gema cada l<sup>20</sup> huã em ssua casca E toma pimenta E m- l<sup>21</sup> alegueta E moellas E seJa quantidade de h- l<sup>22</sup> um rreal em cada gema E polla ao ffogo l<sup>23</sup> E tanto que ffor assada mal assada dar- l<sup>24</sup> lha a beber E esta seJa {seJa} a primeira uy- l<sup>25</sup> anda que lhe derem a comer //

l<sup>26</sup> Esta he a mezinha pera a dor das costas

fl.151 toma a fferugem e o mylho E o azeite E o mel E l<sup>2</sup> coze todo E poi-lho //

l<sup>3</sup> Esta he a mezinha pera a madre<sup>299</sup> da molher que l<sup>4</sup> sse oura toma a murta E coze-a em agoa E os l<sup>5</sup> bugalhos da galha E as cascás das rromas l<sup>6</sup> E çimas do siluom macho E coze todo E laua-te l<sup>7</sup> com essa agoa //

<sup>299</sup> Madre como nomenclatura que designava útero.

l<sup>8</sup> Pera a madre da molher Incheda toma oureg- l<sup>9</sup> aão E a erua madroa E cangorça  
E a neueda l<sup>10</sup> e o poeJo E coze todo E ffaze ssuadoiro per deJn- l<sup>11</sup> sso //

l<sup>12</sup> Pera esto toma a ssemente da alcarouuya E o l<sup>13</sup> alipiuere E os comynhos E toma  
os alhos l<sup>14</sup> pissados E mel e manteiga E faze todo feruer l<sup>15</sup> E tyra-lhe a escuma E  
come este em jajuum cada l<sup>16</sup> dia //

l<sup>17</sup> Esta he a mezinha pera a madre da molher l<sup>18</sup> que deita lixo toma o çumo da  
chantagem l<sup>19</sup> E o çumo das barbas dos porros E mestura to- l<sup>20</sup> do em  
uynagre E bibe-o //

l<sup>21</sup> Esta he a mezinha pera a dor da cabeça toma l<sup>22</sup> arruda e o ffuncho e coze-o em  
uynho E comy-o em l<sup>23</sup> Jejuum //

l<sup>24</sup> Esta he a mezinha pera o enffermo que nom l<sup>25</sup> pode dormir toma o çumo das  
papoulas mo- l<sup>26</sup> ntessynhas //

fl.151v E mestura-o com ffarinha d'orJo E hunte a ffronte

l<sup>2</sup> Esta he a mezinha pera os cabelos que caem l<sup>3</sup> da cabeça toma a agrimonya E  
pissa com lei- l<sup>4</sup> te de cabras e unta a cabeça //

l<sup>5</sup> Pera a dor dos dentes toma huã cebola branca l<sup>6</sup> E caua E myte dentro pimenta E  
azeite E ffaze l<sup>7</sup> todo fferuer ao ffogo E tira-lhe a cassca da çebo- l<sup>8</sup> la queimada E o  
al que ffica pissa E ffaze Jn- l<sup>9</sup> goento E hunta as gingivas e a ffaçe //

l<sup>10</sup> Esta he a mezinha pera apostema toma as l<sup>11</sup> ffolhas do alicrim E a rrequiryça E  
coze todo l<sup>12</sup> em aguoa E beba //

l<sup>13</sup> Esta he a mezinha pera tirror o estrepe ssem l<sup>14</sup> fferro toma erua bobeira E poi-lha  
pissa- l<sup>15</sup> da E ssarara //

l<sup>16</sup> Este he o Jngoento pera os colhoes Inchedos l<sup>17</sup> toma o aluaiade com olio  
rossado E litar- l<sup>18</sup> giro E argem uyuo E mestura todo E poim-lho //

l<sup>19</sup> Pera esto toma o mjolo da cabeça do boy E hu -l<sup>20</sup> ã onça d'olio rrossado de  
cerissa duas onças l<sup>21</sup> todo com uynagre E ffaze Jngoento E poi-lho //

l<sup>22</sup> Pera esto toma . bj. Onças de cerrissa e duas l<sup>23</sup> onças de enxoffere E huã onça do  
pi E mestura l<sup>24</sup> todo com uynagre e poim-lho //

l<sup>25</sup> Pera esto toma rrezina E olio rrossado E gem- l<sup>26</sup> a d'ouo E ffaze Jngoento E  
poim-lho //

fl.152 Esta he a mezinha pera ffazer deitar a ffrema l<sup>2</sup> pella guarganta toma mel E  
uynagre e ho l<sup>3</sup> çumo do aipo E çumo do yssope E coze todo E quan- l<sup>4</sup> do dormyr  
beba tres colheradas //

1<sup>5</sup> Esta he a mezinha pera menaçom toma le- 1<sup>6</sup> ite de cabras E coze todo com uynagre E bebeo //

1<sup>7</sup> Pera esto toma huã galinha E enche-a de çera // 1<sup>8</sup> E assa em no espeto de fferro E coma E da-lhe 1<sup>9</sup> a beber aguo a quente com fferro //

1<sup>10</sup> Pera esto toma huã liura de leite de cabras 1<sup>11</sup> rrezente E mestura-o com huã onça de semen- 1<sup>12</sup> tes de aipo E coze todo ata que mjngoe o terço 1<sup>13</sup> E bebe-o com uynho uelho E da-lhe a comer perd- 1<sup>14</sup> izes E ffrangos E ponbos montesses todo isto 1<sup>15</sup> cozido em tigela com pimentta E com comijnh- 1<sup>16</sup> os E da-lhe a beber uynho uelho //

1<sup>17</sup> Esta he a mezinha pera uçera da boca tom- 1<sup>18</sup> a o azeite do ffigado da pexota E aguo a rrossada E destenpera E poim-lha //

1<sup>19</sup> Pera quem ffede o baffo toma o cumo da chan- 1<sup>20</sup> tagem E o çumo do ssarpom E coze todo em uj- 1<sup>21</sup> nagre E laua a guarganta //

1<sup>22</sup> Esta he a mezinha pera quem ha dor em na 1<sup>23</sup> Jlharga toma o ssal E torra-o E mestura-o 1<sup>24</sup> com mell E poi-lho //

1<sup>25</sup> Esta he a mezinha pera o ffigo toma a cabra

fl.152v ffigo E sseca-a em o fforno E toma a çinssa do frei- 1<sup>2</sup> xo E mestura todo com mel E poim-lho //

1<sup>3</sup> Pera esto toma chunbo E limaa E poi-no no 1<sup>4</sup> testo sobre o ffogo E myte hi enxufre E myxi- 1<sup>5</sup> -o com ffuste da uelao ou de ffigueira E moy-o 1<sup>6</sup> em no morteiro E myte hi aluaiade E azeite E 1<sup>7</sup> tanto ho mexe que torne Jngoento E unta- 1<sup>8</sup> - o ameude //

1<sup>9</sup> Esta he a mezinha pera a tinha que naçe n- 1<sup>10</sup> as barbas toma o cumo da ssebe uerde E pi- 1<sup>11</sup> ssas E tira ende o çumo E mestura-o com ffa- 1<sup>12</sup> rinha da ssebee E ffaze em massa E poim-lha //

1<sup>13</sup> Esta he a mezinha pera o cangro toma ho 1<sup>14</sup> ssarro da cuba E ata-o em huum pano cru E 1<sup>15</sup> deita-o em uynagre E Jaça em huum dia he 1<sup>16</sup> huã noite E depois myte o pano em na pa- 1<sup>17</sup> nella noua E torra-o E ffaze poo E mestura- 1<sup>18</sup> -o com esse uynagre E ffaze Jngoeno E poym- 1<sup>19</sup> -lho com pano ou com estopas manhaã E 1<sup>20</sup> noute ata quatro dias //

1<sup>21</sup> Pera esto hu quer que sseJa E pera as dores 1<sup>22</sup> das gingivas toma mel E ffarinha d'or- 1<sup>23</sup> Jo E ssal mudo E ssarro de cuba E orpimenta 1<sup>24</sup> E cal E de cada huã coussa huã onça E poo de 1<sup>25</sup> enxuffere quatro onças E todo myte em huum 1<sup>26</sup> pano cárdeo E em huum purgamyho E myte-o em

fl.153 huã panela noua E torra-o E ffaze poo E se ffor dentro <sup>1</sup> na boca laua-o com boom uynho E depois esfrega com <sup>3</sup> este pano ata que ssaia o ssangue E deque ffor <sup>4</sup> ffora laua-o com decoada E deita-lhe deste poo //

<sup>5</sup> Esta he a mezinha pera a gota toma as çe- <sup>6</sup> bolas aluaras E ssebe uerde ou sseca E nor - <sup>7</sup> ça E mentrasto E aipo E sesinbro<sup>300</sup> E o çumo de to- <sup>8</sup> do isto mesturado com poo eufforby E da alme- <sup>9</sup> çega E do ençenço E da rrezinha e o çumo das <sup>10</sup> ffolhas da era E o çumo dos pipinos de sam gri- <sup>11</sup> gorio com suas rraizes E de todo ffaze Jngoento <sup>12</sup> E unta-te //

<sup>13</sup> Esta he a mezinha pera quem he muito Jncha- <sup>13</sup> do toma o rrabom galisco com ssua rraiz E ssega- <sup>14</sup> o rredondo E myti-o em mel E jaca hi huã noute <sup>15</sup> E depois ssega-o meudo E toma duas partes de m- <sup>16</sup> uy boom uynho ou d'aguoa E cozi-o a tanto em pa- <sup>17</sup> nela noua que myngoe o terço e depois coa-o todo <sup>18</sup> E bibe-o manhã e noute //

<sup>19</sup> Yngoento que presta pera os letigossos E per- <sup>20</sup> a os espinhossos E aos Jnpigossos toma os <sup>21</sup> alhos E litargiro E ençenço E orpimenta E arg- <sup>22</sup> em ujuo E pissa-o E unto uelho E pissa todo <sup>23</sup> ajuntado E destenpera todo com çumo de laba- <sup>24</sup> ça E com uynagre E com çumo da erua moura <sup>25</sup> E huntra-te ao ssol ou ao ffogo //

<sup>26</sup> Esta he a mezinha pera ffazer ffuraco em na

fl.153v chaga E pera ffazer todo o mal ssayr E pera ffazer amadureçer // <sup>2</sup> toma a gebelinha<sup>301</sup> E a tasinha E azedas E agro- <sup>3</sup> ces<sup>302</sup> E a llosna E pissa todo aJuntado E myte antre <sup>4</sup> duas ffolhas E coze-o E ssob boralho E poi-lho tres // dias //

<sup>5</sup> Esta he a mezinha pera a ffebre toma uyollas <sup>6</sup> E coze-as com mell E bebe-o com aguoa //

<sup>7</sup> Pera as bustelas das pernas toma os co- <sup>8</sup> lhões d'abrotea E a erua molarinha E py- <sup>9</sup> ssa todo com uynagre forte E depois toma <sup>10</sup> ho çumo em huum uasso E laua bem as pernas <sup>11</sup> com agoa quente E enxugas E depois er la- <sup>12</sup> uaas com este çumo E emuuluy-as em huum <sup>13</sup> pano E uay-te deitar E ffolga E ffaze esto doze <sup>14</sup> dias E ssararas E hunta-te ameude //

<sup>15</sup> Esta e a mezinha pera a praga da mão que <sup>16</sup> traz ho homem a morte toma o osso do morto <sup>17</sup> E torra-o E ffaze del.le poo E deita-lho //

<sup>300</sup> Parece-nos que se refere a zimbro.

<sup>301</sup> Não conseguimos identificar significado para este termo.

<sup>302</sup> Não conseguimos identificar significado para este termo.

l<sup>18</sup> Mezinha pera as chagas E peraa os ossos bruta - l<sup>19</sup> dos da cabeça toma o meimendro E coze-o // l<sup>20</sup> em uynho E laua com elle a chaga cada dia E l<sup>21</sup> tem a erua em na chaga //

l<sup>22</sup> Yngoento per as bustellas toma o azeite E çera l<sup>23</sup> E ençenço E sseuo de carneiro E çumo d'erua mo- l<sup>24</sup> larinha E ffaze todo cozer E ffaze Jnguento E l<sup>25</sup> hunta as pernas E as bustellas //

fl.154 Pera ffazer enxamell toma a rraiz do engo E a rr- l<sup>2</sup> aiz do aipo E a rraiz do ffuncho E a rraiz do espar- l<sup>3</sup> go E a rraiz do treuo da gilgrabeira E a rraiz da e- l<sup>4</sup> sulle do filipodro<sup>303</sup> E laua as bem E coze-as em uy- // l<sup>5</sup> nagre fforte E sseJa as duas partes delle E a terça l<sup>6</sup> de mell E pissa bem as eruas em almofariz E to- l<sup>7</sup> ma ende o çumo E myte-o em panella E ffaze-o bem l<sup>8</sup> fferuer ata que sseJa espesso bem em tal mane- l<sup>9</sup> ira que o possa homem poeer em na guargant- l<sup>10</sup> a E nom corra E aquysto ffeito poi-no em linpo l<sup>11</sup> ao ssol per tres dias ata que sse queira poeer o l<sup>12</sup> ssol E toma ende huã colhar E depois que ffor l<sup>13</sup> bem duro d' enxamell E tres d'agua morna E dily- l<sup>14</sup> o E bebe-o // em jaJuum //

l<sup>15</sup> Esta he a mezinha pera a lepa dos olhos toma l<sup>16</sup> agoa do ffuncho quer ho çumo E mel E craras d'o- l<sup>17</sup> uos E mestura todo ajuntado E poi-no nos olhos

l<sup>18</sup> Esta he a mezinha pera os cabelos que ca- l<sup>19</sup> em da cabeça toma a chantagem E coze-a E e- l<sup>20</sup> scoa E moya E mestura-o com mel E unta os // l<sup>21</sup> cabellos //

l<sup>22</sup> Esta he a mezinha pera ho negromento arcal<sup>304</sup> l<sup>23</sup> toma o aipo E a neveda E o rrosmanyho E a lo- l<sup>24</sup> sna E o mentrasto E coze todo E toma o çumo de t- l<sup>25</sup> odo E ffaze ffilho com ouos E com manteiga l<sup>26</sup> E coma quente //

l<sup>27</sup> Pera esto toma o engo E a erua fferra E o ssabu- l<sup>28</sup> go E o ffuncho E pissa todo E ffaze ffilho como //

fl.154v de ssusso he dito E comy-a quente //

l<sup>2</sup> Mezinha pera ho enffermo que nom pode dormyr l<sup>3</sup> toma o çumo do meimendro E da menta E hunta- l<sup>4</sup> the a fffronte //

l<sup>5</sup> Esta he a mezinha pera a gota dos goelhos // l<sup>6</sup> toma a çebola branca E caua E toma ho uermem l<sup>7</sup> do muradall E azeite E deita-o dentro E poi-no ao l<sup>8</sup> ffoço E tira a pelle do uermem E hunta os goelh- l<sup>9</sup> os E os lonbos com este jngoento //

<sup>303</sup> Consideramos a possibilidade de se referir a filipêndula, uma planta medicinal da família das rosáceas, *spiraea filipendula*. Vide Artur Bivar, *op. cit.*, I Parte I Volume p. 1497.

<sup>304</sup> Não encontramos significado para este termo médico mas propomos a possibilidade de um hematoma/equimose na região das costelas, vide “arca” no glossário.

l<sup>10</sup> Esta he a mezinha pera a gota dos olhos o l<sup>11</sup> poo do ençensso E huã pouca de ffarinha triga E cra- l<sup>12</sup> ras d'ouos E ffaze fferuer todo aJuntado E hunta l<sup>13</sup> huum pequeno de purgamjnho E poi-no na testa l<sup>14</sup> sobre ho olho //

l<sup>15</sup> Esta he a mezinha pera ffazer ffuraco na leua- l<sup>16</sup> çom toma o ssabom E a cal uyua E mestura l<sup>17</sup> todo em ssenbra como Jnguento E poi-lho //

l<sup>18</sup> Mezinha pera ho cançer toma a casca do carua- l<sup>19</sup> lho E cortiça das amendoeiras E cozi-as em uy- l<sup>20</sup> nho fforte E laua o cançer ameude //

l<sup>21</sup> Enxarope pera a quartaã toma a rraiz do ay- l<sup>22</sup> po E do rrabom galisco com ssua rraiz E p- l<sup>23</sup> issa todo e ffaze-as torcer E myte-as em fforte l<sup>24</sup> uynagre E Jaçam hi toda a noute em outro // l<sup>25</sup> dia ffaze todo fferuer em ssenbra ata que erga l<sup>26</sup> duas ou tres ondas E depois coua-o E myte-lhe //

fl. 155 a terça parte de mel E depois cozi todo aJuntado at- l<sup>2</sup> a que myngoe as duas partes E toma huã colh- l<sup>3</sup> arada deste enxarope E mjte-lhe . bij. colharadas l<sup>4</sup> d'agua quente E bibe cada dia em JeJuum //

l<sup>5</sup> Esta mezinha he pera dor de coraçom toma l<sup>6</sup> o marroyo branco E o poeJo E coze em agua com l<sup>7</sup> pouco de ssal E bibe-o em JeJuum //

l<sup>8</sup> Esta mezinha he pera a tosse toma os alhos l<sup>9</sup> E pissa-os E cozi-os com ffauas E com mell E l<sup>10</sup> comy-as em Jejuum per .b. dias ou per .bij. //

l<sup>11</sup> Esta mezinha he pera quem tem os olhos aber- l<sup>12</sup> tos E nom pode uer toma o ssarpom E cozi-o l<sup>13</sup> em agoa E laua os olhos //

l<sup>14</sup> Pera quem nom pode dormir toma o ffel da l- l<sup>15</sup> ebre E bibe-o em uynho ou em agua E quem l<sup>16</sup> nom durma mujto da-lhe a beber o ouo cruu l<sup>17</sup> em uynagre //

l<sup>18</sup> Esta mezinha he pera o estamago toma a l<sup>19</sup> ffarinha das fauas E junta com mell escu- l<sup>20</sup> mado E poi-no no estamago a noute //

l<sup>21</sup> Enprasto pera purgar o uentre toma o çu- l<sup>22</sup> mo da rraiz do engo E mestura-o com fary - l<sup>23</sup> am uolaça moleudiny<sup>305</sup> E ffrige em sertãe l<sup>24</sup> E comy-a //

l<sup>25</sup> Pera esto toma ffel de boy E de cabrom E // l<sup>26</sup> mestura-o com olio de lorbaga E coze todo //

fl.155v E hunta-te todo //

l<sup>2</sup> Item ffaua lobinha mata os uermes sse lhos posserem //

l<sup>3</sup> Esta mezinha he pera a chaga que sse carra to- l<sup>4</sup> ma a ffarinha d'orjo E mel E crara d'ouo E ffaze enprasto l<sup>5</sup> E poi-lho //

<sup>305</sup> Não conseguimos encontrar significado para estas três palavras “faryam uolaça moleudiny”.

¶<sup>6</sup> Esta mezinha he pera os ossos britados da cabe- ¶<sup>7</sup> ça toma o çumo da bretonica E bybe-o com uynho // ¶<sup>8</sup> E toma orta morta E pissa com hunto ssem ssal ¶<sup>9</sup> E poim-lha atada per tres dias //

¶<sup>10</sup> Esta mezinha pera nom creçerem as mammas to- ¶<sup>11</sup> ma o ssangue quando crastarem o porco E hunta ¶<sup>12</sup> as tetas com leite E dize destro destrom symest- ¶<sup>13</sup> rom symstrom //

¶<sup>14</sup> Esta he a mezinha pera matar a ffistola to- ¶<sup>15</sup> ma ssal E alhos E ssebe E pissa todo ajuntado E ¶<sup>16</sup> poim-lho //

¶<sup>17</sup> Pera matar Jupingem toma o poo pera matar ¶<sup>18</sup> orpimento E mestura-o com ssabom galego<sup>306</sup> ¶<sup>19</sup> E hunta-a //

¶<sup>20</sup> Pera esto toma o poo da costa E mestura-o com ¶<sup>21</sup> ssabom E poi-lho //

¶<sup>22</sup> Esta mezinha pera dormyr o enfermo toma ¶<sup>23</sup> o çumo do meimendro E três onças do pi<sup>307</sup> E o çumo ¶<sup>24</sup> da papoula branca E todo mesturado com craras ¶<sup>25</sup> d'ouos E poi-no na ffronte em estopadas //

fl.156 Esta he a mezinha pera fazer dormyr todo homem ¶<sup>2</sup> que nom pode dormir duas uezes que lha possere ¶<sup>3</sup> E nom dormjr synyfica morte toma olio rrossa- // ¶<sup>4</sup> do E uynagre rrossado E leite de mammas de molheres ¶<sup>5</sup> E toma meimendro E ortellam E mentrastos E dor- ¶<sup>6</sup> mjdeiras sse todo poderem auer uerde todo aJam ¶<sup>7</sup> E pissem estas eruas todas mesturadas E desque ¶<sup>8</sup> todas forem bem pissadas misturar todo com ¶<sup>9</sup> o sobre dito E ffaçam estopadas E ponham nas ¶<sup>10</sup> na ffronte que cubram de huã orelha a outra //

¶<sup>11</sup> Mezinha pera rreter o que come toma o poo d'a- ¶<sup>12</sup> lmeçega E huã onça de comynhos E huã on- ¶<sup>13</sup> ça de oleo de lorbaga E duas onças de cumo d'arru- ¶<sup>14</sup> da E mestura todo E poim-no ssobre o estamago com ¶<sup>15</sup> estopas //

¶<sup>16</sup> Pera esto toma olio rrossado E myte-o em casca ¶<sup>17</sup> d'ouo com poo d'almeçega E da costa<sup>308</sup> E poi-no em ¶<sup>18</sup> brassas E hunta o estamago //

¶<sup>19</sup> Esta mezinha pera a neuoa do olho toma o çum- ¶<sup>20</sup> o da ffrol do loureiro E deita-lho //

¶<sup>21</sup> Pera esto toma o çumo da morceliny<sup>309</sup> huã eru- ¶<sup>22</sup> a ssentiuel que a ffrol rruyua E o çumo da çe- ¶<sup>23</sup> lydonya E poi-lho com pena //

<sup>306</sup> Consideramos a possibilidade de que se refira a sabão gaulês, *saponem gallicum*, vide Maria Helena da Rocha Pereira, *op. cit.*, p.218.

<sup>307</sup> Não conseguimos encontrar significado para este termo.

<sup>308</sup> Erva da Costa, flores da fortuna.

<sup>309</sup> Não conseguimos identificar esta planta.

¶<sup>24</sup> Pera esto toma o çumo da rraiz do ffuncho E ¶<sup>25</sup> deitra-lhe hum pouco de uynagre  
E aloe E deita- ¶<sup>26</sup> lho //

fl.156v Item pera esto toma a carne marinha E moy-a E toma o ¶<sup>2</sup> osso da ssysba E  
torra-o E deita-o no olho //

¶<sup>3</sup> Esta he a mezinha pera as pontadas toma ¶<sup>4</sup> a chantagem E a barbe Jouys amarela  
E pissa ¶<sup>5</sup> todo E mestura-o com craras d'ouos E farin- ¶<sup>6</sup> ha d'orjo E ffaze emprasto  
E poi-lho //

¶<sup>7</sup> Esta he a mezinha pera a gota onde quer que ¶<sup>8</sup> sseyta toma pano de lynho E myte  
em ele linha- ¶<sup>9</sup> çã E mell E depois de mudo myte-lhe poo de uy- ¶<sup>10</sup> dro E ata-o hu  
tem a dor //

¶<sup>11</sup> Pera esto toma huã çebolla branca ou quall- ¶<sup>12</sup> quer que sseja E tira-lhe a casca  
E caua-a E mj- ¶<sup>13</sup> te dentro pimenta muda E coze-a nas brassas ¶<sup>14</sup> E quando ffor bem  
cozida pissa E destenpera ¶<sup>15</sup> com ffell de porco E faze Jngoento E hunta-te //

¶<sup>16</sup> Esta he a mezinha pera a dor da guarganta ¶<sup>17</sup> toma o meimendro E a losna E  
pissa todo E me- ¶<sup>18</sup> stura todo com mell E com hunto E myte todo ¶<sup>19</sup> em huã sertãee  
E poi-no na guarganta tibo ¶<sup>20</sup> E ssararas //

¶<sup>21</sup> Esta mezinha he pera postema dos peitos ¶<sup>22</sup> toma do poo do poeJo E comynhos E  
lorbaga ¶<sup>23</sup> E mestura todo com mell E faze-o feruer E poi-no n- ¶<sup>24</sup> os peitos quente //

¶<sup>25</sup> Esta he a mezinha pera a door da cabeça toma

fl.157 huã manchea de lorbaga E outro tanto da losna ¶<sup>2</sup> E outro tanto de bretonyca E  
pissa todo E coze to- ¶<sup>3</sup> do com uynagre em huã panela grande desque ¶<sup>4</sup> ffor cozido  
hunta o logar que doer E sse teuer ca- ¶<sup>5</sup> belos ffaze-o rrapar E laua o lugar com  
uyna- ¶<sup>6</sup> gre E poim-lhe esto E ffaze ata que ssseJa ssaã //

¶<sup>7</sup> Pera esto toma huã panela noua E enche-a de ¶<sup>8</sup> ffolhas d'oliueira E coze-as em  
azeite que myn- ¶<sup>9</sup> goe o terço E depois mete hi çera ujrgem E ffer- ¶<sup>10</sup> ua com esto E  
hunta a cabeça //

¶<sup>11</sup> Pera esto toma três onças de uerbena E .bij. on- ¶<sup>12</sup> ças de rrezina de pinho E duas  
onças de çera ¶<sup>13</sup> E duas onças de pez E duas onças d'azeite E pis- ¶<sup>14</sup> a todo E coze-o  
E hunta a cabeça E perderas a door //

l<sup>15</sup> Esta he a mezinha pera ho enffastamento da l<sup>16</sup> dor do estamago toma arruda E ffasçiculos l<sup>17</sup> E tres onças de çiminy E tres onças de petrosilis<sup>310</sup> l<sup>18</sup> piperis<sup>311</sup> e duas onças jnea que abasta //

l<sup>19</sup> Esta mezinha he pera tirar as pintas do l<sup>20</sup> rrosto E as mazelas toma das ffauas E mell l<sup>21</sup> E o çumo d'aguylho<sup>312</sup> E coze todo ajuntado E hun- l<sup>22</sup> ta o rrosto E em outro dia laua-o com agoa mor- l<sup>23</sup> na //

l<sup>24</sup> E pera esto toma a ffrol do rrosmanynho E to- l<sup>25</sup> rra-a E o poo E a ssemente do ffuncho E coze-a l<sup>26</sup> com leite E com manteiga E comy-a //

fl. 157 v. Mezinha pera tolher E matar a ffistola toma ho l<sup>2</sup> ffoluij<sup>313</sup> E os alhos E o ssal E pissa {to} l<sup>3</sup> todo E toma huã cana de malua E poi-lha com l<sup>4</sup> esta conffeição E depois toma o çumo da chan- l<sup>5</sup> tagem E a ffarinha d'orJo E mell E ffaze enpra- l<sup>6</sup> sto E poi-lho //

l<sup>7</sup> Esta he a mezinha pera o que sse tolhe a ffala l<sup>8</sup> per Jnffirmydade cata-lhe a lingoa sse a tens l<sup>9</sup> negra de Jusso E sse a teuer negra toma o çu- l<sup>10</sup> mo do pereixyl E ffarinha d'orjo E agram<sup>314</sup> E mest- l<sup>11</sup> ura todo E toma huum pano E molha-o em ele l<sup>12</sup> E esfrega-lhe a lingoa E sse a teuer branqua l<sup>13</sup> toma o cumo da menta E o poo da pimenta lon- l<sup>14</sup> ga E a ssemente da malua E o poo da gema E m- l<sup>15</sup> estura todo com mell cozido E molha hy huum l<sup>16</sup> pano E esfregaa //

l<sup>17</sup> Pera esto toma o corno da cabra E a rraiz da l<sup>18</sup> cana E queima todo de guysa que lhe entre o ffum- l<sup>19</sup> o pellos narizes E dara espiros E ffalara //

l<sup>20</sup> Esta mezinha he pera matar o figo toma a sse- l<sup>21</sup> mente dos nabos E mestura-os com uynho E l<sup>22</sup> azeite duas colheradas de uynagre E bibe-o //

l<sup>23</sup> Pera esto E pera o cançer poi-lhe a papoula pi- l<sup>24</sup> ssada //

l<sup>25</sup> Yngoento pera matar o perido E a começam l<sup>26</sup> toma litargiro E çerissa E argem uyuo<sup>315</sup> E //

fl.158 {E} mestura-o com argem uyuo E com hunto E l<sup>2</sup> com ssaliua E hunta-te //

l<sup>3</sup> Esta mezinha he pera a door dos pees poim-lhe l<sup>4</sup> a cangorça pissada //

<sup>310</sup> Poderá ser a salsa, *Petroselinum*, já que no *Tesouro dos Pobres* aparece várias vezes *Petrosellinum* ou *Petrosellini* traduzido como salsa.

<sup>311</sup> Pimenta.

<sup>312</sup> Não conseguimos encontrar significado para este termo. Ponderamos a possibilidade de se remeter ao castelhano, “ajillo”, um condimento à base de alho frito.

<sup>313</sup> Não conseguimos encontrar significado para este termo.

<sup>314</sup> Provavelmente será agam = agárico, produto medicinal segundo Filipe Themudo Barata, *op. cit.*, p.1

<sup>315</sup> Consideramos a possibilidade de ser um erro de tradução de *argentum vivum* = mercúrio, vide António Gomes Ferreira, *Dicionário de Latim-Português*, Porto, Porto Editora, [s.d.], p. 113.

l<sup>5</sup> Esta he a mezinha pera o cançer E pera o ffiguo l<sup>6</sup> poi-lhe o poo da cabaça E mestura-o com mell he l<sup>7</sup> com ssabom E com uynagre E com call E poi-lho //

l<sup>8</sup> Esta mezinha he pera a escaldura toma a cass- l<sup>9</sup> ca do ulmo E cozi-a E deita-lhe das craras dos l<sup>10</sup> ouos E hunta a escaladura //

l<sup>11</sup> Pera quem deita o ssangue per de Juso<sup>316</sup> toma // l<sup>12</sup> o poo da ssemente dos nabos E coze-as com uy- l<sup>13</sup> nho E com uynagre E bibe-o //

l<sup>14</sup> Esta he a mezinha pera a menaçom toma a l<sup>15</sup> cassca da maçeira E a cassca da pereira E a casca l<sup>16</sup> da çereigeira bem linpo E coze todo com uynho l<sup>17</sup> ata que sseja espesso E mete-lhe das ffezes do l<sup>18</sup> mell E bibe-a E bebe leite de cabras //

l<sup>19</sup> Esta he a mezinha pera os tortes do uentre E l<sup>20</sup> do estamago toma a ssemente do aipo E l<sup>21</sup> do ffuncho E tanta pimenta E bibe-o com uyn- l<sup>22</sup> ho tibo em jeJuum //Item

l<sup>23</sup> Esta he a mezinha pera as mamas toma l<sup>24</sup> o çumo das maluas E ffarinha d'orjo E çera he l<sup>25</sup> peez E ssabom E rrezinha E coze todo em ssertãe

fl.158v E poi-no em pano de linho E hunta-os antre com ella l<sup>2</sup> E assy ssararas //

l<sup>3</sup> Esta mezinha he pera os colhoes Inchados poim- l<sup>4</sup> -lhe a Farinha das ffauas bem cozidas com me- l<sup>5</sup> ll E comynhos //

l<sup>6</sup> Pera esto toma a Farinha da linhaça cozida l<sup>7</sup> com çumo dos coentros //

l<sup>8</sup> E mezinha pera a door das coixas toma as or- l<sup>9</sup> tigas E pissa-as E poi-lhas E lauas em agoa l<sup>10</sup> em que ffor cozida essas ortigas //

l<sup>11</sup> Mezinha pera a gota dos goelhos poi-lhe as l<sup>12</sup> ffolhas do maluissco pissadas com hunto //

l<sup>13</sup> Item coze a agrumoneea em agoa E bibe-a E poi-lhe ha l<sup>14</sup> erua //

l<sup>15</sup> Item pera esto poim-lhe a erua cortina E papoulas, o l<sup>16</sup> cumo ende E hunta-o com peez E com hunto // l<sup>17</sup> ssem ssal E coze todo em ssartãee E hunta-os //

l<sup>18</sup> Esta he a mezinha pera os Inchados tom- l<sup>19</sup> a o çumo do aipo E mestura-o com uynho E com l<sup>20</sup> meollo de pam trigo quente //

l<sup>21</sup> Item poi-lhe artemyja pissada //

l<sup>22</sup> Esta he a mezinha pera os neruos das pernas encolheitos, toma o çumo da bertonycia E o çumo l<sup>23</sup> d'arruda E o cumo da menta E aJunta com sseuo l<sup>24</sup> de carneiro E cozi-o com meollo de çeruo E çera

fl.159 E pez E coze todo em ssertãee E hunta as pernas //

<sup>316</sup> Parece-nos que se refere a sangue nas fezes (hematoquésias ou melenas).

l<sup>2</sup> Esta he a mezinha pera a dor das pontadas to- l<sup>3</sup> ma o çumo do beteuum<sup>317</sup> E o çumo do rromeiro E bibe-o l<sup>4</sup> com agoa quente E ssal //

l<sup>5</sup> Pera esto toma a ssemente da erua molarinha l<sup>6</sup> E bibe-o o poo //

l<sup>7</sup> Esta mezinha he pera a dor da Jlharga bibe ho l<sup>8</sup> poo do corno do çeruo //

l<sup>9</sup> Item pera esto toma a ssemente da ortiga asnal he l<sup>10</sup> o çumo da rraiz della E .ix. graoos de pimenta E by- l<sup>11</sup> be-o //

l<sup>12</sup> Pera as pintas do rrosto toma ho çumo dos l<sup>13</sup> pipinos de ssaõ grigorio E hunta-o com ffarin- l<sup>14</sup> ha de faua E huntas rrosto E laua-o com ago- l<sup>15</sup> a tiba //

l<sup>16</sup> Esta mezinha he pera os rroimentos do uentre l<sup>17</sup> toma . xij. Ffolhas d'arruda E .ix. graoos de pi- l<sup>18</sup> menta E toma da ssemente do endro quanta leu- l<sup>19</sup> ares com tres dedos E pissa todo E bibe-o com l<sup>20</sup> agoa quente //

l<sup>21</sup> Item pera esto bibe huã colhar de pireixill ou da l<sup>22</sup> ssamente da uerbena //

l<sup>23</sup> Esta mezinha he boã pera quem miga san- l<sup>24</sup> gue ffaze-o ssangar do braço destro sse ffor ho- l<sup>25</sup> mem uelho E sse ffor manço poim-lhe as uentoss- l<sup>26</sup> as<sup>318</sup> E toma .bij. cabeças d'alhos uerdes com suas //

fl.159v rraizes E cozio-os em agoa E bibe-a per tres dias //

l<sup>2</sup> Item pera esto toma a ssemente d'arruda E da erua m- l<sup>3</sup> oleirinha E bio<sup>319</sup> poo //

l<sup>3</sup> Item pera esto bibe mel com uynagre //

l<sup>4</sup> Item pera esto toma as rraizes do aipo E rraizes de l<sup>5</sup> ffuncho E coze com uynho E bibe-o //

l<sup>6</sup> Esta mezinha he pera quem nom pode dorm- l<sup>7</sup> ir beba a ssemente do maluaisco com uynho de- l<sup>8</sup> spois de çea E dormyra //

l<sup>9</sup> Esta he a mezinha pera a uoz rrouca toma l<sup>10</sup> a ssalua E o poeJo E o marroio aluar E ssegure- l<sup>11</sup> lha E ffigos passados brancos E o aipo E alca- l<sup>12</sup> cuz E com todo com uynho E com mell E bibe-o l<sup>13</sup> x dias em geJuum E a noute //

l<sup>14</sup> Item pera quem ffede o baffo laua a bouca com Vyn- l<sup>15</sup> ho três uezes em no dia ou quatro ata que l<sup>16</sup> ffaça escuma e sse o ffedor ffor de dentro do car- l<sup>17</sup> cado<sup>320</sup> toma o çumo das rrossas E Junta com l<sup>18</sup> mell E com dia margaricom<sup>321</sup> E comj-o //

l<sup>19</sup> Item pera isto toma o poo da garioffori E canela E l<sup>20</sup> almeçoega E comy-o //

<sup>317</sup> Não conseguimos encontrar significado para este termo.

<sup>318</sup> Consideramos aqui a possibilidade de que se refira a sanguessugas.

<sup>319</sup> Bibe-o.

<sup>320</sup> Não conseguimos encontrar significado para este termo.

<sup>321</sup> Não conseguimos identificar significado para a expressão “ dia margaricom”.

- <sup>121</sup> Esta mezinha he pera tirar as bustelas do <sup>122</sup> rrosto toma as rraizes do lirio cárdeo  
 E tora-o <sup>123</sup> E o poo mestura-o com leite de cabras E hunta <sup>124</sup> as mazellas //  
 fl.160 Mezinha pera a rrossa E pera a tinha toma a enx- <sup>12</sup> unda uelha E o pez uirgem  
 E myte hi ho enxufere <sup>13</sup> E fferugem E uynho E call uyua com ffigos E <sup>14</sup> coze todo  
 aJuntado E hunta o logar //  
<sup>15</sup> Item mezinha pera tirar os cabellos queima as // <sup>16</sup> ssanbixugas E mestura o poo  
 com uynagre // <sup>17</sup> E hunta o logar //  
<sup>18</sup> Item mezinha pera ffazer os cabelos negros tom- <sup>19</sup> a a cabeça da abrotea E ffazea  
 cozer E emuul- <sup>10</sup> uy-a com alffena E poi-na na cabeça //  
<sup>11</sup> Item mezinha pera nom caírem os cabelos da cabe- <sup>12</sup> ça toma o orJauão com ssua  
 rraiz E sseca-o E m- <sup>13</sup> oyo E mestura-o com azeite E hunta-te //  
<sup>14</sup> Esta he a mezinha pera tirar a espinha ou sse- <sup>15</sup> ta do corpo do homem poim-lhe  
 o esterco d'anssar // <sup>16</sup> rrezente bem atado //  
<sup>17</sup> Se te morder a coura poim-lhe arruda pissada //  
<sup>18</sup> Esta he a mezinha pera as pintas do rrosto E <sup>19</sup> tira as mazelas toma das ffauas E  
 mell he <sup>20</sup> o çumo d'aguyllho<sup>322</sup> E com todo aJuntado E hunta <sup>21</sup> o rrosto E em outro  
 dia laua-o com aguoa mo- <sup>22</sup> rna //  
<sup>23</sup> Item pera esto toma a ffrol dos rrosmaninhos E tom- <sup>24</sup> a-a E o poo ajunta-o com  
 leite de cabras E hun- <sup>25</sup> ta-o ho rrosto com ella em outro dia E poi-lhe ha  
 fl.160v ffarinha das fauas cozidas com mel //  
<sup>2</sup> Item pera esto toma o çumo da cabaça E o çumo da rray- <sup>3</sup> z do Jarom<sup>323</sup> E o çumo  
 da uidizela<sup>324</sup> E coze todo ataa que <sup>4</sup> sseja espesso E laua o rrosto E poi-lho //  
<sup>5</sup> Esta he a mezinha pera ter o rrosto craro toma <sup>6</sup> o olio rrossado E craras d'ouos E  
 mestura todo <sup>7</sup> E hunta o rrosto //  
<sup>8</sup> Esta he a mezinha pera a ffedor do dente toma <sup>9</sup> ho poo do çeruo E a ffarinha  
 d'orJo e o poo do cora- <sup>10</sup> ll branco E ssal E mestura todo com mell E poim- <sup>11</sup> - lho  
 //  
<sup>12</sup> Esta mezinha he pera estancar o ssangue dos n- <sup>13</sup> arizes hunta a fffronte com  
 çumo de pipole- <sup>14</sup> los //

<sup>322</sup> Ponderamos a possibilidade de ser Acuchila (agujilla), uma espécie de anis vide Miguel Asín Palácios, *op. cit.*, p. 6.

<sup>323</sup> Não conseguimos identificar esta planta (supomos que se refira a uma planta por utilizar a sua raiz).

<sup>324</sup> Poderá referir-se a billitela ou acelga silvestre Vide Miguel Asín Palácios, *op. cit.*, p. 36.

l<sup>15</sup> Esta he a mezinha pera rreter o que come to- l<sup>16</sup> ma o çumo das maçãs montessynhas E o poo do l<sup>16</sup> garioffi E da muscada E pouco de ençenço E todo // l<sup>17</sup> mesturado E bibe-o //

l<sup>18</sup> Esta mezinha he pera mata<r> o ffoço ssaluaJ- l<sup>19</sup> em<sup>325</sup> toma o olio da lorbaga E çera E ençenço l<sup>20</sup> E meollos de pessegos E coze todo em ssertãem a- l<sup>21</sup> taa que sseja espesso E hunta-te delle //

l<sup>22</sup> Esta he a mezinha pera a uoz rrouca toma a l<sup>23</sup> salua E o poeJo E ssegurelha E cozi todo com uy- l<sup>24</sup> nhagre E bibe-o .ix. dias //

l<sup>25</sup> Esta he a mezinha pera a door dos dentes toma l<sup>26</sup> a casca das rromaãs E pilitrim<sup>326</sup> E da artemy - l<sup>27</sup> Ja

fl. 161 E coze todo com uynho E com uynagre E lauua // l<sup>2</sup> a boca //

l<sup>3</sup> Esta he a mezinha pera a door das orelhas deita- l<sup>4</sup> lhe o cumo dos carocos dos pessegos //

l<sup>5</sup> Item pera esto toma o poo do saruyam negro ou // l<sup>6</sup> do guardamouyo<sup>327</sup> ou do uydro E mestura com m- l<sup>7</sup> ell E deita-lho //

l<sup>8</sup> Item pera esto toma o ssail da enxunda da galinha l<sup>9</sup> ou d'anssar com çumo do orJauaão quente E po- l<sup>10</sup> i-lho com la lidrossa //

l<sup>11</sup> Item pera isto deita-lhe este ssail com çumo d'alho he l<sup>12</sup> com ho de chantagem //

l<sup>13</sup> Item Se corre deita-lhe o çumo da losna com ffell l<sup>14</sup> de boy //

l<sup>15</sup> Esta he a mezinha pera o pruido das pernas ou do l<sup>16</sup> corpo toma orpimenta E enxuffre E almeçega l<sup>17</sup> E pimenta E Junta com manteiga E hunta-te //

l<sup>18</sup> Esta he a mezinha pera a gota dos goelhos to- l<sup>19</sup> ma arruda uerde E pissa-a com uynagre E po- l<sup>20</sup> y-lha //

l<sup>21</sup> Item pera esto toma o meimendro com sua rraiz he l<sup>22</sup> pissaa-o E poi-lho //

l<sup>23</sup> Esta he a mezinha pera ffazer creçer o leite a molher l<sup>24</sup> toma a ssemente do ffuncho E coze-a com ley- l<sup>25</sup> te E com manteiga E comy-a //

l<sup>26</sup> Esta he a mezinha pera a pedra toma os eruan- l<sup>27</sup> ços negros ou dos outros E cozi-os com do //

fl. 161 v. pereixil E com do aipo E com uynagre E bibe-o cada l<sup>2</sup> manhaã huã escudela de caldo em jeJuum //

<sup>325</sup> Poderá referir-se a Íbido ou a ira/cólera? Ou consideramos a hipótese de que se refira ao Fogo de Santo Antão ou Erisipela Grangrenosa.

<sup>326</sup> Consideramos a possibilidade de que se refira a uma planta chamada piretro (*piretri* como aparece no *Tesouro dos Pobres*, Maria Helena da Rocha Pereira, *op. cit.*, p.156).

<sup>327</sup> Não conseguimos identificar significado para estes termos, “saruyam negro ou do guardamoyo”.

l<sup>3</sup> Item pera esto toma dos pinhoes esbrugados E dey- l<sup>4</sup> ta-os em pouca d'agoa quente E depois que // ffor agoa ffria come os pinhoes //

l<sup>5</sup> Item pera esto ffaze banho de erua de ssanta maria l<sup>6</sup> E pereixil mourisco E das maluas grandes E l<sup>7</sup> ffaze-o todo fferuer bem E banha-te n'agoa he l<sup>8</sup> põee as eruas nas uyrilhas E no pentelho // l<sup>9</sup> E a natura esfrega-os bem com esta erua E de- l<sup>10</sup> pois que ffor bem banhado toma de altea he l<sup>11</sup> manteiga crua tanto de huuã como da outra l<sup>12</sup> E ffaze bom ffogo E uyra os lonbos contra o ffo- l<sup>13</sup> go E hunta-os bem E as uyrilhas E o pentelho l<sup>14</sup> E creas que sse esta coussa ffizeres que ssarara- l<sup>15</sup> s E guarda-te em tanto que Jouueres pedra de l<sup>16</sup> comeres leite que esto he a pior coussa do m- l<sup>17</sup> undo que mais ffaz a pedra E guarda-te de uaca l<sup>18</sup> E de pescado E do ffrio E assy guariras sse nom l<sup>19</sup> achares pereixill toma as ffolhas das couu- l<sup>20</sup> es das mais uelhas que a couue teuer E l<sup>21</sup> coze com esto que te digo //

l<sup>22</sup> Item assy ffaras esta beberagem que he muy pruciosa l<sup>23</sup> toma o aipo E a chantagem E alançoo E a tasnyn- l<sup>24</sup> ha E os gamoes E a coue uermelha E o pereixill l<sup>25</sup> E a ssuyela<sup>328</sup> E arruda dous pessos E a ssolda mey- l<sup>26</sup> mynha //

fl.162 E a ssolda rreal //

l<sup>2</sup> Item assy faras a beberagem pera dormyr toma a sabon- l<sup>3</sup> oya<sup>329</sup> E a Jamella<sup>330</sup> E pissa-os E destenpera-os com l<sup>4</sup> boom uynho E da-lho a beber E dormira //

l<sup>5</sup> Se quysseres ssaber do enffermo sse he de uyda l<sup>6</sup> ou de morte pissa alagares<sup>331</sup> E da-lha a beber E se l<sup>7</sup> o rreuessar he de morte E sse o nom rreuessar he l<sup>8</sup> de uyda //

l<sup>9</sup> Item pera matar o cançere toma os collos do alhos l<sup>10</sup> E o trapo çeleste E o ssal E tora-o E ffaze poo E l<sup>11</sup> deita-o no cançer quando ho catares E com esto sara- l<sup>12</sup> ra //

Item pera o homem quebrado ffaras assy toma huã l<sup>13</sup> lebre uyua E poi-na em terra E queima em huã l<sup>14</sup> panela noua E ffaze pos della E deste poo tom- l<sup>15</sup> a as duas partes E huã de ssangue de dragom l<sup>16</sup> E mestura todo em huum E amassa-o com mell E l<sup>17</sup> sseJa duro como massa E pilloras tamanhas l<sup>18</sup> como auellãs E da-lhas a comer de tres em tres l<sup>19</sup> dias temperadas com çumo do gengipolpa<sup>332</sup> he l<sup>20</sup> da-lhe cada dia a gengipolpa mujda E destenpe- l<sup>21</sup> rada com uynho branco E com huum pouco de m- l<sup>22</sup> ell //

<sup>328</sup> Não encontramos significado para este termo.

<sup>329</sup> Não encontramos significado para este termo.

<sup>330</sup> Consideramos a possibilidade de ser uma tradução de Sahnella = consolida, vide Miguel Asín Palacios, *op. cit.*, p. 260 e 291 ou então jamelão ou jambolano que se refere a uma planta chamada *lugenia jambolana*, vide Artur Bivar, *op. cit.*, I Parte II Volume, p. 195.

<sup>331</sup> Não encontramos significado para este termo.

<sup>332</sup> Não encontramos significado para este termo.

l<sup>23</sup> Esta he a conssoldaçom ffaze poos do ençenço l<sup>24</sup> E do mastico E do bolarmenyco  
E do ssangue do dr- l<sup>25</sup> agom E do poo das minhocas de ssoa terra E quey- l<sup>26</sup> mas //  
fl.162v em huum testo nouo E ffaze dellas poos E os poos sseJam l<sup>2</sup> dous tantos ca  
todo ho all E deita-o huum quysser al- l<sup>3</sup> guã coussa ssoldar //

l<sup>4</sup> Item pera quem morde o cam rraiuosso da-lhe o çumo l<sup>5</sup> da pipinela a beber E nom  
lhe enpençera //

l<sup>6</sup> Se quyseres ssaber quem tem o ffurto espriue m- l<sup>7</sup> isericordias domini internum  
cantabo<sup>333</sup> E meteo-o sso teu pe //

l<sup>8</sup> [[Pera a gota dos lonbos toma huã carta E l<sup>9</sup> espriue em ella este nomes E ata no  
braço // l<sup>10</sup> In nomine patris E ffili E spirituy sancti amen // cruz ssa- l<sup>11</sup> na me domini  
ssanabor ssaluum me ffac et // l<sup>12</sup> ssaluus ero quonyam laus mea tu es . cruz . zera l<sup>13</sup>  
cruz zera . phi . cruz zeebeel . cruz zelguch . cruz . et antany l<sup>14</sup> cruz . cruz . cruz  
estrela . estrela . estrela<sup>334</sup> // ]]

l<sup>15</sup> Item pera tirar o pano do rrosto que sse ffaz a molher l<sup>16</sup> toma o omago da çidra  
gostal E assa-o em l<sup>17</sup> logar quente E aqueuta-o bem da huã parte l<sup>18</sup> E da outra E  
unta o rrosto em quanto ffor quen- l<sup>19</sup> te E ffaze esto dez dias E tirarta o pano //

l<sup>20</sup> Pera a praga ffaze esta beberagem que he m- l<sup>21</sup> uy booã açipe E pedem  
columbino<sup>335</sup> de cada huum l<sup>22</sup> xij onças de turribus ueprium<sup>336</sup> xj onças de ssa- l<sup>23</sup> luia  
. iiij onças de pipinela bj onças d'escamo- l<sup>24</sup> nyossa bj onças E lauar esto E depois  
pissa-lo l<sup>25</sup> E myti-o depois em uynho maluasía em mosto l<sup>26</sup> E ffaça que mygoe a  
metade E depois

coa-o E tor- l<sup>27</sup> çe

fl.163 as eruas em huum pano E depois deitas no uy- l<sup>2</sup> nho E mestura com este uynho  
a quarta par- l<sup>3</sup> te de mell que sseJa bem espesso E Juntado todo l<sup>4</sup> coze-o ata que  
sseJa tam espesso como o mell l<sup>5</sup> E depois guarda-o E desto beba elle que ffor le- l<sup>6</sup>  
gado pola manha E ao meo dia E a tarde des- l<sup>7</sup> tenperado com agoa quente cada uez  
quanto cou- l<sup>8</sup> ber em huã casca d'ouo E por esta beberagem gu- l<sup>9</sup> areçera o legado  
E sse ffor ssobre ssanado ronpes E l<sup>10</sup> por ssy sse ssarara // outrossy el usso fuere  
quebrando l<sup>11</sup> E echa-la ffueta del cuerpo la ffistola em qual quer l<sup>12</sup> parte quer que  
sseJa em o corpo ssana la pierna ou l<sup>13</sup> ell braço taiado ou quebrantado sse ffaze

<sup>333</sup> Misericordias Domini in aeternum cantabo.

<sup>334</sup> Estrela de David ou sino saimão.

<sup>335</sup> Poderá designar a Colombina = palomina, palomilla Vide Miguel Asín Palacios, *op. cit.*, p. 80 e  
Pede Colombo ou palomera, p. 218.

<sup>336</sup> Literalmente “torres de espinhas” cujo significado não conseguimos entender.

*ffuete* <sup>14</sup> *ssana guareçe la quebrantadura en ella tos alin-* <sup>15</sup> *pia toda tinha aguda la lumbre de los oJos E* <sup>16</sup> *a outras muytas couusas ffaze grant por derru-* <sup>17</sup> *da .bj. onças de conssolda menor . ij . onças . de atemyJa* <sup>18</sup> *. bj . onças . de bulgla . bj . onças . de sussom . xij . onças. //*

<sup>19</sup> *Asy ffaras a beberaJem toma o aipo E a pla-* <sup>20</sup> *tem E a lanzoleta*<sup>337</sup> *E a tamasia E os gamoees //* <sup>21</sup> *E a colbemera*<sup>338</sup> *E o bugle E o sseniole E aaruuas*<sup>339</sup> <sup>22</sup> *dous pessos E com ssola menuda E com ssold-* <sup>23</sup> *a rreal //*

<sup>24</sup> *Esta he a conssoldaçom ffaze poo d'ençenço* <sup>25</sup> *de mastich E de bolarmenyco E de ssangue //* <sup>26</sup> *de dragom E de mynhocas da terra E queymas*

*fl.163v em huum testo nouo E mete hi a tanto delle mesmo p-* <sup>2</sup> *oo da\\$/ mynhocas da terra como de todo o all //*

<sup>3</sup> *[[ Pera a molher que he legada toma o argem uj-* <sup>4</sup> *uo E myte-o em a çera E ata-o no braço ou na* <sup>5</sup> *cabeça da mançeba E logo Jara com ella o hom-* <sup>6</sup> *em // ]]*

<sup>7</sup> *[[ Pera o homem que he quebrado espriuuy este* <sup>8</sup> *euangelho Inprincipio erat uerbum E uerbum* <sup>9</sup> *erat // em huum uasso de prata E Laua-o E da-lho por* <sup>10</sup> *tres manhas a beber // ]]*

<sup>11</sup> *Item assy ffaras este opi que he muy priçiosso . ssilicet .* <sup>12</sup> *toma o azeite ssem ssal E mite-o em huum pu-* <sup>13</sup> *caro nouo E toma huã boleta E tira-lhe a casca* <sup>14</sup> *E o meollo ata o amago E myte-o o amago com* <sup>15</sup> *este azeite E das rrossas Se as teueres E sse* <sup>16</sup> *as nom teueres nom ffaças fforça E fferua* <sup>17</sup> *com este azeite ata que myngoe o terço ou a* <sup>18</sup> *ametade E tira-o ffora E desque ffor ffrio un-* <sup>19</sup> *ta com elle o doente que ouuer gram quentura* <sup>20</sup> *E assy o untaras deita-o em huã taça ou em //* <sup>21</sup> *huum uasso E toma delle com os dedos E hunta-* <sup>22</sup> *-lhe a ffronte E o rrosto E os collos dos braços* <sup>23</sup> *E os pees E creas que sse lho ffezeres todalha //* <sup>24</sup> *tirara a maleita E sse nom poderes auer azei-* <sup>25</sup> *te ssem ssal toma deste outro E laua-o muyto* <sup>26</sup> *E coze nelle esto de ssusso //*

*fl.164 Pera as pontadas toma a manteiga do may-* <sup>2</sup> *o E hunta o logar com ella hu teueres as* <sup>3</sup> *pontadas E toma a laã lidrossa E aqueenta-a* <sup>4</sup> *ao ffogo E desque ffor bem quente poi-lha em* <sup>5</sup> *çima onde huntares com a manteiga E ataa //* <sup>6</sup> *que nom*

<sup>337</sup> Não conseguimos encontrar significados para estas duas palavras, mas pelo contexto pensamos que se devem referir a plantas.

<sup>338</sup> Não encontramos significado para este termo mas pelo contexto pensamos que se deve referir a uma planta.

<sup>339</sup> Não conseguimos encontrar significados para estas duas palavras, mas pelo contexto pensamos que se devem referir a plantas.

caya E creas por çerto que sse o ffeze-<sup>17</sup> res que nom podem sser as pontadas tam<sup>18</sup> grandes que as nom tenha mais ssera melh-<sup>19</sup> or o olio da maçela E a manteiga //

<sup>10</sup> Pera todo homem que ffor fferido na cabeça he <sup>11</sup> teuer o testo quebrado ou assedado sse ffor asse-<sup>12</sup> dado do auento de ssusso<sup>340</sup> hu ffor ssaão E tome <sup>13</sup> o enxayam E crara d'ouo batida todo em huum he <sup>14</sup> poim-lho E ssarara //

<sup>15</sup> Item pera esto idest pera o testo que he quebrado que <sup>16</sup> pareça a teagem E ouuer osso dentro que tra-<sup>17</sup> ue na teagem toma o mylffolio E pissa-o E tor-<sup>18</sup> çe-o em huum pano branco E deita-o dentro em <sup>19</sup> na chaga E guarira logo ca logo lha ffara ssa-<sup>20</sup> yr //

<sup>21</sup> Item Se teuer ssangue dentro antre a teagem <sup>22</sup> E o testo tome a gema do pez muda E tome <sup>23</sup> antre o azeite E deite-o na chaga E ateste a cha-<sup>24</sup> ga delle e tome o pez E deite-o dentro ssobre ho <sup>25</sup> azeite E depois tome o azeuar çecotrim E o aze-<sup>26</sup> ite E destenpera-o todo em huum E poi-no em naa <sup>27</sup> chaga E toma o çendall uermelho E poi-lho de su-<sup>28</sup> // sso //

fl.164v E ssobre o çendall atesta-o de pez E sse o ffezeres assy sa-<sup>2</sup> rara //

<sup>3</sup> Pera a chaga que estee atordada toma huum zar-<sup>4</sup> uello<sup>341</sup> E aperta-o bem aa cabeça hu lhe doer ffen-<sup>5</sup> da-o E achara a craue negra<sup>342</sup> E sse achar o testo asse-<sup>6</sup> dado auento-o e sse achar o testo ssaao doutra parte <sup>7</sup> tome o enxaiam E a crara do ouo E bata todo em huum <sup>8</sup> ataa que ssolde o testo E aquysto husse e ssarara //

<sup>9</sup> Pera a chaga que he na arca uentre E teuer <sup>10</sup> ssangue dentro toma a bretonyca E a escany[o]-<sup>11</sup> ssa E as ffolhas das ssyluas que tem as am-<sup>12</sup> oras E pissas todo em huum E tenperas com aze-<sup>13</sup> ite E da-lhas a beber ante que coma E sse teuer ssan-<sup>14</sup> gue dentro tirar-lho-a E da-lhe a beber esto três m-<sup>15</sup> anhas //

<sup>16</sup> Pera todo homem que ffor fferido pello corpo <sup>17</sup> onde quer que sseJa tome o junco E maçe-o E <sup>18</sup> manchea aarancar de ffundo E cae com elle a <sup>19</sup> fferida E quanto uyr que uay tome o linho E <sup>20</sup> ffaça mecha E leixa-lhe cabresto E tome a rrinh-<sup>21</sup> oada do carneiro E ffriga E tome o aluym<sup>343</sup> E deite-o <sup>22</sup> meudo na rrynhoada do carneiro

<sup>340</sup> Anteriormente.

<sup>341</sup> Não conseguimos encontrar significado para este termo.

<sup>342</sup> Esta frase sugere-nos a possibilidade da existência de uma ferida interior sendo a “craue negra” a “chaga” depois de desbridada a pele e os tecidos que a estivessem a cobrir.

<sup>343</sup> Poderá ser alevim – peixe miúdo que se deita nos tanques e rios para criar. Vide *Novo dicionário Francez-Portugues, composto segundo os mais célebres dictionarios; e enriquecido de muitos termos de Medecina, De Anatomia, De Quimica, De Historia Natural, De Botanica, De Mathematica, de Marinha, E de todas as outras artes, e sciencias, Notavelmente cormorigido, emendado, e adicionado com hum sem numero de termos, e de locuções, e algumas frases em ambos os Idiomas*. Quinta Edição. Lisboa: OFFicina de Filipe DA Silva E Azevedo anno M. DCC. LXXXVI, p. 26. Ou poderá ser “alum”

*E tome a caa do li- |<sup>23</sup> nho E enuolua-a na ssertãe E desque todo esto ffor |<sup>24</sup> ffrio bem toma-a E mite-a em agoa ffria ataa |<sup>25</sup> que sseJa b em goalhada E ssarara //*

*|<sup>26</sup> Pera ho homen que teuer o calhar<sup>344</sup> rroto tom- |<sup>27</sup> e a ffarinha do trigo E peneira-a com os cabelos |<sup>28</sup> da lebre E ffaça piloras com a massa tamah- |<sup>29</sup> // as//*

*fl.165 Como ostias E enuolue-as em os poos do ençenço |<sup>2</sup> E do pez E toma depois os poos do ençenço E do pez |<sup>3</sup> E deita-lhos E da-lhos a beber E ssarara E depois to- |<sup>4</sup> ma hunto uelho E a rrinhooda do carneiro tanto de |<sup>5</sup> hum como do outro E do azeite outro tanto E |<sup>6</sup> toma o alujm E mestura todo em humm E poim-lho qua- |<sup>7</sup> ndo a catares E ssarara //*

*|<sup>8</sup> Pera ffazer binbas<sup>345</sup> pera a cabeça que ssolde o |<sup>9</sup> osso tome o aluym E moa-o E tome os poos buzios |<sup>10</sup> dous tantos que do aluim E tome almaztiga E |<sup>11</sup> o ençenço E mestura todo em humm E toma a ffari- |<sup>12</sup> nha do trigo E peneira noue uezes E toma a crara |<sup>13</sup> dos ouos E bate-as tanto que paresca uento he |<sup>14</sup> ffaze ffolha delgada E rapa-lhe a cabeça E poi-lhe / |<sup>15</sup> a uella E leixa-lhe ssospiro E toma as estopas // |<sup>16</sup> E poim-lhas em çima E atalha-lhas bem que nom cay- |<sup>17</sup> am E a cabo de çinquo dias tome o azeuar çecotrim |<sup>18</sup> E moy-o E toma o poo E deita-lhos em nos nary- |<sup>19</sup> zes com huã canauea E ssopra-lhos dentro E sse |<sup>20</sup> ouuer quentura como maleita da-lhe a comer ffor- |<sup>21</sup> mygos do pam com manteiga crua de uaquas |<sup>22</sup> E tolher lha aquentura E desque o leixar aquen- |<sup>23</sup> tura da maleita da-lhe a comer a cabo de noue |<sup>24</sup> dias carne de carneiro que nom sseJa mais de dous |<sup>25</sup> annos E a cabo de cinquo dias pergunta-o sse tem a |<sup>26</sup> boca doçe E sse teuer a boca doçe leixa-o nom m- |<sup>27</sup> oyra e<m> tuas maaõs E sse te disser que tem a bo- |<sup>28</sup> // ca //*

*fl.165v amargossa penssa delle ate ix E sse melhorar |<sup>2</sup> dos ix . dias pera rryba penssa delle E sse nom melh- |<sup>3</sup> orar leixa-o por que creas que morera //*

*|<sup>4</sup> Item milffolio bretoonycya agrimónia artemiga esca- |<sup>5</sup> uyola ameiga<sup>346</sup> atepiela<sup>347</sup> E o ssuzom a lingua |<sup>6</sup> do boy<sup>348</sup> bor abritoas ffolhas das ssyluas a cin- |<sup>7</sup> tilia celidónia a chantagem alançoo<sup>349</sup> o mairroy- |<sup>8</sup> o uentosso E a espemadera<sup>350</sup> E toma o unto ue-*

---

– matéria prima muito importante utilizada como mordente na farmacopeia. Vide Filipe Themudo Barata, *op. cit.*, pp 1-19.

<sup>344</sup> Não conseguimos encontrar o significado para estes termos.

<sup>345</sup> O termo parece relacionar-se com a palavras bimbadura. Vide Glossário, dando a ideia de uma espécie de pasta que fica aderente à cabeça.

<sup>346</sup> Consideramos a possibilidade de se referir a amenga = mielga ou lentilhas, vide Miguel Asín Palacios, *op. cit.*, p. 16.

<sup>347</sup> Não conseguimos encontrar significado para este termo.

<sup>348</sup> É possível que se refira a uma planta, a buglosa. Vide Miguel Asín Palacios, *op. cit.*, p. 150.

<sup>349</sup> Não conseguimos encontrar significado para este termo.

l<sup>9</sup> lho E o sseuo do carneiro E a çera E ozeite E ffri- l<sup>10</sup> gi-o todo em humm E toma as eruas E molha- l<sup>11</sup> s em huum todas E ffrige com o çumo esto o l<sup>12</sup> all E guarda-o em tuas boçetas E perffeita pera l<sup>13</sup> a cabeça E pera o corpo E per hu quer que o homem l<sup>14</sup> tenha alguma coussa //

l<sup>15</sup> Pera os neruos talhados toma as minh- l<sup>16</sup> ocas uyuas E mite-as na chgga (sic)<sup>351</sup> E despois l<sup>17</sup> toma os neruos dos cornylhões do carneiro E // l<sup>18</sup> coze-os bem E desque fforem bem cozidos pi- l<sup>19</sup> ca-os bem com huum cutello em canto fforem l<sup>20</sup> quentes E desque fforem bem pissados poim-lhos l<sup>21</sup> ssobre a chaga E toma a crara do ouo E talha-a // l<sup>22</sup> emuoluy as estopas E molhas nella E poy-lh- l<sup>23</sup> as ssobre a chaga //

l<sup>24</sup> Item toma orpimenta E moy-o em almofariz de co- l<sup>25</sup> bre E toma as estopas E alinpa bem a cha- l<sup>26</sup> ga E toma orpimenta E deita-o na chaga //

fl.166 E tome as estopas E ponhas de ssusso E a tres dias l<sup>2</sup> creas que ssoldaram os neruos E guareçera //

l<sup>3</sup> Item pera os traguçienlhos<sup>352</sup> tome o ssabom E cal que l<sup>4</sup> estee rregada E moa o orpimento E pissa-os l<sup>5</sup> E mestura-os com o ssabom pera traguçienlhos os l<sup>6</sup> lapaurones<sup>353</sup> E quando os ouuer catados três u- l<sup>7</sup> ezes tome a manteiga das uacas E hunte-os l<sup>8</sup> todos E logo ssaira de ffundo E guareçera muy l<sup>9</sup> bem //

l<sup>10</sup> Item pera a chaga uelha ou pera o cançer toma os o- l<sup>11</sup> uos E asse-os E ffaça-~~o~~/s bem duros E tira-lhas // l<sup>12</sup> gemas a de parte E orpimenta E a cal tenpera l<sup>13</sup> com uynagre assy como massa E ffaça piloras l<sup>14</sup> tamanhas como ssenhos ouos de pomba E mete- l<sup>15</sup> os no ffogo E sseJa o lar aberto E despois que fforem l<sup>16</sup> cozidas moa-as E quando ao catar da chaga to- l<sup>17</sup> me o mell E unte a chaga E deite os poos de suso l<sup>18</sup> E ssarara //

l<sup>19</sup> Item pera o cançer E pera noli mi tanger E pera espun- l<sup>20</sup> gem<sup>354</sup> E pera ffistolas ffaça todo aquysto E sarara //

Após a transcrição e para uma melhor percepção do documento, procedemos à identificação dos problemas de saúde/doenças referidos na fonte, das plantas utilizadas nas mezinhas e de outros ingredientes utilizados, identificando a sua origem e categorizando-a em animal, vegetal ou mineral, na sua maioria. Feita esta

<sup>350</sup> Não conseguimos encontrar significado para este termo.

<sup>351</sup> Chaga.

<sup>352</sup> Não conseguimos encontrar significado para este termo mas o contexto sugere-nos que se possa tratar de uma espécie de parasita do tipo do piolho.

<sup>353</sup> Não conseguimos encontrar significado para este termo.

<sup>354</sup> Não conseguimos encontrar significado para este termo.

identificação, decidimos proceder à elaboração de tabelas, para uma visão facilitada dos mesmos. Para a tabela dos problemas de saúde/doenças optámos por uma tentativa da sua categorização de acordo com os órgãos, sistemas ou especialidades afectados. É importante referir a dificuldade que tivemos na interpretação de alguns problemas, dada a nomenclatura usada no códice estar claramente em desuso no mundo da medicina atual. Recorremos ao uso de dicionários médicos atuais, bem como a dicionários da língua portuguesa na tentativa de conseguir encontrar a origem destes nomes e perguntámos também a médicos nossos conhecidos se os termos em questão lhes sugeriam alguma coisa. Na impossibilidade do reconhecimento da totalidade dos significados, nalguns termos colocámos a nossa sugestão enquanto noutros remetemos para a falha de conhecimento de significado

Na realização da tabela das plantas, decidimos indentificá-las pelo(s) nome(s) comum(ns), tal como aparecem na fonte ou como são conhecidos atualmente, seguido de uma coluna com o nome científico e duas com as recomendações da sua aplicação, uma na atualidade e outra com as recomendações da fonte. Esta forma organizacional proporciona-nos uma visualização facilitada das plantas usadas, bem como a possibilidade de perceber se a sua utilização no passado se reflete, de alguma maneira, com a sua utilização nos nossos dias. A identificação das plantas utilizadas na fonte constituiu para nós um grande desafio e representou uma laboriosa parte do nosso trabalho já que, aliado ao nosso desconhecimento geral de botânica, a nomenclatura usada no códice, muita da qual se encontra mal traduzida do latim ou do árabe, ou ainda a presença de alguns vocábulos não traduzidos e mal transcritos, dificultou o reconhecimento das espécies. Não tendo acesso ao original, torna-se difícil comprovar o nome latino das mesmas, pelo que, por vezes, optámos por colocar mais do que uma espécie na tabela. Recorremos a diversos livros sobre plantas, incluindo uma obra do século XIX, a edição do *Tesouro dos Pobres*, de Pedro Hispano, pela Professora Maria Helena da Rocha Pereira, bem como dicionários antigos como o de Raphael Bluteau, na tentativa de identificação das espécies. Ainda assim, algumas das plantas referidas não nos foram possíveis de identificar e para outras, mesmo identificadas, não conseguimos encontrar recomendações para a sua aplicação no presente. Muitas das plantas componentes das mezinhas medievais são usadas hoje na nossa alimentação, mesmo quando não lhes conferimos uma conotação curativa ou medicinal. Outro dos problemas que não podemos deixar de referir prende-se com o vocábulo *leborum*, que acabámos por identificar com a planta

heléboro, apesar de termos tido algumas dúvidas já que a recomendação de utilização se prende com a palavra “fel”, o que nos remetia para uma origem animal.

Por fim, a tabela relativa a outros ingredientes referidos na fonte foi composta pela identificação dos mesmo, outro desafio pelos mesmo motivos já acima referidos no que concerne às plantas, sendo por isso fundamental o recurso a dicionários e glossários na tentativa de apreender o seu significado. As duas outras colunas desta tabela referem-se à identificação da origem do produto, bem como à aplicação do mesmo referida na fonte.

Pedimos desculpa desde já pelo uso de palavras consideradas obscenas mas decidimos colocar nas recomendações da fonte a nomenclatura tal como nos aparece na fonte. Apenas na primeira tabela optámos por modernizar os problemas de saúde identificados para os termos científicos.

Salvaguardamos que não nos foi possível identificar o significado de alguns dos vocábulos do texto, se bem que, na sua maioria conseguimos induzir pelo contexto que se referem a plantas, outro tipo de ingredientes ou a doenças, não sendo por isso o seu número limitativo para a percepção global da frase ou do documento e não nos parecendo que tenha constituído uma limitação major para o nosso estudo. Dada a incerteza do seu significado optámos por não colocar em tabelas os ingredientes cuja origem não conseguimos identificar.

### 7.3 - Análise e discussão

Na análise ao documento, destaca-se a frase de abertura “*Aqy sse começa || l<sup>2</sup> huum liuro de naturas pello qual obraua l<sup>3</sup> o muy noble fissyco ffrey gill da ordem dos pregadores l<sup>4</sup> o qual liuro ffoy tirado de latim em rromamçio pera ss-l<sup>5</sup> aberem muytos o que em elle Jazia*” que começa por identificar o livro e atribuí-lo a Frei Gil de Santarém. Aqui começa também a primeira das nossas problemáticas. Terá sido Frei Gil o autor deste *Livro de Naturas*? Por certo que não o podemos afirmar. Lemos já opiniões que negam essa possibilidade visto que o texto indica que por ele obrava. No entanto, parece-nos que a expressão de “por ele obrava” indica, sim, que o autor o utilizaria mas não refuta a sua autoria. Apesar da opinião de alguns investigadores de que se o livro fosse da autoria de Frei Gil de Santarém, os frades dominicanos, responsáveis pela sua transcrição, teriam, sem dúvida, assinalado facto de tal

importância. Parece-nos uma opinião plausível, contudo, não podemos descartar a possibilidade do desconhecimento, pelo autor do Códice Eboense, do autor deste livro, até porque não sabemos quem foi este autor, já que ao Códice lhe faltam os primeiros fólios. Teria o documento original a identificação do autor do *Livro de Naturas*? Seria o original uma compilação de mezinhas caseiras, reunidas por Frei Gil de Santarém, e que chegaram ao autor deste Códice? Estas são questões para as quais não temos resposta. É uma possibilidade de que este *Livro de Naturas*, pelo qual obrava o dominicano, fosse uma série de apontamentos tomados por ele ao longos dos seus anos de experiência, podendo mesmo ser fruto da sua curiosidade pré universitária e, neste caso, é de fácil aceitação a pouca cientificidade que lhe está inerente e que é usada por alguns críticos que o sugerem como “pouco importante”, no contexto das obras médicas, ou como justificação da impossibilidade da autoria de um estudante de medicina em Paris. Por outro lado, não podemos descartar a hipótese de que tenha sido escrito para um uso pessoal, em jeito de “livro de bolso, a recorrer em caso de dúvida” e não como um documento voltado para um público erudito, com fim educativo. Poderia resumir-se a uma série de anotações de experiências resultantes da prática pessoal e da sua aplicação a uma população pouco diferenciada, num contexto caritativo, ligado à realidade do homem medieval, ainda antes da conversão de Frei Gil à Ordem Dominicana, não sendo surpreendente que aplicasse os seus conhecimentos médicos, na tentativa de auxiliar os pobres que o abordavam. Não queremos, nem podemos, com estas suposições, afirmar a veracidade da sua autoria mas não restam dúvidas da sua ligação ao manuscrito. É indubitável que com a diferenciação conseguida através dos seus estudo de medicina, em Paris, os seus conhecimentos se ligavam muito à cientificidade medieval e Frei Gil era detentor dos conhecimentos legados da Antiguidade e ministrados nos *Estudos Gerais* das universidades medievais. No entanto, este documento mostra-nos que o mundo da medicina medieval não se limitava aos textos e às práticas dos grandes autores, até porque Frei Gil viveu numa época em que as leis respeitantes ao físicos não se encontravam bem definidas. Da mesma forma, a sua própria lenda sugere-nos um envolvimento para com um imaginário mágico e supersticioso e a sua vida demonstra a importância da religião na sua prática. Ora, estas mezinhas caseiras, independentemente da sua autoria, representaram um contributo para a prática médica de Gil. Tendo sido compiladas por ele através da sua experiência, de ideias trocadas com outros físicos ou com conhecidos interessados pelo tema, ou escritas com vista à

instrução e auxílio da população leiga, independentemente do valor científico que se lhe possa atribuir, o conjunto de receitas que compõem o *Livro de Naturas* representa uma parte do quotidiano da medicina medieval em Portugal.

### 7.3.1 - Sinais de morte ou de vida

Ao lermos as páginas do livro, saltam-nos à vista os fólhos dedicados aos sinais de vida e de morte: “<sup>l23</sup> *Aquy sse começam os ssynaees dos* <sup>l24</sup> *enffermos quaes ssom mortaes* <sup>l25</sup> *E quaes ssom ujdaes pellos quaes* <sup>l26</sup> *obraua o muy nobre ffisyco ffrey gill em nos* <sup>l27</sup> *enffermos scilicet em esta que mostra em este liuro //*”, uma importante componente da literatura médica medieval, com já vimos nos capítulos anteriores e que vai de encontro à importância do papel do físico junto dos seus clientes, e dos prognósticos no mundo da medicina medieval. Os sinais referidos podem ser uma compilação dos identificados por outros autores da medicina medieval ou podem ser um misto destes com a experiência de Frei Gil. A frase indica-nos que estes constituíam um guia para a sua prática. Se, por exemplo, compararmos estes sinais de vida ou morte com os descritos no *Tesouro dos Pobres*,<sup>355</sup> de Pedro Hispano, percebemos que os sinais contidos no *Livro de Naturas* se encontram em maior número e não têm autor identificado, como no caso do livro de Pedro Hispano, o que nos pode induzir a uma possibilidade de autoria própria ou, tendo em conta que o manuscrito versava uma literatura não científica, a desvalorização, por parte do autor ou até mesmo do copista, da referência à autoria do sinal.

Analisando mais de perto os referidos sinais, procurar para estes uma explicação à luz da ciência atual torna-se ingrato, difícil e, para muitos, possivelmente desnecessário. Contudo, a nossa curiosidade e necessidade de explicação induziu-nos nessa tentativa. Torna-se difícil associar os sinais a um diagnóstico preciso, no entanto, as referências frequentes a edemas remetem-nos para uma possibilidade de insuficiência renal ou de compromisso do sistema linfático. Sabemos que um estado avançado de doença, com compromisso da função renal, muitas vezes hoje resolvido em fase aguda, com uma técnica de substituição renal contínua ou descontínua ou, em fase crónica, com uma rotina de hemodiálise até à possibilidade de um transplante, seria mortal no contexto da medicina medieval. Também a expressão “inchados” se

<sup>355</sup> Vide Maria Helena da Rocha Pereira, *Latim Medieval*, Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, pp. 360-363.

pode remeter a fases do processo inflamatório cujo foco, não controlado, acaba por evoluir para uma sépsis e para a morte. Da mesma forma que a referência a borbulhas brancas ou pretas sugere pontos de infecção com pús, sangue ou tecido morto. Não é de estranhar que um doente numa situação de doença grave, de falência de órgãos ou processo inflamatório, demonstre adinamia, que só por si pode ser resultado de um mecanismo de defesa do organismo, a febre.

Um dos sinais que nos parece curioso e de fácil explicação é o que se refere ao doente dormir de boca aberta já que uma pessoa com doenças respiratórias crónicas, como a rinite ou a sinusite, ou com um desvio do septo nasal, por exemplo, tem tendência a respirar pela boca, dormindo de boca aberta, enquanto que, caso estes problemas não se verifiquem, o respirar pela boca de forma acentuada pode ser um sinal de dificuldade respiratória grave e, daí, um sinal mortal. A dificuldade para dormir, numa fase inicial, pode indicar um desconforto e prender-se com um mecanismo de defesa do organismo na tentativa de alertar para um problema, enquanto que numa fase mais avançada, resultante de uma respiração agónica e das alterações do equilíbrio ácido base advindas de uma respiração ineficaz, a sonolência é frequente. A anorexia, com ou sem febre, é outro dos sinais indicativos de um estado grave de doença. No que se refere às unhas negras, podemos considerá-lo como cianose ungueal, resultante de uma oxigenação não eficaz, ou pode incluir-se nos sinais de hipoperfusão que refletem uma insuficiente irrigação das extremidades por motivos variados e que estão presentes em doentes próximos da morte. Por fim, queremos referir a falta de vontade para urinar ou a presença de sangue na urina que indicam um estado de doença na qual, mais uma vez, a função renal se encontra seriamente comprometida e, nesta época, de forma irreversível.

Não pretendemos com esta nossa avaliação encontrar uma justificação científica e equivalente para estes sinais, até porque nos encontramos completamente descontextualizados da história dos doentes e não dominamos, de forma profunda e semelhante à época, os conceitos da anatomia e fisiologia medievais. Realçamos que este parágrafo se prende com uma curiosidade nossa de tentar compreender, mas salientamos a existência de sinais que ainda hoje associamos ao processo de morte e que podemos verificar em doentes moribundos.

### 7.3.2 - Doenças, plantas e outros componentes das mezinhas

Ao estudar o *Livro de Naturas*, o primeiro facto com que nos deparamos é a sua falta de organização. Após a frase de abertura supracitada, o autor prossegue com a receita de mezinhas indicadas para o tratamento de doenças relativas aos olhos. Segue-se a descrição dos sinais de vida ou de morte que ocupa aproximadamente dois fólhos, para depois voltar a listar mezinhas. A primeira letra do capítulo é uma capitular, havendo também destaque para o “A” de abertura dos sinais de vida ou de morte, sendo, no entanto, composta por um floreado diferente, mas de dimensões aproximadas. O restante texto é corrido, estando cada parágrafo assinalado por uma maiúscula trabalhada ou pela abreviatura de *Item*. Nem todos os parágrafos dizem respeito a uma nova doença mas podem indicar uma mezinha diferente para o mesmo problema. Cada mezinha ou parágrafo termina sempre com a pontuação “//”.

Após a descrição dos sinais de vida ou de morte, o restante texto contém a descrição de mezinhas para os mais diversos problemas, sendo que uma mezinha para um determinado problema pode aparecer em partes diferentes do documento, não se verificando um padrão de organização. Poderá haver um explicação para isto? Terão as receitas sido escritas de uma forma aleatória ou cada mezinha seria acrescentada à medida que era experimentada ou conhecida? Não podemos responder a estas questões, contudo, a falta de organização do documento não invalida a riqueza em termos e vocabulário medieval, tanto de medicina e anatomia, como de linguagem corrente para os problemas médicos, alguns dos quais ainda encontram reminiscências na forma popular de algumas expressões ou mesmo de determinados objetos, plantas, animais e alimentos do quotidiano medieval.

Se, a título de exemplo, fizermos uma comparação entre a organização do *Livro de Naturas* e o *Tesouro dos Pobres*, verificamos que o último se encontra mais organizado, estando as receitas organizadas por doenças, muitas delas com explicações sobre as mesmas e instruções de flebotomia, enquanto que a nossa apresenta uma não organização. Algumas das afeções referidas no Códice de Frei Gil, têm um maior número de mezinhas para o seu alívio do que o existente no de Pedro Hispano, mas o contrário também se verifica. Vários são os ingredientes comuns, nos dois receituários, para as mesmas doenças mas em composições distintas. Por exemplo, o leite é um ingrediente usado para a diarreia nos dois tratados, bem como a losna e o leite de mulher aplicados para os olhos, ou o pó de sanguessuga com vinagre

para “tirar os cabelos”.<sup>356</sup> Em Pedro Hispano, o ovo é um ingrediente muito usado para os olhos, bem como a água de rosas.

Quanto às enfermidades, no *Tesouro dos Pobres* encontram-se bem organizadas, indicadas por órgãos afectados, enquanto que as mezinhas do *Livro de Naturas* se tornam mais específicas por não estarem inseridas num conjunto. Verificamos ainda um maior número de receitas para determinados males no *Livro de Naturas* do que no livro de Pedro Hispano, se bem que o contrário também se verifica como já havíamos referido, em particular no que se refere a problemas relacionados com o baço ou com a saúde da mulher.<sup>357</sup> Supomos que quando no Códice Eborense se referem à “madre da mulher que se oura” poderá ser o equivalente à “sufocação da madre” no *Tesouro dos Pobres*.<sup>358</sup>

Uma diferença importante entre os dois tratados reside no tipo de medidas utilizadas. Enquanto que no Códice os ingredientes são medidos em onças, no *Tesouro dos Pobres* aparecem em dracmas e em onças. E, no que a pesos e medidas usados na medicina medieval concerne, importa-nos introduzir aqui as medidas utilizadas na medicina do Portugal medievo: o grão, o mais pequeno peso da libra medicinal; o escrúpulo que correspondia a 24 grãos; a oitava que correspondia a 3 escrúpulos ou 72 grãos; a onça que correspondia a 8 oitavas, 24 escrúpulos ou 576 grãos; a libra medicinal (usada em todas as boticas da Europa) e que correspondia a 12 onças; a libra civil ou arratel que correspondia a 16 onças (cada onça com 8 oitavas).<sup>359</sup>

Não é objectivo da nossa investigação a realização de uma comparação entre os dois tratados a que nos referimos, pretendemos com estas observações salientar os

<sup>356</sup> Vide Maria Helena da Rocha Pereira, *op. cit.*, pp. 84 e 188 e transcrição do *Livro de Naturas* fólio 152.

<sup>357</sup> Sobre a “sufocação da madre” referida por Pedro Hispano vide o trabalho de Ana Maria S. A. Rodrigues, *Entre a sufocação da madre e o prurido do pénis: género e disfunções sexuais no Thesaurus Pauperum de Pedro Hispano*, 2006, [https://www.academia.edu/11349912/Entre\\_a\\_sufocacao\\_da\\_madre\\_e\\_o\\_prurido\\_do\\_penis\\_genero\\_e\\_disfuncoes\\_sexuais\\_no\\_Thesaurus\\_Pauperum\\_de\\_Pedro\\_Hispano.pdf](https://www.academia.edu/11349912/Entre_a_sufocacao_da_madre_e_o_prurido_do_penis_genero_e_disfuncoes_sexuais_no_Thesaurus_Pauperum_de_Pedro_Hispano.pdf), [consultado a 5 de Novembro de 2016], pp. 33-44.

<sup>358</sup> Vide Maria Helena da Rocha Pereira, *op. cit.*, p.254 e transcrição do *Livro de Naturas* fólio 151.

<sup>359</sup> D. CAETANO DE S. ANTONIO, Conego Regular de Santo Agostinho, Boticario do Real Mosteyro de S. Vicente de Fóra. *PHARMACOPEA LUSITANA REFORMADA – METHODO PRATICO De preparar os Medicamentos na fórma Galenica, & Chimica, TRATADO SEGUNDO. DOS PEZOS, E MEDIDAS, E DE ALGVNS nomes, pelos quaes varias vezes se pedem muytas Medicinas*, Impresso no Real Mosteyro de São Vicente de Fora, 1711, p. 22 e também Mário Viana, “Breve nota metrológica sobre pesos apotecários”, *Caderno de fórmulas farmacêuticas de Francisco Maria Supico*, Ponta Delgada, Centro de Estudos Gaspar Frutuoso (Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores), 2010, pp. 59-65.

pontos de aproximação de duas importantes figuras da história médica portuguesa, lembrando que Frei Gil seria mais velho do que Pedro Hispano e de que terá estudado em Paris, numa fase anterior a este. Com contextos com algumas similitudes, mas com percursos de vida distintos, a obra destes dois homens não poderia deixar de ser distinta, mantendo algumas semelhanças que, como já vimos na fundamentação teórica, seriam fruto do fio condutor que caracterizava a Medicina Medieval. Não estranha que, com tão poucos anos de diferença entre estes homens, os seus trabalhos versassem problemas similares ou que a sua abordagem implicasse diferenças que, a nosso ver, não podem ser relatadas como “científicas”. No entanto, o contributo da obra de Pedro Hispano, foi fundamental para o enriquecimento do nosso vocabulário botânico e verificamos que muitas das plantas usadas nos receituários são comuns, o que não estranha, dada a influência dos autores mais antigos, ainda que identifiquemos algumas espécies no *Livro de Naturas* que não vemos contempladas no *Tesouro dos Pobres*.

Prosseguindo na análise ao documento, verificamos que este nos apresenta uma riqueza diversa de vocábulos que nos sugerem o contacto com documentos escritos em diversas línguas. Destacamos a presença de palavras e frases em latim, umas mal traduzidas, outras não traduzidas na totalidade, e em castelhano. Não podemos ter a garantia da língua do documento original, se bem que a possibilidade de que estivesse escrito em latim, francês, árabe ou castelhano é de considerar. Afinal, tendo em conta o percurso de Frei Gil de Santarém, qualquer uma destas línguas lhe seria familiar e de uso corrente em determinada fase da sua vida. Podemos considerar até que as fontes para o documento proviessem de uma mistura das diferentes línguas. É inegável a importância deste código como fonte de vocábulos específicos do português medieval, muitos apontados por Mário Martins, S.J., que nos permitem uma aproximação à nomenclatura médica usada, bem como aos principais compostos das mezinhas medievais, na sua maioria plantas, nem todas conotadas atualmente como medicinais. Através das tabelas por nós realizadas podemos visualizar mais facilmente esta riqueza, bem como através da consulta de um glossário que achámos indispensável realizar para uma compreensão mais facilitada do conteúdo da nossa fonte e do nosso trabalho. Assim, e recorrendo à nossas tabelas<sup>360</sup>, podemos ficar com uma ideia de quais os principais problemas de saúde que afectavam o homem comum,

---

<sup>360</sup> Vide Tabela 1.

dos mais variados sistemas, resultantes das mais variadas formas e que nos dão também uma rica informação sobre o impacto da doença no dia a dia do homem medieval. Antes disso, decidimos colocar aqui algumas considerações, retiradas do *Livro sobre a Conservação da Saúde*, de Pedro Hispano, como forma introdutória à importância dos diversos órgãos aos olhos da anatomia medieval.

### **Cérebro**

*“(...) em primeiro lugar do cérebro, por ser a raiz de todo o corpo, e porque a definição ou descrição é o espelho do assunto todo. (...) O cérebro é o órgão principal, nobre, esponjoso, de cor branca, composto de três partes, base de todo o corpo, e denominado sede da alma pelos profetas.”<sup>361</sup>*

### **Olhos**

*“Os olhos são órgãos brilhantes, redondos e radiosos, cobertos por sete túnicas e três humores. Os olhos são as janelas da alma, para se verem através dele, como por uma varanda, as cores e as figuras. Por isso diz Platão: A vista é da maior utilidade.”<sup>362</sup>*

### **Ouvidos**

*“Os ouvidos são órgãos tortuosos e côncavos, e instrumentos da alma, por meio dos quais se distinguem os sons e as vozes”<sup>363</sup>*

### **Coração**

*“O coração é um órgão côncavo, cavernoso em baixo, amplo em cima, e é o termo de todas as operações da alma racional, segundo o testemunho de Galeno. As operações do espírito começam no cérebro e recebem o seu complemento no coração.”<sup>364</sup>*

### **Estômago**

*“O estômago é o pai de família, que, quando passa mal, todos os órgãos se sentem pior, e inversamente.”<sup>365</sup>*

---

<sup>361</sup> Maria Helena da Rocha Pereira, *op. cit.*, p.454.

<sup>362</sup> Idem, *ibidem*, p.456.

<sup>363</sup> Idem, *ibidem*, p.458.

<sup>364</sup> Idem, *ibidem*, p.462.

<sup>365</sup> Idem, *ibidem*, p.464.

**Fígado**

*“O fígado é um órgão principal, funcional, oculto por veias e artérias, colocado ao serviço da natureza e repleto dos quatro humores naturais.”<sup>366</sup>*

**Baço**

*“O baço é um órgão melancólico, grosseiro, ponto de confluência dos humores, e de natureza eliminadora, pois, tal como a vassoura limpa a casa, de modo semelhante o baço purga o fígado dos excessos de bÍlis negra.”<sup>367</sup>*

Podemos verificar a importância dos problemas oculares, da mais diversificada etiologia, e que seriam comprometedores do desempenho de qualquer profissão medieval. Os problemas relacionados com os dentes, com a digestão, a eliminação ou mesmo com a cicatrização e com os ossos, podem dar-nos indicações relativas ao tipo de alimentação e a determinadas carências alimentares e vitamínicas. Os produtos de origem animal referidos nas mezinhas remontam, essencialmente, para animais domésticos e de criação e para animais de caça.

As maleitas resultantes de infeções denotam a dificuldade de controlo deste problema bem como a possibilidade de carências de hábitos higiénicos. As queimaduras, as lesões por fraturas ou os corpos estranhos em determinadas partes do corpo denotam a importância do trabalho manual no quotidiano medieval. Quer no labor da casa, nos campos de batalha, nos campos de cultivo ou na realização de determinado mester artesanal, as lesões, muitas vezes incapacitantes, eram frequentes. Também os problemas relacionados com a saúde da mulher se encontram presentes. Não encontramos referências diretas ao parto mas não faltam as mezinhas direcionadas ao útero, aqui referido como *madre*, ou às glândulas mamárias ou ao leite.

Podemos também verificar que os problemas intestinais, como as diarreias e a obstipação, eram frequentes, o que se pode prender quer com a água consumida em condições pouco salubres, quer com a alimentação. Não podemos descartar a existência de determinadas viroses que nos assolam na atualidade, causando diversos casos de gastroenterites, por exemplo através do contágio em crianças de idade escolar e que, existindo na Idade Média, encontrariam no dia a dia de partilha do

---

<sup>366</sup> Idem, *ibidem*, p.466.

<sup>367</sup> Idem, *ibidem*, p.468.

mesmo espaço para dormir, comer, muitas vezes trabalhar, por toda uma família, ou em zonas comuns de pequenas aglomerações como o mercado ou a igreja, uma fácil forma de contágio. A mesma explicação se pode aplicar a problemas como gripes e constipações e outros problemas de propagação por vias respiratórias com a agravante das condições habitacionais, na sua maioria compostas por casas de uma única divisão, sem janelas e com um fogo, logo fumo, constante no seu interior, quer para aquecimento, fonte de luz, como também para cozinhar os alimentos.

Outras das maleitas frequentemente referidas são a gota, afectando diversas zonas do corpo e que seria certamente incapacitante no trabalho, maioritariamente físico do mundo medieval, as febres, sem etiologia conhecida, ou as diversas úlceras, bostelas, bubões, apostemas, tumores que sugerem a existência de um processo inflamatório localizado ou secundário a uma doença sistémica.

Damos conta de que o cancro é um enfermidade muitas vezes referida, algumas das vezes associado a males cutâneos, outras referido de uma forma menos específica que nos pode indicar o seu reconhecimento com a conotação que lhe atribuímos hoje, sem, no entanto, poderem ter noção das sua patologia. As afecções cutâneas representam outra das grandes preocupações destas mezinhas, não apenas a Lepra, que inevitavelmente é contemplada, tendo a preponderância que teve como doença característica da medievalidade, em particular na época contemporânea de Frei Gil, onde as gafarias<sup>368</sup> ainda proliferavam pelo país. As preocupações com a estética são também uma das contribuições que se pode retirar destas mezinhas, desde a queda dos cabelos, às pintas e mazelas do rosto, podemos verificar que os problemas de acne constituíam um problema para o homem medieval. Claro está que as pintas e as mazelas poderão referir-se também a marcas deixadas por outras doenças de pele mas, apesar de viverem num ambiente desprovido da poluição, do stress e dos agentes agressores a que estamos submetidos hoje, o ciclo biológico seria semelhante pelo que não é de estranhar de que fossem acometidos por acne.

Não podemos deixar de referir os problemas do foro mental, muitos relacionados com os humores, como o “deitar a cólera e a freima pela garganta” que interpretamos como um excesso de bÍlis, humor que conduz a uma compleição colérica, enquanto que a freima nos deixa na dúvida se se refere à fleuma e a uma compleição fleumática ou freima como sinónimo de impaciência, agitação. Não deixa

---

<sup>368</sup> Sobre este tema ver os trabalhos de Manuel SÍlvio Alves Conde, Iria Gonçalves e Fernando da Silva Correia.

de ser curiosa a não referência à técnica de sangria como tratamento. Contudo, o livro não se refere a técnicas específicas do foro da cirurgia já que as próprias mezinhas indicam como tirar o estrepe, a seta ou a espinha sem ferro<sup>369</sup>. Supomos que o seu objectivo visará a aplicação de determinados tratamentos quando um cirurgião não se encontra disponível.

Por último, não queremos deixar de mencionar as mezinhas dedicadas a problemas que não seriam considerados como doença, mas que afectariam sem dúvida a saúde mental e o bem estar do homem medieval. De alguma forma, alguns prendem-se com a crença em determinadas superstições, como a praga, a mulher legada, que interpretamos como mulher abandonada, rejeitada, ou a adivinhação através de sonhos ou a tentativa de descobrir o autor de um furto. Estas últimas referências transportam-nos para o legado mágico-supersticioso a que a medicina medieval estaria ligada. E, apesar de se ligarem a um homem da Igreja, não surpreende que esta componente supersticiosa esteja presente, o que até poderia ir de encontro à história lendária do seu passado ligado à necromancia. Da mesma forma que o recurso a determinadas mezinhas compostas por orações, e que hoje se afastam totalmente da cientificidade da medicina, nos aproximam de um médico cuja formação base era teológica, cuja vida se regia pelos princípios da igreja, numa sociedade onde o dogmatismo cristão imperava e onde a fé era indissociável da saúde e da doença. Assim, mesmo que o receituário não seja de sua autoria, não estranha que por si fosse aceite e incentivado.

Ainda remetendo à palavra praga, neste contexto podemos associá-la a uma causa supersticiosa de doença, uma credence, mas não podemos destacar a possibilidade de que ela também pudesse remeter para praga como sinónimo de Peste.

Procedendo à análise das tabelas,<sup>370</sup> podemos apreender a variedade de espécies vegetais que eram conhecidas e aplicadas na prática médica medieval. Das 158 plantas referidas na fonte, algumas não conseguimos identificar, seja porque foram mal traduzidas ou pelo termo ter caído em desuso de forma a não constar na literatura consultada. Outras ainda, por não conseguirmos encontrar fonte científica que ateste o seu correspondente em nomenclatura científica ou possíveis aplicações. Ainda assim, decidimos colocar na tabela com as indicações sugeridas no *Livro de Naturas* as que nos suscitam menos dúvidas.

<sup>369</sup> Ferro como palavra generalizada para definir um instrumento cirúrgico.

<sup>370</sup> Vide Tabela 2 e Tabela 3.

Quanto à Tabela 3, também aqui introduzimos os ingredientes que não conseguimos identificar mas que, pela forma como vêm descritos, não nos parece que se remetam a plantas. Apesar de na sua maioria identificarmos os compostos consoante a sua origem, alguns houve cuja origem não conseguimos descobrir.

Na análise aos ingredientes, podemos constatar que aqueles que aparecem referenciados em maior número como compostos de diferentes mezinhas e para variados problemas são o aipo, a arruda, a tanchagem, o funcho, a losna, a pimenta e a verbena no que respeita às plantas e o leite de cabras, os ovos, o mel, o vinho, o vinagre, o unto de porco, o pez, o azeite, o incenso, o sal, a farinha d'orjo e o ouro-pigmento no que concerne a outros ingredientes. Como podemos verificar, o mel e o açúcar entram em muitas composições, provavelmente para tornar a mezinha mais agradável. No entanto, as propriedades curativas do mel são conhecidas na atualidade, onde é ainda utilizado pela medicina tradicional e mesmo pela científica, pelo que será de supor que a sua adição à composição se prenda com os dois motivos.<sup>371</sup> Também o sal é muito utilizado na composição das receitas, o que poderia acontecer para lhe conferir sabor mas também por conter iões fundamentais ao organismo, o cloreto e o sódio.

Como já referimos, a diversidade de plantas que compõem este livro dá-nos uma ideia do grande conhecimento e acesso a diferentes tipos plantas no Portugal medievo. Considerando que muitas destas mezinhas teriam origem em tratados da Antiguidade ou em tratados da medicina árabe, cuja fauna e flora aportaria algumas diferenças para com a europeia, mas, ao mesmo tempo, inserindo-o no leque de receituários caseiros, poderemos acreditar que a maioria das espécies seria de fácil acesso ao português responsável pela elaboração da mezinha. Da mesma forma que os restantes ingredientes, em particular os de origem animal, podem representar a fauna mais frequente no nosso país e os alimentos de acesso relativamente facilitado. Por outro lado, estas mezinhas seriam praticadas por um perito, provavelmente um boticário, que teria um maior leque de conhecimentos e um maior acesso a ervas, compostos, óleos, águas e partes de animais específicas e com maior dificuldade de aquisição. Importa marcar de que não nos podemos esquecer do custo associado a estas produções e que pode ser um indicador da necessidade de algumas poupanças para os conseguir. Estariam estes serviços apenas ao dispor de alguns? Haveria uma

---

<sup>371</sup> Vide supra p. 70.

facilidade maior do que se possa pensar na aquisição de determinados produtos? Praticaria Frei Gil a caridade cristã, pondo em prática os ideais mendicantes de pobreza e auxílio ao pobre, arcando ele com os custos dos compostos referidos? Aqui estão outras das questões para as quais não temos resposta.

Para finalizar a análise destes componentes, não deixa de ser curiosa a aplicação de caranguejo no tratamento do cancro, sabendo que, atualmente, a doença é representada por este animal. E no que ao paralelismo entre aplicações recomendadas no *Livro de Natura* e as recomendações da botânica medicinal atual podemos, a título de exemplo, verificar que a labaga está igualmente recomendada para o tratamento de afecções cutâneas, a alcaçuz para a rouquidão, a alcaravia para o estômago, o alho para o cancro, a papoila para dormir ou a verbena como digestivo.

## 8 - Conclusão

É chegado o momento de concluir este trabalho, de procurar sistematizar as respostas encontradas para os desafios a que nos propusemos.

Os anos que decorreram entre 1250 e meados do século XIV foram notáveis para o mundo médico e para a revolução que se deu na vida intelectual medieval, através da incorporação dos saberes islâmicos e gregos no mundo científico dos intelectuais europeus latinos, o que lhes possibilitou uma abordagem racional do mundo natural e dos seus fenómenos, nomeadamente da saúde e da doença, e as primeiras questões sobre as suas causas naturais, no mundo da cristandade medieval europeia. Através da introdução de uma nova literatura científica, os *libri naturales*, estes intelectuais conseguiram persuadir os grandes dirigentes políticos da importância de investir recursos na formação de letrados e na investigação das causas da saúde e das doenças. Os debates médicos possibilitaram a oferta de novas especulações doutrinárias em torno do binómio saúde-doença e também novas soluções práticas relativas ao mesmo.<sup>372</sup> Era através da prática que o médico justificava o seu papel na sociedade e a eficácia dos seus conhecimentos. O rigor intelectual da sua ação refletia a sua capacidade, desde a elaboração da mais simples receita à cauterização de uma hemorroida. Rigor este conferido pela filosofia natural aristotélica e justificado com a transição da medicina de uma arte manual para uma ciência e do seu impulso para as universidades medievais.<sup>373</sup>

Os estudos sobre os livros medievais deram um contributo fundamental para a historiografia científica medieval indicando que o conhecimento e as atividades científicas assentavam numa cultura livresca.<sup>374</sup> O livro sobre o qual recai o nosso estudo, pode não ser um exímio representante da cientificidade medieval mas não deixa de representar um importante testemunho da mesma. Podendo representar um género literário que se insere nos textos médicos extra académicos, o *Livro de Naturas* compõe-se de uma grande quantidade de mezinhas e da descrição de sinais de morte ou de vida que nos familiarizam com a prática médica medieval. É certo que lhe encontramos alguma componente mágica, supersticiosa ou de cariz religioso, uma

<sup>372</sup> Luis Garcia Ballester, Jon Arrizabala, *El medico en la Edad Media*, 1999, [http://digital.csic.es/bitstream/10261/36170/1/Arrizabalaga.99.El%20medico%20en%20la%20Ed.Medi%20a\(EI%20med.de%20fam.en%20la%20H%\).pdf](http://digital.csic.es/bitstream/10261/36170/1/Arrizabalaga.99.El%20medico%20en%20la%20Ed.Medi%20a(EI%20med.de%20fam.en%20la%20H%).pdf), [consultado a 11 de Março de 2015], p. 35, 36.

<sup>373</sup> Luis Garcia Ballester, Jon Arrizabala, *op. cit.*, p.39.

<sup>374</sup> Mário Farelo, Livros que contam uma história. O contributo das obras de Medicina e de *Quadrivium* para o conhecimento da cultura letrada em Portugal na Idade Média., p.1.

ou outra indicação, o que não será de estranhar dado o contexto em que foi escrito, numa época onde não podemos querer ver a cientificidade que vemos na medicina atual.

O Códice Eborense CXXI/2-19 resulta numa obra muito mais ampla do que este estudo abrange. Nele encontramos compilações de livros que testemunham a prática médica medieval, alguns dos quais representavam as bases da escolástica médica medieval. Embora não tenhamos a possibilidade de identificar o autor ou autores do códice, dada a falta de fólios que poderiam conter essa indicação, podemos dele retirar muitos conhecimentos que nos permitem uma familiaridade para com o mundo dos físicos medievais. Quanto ao livro deste códice sobre o qual retivemos a nossa atenção, não podemos aqui garantir que o seu autor fosse Frei Gil de Santarém embora, como vimos, não possamos excluir essa possibilidade. Que por ele se guiava, numa determinada fase da sua prática médica é inegável e, apesar de não sabermos o público a que se destinava, dele podemos retirar uma série de indícios da sua abordagem médica. Parece-nos que a sua importância, pelo menos aos olhos do autor do Códice, está atestada pela sua presença no mesmo. Claro que basta a associação do nome de Frei Gil de Santarém para lhe conferir lugar, no entanto acreditamos que o seu conteúdo não seria de desprezar, o que lhe garante a inclusão numa compilação de tratados ao lado de grandes autores médicos como Constantino Africano ou Arnaldo de Vilanova.

Vimos, pela enumeração dos sinais mortais ou “vidais” que este tipo de discurso médico era comum no contexto da medicina medieval, da mesma forma que nestes sinais e em outras passagens do livro podemos verificar a importância dos prognósticos: *“E sse te disser que tem a boca amargossa penssa delle ate ix E sse melhorar dos ix . dias pera rryba penssa delle E sse nom melhorar leixa-o por que creas que morera //”*.<sup>375</sup>

A riqueza da linguagem utilizada no texto, muita dela representando um desafio ao conhecimento do seu significado, dá-nos indicações de variados sintomas e doenças que preocupavam o homem medieval e que instigavam o físico na procura de um tratamento eficaz. A riqueza de informação sobre plantas, animais e outros ingredientes utilizados na composição destas mezinhas dá-nos uma indicação sobre a fauna e flora conhecidas, acreditando na possibilidade de que muitas delas se

---

<sup>375</sup> Códice Eborense CXXI/2-19 fólios 165, 165v.

remetessem a indicações compiladas dos grande autores médicos da Antiguidade e do mundo islâmico e sendo por isso difíceis de adquirir, a maioria estaria provavelmente disponível, pelo menos para um físico ou boticário, no Portugal medievo. Das doenças podemos identificar muitos problemas que nos acometem na atualidade, apesar de nem sempre serem identificadas com o nome que hoje lhes conhecemos. Outras inserem-se no contexto do quotidiano medieval e outras ainda não conseguimos encontrar significado elucidativo.

A transcrição do livro resultou numa fase fundamental e num dos objectivos principais deste nosso trabalho. Garantiu-nos o contacto com uma letra de leitura fácil, apesar da possibilidade de algumas dificuldades causadas pelo estado de conservação do suporte, queimado nalgumas páginas ou com leitura dificultada pela sobreposição de letras mais carregadas na página do verso, os fólios que transcrevemos encontravam-se em bom estado de conservação. A nossa maior dificuldade prendeu-se, na maioria das vezes, com o desconhecimento do vocabulário específico, com o uso de nomenclatura em desuso ou com a existência de erros de tradução do original para o vernáculo. Esperamos com esta transcrição facilitar a leitura do *Livro de Naturas* a outros investigadores que manifestem interesse pela temática.

Certamente que muito fica por dizer e que, possivelmente, outros olhos retirariam outro tipo de informação desta fonte. O Códice em si tem muito para ser trabalhado, muitos fólios que aguardam uma transcrição e uma eventual edição. A riqueza que o compõe não se resume às doenças, aos conhecimentos de anatomofisiologia medievais, à farmacopeia, aos tratamentos médico-cirúrgicos que nele constam, mas também à riqueza da linguagem, dos vocábulos e da sua origem, aos usos e costumes de uma sociedade medieval que dele podemos retirar. Fica o desafio para tantas outras abordagens que daqui podem ser feitas. Fica um fragmento das práticas de medicina em Portugal, durante a Idade Média, e um contributo para a escrita da história da medicina.

## 9 - Fontes e Bibliografia

### 9.1 – Fontes

#### 9.1.1 - Fontes Manuscritas

Biblioteca Pública de Évora, *Códice Eborense CXXI/2-19*, fl.141v-166.

#### 9.1.2 - Fontes Impressas

BLUTEAU, Raphael, Padre D.

*Vocabulario Portuguez e Latino, Aulico, Anatomico (...) Autorizado com Exemplos dos Melhores Escritores Portugueses, E Latinos, E Offerecido a ElRey de Portugal D. João V pelo Padre D. Raphael Bluteau (...) Calificador no Sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa*, Tomos I – VIII, Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

*Chancelarias Portuguesas, D. Afonso IV*, Volume I (1325-1336), Lisboa Instituto Nacional de Investigação Científica da Universidade Nova de Lisboa, 1990.

*Chancelarias Portuguesas, D. Afonso IV*, Volume II (1336-1340), 1ª ed., Lisboa Instituto Nacional de Investigação Científica da Universidade Nova de Lisboa, 1992.

D. CAETANO DE S. ANTONIO, Conego Regular de Santo Agostinho, Boticario do Real Mosteyro de S. Vicente de Fóra.

*PHARMACOPEA LUSITANA REFORMADA – METHODO PRATICO De preparar os Medicamentos na fórma Galenica, & Chimica, TRATADO SEGUNDO. DOS PEZOS, E MEDIDAS, E DE ALGVNS nomes, pelos quaes varias vezes se pedem muytas Medicinas*, Impresso no Real Mosteyro de São Vicente de Fora, 1711, p. 22.

D. DUARTE

*Leal Conselheiro*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.

HISPANO, Pedro

*Tesouro dos Pobres*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, pp. 77-301.

IDEM

*Livro sobre a Conservação da Saúde*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, pp. 445-489.

SÃO JOÃO, Frei Baltazar de

*Vida de São Frei Gil de Santarém*. Trad. e edição de Aires A. Nascimento. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989.

*Novo dicionário Francez-Portugues, composto segundo os mais célebres dictionarios; e enriquecido de muitos termos de Medecina, De Anatomia, De Quimica, De Historia Natural, De Botanica, De Mathematica, de Marinha, E de todas as outras artes, e sciencias, Notavelmente cormorigido, emendado, e adicionado com hum sem numero de termos, e de locuções, e algumas frases em ambos os Idiomas*. Quinta Edição. Lisboa: OFFicina de Filipe DA Silva E Azevedo anno M. DCC. LXXXVI.

## 9.2 - Referências Bibliográficas

ABRANCHES, Margarida, SILVA, Hugo Gomes da

*Frei Gil de Santarém – Perfil de um Médico e Teólogo Medieval*, Actas da Reunião Internacional de História da Medicina, Lisboa, Gráfica Rodrigues & Santos, Lda., 2001, pp. 181-183.

ABREU, Laurinda,

“A organização e regulação das profissões médicas no Portugal Moderno: entre as orientações da coroa e os interesses privados”, *A Arte Médica e imagem do corpo – de Hipócrates ao final do século XVIII*, Catálogos da BNP, Biblioteca Nacional de Portugal, coord. Adelino Cardoso, António Braz de oliveira, Manuel Silvério Marques, Lisboa, 2010, pp. 97-122.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Volumes I-II, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa e Fundação Calouste Gulbenkian, Verbo, 2001.

ÁLVAREZ MILLÁN, Cristina

“Al-Zahrawi”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 526-528.

ALVES, Manuel Valente

*História da Medicina em Portugal – Origens, ligações e contextos*, Porto, Porto Editora, 2014.

ASÍN PALACIOS, Miguel

*Glosario de Voces Romances Registradas por un Botánico Anónimo Hispano-Musulmán (siglos XI-XII)*, Madrid- Granada, Imprenta de la viuda de Estanislau Maestre, 1943.

BANNIARD, Michel

*Génesse Cultural da Europa - séculos V-VIII*, Lisboa, Terramar, 1989.

BEIRANTE, Maria Ângela

“Santarém no Tempo de S. Frei Gil”, *S. Frei Gil de Santarém e a sua época*. Coordenação de Jorge Custódio, Santarém, Câmara Municipal de Santarém, 1997, pp. 11-15

BIVAR, Artur

*Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*, Parte I Volumes I-II, Porto, Edições Ouro, 1948.

BORGES, Ana Eleonora

*Remédios Naturais – Etnobotânica das Plantas Mediciniais*, Lisboa, 3ª ed., Apenas Livros Lda, 2004.

CARVALHO, Augusto Silva

*História da lepra em Portugal*, Porto, Oficinas Gráficas da Sociedade de Papelaria Lda, 1939.

CARVALHO, Sérgio Luís de

*Assistência e Medicina no Portugal Medieval*, [s.l.], ELO – Publicidade, Artes Gráficas, Lda, [s.d.].

CHEVALLIER, Andrew

*Enciclopédia de Plantas Mediciniais*, Londres, Dorling Kindersley, 1996.

CONDE, Manuel Sílvio Alves

“Subsídios para o estudo dos leprosos no Portugal medievo. A gafaria de Santarém nos séculos XIII-XV”, *Horizontes do Portugal Medieval*. Direcção de Iria Gonçalves, Cascais, Patrimonia Historica, 1999.

CORREIA, Fernando da Silva

*Origem e Formação da Misericórdias Portuguesas*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.

COSTA, A. Celestino da

*O ensino da medicina atravez os oito séculos da história portuguesa*, sep. da *Imprensa Médica*, Ano VI. N.º 11, [s.l., s.n.], 1940, pp. 1- 23.

COSTA, Manuel dos Santos

*Historia das Plantas Mediciniais Portuguezas*, Lisboa, Livraria Editora, 1899.

CUNHA, A. Proença da, ROQUE, Odete Rodrigues

*Plantas Medicinais da Farmacopeia Portuguesa . Constituintes, Controlo, Farmacologia e Utilização*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

CUSTÓDIO, Jorge

“S. Frei Gil de Santarém, da Ordem dos Pregadores: Uma personalidade entre a Lenda, a Hagiografia e a História”, *S. Frei Gil de Santarém e a sua época*, Coordenação de Jorge Custódio, Santarém, Câmara Municipal de Santarém, 1997, pp.17-51.

DE YOUNG, Gregg

“Hunayn Ibn Ishaq”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 232-234.

DIAS, José Pedro Sousa

*A Farmácia em Portugal – uma introdução à sua história, 1338-1938*, Lisboa, Associação Nacional das Farmácias, 1994.

DRUART, Thérèse-Anne

“Al-Razi”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 434-436.

DUARTE, Luís Miguel

*D. Duarte – Requem por um rei triste*, Rio de Mouro, Temas e Debates, 2007.

DUMAS, Geneviève

“Guy de Chauliac”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 213-214.

FEIJÃO, Raúl D'Oliveira

*Medicina pelas plantas*, Lisboa, 7ª ed., Livraria Progresso Editora, [s.d.].

FERREIRA, António Gomes

*Dicionário de Latim-Português*, Porto, Porto Editora, [s.d.].

FONSECA, Fernanda *et al.*

*Dicionário Médico*, Lisboa, Climepsi Editores, 2012.

FORCADA, Miquel

“Ibn Rushd”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 253-256.

GARDENOUR, Brenda

“Henri de Mondeville”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 217-218.

GOMES, Saúl António

*As cidade têm uma história: Caldas da Rainha das origens ao século XVIII*, Caldas da Rainha, Coleção P.H. – Estudos e Documentos, Gráfica da Ponte, 1994, pp. 21- 30.

IDEM

“Higiene e saúde em Leiria Medieval”, sep. do *III Colóquio sobre a História de Leiria e da sua região*, Leiria, Câmara Municipal, 1999, pp-9-43.

GONÇALVES, Iria,

“Físicos e Cirurgiões quatrocentistas – As cartas de exame”, *Do Tempo e da História*, vol. I, 1965, pp. 69-112 [reed. in *Imagens do mundo medieval*, Lisboa, Livros Horizonte, 1988, pp. 9-52]

GREEN, Monica H.

“Constantine the African”, *Medieval Science, Technology, and Medicine– An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp.145-147.

GUERRA, Miller

“A Medicina em Portugal na Idade Média”, sep. da *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*, I Volume, Lisboa, Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1996, pp. 619-651.

JACQUART, Danielle

“A medicina medieval posta à prova”, *As doenças têm história*, Lisboa, 2ª ed., Terramar, 1997.

JÚNIOR, Maximiano Lemos

*A Medicina em Portugal até aos fins do século XVIII (Tentativa Histórica) – Dissertação Inaugural apresentada e defendida perante a Escola Médico-Cirúrgica do Porto*, Porto, Imprensa Comercial, 1881. Exemplar microfilmado.

LAIS, Erika

*ABCedário das Planas aromáticas e medicinais*, Paris, Edição Portuguesa da Reborn para o jornal PÚBLICO, 2001.

LE GOFF, Jacques e TRUONG, Nicholas,

*Uma História do Corpo na Idade Média*, Lisboa, Teorema, 2003.

LEIBOLD, Gerhard

*Guia das Plantas Medicinais*, 3ª ed., Lisboa, Editorial Presença, 1997.

LEMOS, Maximiano

*História da Medicina em Portugal – Doutrinas e Instituições*, Volume I, Lisboa, Publicações Dom Quixote / Ordem dos Médicos, 1991, pp. 17-129.

LENCART, Joana

*O Costumeiro de Pombeiro – Uma comunidade Beneditina no século XIII*, Lisboa, Editorial Estampa, 1997, p.124.

MARQUES, A. H. De Oliveira,

*A sociedade medieval portuguesa – Aspectos de vida quotidiana*, 6ª ed., Lisboa, A Esfera dos Livros, 2010.

MARTINS, Mário, S.J.,

“O Códice Eboense CXXI/2-19 como repositório da linguagem médica do séc. XV”, *Boletim de Filologia*, Tomo XIX, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1960, pp. 95-103.

MATTOSO, José

“O corpo, a saúde e a doença”, *História da vida privada em Portugal – A Idade Média*, Direção de José Mattoso, Coordenação de Bernardo Vasconcelos e Sousa, 2<sup>a</sup> ed., Maia, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011.

MCCLEERY, Iona

“The medical works of Giles of Santarém”, *The Life and Legend of Giles of Santarém, Dominican Friar and Physician (d.1265): A Perspective on Medieval Portugal*, PhD Thesis, University of Saint Andrews, 2000, pp. 257-287.

MIRA, M. Ferreira

*História da Medicina Portuguesa*, Lisboa, Edição da Empresa Nacional de Publicidade, 1947.

MOLLAT, Michel

*Pauvres et Assistés au Moyen Age*, sep. de *A pobreza e a Assistência aos pobres na Península Ibérica durante a Idade Média*, *Actas das 1<sup>ª</sup> Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, Lisboa 25-30 de Setembro de 1972, Lisboa, [s.n.], 1973, pp. 12-30.

NASCIMENTO, Aires A.

“Tradução e introdução” in *Vida de S. Fr. Gil de Santarém por Frei Baltazar de São João*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989.

NÓVOA, Rita

*A casa de são Lázaro de Lisboa: Contributos para uma história de atitudes face à doença (séc. XIV e XV)*, Dissertação de Mestrado em História Medieval apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2010, exemplar policopiado.

O'BOYLE, Cornelius

“Articella” in *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 53-54.

OLIVEIRA, João de, O.P.

*Frei Gil de Portugal, Médico, Teólogo e Taumaturgo (Subsídios para a nossa História Medieval)*, Braga, Livraria Editora Pax, Lda, 1991.

OLIVEIRA, L.N. Ferraz de SANTOS, Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva,

“Códice CXXI/ 2-19 da Biblioteca Pública de Évora. Ensaio de análise nos contextos cultural e científico-médico do seu tempo”, *Actas do Congresso Comemorativo do V Centenário da Fundação do Hospital Real do Espírito Santo de Évora*, Évora, Barbosa & Xavier, LDA – Artes Gráficas, 1996, pp.75- 85.

IDEM

“Um testemunho do conhecimento teórico e prático da medicina portuguesa quatrocentista”, *Actas do Congresso Comemorativo do V Centenário da Fundação do Hospital Real do Espírito Santo de Évora*, Évora, Barbosa & Xavier, LDA – Artes Gráficas, 1996, pp. 65-73.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha

*Latim Medieval*, Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

PEREIRA, Vítor

*Dicionário de Plantas Espontâneas e Cultivadas*, Odivelas, 2ª ed., Agro Manual, 2013.

PINA, Luís de

*A igreja na História da Medicina Portuguesa*, sep. do *Arquivo Histórico de Portugal*, II Volume, Lisboa, [s.n.], 1936, pp. 1-31

PRIMLEY, Jacob

“Ibn Sina”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 256-259.

SAKAI, Zélia

*Guia Ecológico das Plantas Aromáticas e Medicinais*, Braga, Círculo de Leitores, 2000.

SALGUEIRO, José

*Ervas, Usos e Saberes – Plantas Medicinais no Alentejo e outros Produtos Naturais*, 2ª ed., Lisboa, Edições Colibri, 2004.

SALMÓN, Fernando

“Arnau de Vilanova”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 51-53.

SILLÉ, Jean de

*Plantas que curam – 100 receitas de tisanas; Dicionário de 150 plantas medicinais; Léxico dos termos de fitoterapia*, Lisboa-Porto, Litexa Editora, Lda., 1984.

SIRAI, Nancy G.

*Medieval & Early Renaissance Medicine- An introduction to Knowledge and Practice*, Chicago, The University of Chicago, 1990.

SOUSA, A. Tavares de,

*Curso de História da Medicina – Das origens aos fins do século XVI*, 2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

SOURNIA, Jean-Charles

*História da Medicina*, [s.l.], Instituto Piaget, 1992.

TAVARES, Maria José Ferro

“Hospitais, doenças e saúde pública”, *Actas do Congresso Comemorativo do V Centenário da Fundação do Hospital Real do Espírito Santo de Évora*, Évora, Barbosa & Xavier, LDA – Artes Gráficas, 1996, pp. 49-64.

IDEM

*Pobreza e morte em Portugal na Idade Média*, Lisboa, Editorial Presença, 1ª Edição, 1989

TOUWAIDE, Alain

“Galen”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 179-182.

IDEM

“Hippocrates”, *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 224-226.

VENTURA, Margarida Garcez

*Igreja e poder no séc. XV – Dinastia de Avis e Liberdades Eclesiásticas (1383-1450)*, Lisboa, Edições Colibri, 1997.

VIANA, Mário

“Breve nota metrológica sobre pesos apotecários”, *Caderno de fórmulas farmacêuticas de Francisco Maria Supico*, Ponta Delgada, Centro de Estudos Gaspar Frutuoso (Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores), 2010, pp. 59-65.

WALLIS, Faith, ed.

*Medieval Medicine – A reader*, Toronto, The university of Toronto Press, 2010.

WALSH, James J.

*Medieval Medicine*, Lexington, First Rate Publishers, 2015.

ZONTA, Mauro

“Maimonides” in *Medieval Science, Technology, and Medicine – An encyclopedia*, New York, Taylor & Francis Group, 2005, pp. 322-325.

### 9.3 - Referências Electrónicas

A. BARQUERO, Andrea

*Plantas Sanadoras: pasado, presente y futuro*, 2007,

<http://www.quimicaviva.qb.fcen.uba.ar/v6n2/barquero.pdf>, [consultado a 22 de Agosto de 2016], pp. 53-69.

ANDRÉ, Bruna Alexandre Gonçalves

*O arsenal farmacêutico da Antiguidade Clássica e da Idade Média*. Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Ciências Farmacêuticas, Porto, 2013. Publicado eletronicamente em <http://bdigital.ufp.pt/handle/10284/4161>, no formato PDF, [consultado a 10 de Março de 2015].

AUSÉCACHE, Mireille

*Manuscrits d'antidotaire médiévaux : quelques exemples du fonds latin de la Bibliothèque nationale de France*, 2007, <https://medievales.revues.org/2283.pdf>, [consultado a 22 de Agosto de 2016], pp. 52-74.

BARATA, Filipe Themudo

*Glossário do Comércio Medieval* [s.d.],

[http://old.www.cidehus.uevora.pt/textos/fontesul/fsul\\_glossario.pdf](http://old.www.cidehus.uevora.pt/textos/fontesul/fsul_glossario.pdf), [consultado a 13 de Fevereiro de 2015], pp 1-19.

CALIL, Carlos Augusto, NIMER, Miguel

*Influências orientais na língua portuguesa: os vocábulos árabes, arabizados, persas e turcos, etimologias, aplicações analíticas*, 2ª ed., 2005,

<https://books.google.pt/books?id=v2rn6WbDeZoC&pg=PA6&lpg=PA6&dq=augusto+kalil+nimer+miguel+influências+orientais+na+l%C3%ADngua+portuguesa&source=bl&ots=SoVJzSMj9f&sig=tvicVxHqAGQOngwTo-Ix7H6Kyug&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwibwIungq7QAhWj8oMKHfscDgAQ6AEIGzAB#v=onepage&q=acever&f=false.pdf>, [consultado a 4 de Setembro de 2016], p. 166.

CIERBIDE, Ricardo

*Recetarios médicos medievales basados en el aguardiente, el vino y otros ingredientes*, 2013,

<https://addi.ehu.es/bitstream/10810/9625/1/RECETARIOS%20MÉDICOS%20MEDIEVALES.pdf>, [consultado a 18 de Setembro de 2015].

CUNHA, A. Proença da

*Aspectos históricos sobre plantas medicinais, seus constituintes activos e fitoterapia*, [s.d.], [http://www.ppmac.org/sites/default/files/aspectos\\_historicos.pdf](http://www.ppmac.org/sites/default/files/aspectos_historicos.pdf), [Consultado a 30 de Agosto de 2016], pp. 1-6.

DUTSCHAMANN, Luís Afonso

*Lúpus Eritematoso Sistémico: alguns aspectos históricos*, 2006

[http://repositorio.hff.min-saude.pt/bitstream/10400.10/108/1/vol13\\_n2\\_2006\\_133\\_140.pdf](http://repositorio.hff.min-saude.pt/bitstream/10400.10/108/1/vol13_n2_2006_133_140.pdf), [consultado a 7 de Setembro de 2016], pp. 133-140.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra, PAULA, Sérgio Goes de, Orgs.

*IV - Glossário observações sobre o universo vocabular médico-cirúrgico do erário mineral*, de Luís Gomes Ferreira, [s.d.], <http://books.scielo.org/id/ypf34/pdf/ferreira-9788575412404-28.pdf>, [consultado a 22 de Novembro de 2016], pp. 769-806.

FARELO, Mário Sérgio

*Os Estudante e Mestres Portugueses nas Escolas de Paris durante o período medievo (sécs. XII-XIV): Elementos de História Cultural, Eclesiástica e económica para o seu estudo*, 2002, [http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4424/3/LS\\_S2\\_13-14\\_MarioSFarelo.pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4424/3/LS_S2_13-14_MarioSFarelo.pdf), [consultado a 25 de Outubro de 2014], pp. 161-196.

FERNÁNDEZ GONZÁLEZ, Etelvina

*Magia y medicina en el mundo medieval a través de las imágenes*, 2000, [http://publica.webs.ull.es/upload/REV%20CEMYR/08-2000/03%20\(Etelvina%20Fernández%20González\).pdf](http://publica.webs.ull.es/upload/REV%20CEMYR/08-2000/03%20(Etelvina%20Fernández%20González).pdf) , [consultado a 22 de Agosto de 2016], pp.72-128 .

GARCIA BALLESTER, Luis

*Arnau de Vilanova (c.1240- 1311) y la reforma de los estudios médicos en Montpellier (1309): El Hipócrates latino y la introducción del nuevo Galeno*, 1982, <http://www.raco.cat/index.php/Dynamis/article/viewFile/106180/149296>, [consultado a 25 de Outubro de 2014], pp. 97-158.

GARCIA BALLESTER, Luis; ARRIZBAL, Jon

*El medico en la Edad Media*, 1999, [http://digital.csic.es/bitstream/10261/36170/1/Arrizabalaga.99.El%20medico%20en%20la%20Ed.Med.\(El%20med.de%20fam.en%20la%20H%\).pdf](http://digital.csic.es/bitstream/10261/36170/1/Arrizabalaga.99.El%20medico%20en%20la%20Ed.Med.(El%20med.de%20fam.en%20la%20H%).pdf), [consultado a 11 de Março de 2015 ], pp. 35-47.

GREEN, Monica H.

*Integrative medicine: incorporating Medicine and Health into the Canon of Medieval European History*, 2009, [https://www.academia.edu/4613995/Monica\\_H.\\_Green\\_Integrative\\_Medicine\\_Incorporating\\_Medicine\\_and\\_Health\\_into\\_the\\_Canon\\_of\\_Medieval\\_European\\_History\\_History\\_Compass\\_7\\_no.\\_4\\_June\\_2009\\_1218-45.pdf](https://www.academia.edu/4613995/Monica_H._Green_Integrative_Medicine_Incorporating_Medicine_and_Health_into_the_Canon_of_Medieval_European_History_History_Compass_7_no._4_June_2009_1218-45.pdf), [consultado a 19 de Agosto de 2016], pp. 1218-1245.

LEV, Efraim

*Healing with animals in the Levant from the 10<sup>th</sup> to the 18<sup>th</sup> century*, 2006, <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1402264/.pdf>, [consultado a 1 de Setembro de 2016], pp. 2-11.

LEV, Efraim, AMAR, Zohar

*Practice versus Theory – Medieval Materia Medica according to the Cairo Genizah*, 2007, <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2518780/.pdf>, [consultado a 22 de Agosto de 2016], pp. 507-526.

LÓPEZ EIRE, Antonio, CÓRTEZ GABAUDAN, Francisco,

*Estudios y traducción, Dioscórides sobre los remedios medicinales, Manuscrito de Salamanca*, 2006, <https://books.google.pt/books?id=Rzs-WIGk5VMC&pg=PA21&lpg=PA21&dq=plantas+medicinales+medievales&source=bl&ots=KhpGq-AOto&sig=nADbPFz7Qyf-zxsjJLQCxYg6NbM&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CDUQ6AEwAzgKahUKEwiD6InCg4HIAhXDwBQKHQnZBWE#v=onepage&q=plantas%20medicinales%20medievales&f=false.pdf>, [consultado a 5 de Outubro de 2016].

MCCLEERY, Iona

*Christ more powerful than Galen?: The relationship between medicine and miracles*, 2014, publicado eletronicamente em [https://books.google.pt/books?id=aVjDBwAAQBAJ&pg=PA127&dq=Iona+McCleery&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CB4Q6AEwAGoVChMI\\_vXj8u-cyQIVx9MaCh3C4geY#v=onepage&q=Iona%20McCleery&f=false](https://books.google.pt/books?id=aVjDBwAAQBAJ&pg=PA127&dq=Iona+McCleery&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CB4Q6AEwAGoVChMI_vXj8u-cyQIVx9MaCh3C4geY#v=onepage&q=Iona%20McCleery&f=false), no formato PDF, [consultado a 24 de Outubro de 2014], pp. 1-27.

IDEM

*Opportunities for Teaching and Studying Medicine in Medieval Portugal before the Foundation of the University of Lisbon (1290)*, 2000, publicado eletronicamente em <http://www.raco.cat/index.php/Dynamis/article/view/86636/111650.pdf>, no formato PDF, [consultado a 2 de Outubro de 2014], pp. 305-329.

IDEM

*Saintly Physician, Diabolical Doctor, Medieval Saint: Exploring the Reputation of Gil de Santarém in Medieval and Renaissance Portugal*, 2005, publicado

eletronicamente em

[http://www.jstor.org/stable/41105240?&seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/41105240?&seq=1#page_scan_tab_contents), no formato PDF, [consultado a 10 de Maio de 2016], pp.112-125.

MONTERO CARTELLE, Enrique

*De la Antigüedad a la Edad Media: Medicina, Magia y Astrologia latinas*, 2000,

<http://publica.webs.ull.es/upload/REV%20CEMYR/08->

[2000/02%20\(Enrique%20Montero%20Cartelle\).pdf](http://publica.webs.ull.es/upload/REV%20CEMYR/08-2000/02%20(Enrique%20Montero%20Cartelle).pdf), [consultado a 23 de Agosto de 2016], pp. 53-71.

NORTE, Armando

*Letrados e cultura letrada em Portugal (séculos XII-XIII)*, Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de Doutor em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013. Publicado eletronicamente em

[https://www.academia.edu/4543044/Letrados\\_e\\_cultura\\_letrada\\_em\\_Portugal\\_séculos\\_XII-XIII\\_Scholars\\_and\\_literate\\_culture\\_in\\_Portugal\\_12th-13th\\_centuries](https://www.academia.edu/4543044/Letrados_e_cultura_letrada_em_Portugal_séculos_XII-XIII_Scholars_and_literate_culture_in_Portugal_12th-13th_centuries).pdf, no formato PDF, [consultado a 1 de Junho de 2016].

PEREIRA, Marízia Menezes Dias

*Plantas Medicinais e Aromáticas das Boticas Conventuais*, 2013, <http://www2.cm-evora.pt/conventoremedios/Atas/comunicações/marizia.pdf>, [consultado a 18 de Setembro de 2015], pp. 2-30.

PENSADO FIGUEIRAS, Jesus

*Textos Médicos Extraacadémicos: difusión de pronósticos, recetarios, herbarios y tratados de alimentos medievales en romances peninsulares*, 2014, <http://www.cervantesvirtual.com/obra/textos-medicos-extraacademicos--difusion-de-pronosticos-recetarios-herbarios-y-tratados-de-alimentos-medievales-en-romance-peninsular/.pdf>, [consultado a 5 de Agosto de 2016], pp. 43-66.

RODRIGUES, Ana Maria S. A.

*Entre a sufocação da madre e o prurido do pénis: género e disfunções sexuais no Thesaurus Pauperum de Pedro Hispano*, 2006, [https://www.academia.edu/11349912/Entre a sufocação da madre e o prurido do pénis género e disfunções sexuais no Thesaurus Pauperum de Pedro Hispano.pdf](https://www.academia.edu/11349912/Entre_a_sufocação_da_madre_e_o_prurido_do_pénis_género_e_disfunções_sexuais_no_Thesaurus_Pauperum_de_Pedro_Hispano.pdf), [consultado a 5 de Novembro de 2016], pp. 33-44.

SÁ, Isabel dos Guimarães

*Igreja e Assistência em Portugal no século XV*, 1995, <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3380/1/igreja.pdf>, [consultado a 7 de Abril de 2014], pp. 218-236.

IDEM

*Os Hospitais Portugueses entre a assistência medieval e a intensificação dos cuidados médicos no período moderno*, 1996, <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4313/1/hospitais.pdf>, [consultado a 7 de Abril de 2014], pp. 87-103.

SIDARIUS, Adel,

*Arabismos e traduções árabes em meios luso-moçárabes*, 2005, <http://www.uco.es/investiga/grupos/hum380/collectanea/sites/default/files/12.pdf>, [consultado em 24 de Outubro de 2014], pp. 207-223.

SILVA, Antonio de Moraes

*Diccionario da Língua Portuguesa*, Tomo II F-Z, 1831, <https://books.google.pt/books?id=20ZDAAAAYAAJ&printsec=frontcover&dq=diccionario+da+l%C3%ADngua+portuguesa&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwjJoqJTD9bnQAhWDWhoKHdVIBfYQ6AEIHTAB#v=onepage&q=lã%20lidrosa&f=false>, [consultado a 21 de Novembro de 2016] p. 235.

SANTOS, Dulce Amarante dos

*Aproximações à medicina monástica em Portugal na Idade Média*, 2012, <http://www.scielo.br/pdf/his/v31n1/a04v31n1.pdf>, [consultado a 21 de Outubro de 2013], p.47-64.

IDEM

*Saúde e dietética na medicina preventiva medieval: o regimento de saúde de Pedro Hispano (século XII)*, 2010, <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v17n2/04.pdf>, [consultado a 21 de Outubro de 2013], pp. 333-342.

SERRANO LARRÁYOS, Fernando

*Un recetario médico-farmacéutico navarro de mediados del siglo XV*, 2001, [https://www.researchgate.net/publication/28104913\\_Un\\_recetario\\_medico-farmacaceutico\\_navarro\\_de\\_medios\\_del\\_siglo\\_XV.pdf](https://www.researchgate.net/publication/28104913_Un_recetario_medico-farmacaceutico_navarro_de_medios_del_siglo_XV.pdf), [consultado a 12 de Setembro de 2016], pp. 653-663.

SILVA, André Filipe Oliveira da

*Físicos e cirurgiões medievais portugueses. Contextos socioculturais, práticas e transmissão de conhecimentos (1192-1340)*. Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Medievais à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2015. Publicado eletronicamente em [https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub\\_geral.pub\\_view?pi\\_pub\\_base\\_id=35640](https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=35640), no formato PDF, [consultado a 1 de Junho de 2016].

#### 9.4 - Sites

Diccionario de Diconarios de Galego Medieval,

[http://sli.uvigo.es/DDGM/ddd\\_pescuda.php?pescuda=Orjo&tipo\\_busca=lema](http://sli.uvigo.es/DDGM/ddd_pescuda.php?pescuda=Orjo&tipo_busca=lema),

[consultado a 24 de Maio de 2016].

Diccionario de la lengua española – Edición del Tricentenario,

<http://dle.rae.es/?id=8CoMWiC>, [consultado a 22 de Novembro de 2016]

Garzanti Linguistica, <http://www.garzantilinguistica.it/ricerca/?q=bolarmenico>,

[consultado a 21 de Novembro de 2016].

Infopédia – Dicionários Porto Editora, <https://www.infopedia.pt> [consultado em datas diversas].

The plant list, a working list of all the plant species,

<http://www.theplantlist.org/tpl1.1/record/ild-7183>, [Consultado a 28 de Setembro de 2016].

Portal oficial da Ordem dos Médicos

<https://www.ordemosmedicos.pt/?lop=conteudo&op=217eedd1ba8c592db97d0dbe54c7adfc&id=6b8b8e3bd6ad94b985c1b1f1b7a94cb2>, [consultado a 22 de Novembro de 2016].

## **Anexos**

**Tabela 1. Doenças referidas no *Livro de Naturas***

<b>Doenças / Problemas Relacionados</b>	<b>Orgãos afectados / Sistemas / Especialidades</b>
<b>Cérebro</b>	Neurológico / Neurologia
<b>Cólera (Humor colérico) / Danado (Raivoso?)</b>	Comportamental /Psiquiatria
<b>Cefaleias</b>	Encéfalo / Neurológico /Neurologia
<b>Insónia (Para dormir)</b>	Neurologia / Psiquiatria
<b>Tremores</b>	Neurológico /Neurologia / Psiquiatria
<b>Freima (Agitação / impaciência)</b>	Perturbações da psique / Neurológico / Psiquiatria /Neurologia
<b>Nervos das pernas encolheitas</b>	Neurológico / Neurologia
<b>Estudo dos sonhos</b>	Neurológico /Neurologia
<b>Danado / hidrófobo / raivoso</b>	Neurológico / Neurologia / Psiquiatria
<b>Nervos talhados</b>	Neurológico / Neurologia / Psiquiatria
<b>Desorientação</b>	Neurológico / Neurologia / Psiquiatria
<b>Mulher legada (Abandonada)</b>	Psiquiatria / Psicologia
<b>Pontadas (Dor)</b>	Algico / Neurológico (dor)
<b>Névoa dos olhos (Cataratas?)</b>	Olhos / Ocular / Oftalmologia
<b>Comichão no olho (Prurido ocular)</b>	Olhos / Ocular / Oftalmologia
<b>Olhos inchados (Edema ocular?)</b>	Olhos / Ocular / Oftalmologia
<b>Olhos sangüentos e lacrimosos (Inflamação?)</b>	Olhos / Ocular / Oftalmologia
<b>Mazela do olho (Úlcera?)</b>	Olhos / Ocular / Oftalmologia
<b>Lepa dos olhos (Olhos cerrados por secreções?)</b>	Olhos / Ocular / Oftalmologia
<b>Cegueira</b>	Olhos / Ocular / Oftalmologia
<b>Epistáxis (Hemorragia nasal)</b>	Nariz / ORL / Circulatório/ Vascular
<b>Rouquidão</b>	Garganta / ORL (Otorrinolaringologia)
<b>Toam as orelhas (Zumbidos?)</b>	Ouvidos / ORL
<b>Dor de ouvidos</b>	Ouvidos / ORL
<b>Lobinho da garganta</b>	Garganta / ORL
<b>Dor de garganta</b>	Garganta / ORL
<b>Dificuldade em falar</b>	Voz / ORL (poderá ser neurológico)
<b>Para o que se tolhe a fala (Mutismo?)</b>	Voz / ORL (poderá ser neurológico)
<b>Halitose ( Mau hálito)</b>	Boca / Digestivo / Dentário

<b>Dor nas gengivas (Gengivite?)</b>	Boca / Digestivo / Dentário
<b>Dor de dentes</b>	Dentes / Digestivo / Dentário
<b>Fastio / anorexia / falta de apetite</b>	Digestivo / Neurológico
<b>Vómitos</b>	Digestivo
<b>Dor de estômago</b>	Estômago / Digestivo
<b>Lombrigas</b>	Intestino / Digestivo (Parasitas)
<b>Corrença / Diarreia / Menação / Disenteria</b>	Intestino / Digestivo
<b>Cólicas</b>	Intestino / Digestivo
<b>Obstipação</b>	Intestino / Digestivo
<b>Dor de ventre</b>	Intestino / Digestivo
<b>Dor na Ilharga (Flanco)</b>	Região abdominal / Digestivo?
<b>Para a pedra (Litíase?)</b>	Rim(?) / Vesícula(?) / Nefrológico / Digestivo / Gastrointestinal
<b>Olhos encovados (Desidratação)</b>	Desequilíbrio Hidro-eletrolítico
<b>Dor de coração (Précardialgia?)</b>	Coração / Cardiovascular
<b>Unhas negras (Cianose)</b>	Circulatório (Sinal)
<b>Hemorragia</b>	Sangue / Coagulação / Circulatório
<b>Inchaço (Edemas)</b>	Circulatório / Vascular
<b>Braços / pernas inchadas</b>	Circulatório / Vascular
<b>Braço inchado sangrileixado</b>	Circulatório / Vascular / Ortopedia
<b>Dor nas pernas</b>	Vascular/ Músculo-esquelético
<b>Sangue</b>	Hematológico
<b>Narinas estendidas (Adejo nasal)</b>	Nariz / Respiratório
<b>Fígado escalfado</b>	Fígado / Hepático
<b>Hematúria</b>	Urina / Renal
<b>Urina espessa</b>	Urina / Renal
<b>Não Urinar (Anúria)</b>	Urina / Renal
<b>Edema do escroto</b>	Escroto / Genital masculino
<b>Para fazer crescer o leite (Amamentação)</b>	Obstetrícia
<b>Pano do rosto (Cioasma)</b>	Obstetrícia / Dermatologia
<b>Para a madre da mulher inchada</b>	Útero / Obstetrícia / Ginecologia
<b>Para a madre da mulher que deita lixo</b>	Útero / Obstetrícia / Ginecologia
<b>Para a madre da mulher que se oura (Tonturas)</b>	Útero / Obstetrícia / Ginecologia

Dor de ventre da mulher que pare;	Útero / Obstetria / Ginecologia
Impedir o crescimento das glândulas mamárias	Endocrinológico / Ginecologia
Queimadura / Escaldadura	Pele e tegumentos / Dermatologia / Plástica
Estancar o sangue da chaga (Ferida sangrante)	Pele e Tegumentos / Hematológico / (Dermatologia ou Vascular)
Matar a carne má (Infecção tecidual, gangrena?)	Pele e Tegumentos / Tecidual / Dermatologia ou Vascular
Rosto (Pele)	Pele e Tegumentos / Dermatologia
Juntar a carne (Cicatrização de feridas?)	Pele e Tegumentos / Tecidual / Dermatologia
Queda de cabelo (Alopécia)	Pele e Tegumentos / Dermatologia
Cabelos (Tirar, crescer, alterar coloração)	Pele e Tegumentos / Dermatologia / Estética
Chagas / bostelas / pústulas / feridas	Pele e Tegumentos / Tecidual / Dermatologia
<i>Noli me tangere</i>	Pele e Tegumentos / Dermatologia
Apostema / abcesso	Pele e Tegumentos / Dermatologia
Letigoso / espinhosos (Acne?) / impigoso (Impigem)	Pele e Tegumentos / Dermatologia
Lobinho da cabeça	Pele e Tegumentos / Dermatologia
Matar Fístulas	Pele e Tegumentos / Tecidual / Dermatologia / Vascular
Retirar pintas e mazelas do rosto	Pele e Tegumentos / Dermatologia
Aclarar o rosto	Pele e Tegumentos / Dermatologia
Sarna / escabiose	Pele e Tegumentos / Dermatologia (Doença)
Tinha	Pele e Tegumentos / Dermatologia (Doença)
Borbulhas brancas (pontos de pus) ou negras	Pele e tegumentos / Tecidual / Dermatologia (Sinal)
Gota (dos lombos, dos joelhos)	Reumatológico
Sede (Polidipsia)	Endocrinológico
Espirros	Imunológico / Alérgico
Prurido	Alérgico / Anafilático (Sinal)
Mordedura de cobras (Veneno)	Anafilático
Quartã (Febre)	Imunitário (doença)
Rubor (Inflamação)	Imunitário
Figo / Levação / Tumor / Bubão / Nódulos	Dermatológico / Imunitário (embora possa estar relacionado com afecções em diversos sistemas)
Cancro	Todos
Dor nos peitos	Tórax (interno e externo) / Respiratório / Cardiológico /

	Ginecológico /Ortopédico
<b>Dor na virilha</b>	Músculo-esquelético / Cirurgia / Vascular
<b>Dor nos pés</b>	Músculo-esquelético / Reumatológico
<b>Dor nas coxas</b>	Músculo-esquelético / Vascular
<b>Dor nas costas (Algias)</b>	Músculo-esquelético / Ortopedia / Neurologia
<b>Ossos britados (esmagados) da cabeça</b>	Osseo / Ortopedia / Neurocirurgia
<b>Esprem inchado</b>	Músculo-esquelético / Vascular
<b>Quebrantura (Fratura, quebranto, hérnia)</b>	Ortopedia / Cirurgia
<b>Homem quebrado<sup>376</sup> (Coluna fraturada?)</b>	Ortopedia / Neurocirurgia
<b>Ferimentos na cabeça</b>	Ortopedia / Neurocirurgia
<b>Retirar espinha ou seta do corpo; azargunchos, estrepe do pé</b>	Cirurgia / Vascular / Ortopedia
<b>Corpos estranhos no pé</b>	Cirurgia / Vascular / Ortopedia
<b>Para quem não pode sair a campo <sup>377</sup></b>	Inespecífico
<b>Vontade de ir a campo</b>	Psicologia / Psiquiatria / Imunitário (adinamia por doença física)
<b>Vontade de vinho quente</b>	Inespecífico
<b>Praga</b>	Superstição / Infeciologia (em caso de doença infecto-contagiosa)
<b>Alforna (?)</b>	Não conseguimos identificar este problema
<b>Matar o fogo selvagem (?)</b>	Não conseguimos identificar este problema
<b>Dor da rossa (?)</b>	Não conseguimos identificar este problema
<b>Calhar roto (?)</b>	Não conseguimos identificar este problema
<b>Seyda (?)</b>	Não conseguimos identificar este problema
<b>Tragucienlhos(?)</b>	Não conseguimos identificar este problema

<sup>376</sup> Consideramos a possibilidade de se remeter a uma lesão vertebro-medular com incapacitação, podendo também referir-se a “quebrado” como sentido de sem ânimo;

<sup>377</sup> Consideramos a possibilidade da utilização da expressão “campo” como significado de trabalho, com base na importância da ocupação rural para o homem medieval.

**Tabela 2. Plantas referidas no Livro de Naturas**

Plantas <sup>378</sup> - Nome Comum	Plantas - Nome Científico	Uso Medicinal Comum	Uso medicinal na Fonte
<b>Agrimónia</b>	<i>Agrimonia eupatória</i> L.379	Indigestões, cólicas, vômitos, anginas, rouquidão, afonia, úlceras; (composta por taninos – adstringente e flavonoides – anti-inflamatório); <sup>380</sup>	Queda de cabelo; Gota dos joelhos; Para a cabeça e para o corpo;
<b>Aipo</b>	<i>Apium graveolens</i> L.381	Gota, reumatismo, estimulante de apetite, flatulência, cólicas uterinas, contusões e úlceras;	Dor nos peitos; seyda; lobinho da garganta; dor da rossa; Dor nos lombos ou nas res; Colhões inchados; Deitar a freima pela garganta; Menação; gota; negromento arcal; Quartã; Tortas do ventre e do estômago; Inchaço; Para quem mija sangue; Voz rouca; Para a pedra;
<b>Alabaça / labaçã</b>	<i>Rumex patienti</i> , L382.	Tónico, depurativo, adstringente, afeções cutâneas;	Dor de estômago; Dor d'apostema; Dor das orelhas; Esprem inchado; letigosos, espinhosos e impigosos;
<b>Alcaçuz</b>	<i>Glycyrrhiza glabra</i> L.383	Antiespasmódica, , tosse, rouquidão, constipações; úlceras de estômago e duodeno; Anti-inflamatória (aumento do cortisol); inibe a agregação plaquetária, antialérgica; <sup>384</sup>	Voz rouca;
<b>Alcarouvia / alcaravia ou Cominho do Prado</b>	<i>Carum carvi</i> L.385	Antiespasmódico, adjuvante na digestão, flatulência, estimulante de secreção láctea (amamentação) Estimulante do apetite; micoses e limpeza de	Dor de estômago; Mulher inchada;

<sup>378</sup> Incluímos aqui os frutos por serem derivados das plantas.

<sup>379</sup> José Salgueiro, *Ervas, Usos e Saberes – Plantas Medicinais no Alentejo e outros Produtos Naturais*, 2ª ed., Lisboa, Edições Colibri, 2004, p.43.

<sup>380</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *Plantas Medicinais da Farmacopeia Portuguesa . Constituintes, Controlo, Farmacologia e Utilização*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, p.49.

<sup>381</sup> Idem, *Ibidem*, pp. 43-44.

<sup>382</sup> Manuel dos Santos Costa, *Historia das Plantas Medicinais Portuguezas*, Lisboa, Livraria Editora, 1899, pp. 236-237.

<sup>383</sup> Gerhard Leibold; *Guia das Plantas Medicinais*, Lisboa, 3ª ed., Editorial Presença, 1997, pp. 27-28.

<sup>384</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *op. cit.*, p.62.

<sup>385</sup> Gerhard Leibold, *op. cit.*, pp. 28-29.

		feridas;386	
<b>Alecrim ou Romeiro</b>	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.387	Asma, cabelo, colesterol e afecções cardíacas, dor de dentes, tosse, afecções hepáticas, reumatismo, anticoagulante, pele, impotência, memória e nervosismo; Problemas digestivos (originados por alterações hepatobiliares);388	Apostemas; Dor das pontadas;
<b>Alfena ou ervinha</b>	<i>Ligustrum vulgare</i> L.389	Adstringente – diarreias, hemorragias; feridas gangrenosas, úlceras tórpidas; Febrífuga	Para fazer os cabelos negros;
<b>Alfforfe</b>			Para dormir;
<b>Alforva</b>	<i>Trigonella Faenum graecum</i> L.390	Emoliente; Antidiabético, hipocolesterolemiantes, eupéptico, antimicrobiano;391	Seyda;
<b>Alho</b>	<i>Allium sativum</i> L.392	Antisséptico intestinal, anticolesterol, anti-hipertensor, cancro, diabetes, antienvhecimento, gripes, constipações, tosse, reumatismo, feridas, calos, panarícios, febres infantis, tremores, repelente de insectos; Antiagregante plaquetário, antimicrobiano, antidislipidémico, anti hipertensivo e antitromboembólico;393	Dor de dentes; Mulher inchada; Letigosos, espinhosos e impigosos; Tosse; Fístula; Para quem mija sangue; Dor das orelhas; Cancro;
<b>Alho porro (barbas dos porros,</b>	<i>Allium porrum</i> L.394	Diurético, vitamínico (A e C),	Olhos inchados; Dor

<sup>386</sup> Idem, *ibidem*, p. 68.

<sup>387</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, p.45.

<sup>388</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *op. cit.*, p.73.

<sup>389</sup> Raúl D’Oliveira Feijão, *Medicina pelas plantas*, Lisboa, 7ª ed., Livraria Progresso Editora, [s.d.], p. 55.

<sup>390</sup> Manuel dos Santos Costa, *op. cit.*, p.51.

<sup>391</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *op. cit.*, p.84.

<sup>392</sup> José Salgueiro; *op. cit.*, pp.48-49.

<sup>393</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *op. cit.*, pp. 87-93.

<sup>394</sup> Idem, *Ibidem*, p.49.

sumo dos porros)		afecções urinárias, tosse, bronquites, anginas, abscessos, arteriosclerose, panarícios;	d'apostema; Dor das orelhas; Colhões inchados; voz clara; Para a madre da mulher que deita lixo;
Alipivere, Alipuvre, Melanthium <sup>395</sup>			Mulher inchada;
Almecega, almáciga, almástiga; lentiscos, mastich <sup>396</sup> ou aroeira. <sup>397</sup>	<i>Pistacia lentiscus</i> L. <sup>398</sup>	Fortalecimento de gengivas e halitose;	Gota; Reter o que come; Fedor do carcado; Prurido das pernas; Para consolidação; Para soldar o osso;
Aloé / Azevre ou Acever <sup>399</sup>	<i>Aloe vera</i> L. <sup>400</sup> <i>Aloé succotrinum</i>	Purgante, anorexia, inflamações intestinais, hemorroidas, inflamações na bexiga, menopausa, feridas cancerosas, pele (gel de aloé) Contra indicados na gravidez pelo efeito oxitócico, no aleitamento, por crianças menores de 10 anos (diarreias) e associados a cardiotónicos ou anticoncepcionais orais; <sup>401</sup>	Colhões inchados; Névoa dos olhos; chaga; Para soldar o osso;
Alteia	<i>Althaea officinalis</i> L. <sup>402</sup>	Anginas, faringites, inflamações da boca e intestinais, dor de dentes, tosse, bronquite, hemorroidas, diarreia. Anti inflamatório, antitússico e expectorante; <sup>403</sup>	Para a pedra;

<sup>395</sup> Padre D. Raphael Bluteau, *Vocabulario Portuguez e Latino, Aulico, Anatomico (...) Autorizado com Exemplos dos Melhores Escriutores Portugueses, E Latinos, E Offerecido a ElRey de Portugal D. João V pelo Padre D. Raphael Bluteau (...) Calificador no Sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa*, Tomos I – VIII, Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728, Tomo I, Letra A, p.260.

<sup>396</sup> Ricardo Cierbide, *Recetarios médicos medievales basados en el aguardiente, el vino y otros ingredientes*, 2013, <https://addi.ehu.es/bitstream/10810/9625/1/RECETARIOS%20MÉDICOS%20MEDIEVALES.pdf>, [consultado a 18 de Setembro de 2015], p. 53.

<sup>397</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, p. 57.

<sup>398</sup> Vítor Pereira, *Dicionário de Plantas Espontâneas e Cultivadas*, Odivelas, 2ª ed., Agro Manual, 2013, p.66.

<sup>399</sup> Suco do aloé, nome de origem árabe vide Carlos Augusto Calil, Miguel Nimer, *Influências orientais na língua portuguesa: os vocábulos árabes, arabizados, persas e turcos, etimologias, aplicações analíticas*, 2ª ed., 2005, <https://books.google.pt/books?id=v2rn6WbDeZoC&pg=PA6&lpg=PA6&dq=augusto+kalil+nimer+miguel+influências+orientais+na+língua+portuguesa+arabizados+persas+e+turcos,+etimologias,+aplicações+analíticas,+2ª+ed.,+2005>, <https://books.google.pt/books?id=v2rn6WbDeZoC&pg=PA6&lpg=PA6&dq=augusto+kalil+nimer+miguel+influências+orientais+na+língua+portuguesa+arabizados+persas+e+turcos,+etimologias,+aplicações+analíticas,+2ª+ed.,+2005>, [consultado a 4 de Setembro de 2016], p. 166.

<sup>400</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, pp. 50-51.

<sup>401</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *op. cit.*, pp. 100,101.

<sup>402</sup> José Salgueiro, *Ervas, Usos e Saberes – Plantas Medicinais no Alentejo e outros Produtos Naturais*, 2ª Edição, Lisboa, Edições Colibri, 2004, p. 51.

<b>Amêndoa (Amendoeira)</b>	<i>Prunus dulcis</i> <sup>404</sup>	Reumatismo, nevralgias, cólicas, branquear e suavizar a pele, memória, azia, dores de estômago, tosse, bronquite, purgante, anemia;	colhões inchados; Esprem inchado; Cancro;
<b>Arruda</b>	<i>Ruta chalepensis</i> L405. <i>Ruta graveolens</i> L.406	(Tóxica) Purificador, vitamínico, adstringente, anti-infeccioso, estimulante, depurativo, sedativo, vomitivo; halitose, regulador de fluxo menstrual, cicatrização de feridas, antipirético;	Névoa dos olhos; Olhos sangüentos e lagrimosos; sarna; Dor nos peitos; Dor d'apostema; Dor das orelhas; Braço inchado sangrileixado; Figo (cancro); Para o rosto; Dor de cabeça; Reter o que come; Enfastiamento da dor de estômago; Nervos das pernas encolheitos; Roimentos do ventre; Para quem mija sangue; Se morder a coura; Gota dos joelhos; Para a pedra;
<b>Azedas</b>	<i>Rumex acetosa</i> L407.	Diurética, refrescante; sede, abcessos, febres;	Amadurecer a chaga e fazer sair o mal;
<b>Azurea</b>			Dor d'apostema; Dor das orelhas;
<b>Barbasco ou verbasco</b>	<i>Verbascum thapsus</i> L408.	Emoliente, anti-inflamatório; Tosse, asma, bronquite; Antibacteriana; antiviral;	Figo;
<b>Barbe Jouys</b>	<i>Anthyllis barba-jovis</i> L.409		Pontadas;
<b>Bataflua ou batafalva (grãos de arbusto) anis em banho de açúcar (glossário medieval)</b>	<i>Pimpinella anisum</i> <sup>410</sup>	Perturbações digestivas, tosse, expectoração, anti-espasmódico, estimula apetite e sono; piolhos, sarna;	Dor de estômago;
<b>Beldroegas</b>	<i>Portulaca oleracea</i> L.411	Refrescante (sede), purgativa, diurética, anti-escorbuto, anti-colesterol;	Dor nas virilhas;
<b>Boleta (fruto da azinheira)</b>	<i>Quercus rotundifolia</i>	Queimaduras; anginas e	Febre;

<sup>403</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *op. cit.*, p.107.

<sup>404</sup> José Salgueiro, *Ervas, Usos e Saberes – Plantas Medicinais no Alentejo e outros Produtos Naturais*, 2ª Edição, Lisboa, Edições Colibri, 2004, pp. 52-53.

<sup>405</sup> Vide Zélia Sakai, *Guia Ecológico das Plantas Aromáticas e Medicinais*, Braga, Círculo de Leitores, 2000, pp. 52-53.

<sup>406</sup> Fernando Serrano Larráyos, *Un recetario médico-farmacéutico navarro de mediados del siglo XV*, 2001, [https://www.researchgate.net/publication/28104913\\_Un\\_recetario\\_medico-farmacéutico\\_navarro\\_de\\_medios\\_del\\_siglo\\_XV.pdf](https://www.researchgate.net/publication/28104913_Un_recetario_medico-farmacéutico_navarro_de_medios_del_siglo_XV.pdf), [consultado a 12 de Setembro de 2016] p.659.

<sup>407</sup> José Salgueiro, *op. cit.* pp. 61-62.

<sup>408</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *op. cit.*, pp. 669-671

<sup>409</sup> The plant list, a working list of all the plant species, <http://www.theplantlist.org/tpl1.1/record/ild-7183>, [consultado a 28 de Setembro de 2016].

<sup>410</sup> Gerhard Leibold, *op. cit.*, p.37.

<sup>411</sup> José Salgueiro, *op. cit.* p.65.

	<i>Lam.412</i>	doenças da garganta;	
<b>Bretonica, betonica</b>	<i>Betonica officinalis</i> <i>L.413</i>	Vomitivo, purgante;	Sangue pela garganta; Ossos britados da cabeça; Dor de cabeça; Nervos das pernas encolheitos; Chaga com sangue na arca ventre; Para a cabeça e para o corpo;
<b>Bugalhos da galha</b>			Para a madre da mulher que se oura;
<b>Bugle ou Bugula</b>	<i>Ajuga reptans</i> <i>L.414.</i>	Adstringente;	Quebrantadura;
<b>Cabaça ou abóbora</b>	<i>Cucurbita spp. 415</i>	Diarreias e doenças de estômago; Reumatismo; Vermífuga; Doenças de próstata;	Pintas e mazelas do rosto;
<b>Cangorça, pervinca, congossa</b>	<i>Vinca difformis Pourret</i> <i>416</i>	Diabetes, anemia, diarreia, hemorragias, enfarte, angina de peito, cancro; doenças da garganta;	Mulher inchada; Dor dos pés;
<b>Canela</b>	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> <i>417</i>	Digestivo, carminativo, eupéptico, estimulante das secreções digestivas, antiespasmódico, dismenorreia, colites, diarreias infantis, estomatites, micoses;	Fedor do carcado;
<b>Caprifolio / caprifoglio / Ionicera / madressilva</b>	<i>Lonicera caprifolium</i> <i>L.418</i>	Bronquite; diurético;	Dor d'apostema; Dor das orelhas;
<b>Cardo</b>	<i>Polypodium vulgare</i> <i>L.419</i> <i>Cardus marianus L.420</i>	Purgativo; Efeito hepato-protetor; problemas dispépticos; no envenenamento por cogumelos;	Para o rosto; Juntar a carne;
<b>Carvalho</b>	<i>Quercus robur L.421.</i>	Diarreias, inflamações da mucosa oral, área anogenital e pele; eczemas, seborreia, sudorese, hemorroidas, conjuntivites;	Cancro;
<b>Cebola</b>	<i>Allium cepa L.422</i>	Antibacteriano, infecções intestinais, estimula o apetite,	Figo (cancro); Dor de dentes; Gota; Gota dos

<sup>412</sup> José Salgueiro, *op. cit.* pp. 62-62.

<sup>413</sup> Manuel dos Santos Costa, *op. cit.*, p.96.

<sup>414</sup> Idem, *ibidem*, p.103.

<sup>415</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, p. 39.

<sup>416</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, p.151.

<sup>417</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *op. cit.*, pp. 177-180.

<sup>418</sup> Manuel dos Santos Costa, *op. cit.*, pp.260-261.

<sup>419</sup> Marízia Menezes Dias Pereira, *op. cit.*, p.7.

<sup>420</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *op. cit.*, pp. 183-189.

<sup>421</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *op. cit.*, pp. 192-194.

<sup>422</sup> Gerhard Leibold, *op. cit.*, pp. 52 e 53.

		expectorante (tosse, bronquite), diabetes e hipertensão, frieiras, queimaduras, picadas de insecto, rigidez articular, dor de garganta;	joelhos;
<b>Ceguda (ou cicuta maior)</b>	<i>Conium maculatum</i> L.423	Antinevrálgica, sedativa, anticancerosa; eczemas húmidos;	Seyda;
<b>Cerejeira (casca de)</b>	<i>Prunus avium</i> L.424	Febre;	Menação;
<b>Ceridónia /Celidónia /Ceruda</b>	<i>Chelidonium majus</i> L. ou <i>Ranunculus ficaria</i> L.425	Purgante, vomitiva, diurética; icterícia, hidropsia, febre; corrosiva (verrugas e calos); oftalmias, herpes, impigens, (tóxica);	Névoa dos olhos; Olhos sangüentos; Para a cabeça e para o corpo;
<b>Chantagem<sup>426</sup> / Tanchagem Chantagem maior</b>	<i>Plantago spp.</i> <sup>427</sup> / <i>Plantago major</i> L.428	Afecções da boca e garganta; tuberculose, enterite, nefrite, hemorragia, úlceras gastrointestinais, tosse, obstipação, doenças oculares, feridas (cicatrizante), antídoto de venenos; purificante, adstringente, purgativo, depurativo, diurético, tónico, emoliente;	Queimadura; lobinho da garganta; Fígado escalfado; Dor d'apostema; Dor das orelhas; Para o rosto; Para a madre da mulher que deita lixo; Para quem fede o bafo; Queda dos cabelos; Pontadas; Tolher e matar a fístula; Para a pedra; Para a cabeça e para o corpo;
<b>Cevada / Orjo</b>	<i>Hordeum vulgare</i> L.429.	Fraqueza ou baixo desenvolvimento físico; obstipação, hemorroidas, diarreias, problemas de estômago; dores de costas; Afecções da garganta; bronquite; coração;	Olhos Inchados; Enfermo que não pode dormir; chaga; Tolher e matar a fístula; Tolhe a fala por enfermidade; Para as mamas; Para tirar o fedor do dente;
<b>Cidra (cidreira)</b>	<i>Melissa officinalis</i> L.430	Sedativo, Espasmolítico, Anti-inflamatório e antioxidante, antiviral, antibacteriana e antimicótica. Calmante;	Tirar o pano do rosto;
<b>Cimas (parte da planta)</b>			Lepra; Para a madre da mulher que se oura;
<b>Çiminy<sup>431</sup> vide Cominhos</b>			Enfastiamento da dor de estômago;
<b>Cintila (centelha)</b>	Centella asiática L.432	Dermatoses, cicatrização de	Para a cabeça e para o

<sup>423</sup> Raúl D'Oliveira Feijão, *op. cit.*, pp. 111 e 118.

<sup>424</sup> José Salgueiro, *op. cit.* p.83.

<sup>425</sup> Manuel dos Santos Costa, *op. cit.* pp.117-120.

<sup>426</sup> No Códice aparece sempre como chantagem, sendo provavelmente uma dislexia da tanchagem.

<sup>427</sup> José Salgueiro, *op. cit.* p.175.

<sup>428</sup> Zélia Sakai, *op. cit.*, pp. 106-107.

<sup>429</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, p. 84.

<sup>430</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *op. cit.*, pp. 454-458.

<sup>431</sup> Maria Helena da Rocha pereira, *Latim Medieval*, p. 292.

		feridas, queimaduras ligeiras, úlceras venosas, venotónico, celulite;	corpo;
<b>Cocombro ou cohombro (erva, variedade do pepino) cohombriilo</b>	<i>Momordica officinalis</i> L.433	Gota;	Cancro; Quem está danado;
<b>Coentros</b>	<i>Coriandrum sativum</i> L.434	Flatulência, digestão, anti-espasmódico, prostração Contra indicado na gravidez; <sup>435</sup>	Seyda?; Colhões inchados;
<b>Cominhos</b>	<i>Cuminum cyminum</i> L.436	Antiespasmódico;	Dor de estômago; Seyda; Tirar o lixo da chaga; Colhões inchados; Mulher inchada; Reter o que come; Apostema do peito;
<b>Consolda</b>	<i>Delphinium consolida</i> L.437/ <i>Symphytum officinale</i> L.438	(Tóxica) Lavagens oculares; sarna, pediculose, asma; reumatismo, flebites, varizes, úlceras varicosas, fracturas, tendinites, contusões, hemorragias, faringites, dores de garganta, diarreia;	Para a pedra; Quebrantadura;
<b>Coucelos / Conchelos</b>	<i>Umbilicus rupestris</i> L.439	Calos e feridas cutâneas;	Para o rosto;
<b>Couves</b>	<i>Brassica oleracea</i> L.440	Aumento de secreções/supurações (úlceras, abscessos, furúnculos, pústulas, gangrena, fleimão, panarícios, chagas, queimaduras, eczemas), asma, febres, gota, nevralgia, reumatismo, anticancerígena;	Matar a carne má ou os vermes; Para a pedra;
<b>Dormideira</b>	<i>Papaver somniferum</i> L.441	Narcóticas, calmantes (opióides); cólicas e irritações intestinais;	Para o homem que não pode dormir;
<b>Dragoeiro (sangue de dragão)</b>			Homem quebrado;
<b>Engo (do galego sabuguíño ou</b>	<i>Sambucus ebulus</i> L.442	(Tóxica) Purgativo e diurético;	Dor de pernas; Colhões

<sup>432</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *op. cit.*, pp. 209-211.

<sup>433</sup> Ricardo Cierbide, *op. cit.*, p. 59.

<sup>434</sup> Jean de Sillé; *Plantas que curam – 100 receitas de tisanas; Dicionário de 150 plantas medicinais; Léxico dos termos de fitoterapia*, Lisboa-Porto, Litexa Editora, Lda., 1984, p. 93.

<sup>435</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *op. cit.*, p. 220.

<sup>436</sup> Erika Lais, *ABCedário das Planas aromáticas e medicinais*, Paris, Edição Portuguesa da Reborn para o jornal PÚBLICO, 2001, pp.4 4-45.

<sup>437</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, p.89.

<sup>438</sup> Gerhard Leibold, *op. cit.*, pp. 57-58.

<sup>439</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, p. 88.

<sup>440</sup> Idem, *ibidem*, pp. 90-91.

<sup>441</sup> Manuel dos Santos Costa, *op. cit.* pp. 157-165.

<sup>442</sup> Idem, *ibidem*, pp. 169-170.

<b>sabugueiro anão</b>		Diaforético (febre); Tosse, bronquite, constipações e síndromes gripais;443	inchados; Negromento arcal; Purgar o ventre;
<b>Endro ou Aneto</b>	<i>Anethum graveolens</i> <sup>444</sup>	Estimulante de apetite e digestão e leite materno; flatulência e antiespasmódico;	Roimentos do ventre;
<b>Enxaíam ou Saião<sup>445</sup>, erva dos telhados</b>	<i>Seum magnu, semprevivum</i>		Para o testro assedado;
<b>Erva benta</b>	Geum Urbanum L.446	Dispepsia, diarreia crónica, desintéria;	Dor nos lombos ou nas res;
<b>Erva besteira</b>	<i>Helleborus foetidus</i>		Esprem inchado;
<b>Erva cortina</b>			Gota dos joelhos;
<b>Erva da costa ou flores da fortuna</b>			Impigem; Para reter o que come;
<b>Erva ferra</b>			Negromento arcal;
<b>Erva lobeira</b>			Retirar o estrepe do pé;
<b>Erva-madroa ou Rainha das ervas ou matricária, artemísia-dos-prados, artemísia-dos-ervanários</b>	<i>Tanacetum parthenium</i> L.447	Enxaqueca, , anti.inflamatório, anti-cancerígeno; contra-indicado em grávidas e aleitantes ou em associação com anti-coagulantes;	Mulher inchada;
<b>Erva molarinha ou moleirinha, fumária, palomina ou palomera ( colombina ou Pede Colombo)<sup>448</sup></b>	<i>Fumaria officinalis</i> L.449	(Alcalóide) – Arteriosclerose, doenças hepáticas; purificadora;	Bustelas das pernas; Dor das pontadas; Para quem mija sangue; Para a praga;
<b>Erva moura ou Erva de Santa Maria</b>	<i>Solanum nigrum</i> L. 450	(Pode causar paralisia de nervos sensitivos e motores) – usar em lavagens para afecções cutâneas, queimaduras, hemorroidas, gretaduras dos mamilos, fissuras, panarícios, furúnculos, contusões, abscessos, etc... Estimulate, sudorífica, depurativa, narcótica; Hemorroidas, prurido vulvar, fissuras mamilares, panarícios, abscessos, contusões;451	Dor da rossa; Fígado escalfado; Letigosos, espinhosos e impigosos; Para a pedra;

<sup>443</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *op. cit.*, pp. 565,566.

<sup>444</sup> Gerhard Leibold, *op. cit.*, pp.35-36.

<sup>445</sup> Padre D. Raphael Bluteau, *op. cit.*, Tomo III, p. 165 e Tomo 7, p. 518 .

<sup>446</sup> Jean de Sillé, *op. cit.* ,p. 97.

<sup>447</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *op. cit.*, pp. 444-447.

<sup>448</sup> Miguel Asín Palacios, *Glosario de Voces Romanas Registradas por un Botánico Anónimo Hispano-Musulmán (siglos XI-XII)*, Madrid- Granada, Imprenta de la viuda de Estanislau Maestre, 1943, pp. 80, 218.

<sup>449</sup> José Salgueiro, *op. cit.* pp. 101-102.

<sup>450</sup> Idem, *ibidem* pp.102-103.

<sup>451</sup> Raúl D'Oliveira Feijão, *op. cit.*, p. 147.

<b>Erva pimenteira ou Lepídio</b>	<i>Lepidium latifolium</i> L.452	Diaforética, estimulante, antiescurbútica, expectorantes, cicatrizantes, rubefacientes;	Dor de estômago;
<b>Ervanços negros (grão de bico)</b>			Fígado escalfado; Tolher o fastio; Para a pedra;
<b>Escamonyosas –(escamosas ou escamoneas)</b>	<i>Convulvus scammonia</i> L.453	Purgante;	Para a praga; Chaga com sangue na arca ventre;
<b>Escaviola</b>			Para a cabeça e para o corpo;
<b>Espadana ou Inea</b>	<i>Gladilus italicus</i> Miller454	Queimaduras;455	Para quem não pode sair a campo; Enfastiamento da dor de estômago;
<b>Espargo</b>	<i>Asparagus spp</i> 456.	Hipertrofia cardíaca; icterícia; diurético;	Dor nos lombos ou nas res; Colhões inchados;
<b>Estopas (musgo, lentilha de água)457</b>			Pera reter o que come;
<b>Estorlogue, Estoraque458</b>			Figo;
<b>Esula</b>			Para fazer enxamel;
<b>Eufforby (euforbio)</b>	<i>Euphorbia resinifera</i> , Berg.459	Purgante;	Gota;
<b>Favas (faveira)</b>	<i>Vicia faba</i> L.460	Reumatismo, gota, doenças de fígado, pele, cálculos renais e vesiculares;	Lobinho da garganta; Colhões inchados; Para o rosto; Tosse; Estômago; Retirar pintas e mazelas do rosto;
<b>Figueira; Figos</b>	<i>Ficus carica</i> L.461	Gargarejos para a garganta; diarreia, verrugas, calos; expectorantes; obstipação; tópicos em abscessos e tumores;	Figo (cancro); Colhões inchados; Voz clara; Esprem inchado; Voz rouca; Rossa e tinha;
<b>Freixo</b>	<i>Fraxinus angustifolia</i> Vahl462	Febres, antídoto de veneno de escorpião; Na Hidropsia como purgante; gota, reumatismo, hipercolesterolémia, halitose, obesidade, etc;	Figo;

<sup>452</sup> Idem, *ibidem*, p. 187.

<sup>453</sup> Fernando Serrano Larráyos, *op. cit.*, p. 658.

<sup>454</sup> Vítor Pereira, p. 107.

<sup>455</sup> Antonio López Eire, Francisco Cortés Gabaudan, , *Estudios y traducción, Dioscórides sobre los remedios medicinales, Manuscrito de Salamanca*, 2006, <https://books.google.pt/books?id=Rzs-WIGk5VMC&pg=PA21&lpg=PA21&dq=plantas+medicinales+medievales&source=bl&ots=KhpGq-AOto&sig=nADbPFz7Qyf-zxsjJLQCxYg6NbM&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CDUO6AEwAzgKahUKEwiD6InCg4HIAhXDwBQKHQnZBWE#v=onepage&q=plantas%20medicinales%20medievales&f=false.pdf>. [consultado a 5 de Outubro de 2016], p. 271.

<sup>456</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, pp. 104-105.

<sup>457</sup> Miguel Asín Palacios, *op. cit.*, p. 117.

<sup>458</sup> Vide Padre D. Raphael Bluteau, *op. cit.*, Tomo III, p. 328.

<sup>459</sup> Fernando Serrano Larráyos, *op. cit.*, p. 658.

<sup>460</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, p. 109.

<sup>461</sup> Idem, *ibidem*, pp. 113 e 114.

<sup>462</sup> Idem, *ibidem*, pp. 116, 117.

<b>Funcho</b>	<i>Foeniculum vulgare</i> Miller <sup>463</sup>	Expectorante e antiespasmódico; lavagens oculares;	Névoa dos olhos; Tolher o fastio; Para o rosto; vômitos; Dor de cabeça; Lepa dos olhos; negromento arcal; Retirar pintas e mazelas do rosto; Tortas do ventre e do estômago; Para quem mija sangue; Para fazer crescer o leite à mulher;
<b>Gamão / Abrótea</b>	<i>Asphodelus ramosus</i> L.464	Impigens e ulcerações das mucosas;	Impigens; Bustelas das pernas; Para fazer os cabelos negros; Para a pedra; Quebrantadura;
<b>Garioffi, Gariophilli ou Cravo da Índia<sup>465</sup></b>	<i>Syzygium aromaticum</i> L.466	Dispepsia, flatulência, anti-inflamatório da mucosa oral e faringe, odontalgia, cáries, otites; Analgésico e anti-séptico dental;	Para reter o que come; Para quem fede o bafo;
<b>Gengibre</b>	<i>Zingibre officinale</i> Roscoë <sup>467</sup>	Purificante, energético, anti-reumático, anti-obesidade, afrodisíaco, expectorante, cicatrizante e vulnerário; estimula as defesas dor organismo, melhora a circulação; analgésico, cicatrizante em feridas e acne;	Dor de estômago;
<b>Galha (parte / tumor das plantas)</b>			Lobinho da cabeça;
<b>Gilgrabeira<sup>468</sup> ou Gilbarbeira, Gilbardeira</b>	<i>Ruscus aculeatus</i> L.469	Varizes, flebites, dor, peso e prurido das pernas por insuficiência venosa; hemorroidas;	Para fazer enxamel;
<b>Heléboro (Leborum)</b>	<i>Helleborus niger</i> <sup>470</sup>	Purgante, cardiotónico; vermífugo; promove o fluxo menstrual; Extremamente tóxico;	Névoa dos olhos;
<b>Hera (folhas de)</b>	<i>Hedera helix</i> L.471	Espasmolítico, antibacteriano, antifúngico, anti-inflamatório, antioxidante; Tosse, bronquite espasmódica e catarros	Gota;

<sup>463</sup> Gerhard Leibold, *op. cit.* pp. 67-68.

<sup>464</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, pp. 39-40.

<sup>465</sup> Maria Helena da Rocha Pereira, *op. cit.*, p. 169.

<sup>466</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *op. cit.*, pp. 226-229.

<sup>467</sup> Zélia Sakai, *op. cit.* pp. 76-78.

<sup>468</sup> Padre D. Raphael Bluteau, *op.cit.*, Tomo IV, p. 73.

<sup>469</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *op. cit.*, pp. 302-305.

<sup>470</sup> Andrew Chevallier, *Enciclopédia de Plantas Mediciniais*, Londres, Dorling Kindersley, 1996, p.217.

<sup>471</sup> Idem, *ibidem*, pp. 345-349.

		crónicos;	
<b>Hissopo</b>	<i>Micromeria graeca</i> (L.) Reichenb 472 <i>Hyssopus officinalis</i> L.473	Tosse, bronquite, catarro, doenças de estômago, astenia, anorexia, vermes intestinais, reumatismo, afecções pulmonares, anginas e doenças oculares;	Dor nos peitos; Dor d'apostema; Dor das orelhas; Voz clara; Esprem inchado;
<b>Hortelã</b>	<i>Mentha suaveolens</i> Ehrh <i>Mentha spicata</i> L. <i>Mentha cervina</i> L. <i>Mentha x piperita</i> L. <i>Mentha aquática</i> L.474	Constipações, gripes, bronquites; antiespasmódico, vermífugo; tosse; insónias na gravidez, "nervos", anorexia, digestivo, flatulência, diarreias, dores menstruais, cefaleias, cólicas, vômitos, revigorante (sexual);	Dor d'apostema; Dor das orelhas; Enfermo que não pode dormir; Para o que tolhe a fala por enfermidade; Nervos das pernas encolheitos;
<b>Jamela (jamelão)</b>			Para dormir;
<b>Jarrão</b>			Para as pintas e mazelas do rosto;
<b>Junça</b>	<i>Cyperus spp.</i> 475	Doenças de estômago;	Dor de estômago; Colhões inchados;
<b>Junco</b>	<i>Juncus spp.</i> 476	Afecções da garganta;	Homem ferido no corpo;
<b>Lentilhas</b>	<i>Ervum Lens</i> 477		Olhos inchados; Colhões inchados;
<b>Leitarea ou Leitaira</b> 478			Matar a fistula;
<b>Limão (limoeiro)</b>	<i>Citrus limon</i> L479.	Falta de apetite, dispepsias, cólicas gastrointestinais, problemas gástricos de origem nervosa, insónia;	Figo;
<b>Linhaça (sementes do linho) ou linho</b> <b>Linhaça galega</b>	<i>Linum usitatissimum</i> L.480 <i>Linum agrese, Brot.</i> 481	Emoliente, purificante, tónico, revigorante; Inflamações urinárias e respiratórias; óleo de linhaça para queimaduras;	Seyda; Gota; Colhões inchados;
<b>Lírio (branco, cárdeo, ou raiz do lírio)</b>	<i>Iris germanica</i> L.482	Adstringente, purgativo e vomitivo; diarreias e hidropisias; reumatismo, catarro, expectorante;	Olhos sangüentos e lagrimosos; Para quem não pode sair a campo; Amadurar a levação; para tirar as bostelas do rosto;
<b>Lorbaga/Lobaga (fruto do loureiro ou baga com sementes)</b>		Ver linhaça ou loureiro;	Crescer o miolo da cabeça; Purgar o ventre; Reter o

<sup>472</sup> Idem, *ibidem*, p. 124.

<sup>473</sup> Gerhard Leibold, *op. cit.*, pp. 73-74.

<sup>474</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, pp. 124-127.

<sup>475</sup> Idem, *ibidem*, pp. 127-128.

<sup>476</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, pp. 128-129.

<sup>477</sup> Manuel dos Santos Costa, *op. cit.*, pp. 240-241.

<sup>478</sup> Miguel Asín Palacios, *op. cit.*, p. 151-152.

<sup>479</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *op. cit.*, p. 395.

<sup>480</sup> Manuel dos Santos Costa, *op. cit.* pp. 243-244; Zélia Sakai, *op. cit.* pp. 83-84.

<sup>481</sup> Idem, *ibidem*, p. 244.

<sup>482</sup> Idem, *ibidem*, pp. 244-250.

do linho)			que come; Apostema do peito; Dor de cabeça; Matar o fogo selvagem;
<b>Losna / Absinto / Artemisa</b>	<i>Artemisia absinthium</i> L.483	Dificuldades digestivas, vermífuga, anorexia, gripe, atrasos menstruais, febre, , enjojo, estimulante da vesícula;	Névoa dos olhos; Dor d'apostema; dor das orelhas; Para o rosto; Purgar a cólera pela garganta; Amadurecer a chaga e fazer sair o mal; Negromento arcal; Dor de garganta; Dor de cabeça; Inchaço; Dor de dentes; Quebrantadura; Para a cabeça e para o corpo;
<b>Loureiro</b>	<i>Laurus nobilis</i> L.484	Digestão, menstruação, insónias, gripe, bronquite, reumatismo, gota, picada de insectos;	Névoa do olho;
<b>Macela</b>	<i>Anacyclus aureus</i> L. <i>Anthemis scotula</i> L.485	Cólicas, indigestões;	Pontadas;
<b>Macieira (casca de); Maçãs</b>	<i>Pyrus malus</i> <sup>486</sup>		Menação; Para reter o que come;
<b>Malaguete / Malagueta ou pimento-de-caiena</b>	<i>Capsicum annum</i> L.487	Artrite e problemas reumáticos (fricção), inibição da dor, estimulantes ou inibidores de apetite; potencial acção na prevenção e tratamentos de cancro;	Menação e dor de ventre da mulher que pare;
<b>Malvas</b> <b>Malvas babosas</b>	<i>Malva sylvestris</i> L.488	Gastrites, colites, cistites, prostatites, obstipação, obesidade, bronquite, tosse, sarampo, escarlatina, varicela, expectoração, dor de dentes, problemas cutâneos, feridas (lavagens e pensos) e hemorroidas;	Lepa; Homem inchado; Colhões inchados; Tolher e matar a fístula; Tolhe a fala por enfermidade; Para as mamas; Para a pedra;
<b>Malvaisco / Malvarisco</b>	<i>Althea officinalis</i> L.489	Anginas, faringites, inflamações da boca e dor de dentes; tosse, bronquite, diarreia, inflamações intestinais; problemas de pele e lavagens oculares;	Gota dos joelhos; Insónia;

<sup>483</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, pp. 130-131.

<sup>484</sup> Vide Idem, *ibidem*, p. 131.

<sup>485</sup> Manuel dos Santos Costa, *op. cit.* pp. 258- 260.

<sup>486</sup> Ana Eleonora Borges, *Remédios Naturais – Etnobotânica das Plantas Mediciniais*, Lisboa, 3ª ed., Apenas Livros Lda, 2004, p. 22.

<sup>487</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *op. cit.*, pp. 513-518.

<sup>488</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, pp.132-133.

<sup>489</sup> Vide Idem, *ibidem*, p. 51.

		hemorroidas;	
<b>Marroio</b> <b>Marroio branco</b>	<i>Marrubium vulgare</i> L.490	Doenças das vias digestivas, rins, vias urinárias, sífilis, reumatismo, artrite, anorexia, anemia, febres, bronquite, dores menstruais, obesidade, sono, tosse, doenças cardíacas, sudorese, expectoração, tuberculose;	Dor nos peitos; Dor do coração; Voz rouca; Para a cabeça e para o corpo;
<b>Meimendro</b>	<i>Hyoscyamus niger</i> L. <i>Hyoscyamus albus</i> L.491	Calmante, analgésico, antiespasmódico (em sobredose causa delírio, cegueira, midríase, bradi ou taquicardia, espasmos, fraqueza muscular e morte);	Colhões inchados; Esprem inchado; Chagas e ossos britados da cabeça; Enfermo que não pode dormir; Dor de garganta; Gota dos joelhos;
<b>Menta</b> <sup>492</sup>		Vide Hortelã	
<b>Mentraso</b>	<i>Mentha rothundifolia</i> L.493	Purificante, sedativo, refrescante, digestivo, diurético, depurativo, antiespasmódico;	Gota; Negromento arcal; Para o homem que não pode dormir;
<b>Milefólio</b>	<i>Achillea millefolium</i> 494	Hemostático, cicatrizante, adstringente, descongestionante, aumenta a excreção biliar, analgésico, diurético, antiespasmódico;	Testo (cabeça) quebrado; Para a cabeça e para o corpo;
<b>Milho</b>	<i>Zea mays</i> L.495	Doenças de bexiga, catarro, cistite, nefrite, disúria, retenção urinária e incontinência;	Dor das costas;
<b>Morceliny</b>			Névoa dos olhos;
<b>Moscada (noz), Moscadeira</b>	<i>Myristica fragans</i> <sup>496</sup>	Anestésico e estimulante para o estômago, estimula o apetite; náuseas, vômitos, diarreia, dores e distensão abdominal; afrodisíaco; problemas reumatológicos;	Para reter o que come;
<b>Murta</b>	<i>Myrtus communis</i> L.497	Adstringente; vias urinárias, tosses, bronquite, catarros, hemorroidas, feridas;	Dor de estômago; Dor de cabeça; Para a madre da mulher que se oura;

<sup>490</sup> Idem, *ibidem*, p.136.

<sup>491</sup> Manuel dos Santos Costa, *op. cit.*, pp. 273-276.

<sup>492</sup> Vide Hortelã.

<sup>493</sup> Zélia Sakai, *op. cit.*, p. 93-94.

<sup>494</sup> Jean de Sillé, *op. cit.*, p.119.

<sup>495</sup> Manuel dos Santos Costa, *op. cit.*, pp. 286-287.

<sup>496</sup> Andrew Chevallier, *op. cit.*, p. 113.

<sup>497</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, p. 141.

<b>Nabos</b>	<i>Brassica rapa L.498</i>	Fonte de cálcio. Feridas, catarro, tosse, tosse convulsa, bronquite;	Matar o figo; Sangue per de juso;
<b>Nêveda</b>	<i>Calamintha officinalis Moench499</i>	Depurativo, estimulante, antiespasmódico, sedativo, expectorante, revulsivo. Alívio de dores e espasmos nervosos, nevralgias e torcicolos;	Dor de estômago; cancro; Mulher inchada; Negromento arcal;
<b>Norça</b>	<i>Tamus communis L.500</i>	Marcas da pele e cicatrizes; gota e reumatismo;	Gota;
<b>Oliveira</b>	<i>Olea europaea L.501</i>	Tónica, febrífuga, adstringente; febres, hipertensão arterial, hipercolesterolémia, diabetes, gota, reumatismo, fígado, gripe, obstipação; queimaduras, memória, dor de ouvidos;	Dor de cabeça;
<b>Oregão</b>	<i>Origanum vulgare L.502</i>	Purificante, antidepressivo, estimulante, analgésico, estomáquico, depurativo, antiespasmódico, expectorante, anti-séptico, febrífugo. Anti-astenia e sonolência;	Dor de estômago; Dor d'apostema; Dor das orelhas; Para o braço; Mulher inchada;
<b>Orjavão503</b>		Vide Verbena	
<b>Palomera</b>			Pera a praga;
<b>Papoila</b> <b>Papoila (branca)</b>	<i>Papaver rhoeas L.504</i>	(Narcótica) tosse, excitação nervosa, asma, bronquite, insónias;	Para dormir; Dor d'apostema; Dor das orelhas; Enfermo que não pode dormir; Cancro; Gota dos joelhos;
<b>Pepinos de São Gregório</b>	<i>Ecballium elaterium L.505</i>	(Narcótica) Sarna, ciática, nevralgias, reumatismo, tumores, sinusite;	Gota; Pintas do rosto;
<b>Pentafilo / Quinquéfólio / Cinco-em-rama</b>	<i>Potentilla reptans L.506</i>	Purificante, estimulante, vitamínico, antioxidante, emoliente, diurético, tónico, febrífugo, algias reumáticas;	Figo (cancro);
<b>Pereira (casca de)</b>	<i>Pyrus communis L.507</i>	Anginas, diarreia, gota, reumatismo, cálculos na	Menação;

<sup>498</sup> Idem, *ibidem*, pp. 141-142.

<sup>499</sup> Zélia Sakai, *op. cit.*, pp. 95-96.

<sup>500</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, pp. 144-145.

<sup>501</sup> Idem, *ibidem*, pp. 145-147.

<sup>502</sup> Zélia Sakai, *op. cit.*, pp. 96-98.

<sup>503</sup> Vide Verbena.

<sup>504</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, pp. 148-149.

<sup>505</sup> Idem, *ibidem*, p. 150.

<sup>506</sup> Zélia Sakai, *op. cit.*, pp. 65-66.

<sup>507</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, pp.150-151.

		bexiga ou renais, infecções urinárias;	
<b>Pereixil / Salsa</b>	<i>Crithmum maritimum</i> L.508	Diurético, estimula o apetite;	Dor nos lombos ou nas res; Tolher o fastio; Tolhe a fala por enfermidade; Roimentos do ventre; Para a pedra;
<b>Pessegueiro; Pêssegos</b>	<i>Prunus pérsica</i> L. Batsch509	Hipertensão arterial, purgante, tosse convulsa e insónias;	Dor d'apostema; dor das orelhas; Colhões inchados; Matar o fogo selvagem; Dor das orelhas;
<b>Petrosilis (Petrosellinum) Salsa</b> <i>vide Pereixil</i>			Enfastiamento da dor de estômago;
<b>Pimenta / Piperis</b>	<i>Polygonum hydropiper</i> L.510	Hemorroidas, bronquites, reumatismo;	Dor de estômago; Seyda; Cancro; Dor de dentes; Corrença; Menação e dor de ventre da mulher que pare; Gota; Tolhe a fala por enfermidade; Tortas do ventre e do estômago; Dor da ilharga; Roimentos do ventre; Prurido das pernas;
<b>Pimpinela / Chuchu</b>	<i>Sanguisorba minor</i> Scop. 511	Diarreia, astenia, hemorragias, edemas dos membros, hemorroidas, queimaduras;	Raiva; Para a praga;
<b>Pinheiro</b>	<i>Pinus pinaster</i> Aito512n	Bronquite, tosse, asma e doutras doenças pulmonares; astenia, reumatismo, leucorreia;	Fígado escalfado;
<b>Pinhões (Pinheiro manso)</b>	<i>Pinus pinea</i> L.513	Asma, bronquite, astenia afecções de bexiga e rins;	Para a pedra;
<b>Piretro (pilitrim)</b>			Dor de dentes;
<b>Poejo</b>	<i>Mentha pulegium</i> L.514	Gripe, constipações, tosse, bronquite, histeria, doenças hepáticas;	Dor de estômago; Esprem inchado; Mulher inchada; Dor do coração; Apostema do peito; Voz rouca;
<b>Rabom, Rabão, Raphanus</b>	<i>Raphanus sativus</i> L.515	Diurético, cálculos na vesícula, escorbuto, acne, desmineralização óssea, doenças hepáticas, artrite; tosse;	Inchaço; Quartã;

<sup>508</sup> Manuel dos Santos Costa, *op. cit.*, pp. 317-318.

<sup>509</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, pp.152-152.

<sup>510</sup> Idem, *ibidem*, p. 153.

<sup>511</sup> Idem, *ibidem*, p.154.

<sup>512</sup> Idem, *ibidem*, pp. 155-156.

<sup>513</sup> Idem, *ibidem*, pp.156-157.

<sup>514</sup> Idem, *ibidem*, pp. 158-159.

<sup>515</sup> Idem, *ibidem*, pp. 160-161.

<b>Romã (romãzeira ou romeira)</b>	<i>Punica granatum</i> L.516	Doenças das vias urinárias e obstipação, hemorroidas, cicatrização de feridas;	Deitar a cólera e a freima pela garganta; Dor d'apostema; Dor das orelhas; Para a madre da mulher que se oura; Dor de dentes;
<b>Rosas</b>	<i>Rosa gálica</i> L. e <i>Rosa centifólia</i> L.517 <i>Rosa canina</i> L.518	Diarreias, hemorragias uterinas, hemoptises, feridas cutâneas, doenças da garganta, doenças oculares, doenças de pele;	Dor de cabeça; Para dormir; Homem inchado; Fedor do calçado; Febre;
<b>Rosmaninho</b>	<i>Lavandula luisieri</i> <i>Rivas-Martinez</i> 519	Tónico, antiespasmódico; asma, tosse, bronquite, catarro	Negromento arcal; Retirar pintas e mazelas do rosto;
<b>Sabugueiro / Sabugo (fruto do sabugueiro)</b>	<i>Sambucus nigra</i> L.520	Fígado, gota, reumatismo, pneumonias, tosse, bronquite, sarampo, doenças cardíacas, arteriosclerose, cistite, escarlatina, diabetes. Purgativo (obstipação), anginas, hemorroidas, vaginites, doenças da pele, gota;	Crescer o miolo da cabeça; Negromento arcal;
<b>Salgueiro</b>	<i>Salix alba</i> L. <i>Salix atrocinerea</i> <i>Brot.</i> 521	Anemia, reumatismo, dores menstruais, febre, ansiedade, gota; Anticolesterol;	Colhões inchados;
<b>Salvia ou salva</b>	<i>Salvia officinalis</i> L.522	Catarro crónico, tosse, suspensão de menstruação, doenças cardíacas, circulação sanguínea, doenças do útero, febre, reumatismo, diabetes, aperitiva, adstringente, excitante sexual, cicatrizante em feridas, herpes; prurido; para o cabelo, doenças da boca e dos olhos;	Voz rouca; Para a praga;
<b>Saramago</b>	<i>Raphanus sativus</i> 523		Inchaço das pernas;
<b>Sebe</b>			Tinhas nas barbas; gota;
<b>Segurelha</b>	<i>Satureja hortensis</i> L.524	Digestão, ansiedade, diarreias; doenças da boca e garganta; reumatismo, nevralgias;	Voz rouca;
<b>Serissa</b>			Colhões inchados; Prurido;
<b>Serpão / sarpão</b>	<i>Thymus serpyllum</i> 525	Excitante, antiespasmódico,	Dor de estômago; Esprem

<sup>516</sup> Idem, *ibidem*, pp. 162-162.

<sup>517</sup> Idem, *ibidem*, pp.162-164.

<sup>518</sup> Manuel dos Santos Costa, *op. cit.*, pp. 339-343.

<sup>519</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, p. 164.

<sup>520</sup> Idem, *ibidem*, pp. 164-165.

<sup>521</sup> Idem, *ibidem*, pp. 166-167.

<sup>522</sup> Idem, *ibidem*, p.170.

<sup>523</sup> Ana Eleonora Borges, *op. cit.*, p. 16.

<sup>524</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, p. 171.

		vermífugo diurético, antihemorrágico;	inchado; Para quem fede o bafo; Para quem tem os olhos abertos e não pode ver;
<b>Serralha</b>	<i>Sonchus oleraceus</i> L.526	Hepatites e outras doenças hepáticas, colecistites;	Tolher a sede (polidipsia);
<b>Sezimbro (Zimbros)</b>	<i>Juniperus communis</i> L.527	Falta de apetite, flatulência;	Gota;
<b>Silvão, silva-macha, rosa- canina</b>	<i>Rosa canina</i> L.528	Prevenção e tratamento de debilidade física, síndromes gripais e doenças infecciosas;	Para a madre da mulher que se ouira;
<b>Silvas (planta e amoras)</b>	<i>Rubus ulmifolius</i> Schott 529	Diabetes, diarreia, expectoração, cálculos da bexiga, anginas, estomatites, gingivites;	Névoa das olhos; Para o rosto; Chaga com sangue na arca ventre; Para a cabeça e para o corpo;
<b>Talasma</b>			Dor d'apostema; Dor das orelhas;
<b>Tamasia / Tanásia</b>			Quebrantadura;
<b>Tasna / Tasneira</b>	<i>Senecio vulgaris</i> L.530	Diarreias, hemorragias, catarro, menstruação, circulação, nervosismo, tosse, órgãos sexuais femininos, anginas, faringite e hemorroidas;	Matar a fístula; Amadurecer a chaga e fazer sair o mal; Para a pedra;
<b>Trevo</b>	<i>Trifolium repens</i> L.531.	Abcessos e tumores;	Olhos lagrimosos;
<b>Trigo</b>	<i>Triticum spp.</i> 532	Diabetes, obstipação, doenças cardíacas, impotência sexual, cancro; tonificante; astenia causada por tuberculose e cancro;	Dor de cabeça; Calhar roto; Para soldar o osso;
<b>Ulmeiro / Olmos (casca de)</b>	<i>Ulmus rubra</i> 533	Nutritivo, calmante, problemas digestivos, problemas urinários; tosse, bronquite, pleuresia, tuberculose;	Escaldadura;
<b>Urtiga</b>	<i>Mercurialis annua</i> L.534 <i>Urtica urens</i> L. <i>Urtica dioica</i> L.535	Purgante, emoliente; reumatismo, anemia, diarreia, cistite, dores menstruais, arteriosclerose, circulação, hemorragias, hematúria,	Toar as orelhas; Cancro; Fígado escalfado; Esprem inchado; Dor das costas; Dor de pernas; Dor da ilharga;

<sup>525</sup> Jean de Sillé, *op. cit.*, p. 139.

<sup>526</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, p. 173.

<sup>527</sup> A. Proença da Cunha, Odete Rodrigues Roque, *op. cit.*, pp. 678-681.

<sup>528</sup> Idem, *ibidem*, pp. 555-557.

<sup>529</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, pp.173-174.

<sup>530</sup> Idem, *ibidem*, p. 176.

<sup>531</sup> Idem, *ibidem*, pp.179-180.

<sup>532</sup> Idem, *ibidem*, pp.180-182.

<sup>533</sup> Andrew Chevallier, *op. cit.*, p 144.

<sup>534</sup> Ana Eleonora Borges, *op. cit.*, pp. 282-283.

<sup>535</sup> José Salgueiro, *op. cit.*, pp. 184-186.

		ciática, pleuresias, picadas, urticária, cancro de mama;	
<b>Verbena (arjabão, gerbão, jarvão)</b>	<i>Verbena officinalis</i> L.536	Febrífuga, antinevrálgica, digestivo, tónico;	Névoa dos olhos; Dor de dentes e alforna; Dor d'apostema; Dor das orelhas; figo; Para o rosto; Dor de cabeça; Roimentos do ventre; Queda do cabelo;
<b>Violas ou violetas</b>	<i>Viola alba</i> <i>Viola odorata</i> L.537	Afrodisiaca, purificante, vitamínico, estimulante, diurético, refrescante; memória, visão; depurativo, expectorante, digestivo, antioxidante, emoliente;	Esprem inchado; Febre;

<sup>536</sup> Jean de Sillé, *op. cit.*, p. 147.

<sup>537</sup> Zélia Sakei, *op. cit.*, pp. 115-116.

**Tabela 3. Outros ingredientes referidos no *Livro de Naturas***

<b>Outros ingredientes referidos na Fonte</b>	<b>Origem</b>	<b>Uso medicinal na Fonte</b>
<b>Leite de amamentação</b>	Mulher - Animal	Névoa dos olhos; Maleita; Para o rosto; Para dormir;
<b>Urina de menino</b>	Criança - Animal	Cancro; Figo;
<b>Osso do morto</b>	Animal	Praga da mão;
<b>Saliva</b>	Animal	Prurido;
<b>Rã</b>	Animal	Saber a verdade através dos sonhos;
<b>Alvim (Alevim)</b>	Animal	Homem ferido pelo corpo; Calhar roto; Para fazer bimbis para a cabeça;
<b>Aguia</b>	Animal	Pernas inchadas;
<b>Ouriço caixeiro</b>	Animal	Fazer rer a cabeça;
<b>Cabra</b>	Animal	Figo;
<b>Caranguejo</b>	Animal	Cancro;
<b>Cervo</b>	Animal	Fedor do dente;
<b>Galinha</b>	Animal	Menação;
<b>Frango</b>	Animal	Menação;
<b>Lebre</b>	Animal	Homem quebrado; Calhar roto;
<b>Perdizes</b>	Animal	Menação;
<b>Pombos monteses</b>	Animal	Menação;
<b>Leite</b>	Animal	Para não crescerem as mamas; Tirar pintas e mazelas do rosto; Fazer crescer o leite;
<b>Leite de cabra</b>	Animal	Névoa dos olhos; Olhos com prurido; Sangue pela garganta; Para quem não pode sair a campo; Estancar o sangue; Amadurar a levação; Cabelos que caem da cabeça; Menação; Bustelas do rosto; Pintas e mazelas do rosto;
<b>Leite de vacas</b>	Animal	Sseyda;
<b>Manteiga</b>	Animal	Cancro; Homem inchado; Mulher inchada; Negomento arcal; Tirar pintas e mazelas do rosto; Fazer crescer o leite; Para a pedra; Pontadas;
<b>Manteiga de vacas</b>	Animal	Azargunchos; Quentura; Tragucienlhos;
<b>Ovo</b>	Animal	Sseyda; Tirar o lixo da chaga; Dor da rossa; Figo; Corrença; Menação; Dor de ventre da mulher que pare; Colhões inchados; Lepa dos olhos; Negomento arcal; Gosta dos olhos; Para quem dorme pouco; Chaga; Para dormir; Para reter o que come; Pontadas; Tolhe a fala por enfermidade; Escaldadura; Para ter o rosto claro; Para o testo assedado; Fazer bimbis para a cabeça para soldar o osso; Nervos talhados; Cancro; Chaga velha;

<b>Mel</b>	Animal	Névoa dos olhos; Lepa dos olhos; Olhos sanguentos e lagrimosos; Impigem; Dor nos peitos; Cancro; Lobinho da cabeça e das espádoas; Lobinho da garganta; Para quem está danado; Matar a fístula; Dor d'apostema; Para o braço; Colhões inchados; Voz clara; Esprem inchado; Dor das costas; Mulher inchada; Deitar a frema pela garganta; Dor na ilharga; Figo; Dor nas gengivas; Inchaço; Febre; Fazer enxamel; Queda de cabelo; Quartã; Tosse; Para o estômago; Chaga; Gota; Tolhe a fala por enfermidade; Menação; Colhões inchados; Mija sangue; Voz rouca; Fedor da boca; Pintas e mazelas do rosto; Fedor do dente; Dor da orelha; Homem quebrado; Cancro e chaga velha;
<b>Cera</b>	Animal	Menação; Bustelas; Dor de cabeça; Para as mamas; Nervos das pernas encolheitos; Matar o fogo selvagem; Mulher legada; Para onde quer que o homem tenha alguma coisa;
<b>Fel das cabras</b>	Animal	Dor d'apostema;
<b>Fel do cabrom<sup>538</sup></b>	Animal	Olhos sanguentos; Purgar o ventre;
<b>Fel da águia</b>	Animal	Névoa dos olhos;
<b>Fel do galo</b>	Animal	Névoa dos olhos;
<b>Fel de boi</b>	Animal	Dor d'apostema; Purgar o ventre; Corrimento da orelha;
<b>Fel de porco</b>	Animal	Gota;
<b>Fel de lebre</b>	Animal	Olhos com prurido; Para quem não pode dormir;
<b>Sangue do porco castrado</b>	Animal	Para não crescerem as mamas;
<b>Moelas</b>	Animal	Menação; Dor de ventre da mulher que pare;
<b>Fígado da peixota</b>	Animal	Ulcera da boca;
<b>Rinhoada de carneiro</b>	Animal	Homem ferido pelo corpo; Calhar roto;
<b>Miolo da lebre e do coelho</b>	Animal	Tremor das mãos;
<b>Miolo e unto do gato</b>	Animal	Dor nas pernas;
<b>Miolo do cervo</b>	Animal	Nervos das pernas encolheitos;
<b>Miolo da cabeça do boi</b>	Animal	Colhões inchados;
<b>Língua do boi</b>	Animal	Para onde quer que o homem tenha alguma coisa;
<b>Unto do porco</b>	Animal	Sseyda; Dor da rossa; Figo; Espinhosos, impigosos, letigosos; Osos britados da cabeça; Prurido; Gota dos joelhos; Homem quebrado; Calhar roto;
<b>Sebo de carneiro</b>	Animal	Bustelas; Nervos das pernas encolheitos; Para onde quer que o homem tenha alguma coisa;
<b>Enxunda (enxúndia) d'ansar</b>	Animal	Dor d'apostema; Rossa e Tinha; Dor da

<sup>538</sup> Optámos por colocá-lo nesta tabela por não termos a certeza de que se refira a um animal ou planta, vide Supra p. 94.

		orelha;
<b>Enxunda (enxúndia) de galinha</b>	Animal	Dor da orelha;
<b>Esterco de galinha</b>	Animal	Sseyda;
<b>Esterco d'ansar</b>	Animal	Tirar a seta ou espinha do corpo;
<b>Esterco de cão</b>	Animal	Sseyda;
<b>Esterco de pombos</b>	Animal	Matar a fístula;
<b>Esterco das cabras</b>	Animal	Estancar o sangue da chaga; Sseyda; Matar a fístula; Cancro; Úlcera;
<b>Corno de cervo</b>	Animal	Lombrigas; Dor da ilharga;
<b>Corno de cabra</b>	Animal	Tolhe a fala por enfermidade;
<b>Nervos dos cornilhões do carneiro</b>	Animal	Nervos talhados;
<b>Pó da cabeça do cão</b>	Animal	Matar a fístula;
<b>Maçã de vaca</b>	Animal	Para o rosto;
<b>Estrume</b>	Animal	Miolo da cabeça;
<b>Mínhocas</b>	Animal – anelídeos	Consolidação; Nervos talhados;
<b>Vermes</b>	Animal ( platelmintes, anelídeos, nematelmintes)	Tirar a espinha; Gota dos joelhos;
<b>Verme negro dos monturos</b>	Animal	Retirar espinho do pé sem ferros;
<b>Ventosas / sanguessugas</b>	Animal – anelídeos	Para quem mija sangue; Para tirar os cabelos;
<b>Carne morinha</b>	Animal	Névoa do olho;
<b>Carne de carneiro</b>	Animal	Quentura;
<b>Osso da syba</b>	Animal	Névoa do olho;
<b>Fezes do mel</b>	Animal	Menação;
<b>Coral branco</b>	Animal	Fedor do dente;
<b>Búzios</b>	Animal – Molusco marinho	Fazer bimbias par a cabeça para soldar o osso;
<b>Pergaminho</b>	Animal	Cancro; Dor nas gengivas; Gosta dos olhos;
<b>Lã</b>	Tecido - Animal	Queimadura; Braço inchado sangrileixado; Pernas inchadas;
<b>Lã lidrosa</b>	Tecido - Animal	Dor da orelha; Pontadas;
<b>Linho</b>	Tecido - Vegetal	Homem ferido pelo corpo;
<b>Sendal ou cendal</b>	Tecido – Animal ou vegetal	Sangue antre a teagen e o testeo;
<b>Trapo celeste</b>	Tecido – Vegetal ou animal	Cancro;
<b>Panos cárdeos ou de linho</b>	Vegetal	Fígado escalfado; Cancro; Dor nas gengivas; Gota; Para as mamas;
<b>Vinho</b>	Vegetal (fruto)	Dor de estômago; Dor nos peitos; Esprem inchado; Cancro; Úlcera; Dor de cabeça; Menação; Inchaço; Chaga e ossos britados da cabeça; Para quem não pode dormir; Figo; Para quem deita sangue per de juso; Tortas do ventre e do estômago; Voz rouca; Fedor da boca; Rossa e Tinha; Dor de dentes;
<b>Vinho malvasia em mosto</b>	Vegetal (fruto)	Praga;
<b>Vinho branco</b>	Vegetal (fruto)	Névoa dos olhos; Dor d'apostema; Dor dos lombos; Homem quebrado;
<b>Borras de vinho</b>	Vegetal (fruto)	Figo;
<b>Sarro da cuba</b>	Vegetal (fruto)	Cancro; Dor nas gengivas;
<b>Vinagre</b>	Vegetal (fruto)	Queimadura; Estancar o sangue da chaga;

		Fazer rer a cabeça; Impigem; Dor de cabeça; Cancro; Para o braço; Dor de ventre; Esprem inchado; Purgar a cólera pela garganta; Madre da mulher que deita lixo; Colhões inchados; Deitar a frema pela garganta; Menação; Fedor do bafo; Espinhosos, impigosos; letigosos; Bustelas das pernas; Fazer enxamel; Quartã; Para quem dorme pouco; Para dormir; Névoa do olho; Dor de garganta; Postema dos peitos; Figo; Para quem deita sangue per de juso; Mija sangue; Para tirar os cabelos; Voz rouca; Dor de dentes; Gota dos joelhos; Para a pedra; Praga;
<b>Açúcar</b>	Vegetal	Tolher a sede; Sseyda;
<b>Açúcar ruivo da Hungria</b>	Vegetal	Deitar a cólera e a frema pela garganta;
<b>Pez</b>	Vegetal	Fazer rer a cabeça; Dor da rossa; Dor de cabeça; Para as mamas; Gota dos joelhos; Nervos das pernas encolheitos; Rossa e Tinha; Sangue antre a teagem e o testro; Calhar roto;
<b>Resina</b>	Vegetal	Colhões inchados; Gota; Para as mamas;
<b>Resina de pinho</b>	Vegetal	Impigem; Dor de cabeça;
<b>Azeite</b>	Vegetal	Dor da rossa; Braço inchado sangrileixado; Pernas inchadas; Figo; Dor das costas; Dor de dentes; Bustelas; Gota dos joelhos; Dor de cabeça; Queda de cabelos; Quentura; Sangue antre a teagem e o testro; Chaga na arca ventre; Calhar roto; Para onde quer que o homem tenha alguma coisa;
<b>Cana</b>	Vegetal	Tolhe a fala por enfermidade;
<b>Pó da galha</b>	Vegetal	Sseyda; Lobinho da cabeça e das espádoas;
<b>Pó do encenço , incenso</b>	Vegetal	Sseyda; Dor d'apostema; Colhões inchados; Gota; Espinhosos, impigosos; letigosos; Bustelas; Gosta dos olhos; Para reter o que come; Matar o fogo selvagem; Consolidação; Calhar roto; Fazer bimbas par a cabeça para soldar o osso;
<b>Borras de azeite</b>	Vegetal (fruto)	Sseyda;
<b>Água de rosas</b>	Vegetal	Para o rosto;
<b>Oleo rosado</b>	Vegetal	Sarna; Dor d'apostema; Figo; Colhões inchados; Úlcera da boca; Para dormir; Para reter o que come; Para ter o rosto claro;
<b>Limo do rio</b>	Vegetal	Dor de cabeça; Esprem inchado;
<b>Azedo</b>	Biológica / química	Cancro;
<b>Fermento</b>	Biológica / química	Figo;
<b>Farinha das favas</b>	Vegetal - Leguminosas	Lobinho da garganta; Colhões inchados; Para o estômago; Pintas do rosto; Pintas e mazelas do rosto;

<b>Farinha jobina</b>	Vegetal - Cereal	Cancro; Ulcera; Cancro;
<b>Farinha d'orjo</b>	Vegetal- Cereal	Névoa dos olhos; Tirar o lixo da chaga; Enfermo que não pode dormir; Cancro; Dor nas gengivas; Chaga; Pontadas; Tolher a matar a fístula; Tolhe a fala por enfermidade; Para as mamas; Fedor do dente;
<b>Farinha de trigo</b>	Vegetal - Cereal	Calhar roto; Fazer bimbis par a cabeça para soldar o osso;
<b>Farinha de Lentilhas</b>	Vegetal -Leguminosa	Névoa dos olhos; Colhões inchados; Gosta dos olhos;
<b>Farinha de linhaça</b>	Vegetal	Colhões inchados;
<b>Farinha da sebe</b>	Vegetal	Tinha;
<b>Pão</b>	Vegetal - Cereal	Sseyda; Menação; Dor de ventre da mulher que pare; Inchados; Quentura;
<b>Hóstias</b>	Vegetal - cereal	Calhar roto;
<b>Milho</b>	Vegetal - Cereal	Dor das costas;
<b>Palhas</b>	Vegetal	Dor de ventre;
<b>Cortiça (casca) do freixo</b>	Vegetal	Esprem inchado;
<b>Cortiça (casca) das amendoerias</b>	Vegetal	Cancro;
<b>Cinza de freixo</b>	Vegetal	Figo;
<b>Canela</b>	Vegetal	Fedor do bafo;
<b>Alvaiade (carbonato de chumbo)</b>	Química	Sarna; Figo; Para o rosto; Colhões inchados;
<b>Orpimenta /ouro-pigmento (arsénico + enxofre)</b>	Química	Cancro; Azargunchos; Dor nas gengivas; Espinhosos, impigosos; letigosos; Prurido; Nervos talhados; Tragucienlhos; Chaga velha;
<b>Pedra enxofre</b>	Química	Impigem; Dor da rossa;
<b>Enxofre cechrino ou amarelo</b>	Química	Figo; Colhões inchados; Cancro; Dor nas gengivas; Rossa e Tinha; Prurido;
<b>Pó do enxofre</b>	Química	Colhões inchados;
<b>Sabão</b>	Química	Impigem; Azargunchos; Fazer furaco na levação; Cancro e Figo; Para as mamas; Tragucienlhos;
<b>Sabão galego</b>	Química	Impigem;
<b>Teriaga ou triaga (remédio anti venenos)</b>	Química	Sseyda; Pernas inchadas;
<b>Fuligem</b>	Química	Dor da rossa;
<b>Cal</b>	Química	Dor da rossa; Azargunchos; Matar a carne má ou os vermes; Fazer furaco na levação; Rossa e Tinha; Tragucienlhos;
<b>Vidro</b>	Química	Esprem inchado; Dor da orelha; Gota;
<b>Sal</b>	Mineral	Sseyda; Cancro; Dor d'apostema; Figo; Matar a carne má ou os vermes; Esprem inchado; Dor na Ilharga; Dor nas gengivas; Dor do coração; Para matar a fístula; Tolher a matar a fístula; Dor das pontadas; Fedor do dente; Chaga velha;
<b>Pedra Tutia</b>	Mineral	Sseyda;

<b>Pó do Rosalgar (sulfureto de arsénio)</b>	Mineral	Lobinho da cabeça e das espádoas;
<b>Decoada</b>	Míneral/vegetal/química	Cancro dentro da boca; Dor nas gengivas;
<b>Bolarmenico (terra vermelha)</b>	Metal	Consolidação;
<b>Ferrugem</b>	Metal (Química)	Dor das costas; Rossa e Tinha;
<b>Vaso de prata</b>	Metal	Homem quebrado;
<b>Chumbo</b>	Metal	Figo;
<b>Argem vivo (mercúrio)</b>	Metal	Figo; Colhões inchados; Espinhosos, impígosos, letigosos; Prurido; Mulher legada;
<b>Limaduras do chumbo</b>	Metal	Figo;
<b>Limaduras do ouro</b>	Metal	Esprem inchado;
<b>Limaduras da prata</b>	Metal	Esprem inchado;
<b>Litargírio (óxido de chumbo)</b>	Metal (Química)	Colhões inchados; Espinhosos, impígosos, letigosos; Prurido;
<b>Pó verde dos escudos;</b>	Metal	Cancro; Figo;
<b>Orações/dizeres de conotação mágica</b>	Fé / Superstições / Metafísico	Saber a verdade através dos sonhos; Homem quebrado; Para saber quem tem o furto; Para a gota dos lombos;

**Glossário**<sup>539</sup>

**Adstringente** – Contraí as mucosas e a pele, reduzindo secreções e hemorragia de escoriações.

**Analgésico** – Reduz a dor.

**Angina de peito** – Sensação de angústia ou opressão torácica por insuficiente fornecimento de oxigénio ao coração.<sup>540</sup>

**Anorexia** – Falta de apetite.

**Ansar** – Pato.

**Antiespasmódico** - Alivia espasmos musculares ou reduz o tónus muscular.

**Antioxidante** – Evita oxidação e destruição dos tecidos.

**Antipirético** - Reduz a febre.

**Antisséptico** – Destrói ou inibe microrganismos que provocam infecções.

**Apostema** – Abcesso, tumefação, edema, impigem.

**Algia** – Dor.

**Alopecia** – Queda de cabelo.

**Alvaiade** – Carbonato básico do chumbo.

**Anúria** – Ausência completa ou quase completa de urina na bexiga.<sup>541</sup>

**Arca** – Do castelhano, vazios debaixo das costelas, em cima das ilhargas; No corpo humano: peito.<sup>542</sup>

**Asma** – Doença respiratória.

**Assedado** – Macio como a seda.

**Assepsia** – Ausência de microrganismos num determinado meio.<sup>543</sup>

**Astenia** – Fraqueza.

**Aventar** – Expor.

**Batafalva** – Grãos de anis em banho de açúcar.

**Bimbadura** – Fragmento de lodo, aderente aos travessões das salinas.<sup>544</sup>

**Boceta** - Pequena caixa redonda ou oval para guardar objetos pessoais.

<sup>539</sup> As entradas deste glossário que não se encontram fundamentadas com notas de rodapé resultaram da consulta do Dicionário online de Língua Portuguesa da Porto Editora ou são fruto de conhecimento e construção pessoal.

<sup>540</sup> Fernanda Fonseca *et al.*, *Dicionário Médico*, Lisboa, Climepsi Editores, 2012, p. 69.

<sup>541</sup> Idem, *ibidem*, p.82.

<sup>542</sup> Padre D. Raphael Bluteau, *op. cit.*, Tomo I, pp. 470,471.

<sup>543</sup> Fernanda Fonseca *et al.*, *op. cit.*, p.96.

<sup>544</sup> Artur Bivar, *op. cit.*, I Parte, I Volume, p. 477.

**Bolarmenico** – Do italiano, bolo vermelho à base de óxido de ferro.<sup>545</sup>

**Bostela** – Pequena ferida com crosta, pústula.

**Britar** – Partir, quebrar.

**Bronquite** – Doença respiratória onde há inflamação dos brônquios.

**Cã** - Alvo, branco ou a lanugem de certas árvores.<sup>546</sup>

**Cancro** – Tumor maligno constituído pela proliferação anárquica de células anormais que invade as estruturas vizinhas produzindo tumores secundários, metástases.<sup>547</sup>

**Carne marinha** - Do castelhano “morriña”, doença de pele que ataca o gado.<sup>548</sup>

**Carbúnculo** – Doença infecciosa contagiosa, comum ao homem e ao gado, devida a bactéria carbunculosa, pode ser externa, através de uma ferida, ou interna.<sup>549</sup>

**Cardiotónico** – Melhora a função cardíaca.

**Carminativo** – Alivia gases digestivos e indigestão.

**Cataratas** – Opacidade do cristalino, que se traduz por diminuição da acuidade visual.<sup>550</sup>

**Cefaleia** – Dor de cabeça.

**Cianose** – Coloração azulada da pele por alterações circulatórias / respiratórias.

**Cloasma** – Também chamado de “pano” – manchas pigmentares de contorno irregular que se observam sobretudo na gravidez.<sup>551</sup>

**Colecistite** – Inflamação da vesícula biliar.

**Cólica** – Dor abdominal.

**Corrença** – Diarreia.

**Cuba** – Recipiente de madeira grande onde se pisam as uvas ou guarda o vinho.<sup>552</sup>

**Decoada** – Água de barreira; água em que foram fervidas as cinzas para lavar roupa; cinzas fervidas para lavar metais.

**Depurativo** – Desintoxicante.

**Diabetes (*mellitus*)** – Doença causada por uma insuficiência na produção de insulina pelo pâncreas.

<sup>545</sup> Garzanti Linguistica, <http://www.garzantilinguistica.it/ricerca/?q=bolarmenico>, [consultado a 21 de Novembro de 2016].

<sup>546</sup> Padre D. Raphael Bluteau, *op. cit.*, Tomo II, p. 3.

<sup>547</sup> Fernanda Fonseca *et al.*, *op. cit.*, p. 144.

<sup>548</sup> Academia das Ciências de Lisboa, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Volumes II, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa e Fundação Calouste Gulbenkian, Verbo, 2001, p. 2529.

<sup>549</sup> Fernanda Fonseca *et al.*, *op. cit.*, p. 152.

<sup>550</sup> Idem, *ibidem*, p. 156.

<sup>551</sup> Idem, *ibidem*, p. 181.

<sup>552</sup> Academia das Ciências de Lisboa, *op. cit.*, Volume I, p. 1037.

**Diaforese** – Sudação.

**Disenteria** – Diarreia / doença.

**Dislipidémia** – Anomalia quantitativa ou qualitativa dos lípidos no sangue.

**Dismenorreia** – Menstruação difícil e dolorosa.

**Disúria** - Dor ao urinar.

**Diurético** – Estimula o fluxo da urina.

**Ecoprótico** – Laxativo, purgante.

**Edema** – Inchaço.

**Electuário** – Medicamento de consistência líquida, pastosa ou sólida, composto de vários ingredientes, quase sempre vegetais, e de certa quantidade de mel, xarope ou açúcar, que na sua composição mais simples tem a consideração de goma.

**Emético** – Provoca o vômito.

**Emoliente** – Amacia ou acalma a pele.

**Enfarte** – Necrose de um tecido resultante do fornecimento insuficiente de oxigénio; geralmente usada para designar o Enfarte Agudo de Miocárdio (coração).

**Enterite** – Inflamação da mucosa do intestino delgado.

**Enxúndia** – Gordura amarela (em especial a das aves) ou banha do porco.<sup>553</sup>

**Epistáxis** – Hemorragia nasal.

**Equimose** – Nódoa negra.

**Escabiose (Sarna)** – Doença contagiosa da pele caracterizada por prurido intenso e eczema.<sup>554</sup>

**Escorbuto** – Doença que afecta as gengivas, com hemorragia e queda dos dentes por carência de vitamina C.

**Escroto** – Pele que envolve os testículos.<sup>555</sup>

**Espasmolítico** – Relaxa os músculos.

**Esprem** - Membro serviçal<sup>556</sup> - (braço ou perna).

**Estopas** - Parte grossa que fica do linho quando é assedado.

**Estrepe** – Espinho.

**Eupéptico** – Que facilita a digestão.

**Febrífugo** – Reduz a febre.

---

<sup>553</sup> Academia das Ciências de Lisboa, *op. cit.*, Volume I, p. 1462.

<sup>554</sup> Fernanda Fonseca *et al.*, *op. cit.*, p. 289.

<sup>555</sup> Idem, *ibidem*, p. 292.

<sup>556</sup> Mário Martins S.J. *op. cit.*, p. 101.

**Figo** – Enfermidade nos cascos do cavalo; ou uma carnosidade que vem ao homem;<sup>557</sup>  
muitas vezes usado para se referir ao cancro.

**Flatulência** – Gases intestinais.

**Fogo de Santo Antão** – ou Erisipela gangrenosa, doença frequente na Idade Média causada por um parasita do centeio.

**Fuste** – Pau de madeira fino e comprido.

**Gangrena** – Necrose dos tecidos causada pela interrupção local da circulação sanguínea; tecido morto, não viável.

**Gota** – Afecção causada por perturbações do metabolismo do ácido úrico, com crises de artrite aguda, em especial na articulação do dedo grande do pé.<sup>558</sup>

**Halitose** – Mau hálito.

**Hematoma** – Coleção de sangue num tecido, podendo formar um alto

**Hematoquésias** – Presença de sangue vivo nas fezes (sugestivo de hemorragia baixa – a nível do intestino).

**Hematúria** – Presença de sangue na urina.

**Hemoptises** – Sangramento pulmonar, expectoração com sangue por destruição do pulmão.

**Hemorragia** – Sangramento abundante.

**Hemorroidas** – Varizes localizadas no ânus.

**Hemostático** – Para ou reduz a hemorragia.

**Hepático** – Que diz respeito ao fígado.

**Hérnia** – Saída ou saliência de uma víscera ou parte dela para fora dos seus limites normais, por paredes enfraquecidas da cavidade que a contém ou por um orifício natural, acidental ou patológico.<sup>559</sup>

**Hidropisia** – Anasarca = Edema generalizado.

**Hipertensão** – Tensão arterial elevada.

**Hipotensão** – Tensão arterial baixa.

**Humor** – Importante fluído orgânico.

**Icterícia** – Coloração amarela da pele e mucosas.

**Ilharga** – Flanco.

<sup>557</sup> Padre D. Raphael Bluteau, *op. cit.*, Tomo IV, p.113.

<sup>558</sup> Fernanda Fonseca *et al.*, *op. cit.*, p. 368.

<sup>559</sup> Idem, *ibidem*, p. 385.

**Impigem ou impetigo** – Infecção da pele, contagiosa e que se caracteriza por pústulas de crostas amareladas.<sup>560</sup>

**Insónia** - Dificuldade em dormir.

**Julepo** - bebida calmante que tem por base um xarope.

**Juso** – Da parte inferior, debaixo, abaixo.

**Lã lidrosa** - A lã dos testículos do carneiro.<sup>561</sup>

**Laxativo/ laxante** – Estimula a evacuação das fezes.

**Lepra** – Doença de Hansen - doença infecciosa crónica causada pelo bacilo *Mycobacterium leprae* e muito frequente na Idade Média.

**Limo** - Vegetação, representada por algas filamentosas verdes, que cobre ou se mistura no lodo dos fundos aquáticos.

**Litargírio** – Óxido de chumbo.

**Lobinho** – Quisto sebáceo subcutâneo.

**Lepas ou lapas** – concha univalve.

**Levação** – Tumor, bubão.

**Litíase** – Presença de cálculos (vulgo pedras) dentro de canais glandulares, naturais ou cavidades orgânicas.

**Maça de vaca** – Maça do peito – carne do boi ou da vaca, do princípio ou fundo do peito que é mais saborosa e mais gorda.<sup>562</sup>

**Madre** – termo antigo relativo a útero (órgão reprodutor feminino).

**Maleita** – Doença não muito grave.

**Menação** – do galego, disenteria / diarreia.<sup>563</sup>

**Melenas** - sangue escuro nas fezes (sugestivo de hemorragia alta – a nível do estômago ou esófago).

**Micose** - Afecção parasitária provocada por um fungo.

**Monturo** – monte de lixo, lixeira.<sup>564</sup>

**Narcótico** – Causa sonolência ou torpor e alivia a dor.

<sup>560</sup> Idem, *ibidem*, p. 415.

<sup>561</sup> Antonio de Moraes Silva, *Diccionario da Língua Portuguesa*, Tomo II F-Z, 1831, <https://books.google.pt/books?id=20ZDAAAAYAAJ&printsec=frontcover&dq=dicionário+da+1%C3%ADnua+portuguesa&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwjoqJTD9bnQAhWDWhoKHdVIBfYQ6AEIHTAB#v=onepage&q=lã%20li drosa&f=false>, [consultado a 21 de Novembro de 2016] p. 235.

<sup>562</sup> Raphael Bluteau, *op.cit.*, Tomo V, p. 229 .

<sup>563</sup> Dicionario de dicionarios do galego medieval, [www.sli.uvigo.es](http://www.sli.uvigo.es), [consultado a 15 de Abril de 2015].

<sup>564</sup> Dicionário da língua portuguesa contemporânea vol 2 p. 2522.

- Nevralgia** – Dor resultante da inflamação de um nervo.
- Nódulo** – Pequeno inchaço em forma de nó.
- Noli me tangere*** – epiteloma cutâneo (lúpus eritematoso sistémico), associado ao “não tocar” de Jesus para Maria Madalena; Na I.M. as doenças da pele seriam designadas desta forma.<sup>565</sup>
- Oura** – Tontura, vertigem.
- Ouro-pigmento (Orpimenta)** – Um sulfureto de arsénio de cor amarelo-limão, usado em farmácia e muito venenoso.
- Orjo** – Cevada.<sup>566</sup>
- Oxitócico** – Estimulante de contrações uterinas.
- Panarício** – Inflamação difusa do dedo.
- Pano do rosto** – vide Cloasma.
- Pediculose** – (da cabeça) piolhos.
- Peste Negra ou Bubónica** – Doença infecciosa aguda, epidémica e contagiosa causada pelo bacilo *Yersinia pestis*, transmitida pela pulga de roedores e muito frequente na Idade Média.
- Pez** – Secreção resinosa do pinheiro e de outras árvores coníferas.
- Plaquetas** – Constituintes do sangue que atuam na coagulação.
- Polidipsia** – Sede intensa (manifestação frequente da Diabetes).
- Purgante** – Laxante muito forte.
- Precordialgia** – Dor no peito (região precordial – coração).
- Prurido** – Comichão.
- Quebranto** – Abatimento físico; Mau olhado.
- Quebrantura** – Muitas vezes usada como sinónimo de hérnia.
- Quartã** – Febre intermitente com intervalos de quatro dias, característica do paludismo.<sup>567</sup>
- Raiva** – Doença infecciosa e contagiosa causada por um vírus e transmitida ao homem pela mordedura de animais infectados.<sup>568</sup>

<sup>565</sup> Vide Mário Martins, S.J, *op. cit.*, p. 102 e Luís Afonso Dutschmann, *Lúpus Eritematoso Sistémico: alguns aspectos históricos*, 2006, [http://repositorio.hff.min-saude.pt/bitstream/10400.10/108/1/vol13\\_n2\\_2006\\_133\\_140.pdf](http://repositorio.hff.min-saude.pt/bitstream/10400.10/108/1/vol13_n2_2006_133_140.pdf), [consultado a 7 de Setembro de 2016], p. 133.

<sup>566</sup> Dicionario de Diconarios de Galego Medieval, [http://sli.uvigo.es/DDGM/ddd\\_pescura.php?pescura=Orjo&tipo\\_busca=lema](http://sli.uvigo.es/DDGM/ddd_pescura.php?pescura=Orjo&tipo_busca=lema), [consultado a 24 de Maio de 2016].

<sup>567</sup> Fernanda Fonseca *et al.*, *op. cit.*, p.648.

<sup>568</sup> Idem, *ibidem*, p. 660.

**Rer** - Raspar (do latim *radere*).

**Rinhoada** – Os rins dos animais.<sup>569</sup>

**Rosalgar** - Designação popular do sulfureto de arsénico (Do árabe rohj al-gar, “pó da caverna”).

**Rubor** – Vermelhidão, pode ser um sinal de infeção.

**Sangue de dragão** – Uma espécie de goma com origem numa árvore parecida com o pinheiro, destilada e coagulada; Na Antiguidade era considerado como sangue de dragão animal.<sup>570</sup>

**Sarro** – Sedimento ou borra que fica no fundo e paredes das vasilhas que continham vinho ou outros líquidos.<sup>571</sup>

**Sedativo** – Reduz a atividade e excitação nervosa.

**Sendal ou cendal** - Tecido de seda ou linho, muito fino e muito transparente.<sup>572</sup>

**Sépsis** – Presença de microrganismos no sangue ou tecidos causador de infeção e putrefação; Estado de doença com infeção generalizada que quando é acompanhada de falência múltipla de órgãos é chamada de Choque Séptico.

**Sino Saimão ou Estrela de David** - Espécie de talismã, formado por dois triângulos sobrepostos, geralmente de metal, entrelaçados em forma de estrela de seis pontas, a que o vulgo atribui virtudes contra os malefícios.

**Siba** – Peixe do mar.<sup>573</sup>

**Técnica de substituição renal** – Técnica de circulação extracorporeal na qual o sangue é filtrado por uma membrana externa e depurado quando há falência renal.

**Tiba** – Cheio ou grande.

**Tinha** – Qualquer infeção do couro cabeludo por presença de fungos parasitas.

**Tolher** – Inibir, impedir, embargar.

**Tónico** – Tem uma ação restauradora ou nutritiva.

**Tortas** – Dores provocadas pela contração uterina após o parto.

**Triaga ou teriaga**– remédio contra venenos.

**Tromboembolia** – Oclusão de um vaso sanguíneo pela passagem de coágulos

<sup>569</sup> Bruno Flávio Lontra Fagundes, Sérgio Goes de Paula, Orgs., *IV - Glossário observações sobre o universo vocabular médico-cirúrgico do erário mineral, de Luís Gomes Ferreira*, [s.d.], <http://books.scielo.org/id/ypf34/pdf/ferreira-9788575412404-28.pdf>, [consultado a 22 de Novembro de 2016], p.799.

<sup>570</sup> Padre D. Raphael Bluteau, *op. cit.*, Tomo VII, p. 474.

<sup>571</sup> Academia das Ciências de Lisboa, *op. cit.*, Volume II, p. 3345.

<sup>572</sup> Diccionario de la lengua española – Edición del Tricentenario, <http://dle.rae.es/?id=8CoMWiC>, [consultado a 22 de Novembro de 2016].

<sup>573</sup> Padre D. Raphael Bluteau, *op. cit.*, Tomo VII, p. 636 .

sanguíneos.

**Tuberculose** – Doença infecciosa e contagiosa causada pela bactéria *Mychobacterium tuberculosis* ou bacilo de Koch, podendo ter formas diversas, afectando vários órgãos, sendo a mais conhecida a Tuberculose Pulmonar.<sup>574</sup>

**Tutia (pedra)** – Fuligem metálica, pegada em barro das fornalhas dos fundidores de cobre ou bronze; Tutia falsa – chamada de calmia ou calamina ou *spodium* ou canas queimadas.<sup>575</sup>

**Vermífugo** – Expele parasitas intestinais.

**Zargunchos** – armas de arremesso ou espadas.

---

<sup>574</sup> Fernanda Fonseca *et al.*, *op. cit.*, p. 798.

<sup>575</sup> Padre D. Raphael Bluteau, *op. cit.*, Tomo VIII, p.336 .